MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

CONSELHO NACIONAL DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

# ZOOLOGIA

## ESPONGIÁRIOS (PORIFERA)

pelo

**Dr. Othon Xavier de Brito Machado**

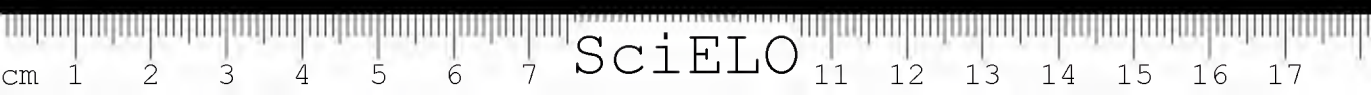
Naturalista-Chefe da Equipe da Expedição à Mesopotâmia Araguáia-Xingu, organizada sob os auspícios do C. N. P. I. e em colaboração com o Serviço de Proteção aos Índios e o Serviço de Conclusão da Carta de Mato-Grosso

PUBLICAÇÃO N.º 102

ANEXO N.º 5

1947

IMPRENSA NACIONAL

RIO DE JANEIRO — BRASIL

I. Os espongiários de água doce nem sempre tiveram claramente definida sua posição na hierarquia científica. Embóra L. Plucknet, citado por Carter (2), tivesse, em 1696 falado em "*Spongia fluviatilis*", êsses animais foram considerados por Linneu (5) como plantas, em 1766. Segundo Dujardin (3), cabe a Lamarck (4) ter demonstrado que os espongiários são animais, apesar de, então, julgá-los Polipeiros, dos quais, na verdade, não estão demasiadamente afastados na escala zoológica.

Para denominar as esponjas de água doce Lamarck (4) empregou o vocábulo *Espongilla,* diminutivo de Esponja. Assim, ficaram perfeitamente separados os *Porifera* de água dôce dos outros, talassicolas.

Bowerbank (1), em 1863, revendo, em notável monografía, os espongiários de água dôce, ainda manteve no gênero *Spongilla* tôdas as espécies por êle conhecidas, mesmo aquelas que classificou, entre as quais algumas pertencentes ao Brasil. Cabe, por isso, a Carter (2) o mérito de ter desmembrado o gênero *Spongilla* dispondo, dêste modo, a classificação desses animais:

Classe: Espongia.

Ordem VI: Holorhaphidota

Família 5: Potamogida, Esponjas de água dôce

Grupo 19: Espongillina

Gêneros: 1. Spongilla. 2. Mayenia. 3. Tubella. 4 Parmula. 5. Uruguaya.

Êsse autor, tomando em consideração o tamanho e a superfície (lisa ou espinhosa) de pequenas espículas aguçadas, subdividiu o gênero *Spongilla* em dois tipos. Edward Potts, na recente obra de Ward and Whipple (9), estudando os espongiários de água dôce fêz do gênero Mayenia, de Carter, uma sub-família; creou o gênero Carterius; manteve os demais gêneros de Carter; citou gêneros de outros autores, êstes, aliás, não interessantes ao presente trabalho.

II. Depois desta ligeira súmula sôbre os Espongiários de água dôce passamos a descrever a espécie que coletamos no rio Itapirapés

(ou Tapirapés), afluente da margem esquerda do rio Araguáia, Estado de Mato Grosso, Brasil.

Gênero Tubella (Carter, 1881).

"Tubella. Gen. char. Skeleton-sipicula curved, fusiform, sharp--pointed or rounded at the extremities, smooth or spined. Statoblats globular or eliptical; aperture lateral or terminal; crust composed of the granular microcell-substance mentioned, charged with inaequibirotulate spicules — that is, a little trumpet-shaped spicule having a straight shaft which is smooth, spined or inflated, or both, terminated by a large disk at one, and a small one or an umbonous, circular, marginally spined head at the other end; the former applied to the chitinous coat, and the latter forming part of the surface of the statoblast."

Tubella Mello Leitãoi O. Machado. N. Sp. Espongiário monatinelideo, de cor cinzenta ou amarelada (quando secos) e apresentando formas variáveis: esferoidais, cilindroides, cordiformes ou fusiformes (Estampas II, III, IV e V), desenvolvendo-se aderidos às margens do rio ou, então, nos ramos ocasionalmente submersos (pelas cheias anuais do rio) de uma *Myrtaceae* ribeirinha (Psidium sp.) que os civilizados denominam Saram e Goiabeira-brava e os indígenas Carajás chamam Curé-ó, i. e. arvore da iguana. O tamanho das colonias dos Espongiários varia, conforme observámos, desde alguns centímetros a mais de um metro. As gêmulas são ora esféricas, ora elíticas, tendo, às vêzes uma proeminência que as tornam semelhantes às do gênero Carterius. As espículas silicosas, ora curvas e bi-pontuadas, lisas, brilhantes (Estampa VI); ora espinescentes; ora agudas em ambas as extremidades e apresentando ao centro, irradiados, prolongamentos aguçados; ainda outras espículas ponteagudas, mas com entumescimento central; finalmente, espículas minúsculas, em forma de tubas e que justificam a inclusão da espécie no gênero creado por Carter. *Habitat*: Rio Itapirapés (ou Tapirapés), do Estado de Mato-Grosso, Brasil, e afluente à margem esquerda do rio Araguaia, desde o pôrto S. Domingos, na parte média daquele rio, até a ponta norte da Ilha do Bananal, e, talvez, no curso inferior do Rio Araguáia. *Collegit*: Othon Xavier de Brito Machado *in ll. Citts*, setembro-outubro 1945. Espécie tipo: Museu Nacional do Rio de Janeiro; exemplar anexado ao mostruário de Zoologia; cotipos: no Museu — de Zoologia de Escola Nacional de Agronomia; no Museu Paranaense (Curitiba); na Société Zoologique de France (Paris). Usos: Os Indígenas Carajás pulverizam as colô-

nias de espongiários e calcinadas prèviamente, ou não, adicionam à argila com que fabricam peças de sua cerâmica.

As espículas determinam dermatite purulenta no tegumento manual das oleiras.

N. vulgar: *Má-ô-tê*, na língua carajá.



Os indígenas Carajás, por ocasião das cheias do rio, pulverizam as colônias e as lançam às águas para facilitar sua reprodução. No rio Macacos, no Rio de Janeiro, tentámos reproduzir a espécie, sem resultado, porém.

Ao Professor de Zoologia Dr. Cândido Firmino de Melo Leitão, nosso eminente Mestre, dedicamos a espécie.

III. Observámos em oleiras indígenas que à argila com que trabalham, adicionam esqueletos dos referidos espongiários, vários casos de lesões do tegumento, provavelmente produzidas pelas espículas silicósas da *Tubella Mello Leitãoi* O. Machado.

Acaso poder-se-á identificar essas lesões àquelas que, na Amazônia' são conhecidas sob a denominação *Cauicy, cauixy ou caí?*

Clemente Pereira (7) e A. A. Matta (6) admitem a hipótese de de serem "espículas soltas" (sic) que atingiam banhistas incautos que se sirvam de águas próximas das colônias de espongiários fluviais; mas Alberto Rangel (8), que pessoalmente conheceu a Amazônia, diz: "... corólas de estôpa, das quais se desprende um pólem imperceptível, o *cauixy*: cáustico invisível a queimar a nuca do transeunte ..."

Para aqueles autores o vocábulo tupi se relaciona com acidentes pruriginosos (*cauicy* significa *o que produz, a mãe da coceira*) determinados pelas espículas aceradas do espongiário fluvial; para o autor de "O Inferno Verde" tal incômoda manifestação é de origem vegetal. É de notar-se que a palavra tupi, por exceção, se afasta do espírito exato da língua, e se refere ao efeito sem determinar a causa. Deve, portanto, ser admitido nos sentidos indicados. Parece que tal coceira seja comparável àquela determinada pelo *pó de mico*, muito conhecida no Rio de Janeiro, e motivada por pêlos urentes de uma leguminosa do gênero *Mucuna*. O vulnerado cóça-se insistentemente, tal e qual costuma fazer o pequeno símio referido.

## ESTAMPAS

I Cartas do Rio Araguáia e Itapirapés. Indicadas as regiões onde coligimos o espongiário descrito.

II. Exemplar fusiforme do Espongiário tendo, ao centro, um fragmento do ramo de saram ao qual estava aderido. (*Typus,* no Museu Nacional).

III. Exemplar cordiforme da mesma colônia animal.

IV e V. Outras formas do espongiário.

VI. Espícula espinhosa X 560.

VII. Detalhes das diferentes espículas.

## AUTORES CONSULTADOS

1 Bowerbank. J. Monograph. of the Spongillideae, Proc. Zool. Soc. Ld., 1863.

2 Carter, H. J. The History and classification of the Know epecies of Sponfilla. Annals & Mag. Nat. History, Ld. 1881.

3 Dujardin, in Dórbigny, Dict. d'Hist. Nat., Vol. XI, Paris 1849 .

4 Lamarck, Anim. sans vertèbres, t. i i p. 98 (1816).

5 Linné, C. Fl. Suecia Spec. Pl. ed. 1, sp. 11 (1745).

6 Matta, D.A.A. Inst. Hist. e Geog. do Amazonas, Vol. 4-1934, Manáus.

7 Pereira, Dr. C. do Inst. Biol. de S. Paulo. Carta ao autor; e in R. V. Ihering, Da vida dos nossos animais, Fauna do Brasil, Rotermund & Cia., S. Leopoldo, Rio Grande do Sul. Brasil.

8 Rangel, A. O Inferno Verde, p. 14.

9 Ward and Whipple, Fresh-water Biology, Cap. X by Edward Potts, The Sponges (Porifera).

## SUMMARY

The Auctor described a new species of fresh-water *Porifera* to genus *Tubella* (*Tubella Mello-Leitãoi* O. Machado) discovered in the Tapirapés (or Itapirapés) river, affluent of Araguáia river (Stat Mato-Grosso, Brasil).

## RESUMÉ

L'Aucteur fait description d'une nouvelle espèce de Spongiaire fluviatile du genre *Tubella* (*Tubella Mello-Leitãoi* O. Machado) trouvé à la rivière Tapirapés (ou Itapirapés) affluent de la rivière Araguáia. (Etat de Mato-Grosso, Brésil).

Extraido das

11

SERVIÇO DE CONCLUSÃO DA
DEZEMBRO
Ivan Silva - Desenhou

51

Expedição á Mesopotâmia Araguáia-Xingú
Gen José Vieira da Rosa - Chefe.

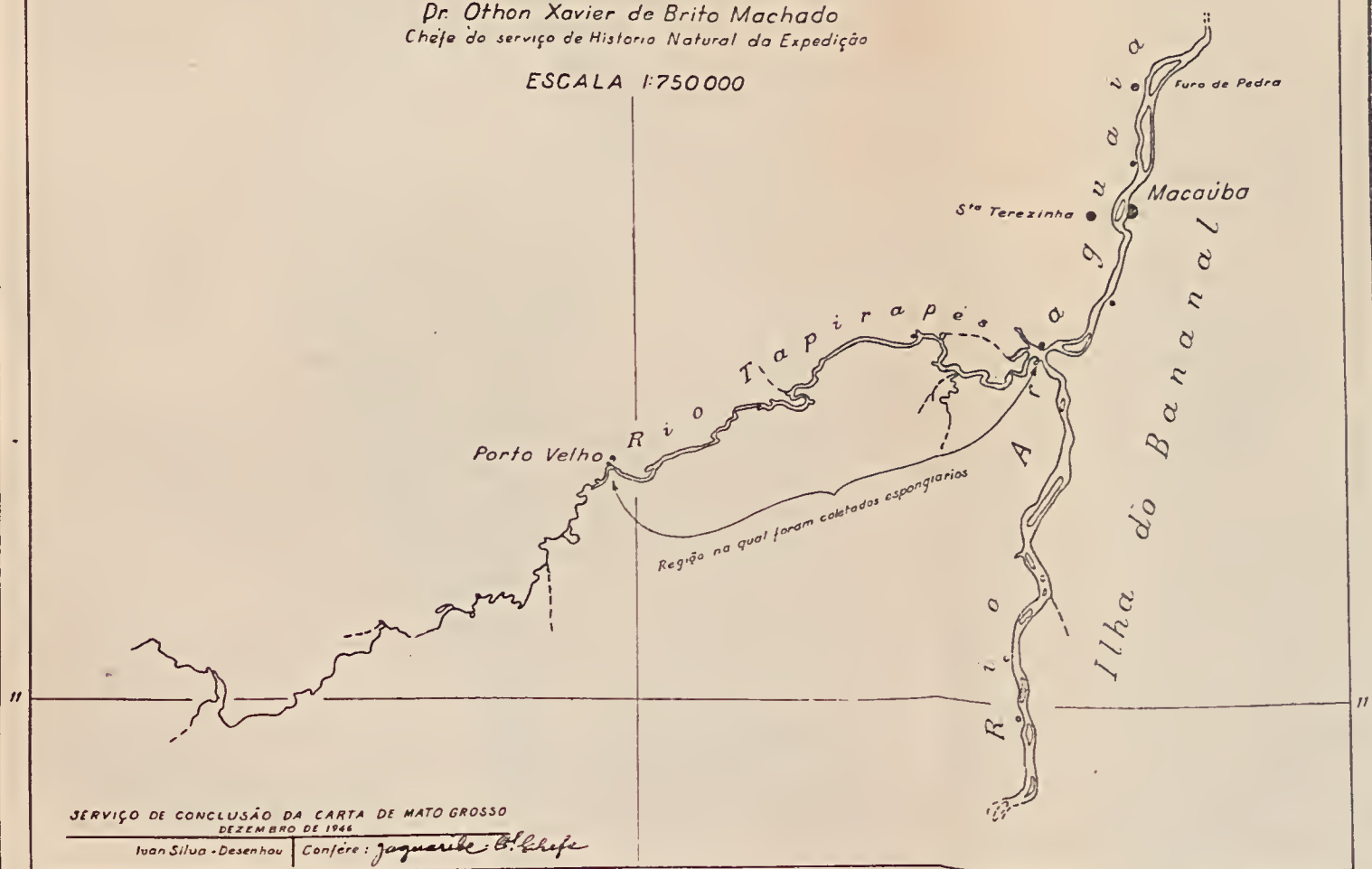
TRECHO DOS RIOS

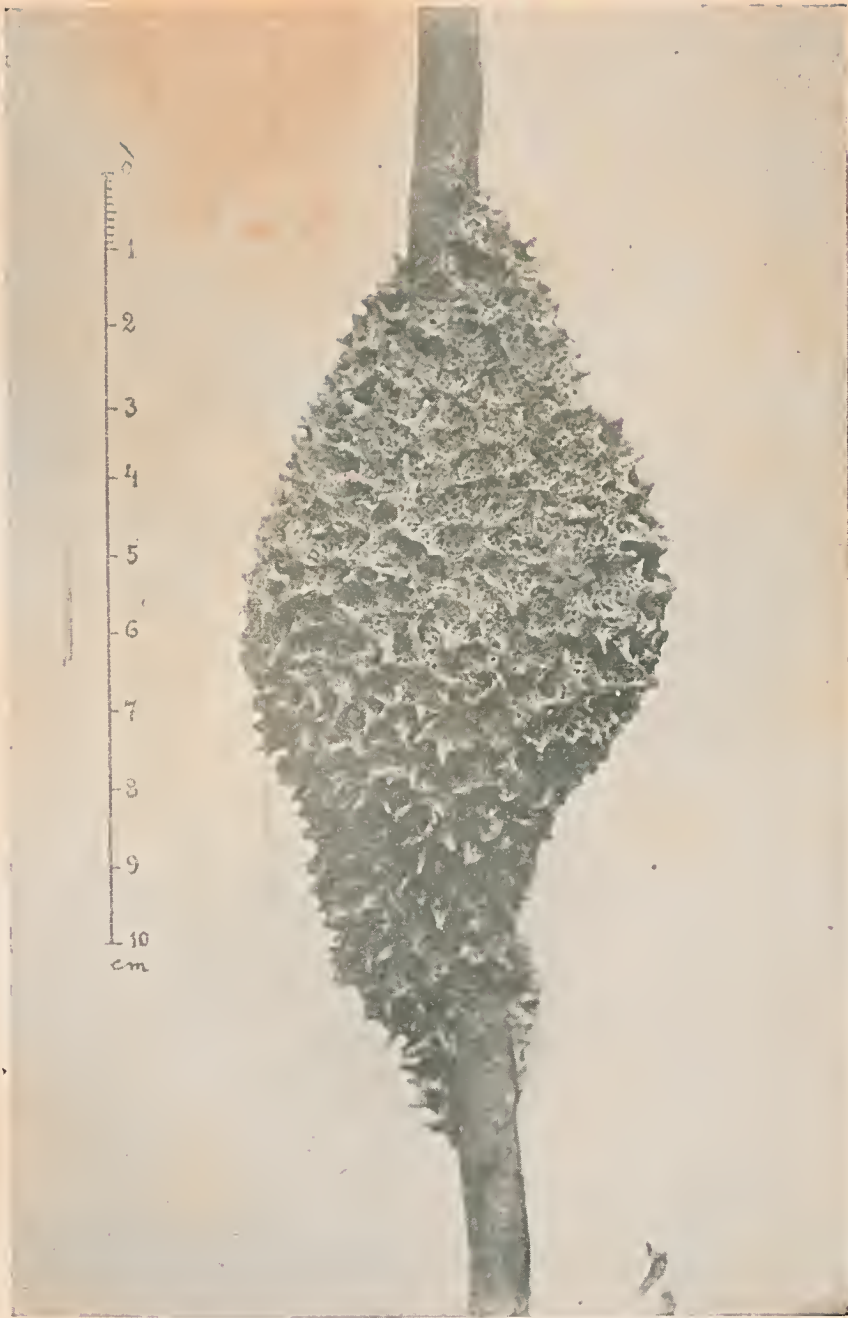
ARAGUAIA E TAPIRAPÉS

Extraido das plantas levantadas respectivamente pelo Cap. Pedro R Dantas (1916-17)
e por esta expedição (1945)
indicando
á região na qual foram coletados Espongiarios
pelo 1º Ten. da Reserva
Dr. Othon Xavier de Brito Machado
Chefe do serviço de Historia Natural da Expedição

ESCALA 1:750000

Furo de Pedra
Macaúba
Sta Terezinha
Rio Tapirapés
Rio Araguaia
Porto Velho
Ilha do Bananal
Região na qual foram coletados espongiarios

11 11

SERVIÇO DE CONCLUSÃO DA CARTA DE MATO GROSSO
DEZEMBRO DE 1946
Ivan Silva - Desenhou | Confére: Jaguaribe Cel. Chefe

51

ESTAMPA II

*Tubella Mello-Leitãoi* O. Machado. N. Sp.

Escala: 1/1

ESTAMPA III

*Tubella Mello-Leitãoi* O. Machado. N. Sp.

Escala: 1/1

ESTAMPA IV

*Tubella Mello-Leitãoi* O. Machado. N. Sp.

Escala: 58/100

ESTAMPA V

*Tubella Mello-Leitãoi* O. Machado. N. Sp.

Escala: 58/100

ESTAMPA VI

Fig. 1 — *Tubella Mello-Leitãoi* O. Machado. Fotomicro X 560

Fig. 2 — *Tubella Mello-Leitãoi* O. Machado. Fotomicro X 455

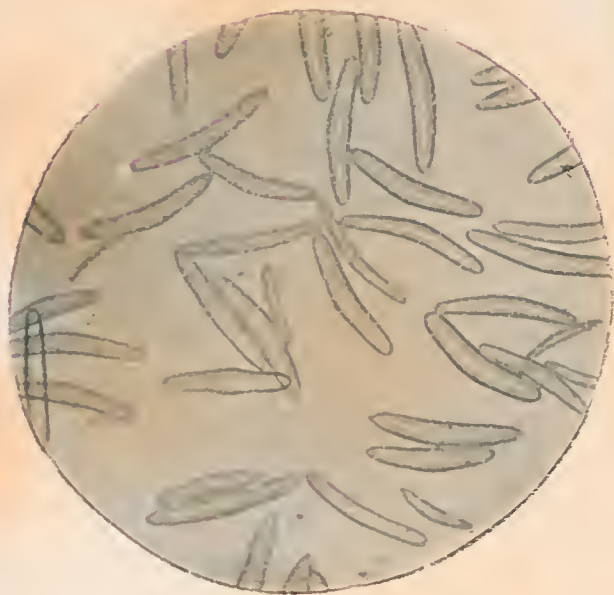
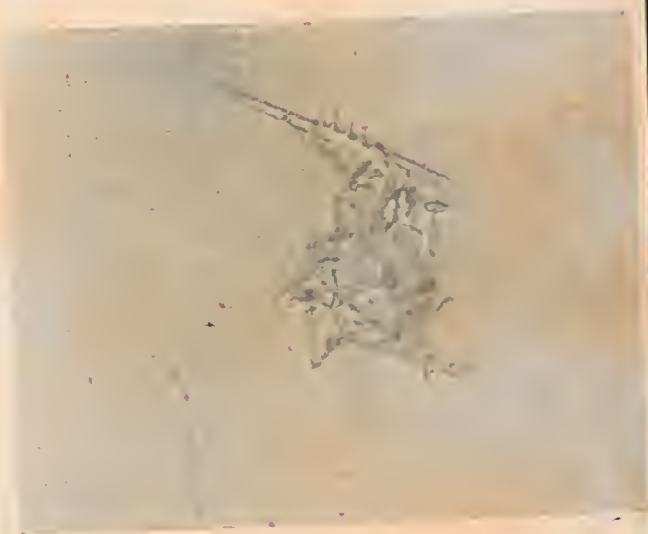
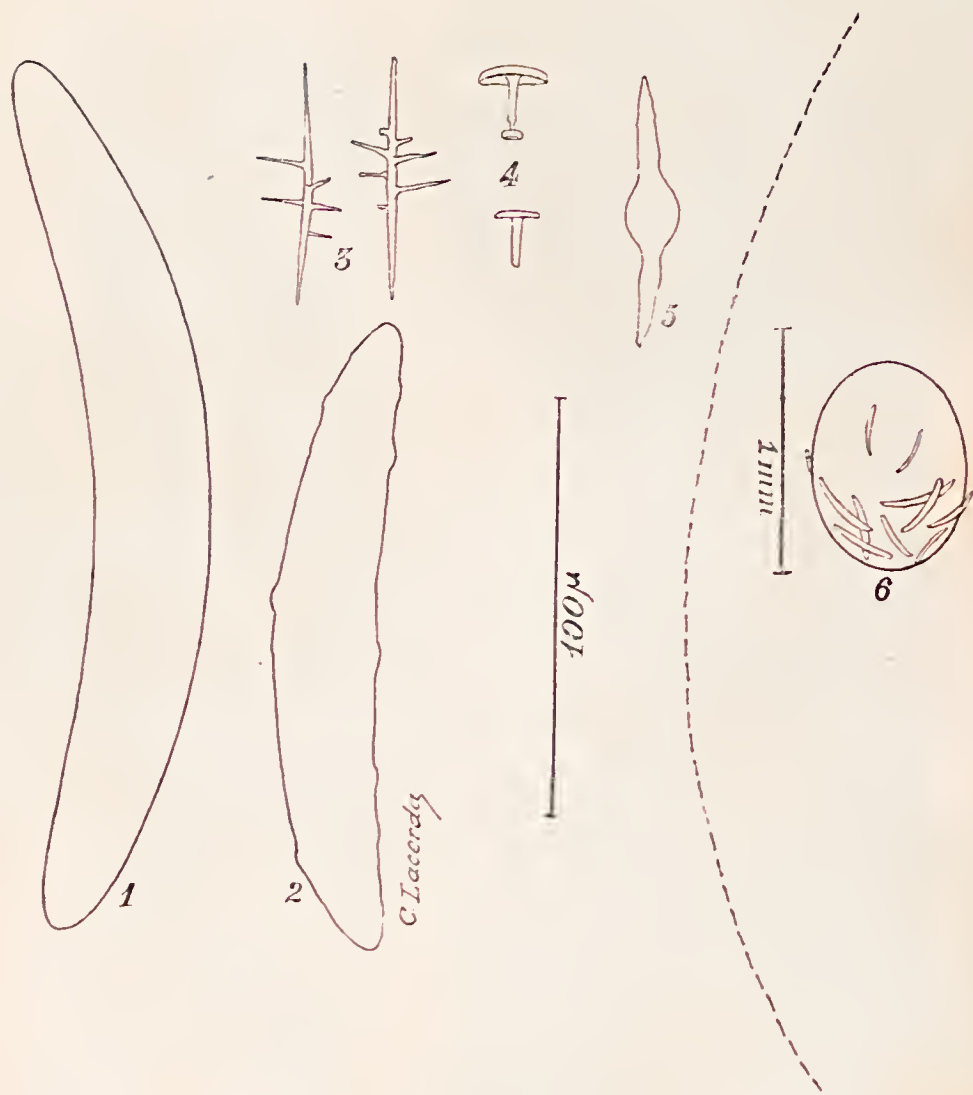
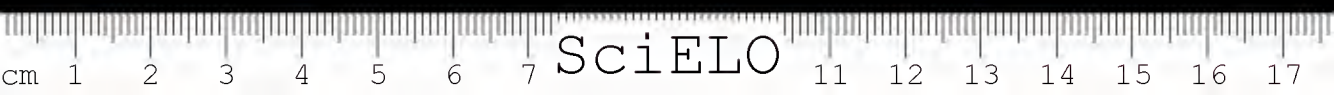



Fig. 3 — Fotomicro de Espiculas X 110. *Tubella Mello-Leitãoi* O. Machado. N. Sp.

ESTAMPA VII

*Tubella Mello-Leitãoi* O. Machado. N. Sp.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

CONSELHO NACIONAL DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

## História Natural

# BOTÂNICA

## Plantas do Brasil Central

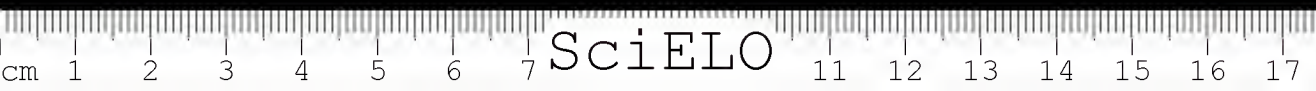
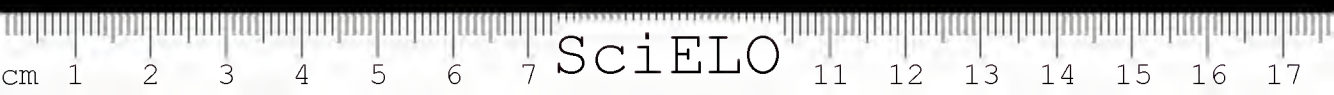
(Contribuição ao conhecimento da Flora do Brasil)

*pelo*

*Dr. Othon Xavier de Brito Machado*

Julho - Dezembro de 1945

Publicação n.º 103 ★ Anexo n.º 5

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL — 1954

# Botânica

## Plantas do Brasil Central

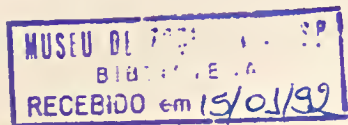
(Contribuição ao conhecimento da Flora do Brasil)


*pelo*

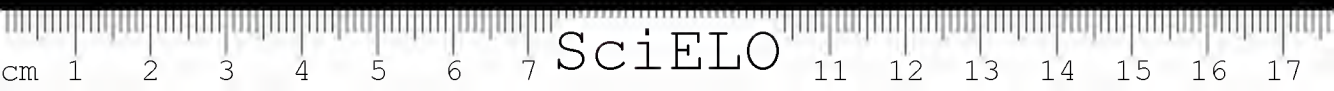
*Dr. Othon Machado*

(Dr. Othon Xavier de Brito Machado)

*1º Tenente Médico do Exército (R. 1) – Docente Livre de Botânica aplicada à Farmacia U. B. – Farmacêutico Químico pela Fac. Nac. de Farmácia U. B – Médico e Naturalista – Chefe da Equipe Geográfica à Mesopotamia Araguáia-Xingú – Fundador da Societé Astronomique de France. – Da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. – Laureado pela Academia Nacional de Medicina e Academia Brasileira de Letras. – Da Societé Linnéenne de Lyon – Da Societé Zoologique de France – Da Societé Nationale des Sciences Naturalles et Mathematiques de Cherbourg. Da Societé Mycologique de France. Da Sociedade Botânica do Brasil. Da Sociedade Portuguesa de História Natural*


DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL — 1954

*Homenagem do C. N. P. I.*
*ao Capitão médico ref. do Exército*

*DR. OTHON XAVIER DE BRITO MACHADO*

*Nascido no Distrito Federal*
*( * 1896 — 1951 † )*

## ÍNDICE GERAL


| ASSUNTO | Págs. |
|---|---|
| Homenagem do C.N.P.I. — Retrato do autor | II A-B |
| Índice Geral | III-IV |
| "A Ciência em Marcha" (Artigo de O. Frota Pessoa no "Jornal do Brasil", sôbre o autor) | V |
| "Galeria Nacional" — Nótulas biográficas ainda do mesmo autor, publicadas no "Brasil-Policial" | IX |
| Trabalhos do autor | XIII |
| Estampa 1: Grupo de técnicos da Equipe Geográfica Araguáia-Xingu | XIV A-B |
| Introdução | 1 |
| Estampa dum trecho do mapa regional | 2 A-B |
| Enumeração das Famílias naturais e dos Gêneros que figuram no Herbário Remanescente do Material Botânico referido na presente contribuição | 3 |
| Estampa 2 — O Araguáia no pôrto Luiz Alves | 4 A-B |
| Estampa 3 — A vegetação de transição do cerrado para a mata | 4 C-D |
| Reino Vegetal | |
| XI Divisão: *Eumycetos (Fungos)* | 5 |
| XII Divisão: *Embryophyta Asiphonogama* | 6 |
| XIII Divisão: *Embryophyta Siphonogama* | 6 |
| Estampa 4 — Pôsto Santa Izabel na ilha do Bananal | 6 A-B |
| Estampa 9 — *Cyperus* sp. | 6 C-D |
| Estampa 10 — *Cyperus* sp. | C E-F |
| Estampa 11 — *Scirpus* sp. | 6 G-H |
| Estampa 5 — O médio Tapirapés, inavegável com a estiagem | 8 A-B |
| Estampa 12 — *Attalea* sp. | 8 C-D |
| Estampa 6 — Aruanã — Grande exemplar de tamboril | 10 A-B |
| Estampa 13 — *Dioscorea* sp. | 10 C-D |
| Estampa 7 — O Buriti (*Mauritia* sp.) | 12 A-B |
| Estampa 14 — *Sahaguinea* sp. | 12 C-D |
| Estampa 15 — *Agonandra Brasiliensis* Miers | 14 A-B |
| Estampa 16 — *Polygonum* sp. | 14 C-D |
| Estampa 17 — *Menispermaceae*. Gênero ? | 16 A-B |
| Estampa 18 — *Xilopia grandiflora* St. Hil. | 16 C-D |
| Estampa 19 — *Connarus suberosus* Planchon | 18 A-B |
| Estampa 20 — *Connarus suberosus* Planchon (Caule) | 18 C-D |
| Estampa 21 — *Platypodium elegans* Vogl. | 20 A-B |
| Estampa 22 — *Pterocarpus Rohrii* Vogl. | 20 C-D |

Estampa 23 — *Protium* sp. .................... 22 A-B
Estampa 24 — *Byrsonima verbascifolia* Griseb. .................... 22 C-D
Estampa 25 — *Byrsonima* sp. .................... 22 E-F
Estampa 26 — *Anacardium Rondonianum* O. Machado N. sp. .................... 24 A-B
Estampa 27 — *Heteropteris aphrodisiaca* O. Machado n. sp. .................... 24 C-D
Estampa 28 — *Heteropteris aphrodisiaca* O. Machado n. sp. .................... 24 E-F
Estampa 29 — Idem. *Analysis* .................... 24 G-H
Estampa 30 — *Qualea parviflora* .................... 24 I-J
Estampa 31 — *Comantá-ni, Securidaca* sp. .................... 26 A-B
Estampa 32 — *Securidaca* sp. .................... 26 C-D
Estampa 33 — *Moutabea Guyannensis* Aubl. .................... 26 E-F
Estampa 34 — *Mabea* sp. .................... 26 G-H
Estampa 35 — *Anacardium Rondonianum* O. Machado N. sp. .................... 28 A-B
Estampa 36 — *Anacardium Amilcarianum* O. Machado n. sp. .................... 28 C-D
Estampa 37 — *Anacardium Kuhlmannianum* O. Machado n. sp. .................... 28 E-F
Estampa 38 — Detalhe das flôres dos *Anacardium Rondonianum, Amilcarianum* e *Rinorea* sp. .................... 28 G-H
Estampa 8 — Floresta inundável — Buritis .................... 30 A-B
Estampa 39 — *Sloanea Eichleri* (Eichleri Schumann) .................... 30 C-D
Estampa 40 — *Pavonia* sp. .................... 32 A-B
Estampa 41 — *Curatella Americana* Linn. .................... 32 C-D
Estampa 42 — Lenho da *Curatella Americana* Linn. .................... 32 E-F
Estampa 43 — *Doliocarpus* sp. .................... 34 A-B
Estampa 44 — *Ouratea* sp. .................... 34 C-D
Estampa 45 — *Ouratea* sp. n. ? .................... 34 E-F
Estampa 46 — *Bixa urucurana* Willd. .................... 34 G-H
Estampa 47 — *Rinorea* (Exemplar florífero) — *Rinorea Catulloana* O. Machado n. sp. .................... 34 I-J
Estampa 48 — Idem (Ex. frutífero) .................... 34 K-L
Estampa 49 — *Hybanthus* sp. .................... 36 A-B
Estampa 50 — *Casearia* sp. .................... 36 C-D
Estampa 51 — *Cereus* — Aruanã — Aldeia Carajá .................... 36 E-F
Estampa 52 — O Céga-Machado .................... 36 G-H
Estampa 53 — Saran ou Curé-ó. *Psidium* sp. .................... 38 A-B
Estampa 54 — *Allamanda puberula* A.D.C. .................... 38 C-D
Estampa 55 — *Himathanthus articulata* (Vahl) Woodson .................... 38 E-F
Estampa 56 — *Bonafousia tetrastachya* (H.B.K.) Mgf. .................... 40 A-B
Estampa 57 — *Mesechites trifida* (Jacq.) Muell. Arg. .................... 40 C-D
Estampa 58 — *Asclepiadaceae ? Apocynaceae ?* Gênero ? .................... 40 E-F
Estampa 59 — *Hydrolea spinosa* Linn. .................... 42 A-B
Estampa 60 — *Gerascanthus* sp. .................... 42 C-D
Estampa 61 — *Arrabidaea mazagana* Hub. (O *Má-u-nin* dos Carajá) .................... 44 A-B
Estampa 62 — *Beloperone Ceciliae* O. Machado n. sp. .................... 46 A-B
Estampa 63 — *Diodia Othonii Rizzini* n. sp. .................... 48 A-B
Estampa 64 — *Mitracarpus Rizzinianum* O. Machado n. sp. .................... 48 C-D
Estampa 65 — *Luffa operculata* Cogn. .................... 48 E-F

# "A CIÊNCIA EM MARCHA"

## SELEÇÃO DE MESTRES

Nosso sistema universitário é, com justiça, criticado sob vários aspectos: não temos na Universidade do Brasil prédios tão amplos e bem aparelhados como seria de desejar; as verbas para material não são fartas; as bibliotécas e principalmente as coleções de revistas especializadas, são extremamente deficientes; os regulamentos são em alguns pontos ilógicos e os currículos por demais rígidos. Entretanto, tudo isso se torna ninharia ante o problema crucial: o professor.

## O MAU PROFESSOR

Não queremos dizer que nos fáltem no magistério superior grandes pesquisadores e grandes mestres. Felizmente muitas cátedras das diversas Faculdades são dirigidas por homens de primorosa formação que desempenham bem sua elevada missão de criar e transmitir cultura. Mas, para fugirmos de um cômodo convencionalismo, é preciso declarar que nossas corporações universitárias não são homogêneas dentro dêste alto padrão. Qualquer estudante universitário apontará cadeiras mergulhadas há decenios — ou há alguns anos — na mais completa esterilidade pela inépcia de seus ocupantes.

Ora, o mau professor — quer o seja por incompetência, quer por negligência ou por falta de compreensão da complexa tarefa que lhe compete — o mau professor é o responsável número um pelas graves deficiências do nosso sistema universitário. Sua nefasta ação — ou falta de ação — prejudica diretamente inúmeras gerações de alunos, e ainda, indiretamente, repercute sôbre a eficiência do bom professor que êle procura impedir de fazer-lhe sombra. Nas Congregações, nos Conselhos, nas Comissões, nos postos de direção universitária a que algumas vezes é alçado por prestígio social ou político, sua interferência é obscurantista, motivo por que hostilizam encarniçadamente os colegas, ou candidatos a tal, que lhes são superiores.

## PERFEIÇÃO IMPERFEITA

Mas, por que existem maus professores? A razão está, evidentemente, no sistema de seleção. No Brasil ela é feita por método mais perfeito teoricamente: o concurso. Nossa desgraça, entretanto, é que os métodos perfeitos no papel se

desfiguram freqüentemente, na vida real, e a dificuldade em denunciar sua deformação reside em nosso apêgo às aparências que fantasiam a realidade. Se as formalidades são cumpridas, se os sêlos dos requerimentos estão em ordem, se os prazos foram observados, se as atas não têm razuras, se o monstro da burocracia está saciado, as maiores injustiças podem ser perpetradas . Os regulamentos não exigem que a capacidade real seja o título único para obter inscrição em concurso. Os artigos da lei não exigem que a banca seja constituida de mestres capazes e dignos; não há um parágrafo prescrevendo a resistência aos pistolões; não se podem codificar os casos de consciência. O resultado é que num concurso com todos os sacramentos pode sair vencedor o pior candidato.

Não sejamos, porém, exagerados. Se têm havido concursos suspeitos a maioria dêles seleciona o melhor. pois, em geral as bancas são probas e competentes, e o público, principalmente os estudantes, êstes grandes guardiões da moralidade universitária, exercem uma pressão vigilante.

Há, entretanto, os recursos capciosos. O mais em voga atualmente é negar-se, *in-limine,* inscrição aos candidatos que por seu valor representam a ameaça às pretensões do favorito.

Temos historiado nesta secção a luta travada na Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia em tôrno do pedido de inscrição, no concurso de Zoologia, do professor Lauro Travassos, o maior helmitologista do mundo, o maior pesquisador e chefe de escola em Zoologia no Brasil, o melhor professor universitário desta matéria. Ninguem ousa discutir sua excepcional competência; mas houve quem dificultasse por todas as maneiras sua inscrição, recorrendo a interpretações torcidas de artigos e parágrafos, escolhendo entre têxtos de regulamento contraditórios os que mais se prestassem a tais capiciosidades, ainda que fossem os menos válidos, exibindo um santo respeito à letra de regimentos já modificados por ser a antiga forma mais favorável a seus designios. E o triste resultado dessas manobras foi que, a despeito da valorosa resistência de um brilhante grupo de catedráticos, a Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia rejeitou, por diferença de um voto, o pedido de inscrição no concurso de Zoologia do professor mais credenciado, sob todos os aspectos, para ocupar a cadeira.

A luta, apesar disso, continua, pois a Congregação ainda irá julgar outro aspecto do pedido, que é a inscrição por "notório saber".

Negamo-nos obstinadamente a admitir a possibilidade de que finalmente o concurso se realize sem a participação do professor Travassos. Seria preciso para tanto perder de todo a confiança na clarividência e boa fé daquela douta Congregação.

## O CASO DO DR. OTHON MACHADO

De grande originalidade é o modo como se pretende impedir que chegue à uma cátedra da Faculdade de Farmácia um outro cientista de valor, o dr. Othon Machado. Nêste caso foram vencidas todas as resistências. Em 1947 o concurso se realizou, a banca deu unânimemente a vitoria ao dr. Machado, o presidente proclamou-o, de público, vencedor, como de praxe.

Pois bem, em vêz de seguir-se automàticamente a posse, o processo do concurso foi remetido para o Conselho Universitário que, sem competência legal para tanto, rejeitou o parecer da banca, tendo o Ministro da Educação de então mantido êste ato ilegal. Como vemos, a técnica difere da empregada contra o professor Travassos porque a sonegação do direito foi feita a *posteriori,* depois da vitoria em concurso.

Naturalmente o dr. Othon Machado recorreu ao Poder Judiciário, que lhe concedeu mandato de segurança a 28 de dezembro de 1949. Apesar disso — sintoma de doença grave de nossas instituições — até hoje o mandato de segurança não foi cumprido. Esperemos que o novo govêrno repare quanto antes esta clamorosa injustiça.

## A VIDA DE UM PESQUISADOR

Aproveitando a oportunidade, apresentamos ao leitor o *curriculum vitae* modelar do dr. Othon Machado, que há 23 anos se dedica à pesquisa no campo da Botânica e da Etnografia.

Em 1923 o prof. Pachêco Leão, diretor do Jardim Botânico e professor nas Faculdades de Medicina e Farmácia, mandou chamar seu aluno de medicina Othon Machado, e o recebeu com as seguintes palavras: "Sou professor há muitos anos, mas só tive dois alunos que fizessem notáveis exames: a Ângela Vargas e você; os outros passaram pela cadeira. Assim sendo, convido-o para trabalhar no Jardim Botânico. Daí em diante, sem ter aceitado a remuneração de funcionário efetivo (pois era militar), vem o dr. Othon Machado trabalhando até hoje na qualidade de estagiário gratuito naquêle secular instituto; nêsses 28 anos publicou cerca de 40 trabalhos sôbre plantas nacionais, alguns dos quais mereceram prêmios da nossa Academia Nacional de Medicina. O prêmio S. Lucas foi-lhe conferido cinco vezes consecutivas bem como o prêmio comemorativo do centenário do prof. Pizarro na única vêz que foi distribuido; referem-se todos ao estudo de plantas medicinais brasileiras.

Seu espírito irrequieto levou-o à Escola Nacional de Agronomia, então localizada na Praia Vermêlha, atraido pela competência de Costa Lima e Melo Leitão;

aí trabalhou bastante e, principalmente, aprendeu; estudou com mais minúcia o grupo dos Espongiários, quase inexplorado ainda. De uma excursão ao Rio Araguaia trouxe uma espécie nova d'agua dôce que descreveu sob o nome de *Tubella Mello-Leitão*, nas "Publicações do Conselho de Proteção aos Indios" e no "Bulletin de la Societé Zoologique de France", da qual é socio perpétuo.

Da referida excursão ao Araguaia — promovida pelo Conselho Nacional dos Indios e Comissão da Carta de Mato-Grosso e na qual atuou como médico e naturalista-chefe — trouxe farto material botânico, zoológico e etnológico; êste último refere-se especialmente aos indios Carajás, até então irregularmente estudados. Compôs uma monografia sôbre os mesmos muito apreciada e que mereceu da Academia Brasileira de Letras o prémio João Ribeiro (Folclore, Etnografia e Filologia), sendo a comissão julgadora constituida pelos acadêmicos: Getúlio Vargas, Rodolfo Garcia e Manuel Bandeira.

Prosseguindo em seus estudos indianistas, o dr. Othon Machado apresentou no ano passado, à mesma Academia, novo trabalho seu para concorrer ao prémio José Veríssimo (Ensaio e Erudição), tendo o prazer de novamente ser laureado, a despeito de seus oito concorrentes: intitula-se a obra: "Dicionário Indiolálico Brasileiro", examinada pelos seguintes academicos: Manuel Bandeira, Viriato Correia e Mucio Leão.

Formado primeiro em Farmácia e, logo depois, em Medicina — onde defendeu tese sôbre uma planta do Pará: *Picrolemma pseudocoffea*, a conhecida "caferana" — teve ocasião de ser novamente laureado, desta vêz em colaboração com o prof. Virgilio Lucas (da Faculdade Nacional de Farmácia): os dois trabalhos versaram sôbre: *Borreria centrantoides*, o "sabugueirinho do campo" do Rio Grande do Sul. e *Kalanchoe brasiliensis*, o popular "saião".

Em 1942 foi feito assistente da Cadeira de Botânica da Faculdade Nacional de Farmácia (U.B.), cargo êsse que exerceu até 1946; em abril de 1947 conquistou o diploma de livre docente da mesma cadeira por concurso de títulos e provas. Nêsse ano achavam-se abertas as inscrições do concurso para provimento efetivo da referida cátedra. Nêle se inscreveu o dr. Othon Machado, sendo aprovado em primeiro lugar, como já referimos."

O. Frota Pessoa

(Artigo transcrito do "*Jornal do Brasil*", de 18 de fevereiro de 1951, do Rio de Janeiro, figurando no corpo do artigo uma fotografia com os seguintes dizeres: "Dr. Othon Machado, grande especialista em plantas medicinais e catedrático por concurso da Faculdade Nacional de Farmácia).

## GALERIA NACIONAL

### PROFESSOR OTHON XAVIER DE BRITO MACHADO

Nasceu em 31 de maio de 1896 e faleceu em 17 de setembro de 1951, no Distrito Federal.

— Fêz seus primeiros estudos, em 1908, na Escola de Santo Alberto, do convento dos carmelitas, na Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, além do que era ensinado por seu pai, pessoa de grande erudição e cultura humanística ampla.

— Tendo sido encorporado no 20.º Batalhão de Infantaria do Exército Nacional, em 1914, aquartelado em Pôrto-Alegre, com destino à Escola Militar, seguiu com sua unidade para a campanha do Contestado, onde, no campo de batalha, foi promovido a cabo e sargento, por atos de intrépida bravura, conforme constou de Ordens do Dia do General Comandante das fôrças em operação.

Regressando ao Rio de Janeiro, foi servir no Quartel-General do Exército e aí foi designado para auxiliar a organização do Gabinete de Identificação de Guerra, então criado.

— Não podendo ingressar na Escola Militar, por motivo de saúde, estudou e formou-se em Odontologia, diplomando-se em seguida em Farmácia e finalmente em Medicina (1930) pela Universidade do Brasil, onde defendeu tese inaugural de Doutoramento, que apresentou sob o título — "Caferana", aprovada com distinção, após brilhante e sensacional defesa.

— Ingressou, depois de cursar a Escola de Saúde do Exército, no Corpo de Saúde, como 1.º Tenente-Médico e reformou-se no pôsto de Capitão, tendo, ainda, direito a mais duas promoções *post-mortem*.

— Ainda estudante de medicina, serviu como interno da Assistência Pública Municipal, na Santa Casa e outros hospitais.

Depois de formado, exerceu as funções de Assistente da Faculdade Nacional de Farmácia da Universidade do Brasil e foi nomeado Docente-Livre, por concurso, da cadeira de Botânica dessa mesma Faculdade, lugar que exercia quando foi aberto concurso para catedrático de "Botânica aplicada à Farmácia" (1948) dêsse mesmo estabelecimento de ensino superior. Depois de arguido, durante cinco longas horas, sôbre o assunto do seu trabalho apresentado — "Bicuíba", oportunidade em que revelou completo conhecimento da matéria, a par da sólida

cultura geral que possuia, conseguiu derrotar um professor interino, que exercia essa disciplina, havia mais de vinte anos, tendo sido classificado em 1.º lugar.

Depois de esperar sua nomeação, durante quase três anos, recorreu ao Tribunal Federal de Recursos que lhe concedeu "Mandato de Segurança" para o exercício da cadeira, mas que não foi cumprido até a data de sua morte.

— Médico e Naturalista — Chefe da Equipe Geográfica à Mesopotâmia Araguaia-Xingu, indicado pelo Conselho Nacional de Proteção aos Índios, escreveu laureado trabalho sôbre os índios Carajás.

— Fundador da Société Astronomique de France.

— Membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, da Société Linnéenne de Lyon, da Société Mycologique de France, da Société Zoologique de France, da Sociedade Portuguesa de História Natural, da Société Nationale de Sciences Naturelles et Mathématiques de Cherbourg, fundador e 1.º secretário da Sociedade Cultural Catullo Cearense, irmão remido da Irmandade de N. S. da Pena (Jacarèpaguá), etc.

— Laureado várias vêzes pela Academia Nacional de Medicina, pela Academia Brasileira de Letras e por outras associações nacionais e estrangeiras, foi distinguido pelo Govêrno da República com a medalha de ouro, em atenção aos bons serviços prestados à Pátria

— Dotado de invulgar cultura, de caráter polimorfo, científica e literária, poética e folclórica, colaborou durante muitos anos em revistas médicas e leigas, sôbre assuntos de Medicina, História Natural, Etnografia, Folclore e Tupinologia nacionais, deixando cêrca de cinquenta trabalhos escritos, entre êles — "Estudos novos sôbre uma planta velha — o "Cajueiro" (Prêmio São Lucas) 1942; "Os Carajás" (Inan — Sou — Uéra); (Prêmio João Ribeiro) 1946; "O Guaraná" (Prêmio São Lucas) 1943; "Nó de cachorro" (*H. aphrodisiaca* O. Machado n. sp), in "Rodriguesia" 1949; "Três novas espécies de Anacardium do Brasil Central", *in* Arquivos do Jardim Botânico, vol. IX, dezembro de 1949; "Contribuição ao estudo das plantas cianogênicas do Brasil", *in* "Rodriguesia", 1943; "Contribuição ao estudo da *Datura Insignis* Barb. Rodr.", *in* "Rodriguesia", 1942; "Fruto fossilizado do Itabirito", *in* "Rodriguesia", 1946; "Uma nova Nectandra", *in* Arquivos do Jardim Botânico, 1949; "Zoologia" — *Espongiários* (porífera), Impr. Nac. 1947; "Contribuição ao estudo das Plantas Medicinais do Brasil", *in* "Publicações Farmacêuticas", 1945; "Pitangueira da praia"; "Contribuição ao estudo dos Eumicetos Medicinais do Brasil" (Tabaco de Judeu), *in* Arquivos do Museu Paranaense, 1943; "Uma nova espécie de "Hydrothrix" Hook. F.", *in* Revista Brasileira de Biologia. 1947; "Lendas Carajás" (seu último trabalho), Memória aprovada pelo "I Congresso Brasileiro de Folclore", agôsto de 1951; "Escorbuto" (entre os Carajás), *in* "Publicações Odontológicas", 1947.

Deixou inéditos alguns trabalhos, entre os quais: "Dicionário Zoológico Brasileiro", etc.

— Filho do capitão honorário do Exército Raul Plínio Machado, abolicionista, republicano histórico e florianista, antigo alto funcionário do Lóide Brasileiro; e de Maria Augusta Xavier de Brito, filha do desembargador Frederico Augusto Xavier de Brito.

— Neto paterno do Comendador José Alves Machado Júnior, "Jurisperito" em Comércio (atual Contador), um dos fundadores da "Companhia Brasileira de Navegação a Vapor" (hoje Lóide Brasileiro), onde exerceu as funções de Tesoureiro, falecido em 19-IV-1884; e de Maria Lúcia Machado.

— Neto materno do desembargador Frederico Augusto Xavier de Brito, ex-chefe de polícia da Côrte, e de Maria Francelina de Almeida Bahia, filha de José Félix de Almeida Bahia, ex-diretor da primeira Casa da Moeda instalada no Brasil, na cidade do Salvador.

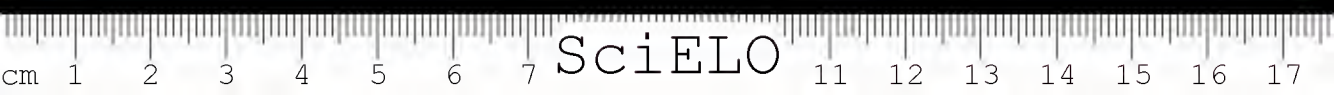
— Bisneto paterno do Físico-mor (hoje General Médico) do Exército Português (Miguelista) dr. José Alves Machado, descendente dos Medina Coelis, e que fugiu para o Brasil, após a deposição de d. Miguel, em companhia de seu filho José Alves Machado Júnior.

— Bisneto materno do Marechal de Campo Henrique Isidoro Xavier de Brito, Cavalheiro Fidalgo da Casa Imperial, e de Maria Gertrudes da Fonseca (de Inhumirim, Estado do Rio).

— Deixou viúva, duas filhas casadas e um filho solteiro.

— Era irmão de Poty Machado, Oficial da Polícia Militar do Distrito Federal e de Ary Machado, funcionário do Departamento Federal de Segurança Pública; e primo-irmão da viúva Uyára Xavier de Brito Tavares, do dr. Júlio César Lopes de Oliveira, do major Frederico Augusto Xavier de Brito, do doutor Agenor Lopes de Oliveira, e sobrinho, pelo lado materno, do notável naturalista Eurico Augusto Xavier de Brito, autor de "A Vida e a Linguagem dos Peixes".

Tinha o apelido familiar de "Lolão".

*"Brasil Policial"* — Rio de Janeiro, 2-11-1951.

## TRABALHOS DO AUTOR:

1 (1912) O mais útil dos sports. Resposta à *enquete* do "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro (ed. vespertina) 23-3-1912.

2 (1932) Caferana. Tése de doutoramento em Medicina (Fac. Med. do Rio de Janeiro).

3 (1936) Caferana. Breve estudo farmacodinâmico da Duckeina, seu alcaloide. (Em col. com o Dr. Levi Menezes).

4 (1938) A jequití-ranaboia é inofensiva.

5 (1942) A profilaxia das moléstias venéreas pela pomada de iôdo.

6 (1942) Contribüição ao estudo da *Datura insignis* B. Rodr. *in* "Rodriguesia".

7 (1943) A ação curativa das folhas jovens do cajueiro (*Anacardium occidentale* L.) corre por conta, principalmente, da Vitamina C.

8 (1943) O Alecrim da praia (*Polygala cyparissias* St. Hil.)

9 (1943) Contribüição à zoogeografia médica do Brasil (Ofidios).

10 (1943) O cajú participando de um equívoco médico-literário

11 (1943) Contribüição ao estudo das *Polygalaceae* brasileiras. (*P. paniculata* L.).

12 (1943) O Carapiá (*Dorstenia Brasiliensis* Lam.).

13 (1943) Contribüição ao estudo das plantas cianídricas do Brasil. (Em colaboração com o dr. Paulo Occhioni).

14 (1943) Frei Vellozo protetor do poeta Bocage.

15 (1943) Contribüição ao estudo toxicológico da *Asclepias Curaçavica* L..

16 (1943) Contribüição ao estudo dos Enmycetos Med. do Brasil. *Calvatia saccata* (Vahl) Morgan.

17 (1943) Ainda o iôdo como profilático das afecções venéreas.

18 (1944) Contribüição ao estudo das rubiáceas medicinais do Brasil. O Sabugueirinho do Campo (*Borreria centranthoides* Cham & Schlt). Em colaboração com o Prof. Virgilio Lucas.

19 (1944) Notas aracnológicas (Aracnismo e escorpionismo).

20 (1944) Estudos novos sôbre uma planta velha. O Cajueiro (*Anacardium accidentale* L.) Memória Laureada pela Aca. Nac. de Medicina) Pre: S. Lucas.

21 (1944) Uma nova espécie de Carapiá (*Darstenia Pacheealcaneana* O. Machado).

22 (1945) "Guiné ou Pipí".

23 (1945) Prof. J. J. Pizarro. Nótula biográfica.

24 (1945) Contribüição ao estudo das plantas Medicinais do Brasil. (*Maytenus obtusifalia* Mart.).

25 (1945) Nota prévia sôbre a Tinguaciba da restinga.

26 (1945) Contribüição ao estudo das plantas medicinais do Brasil. (*Polygala laureola var.* oxyphylla (DC) Chodat.

27 (1945) Onça não é animal brasileiro ! *in* "Brasil Revista", Rio.

28 (1946) Nota prévia sôbre o Padagí.

29 (1946) Pata de vaca (*Bauhinca forficata* Link).

30 (1946) Uma nova espécie do gênero *Hydrothrix* Hook fº.

31 (1946) O fruto fossilizado do Itabirito.

32 (1946) O fruto da *Vanilla Chamissonis* Kltz.

33 (1946) Contribüição ao estudo das plantas medicinais do Brasil. O Guaraná. Memória laureada com o prêmio S. Lucas, pela Acad. Nac. de Medicina.

34 (1946) Uma nova espécie do gênero *Reussia* (*R. Grazielae* O. Machado).

35 (1947) Une nouvelle espèce de Rutacée du Brésil. (*Pilocarpus Lealii* O. Machado.

36 (1947) Pitangueira da Praia (*Eugenia uniflora* L.) Memória laureada pela Academia Nac. de Medicina, com o Prêmio S. Lucas. 1945.

37 (1947) Contribüição ao estudo das plantas medicinais brasileiras. Saião. (Em col. com o Prof. Virgílio Lucas). Mem. laureada com o Prêmio Monteiro da Silva.

38 (1947) *Polygonum acre* HBK. (Notas sôbre suas aplicações terapêuticas).

39 (1947) Os Carajás. Monografia laureada pela Academia Brasileira de Letras, Prêmio João Ribeiro, 1946.

40 (1947) Contribuition a l'etude de la Faune du Brésil (Bull. de la Soc. Zoologique de France).

41 (1947) Dermatose produzida por espongiário. (Nota prévia).

42 (1947) Zoologia. Nova espécie de Espongiário (*Tubella Mellolcitão*. O. Machado).

43 (1947) Sambaiba ou Lixeira (*Curatella americana* L.).

44 (1947) Afecções buco-dentárias nos indios Carajás.

45 (1948) Occultation de Jupiter par la Lune (L'Astronomie, Bull. de la Soc. Astronomique de France).

46 (1948) 2.ª nota sôbre a Tinguaciba da restinga.

47 (1948) Herva de bicho ou caátaia (*Polygonum acre* H. B. K.) Tése para Docência Livre de Bot. apl. à farmácia na F. N. F. U. B.

48 (1948) A. Bicuiba (*Virola bicuhyba* (Schots) Warb). Tése para Professor catedrático de Bot. apl. à Farmácia na F.N.F.U.B.

49 (1949) Nova espécie do gênero *Heteropteris* Kunth. (*Heteropteris aphrodisiaca* O. Machado).

50 (1949) O falso apoatiguára (*Esenbeckia grandiflora* Mart.) Memória laureada pela Academia Nac. de Medicina, com o prêmo Centenário do Prof. J.J. Pizarro.

51 (1949) A Tinguaciba da restinga (*Fagara arenaria* Engl.) Memória laureada pela Academia Nac. Medicina. Prêmio S. Lucas, 1944.

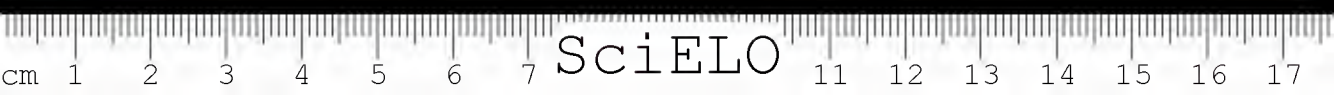
52 (1949) Nova espécie de *Acanthaceae*. (*Beloperone Ceciliae* O. Machado).

53 (1949) Três novas espécies de *Anacardiaceae*. "Arquivos do Jardim Botânico", vol. IX.

54 (1949) Conjonction de Saturne et de la Lune (*L'Astronomie*, Bull, de la Soc. Astr. de France).

55 (1949) Uma nova *Nectandra*. (*Nectandra Labouriaziana* O. Mach.)

★

No 2.º plano: Os técnicos da Equipe Geográfica à mosopotamia Araguáia-Xingú, descendo o Araguáia. O local fixado é próximo à ponta sul da Ilha do Bananal. A vegetação que aparece no último plano é típica das margens daquele rio. — Foto da Equipe.

# INTRODUÇÃO

A História Natural das Plantas da região Araguáia-Xingu, compreendendo a ilha do Bananal, constitue o tema abordado nesta Contribuição.

Não comentaremos assuntos outros atinentes à execução dos trabalhos realizados, nem, siquer, aludiremos às dificuldades aparecidas no desenvolvimento da marcha da Equipe Geográfica à Mesopotamia Araguáia-Xingu, na sua campanha de julho-dezembro de 1945.

Ressalvamos, todavia, que o silêncio a que nos submetemos revela apenas disciplina; jamais deve ser entendido como temor ou conivência. Convém, no entanto, ficar a *priori* esclarecido (principalmente para anular quaisquer juizos aleivosos quiçá emitidos) que:

Chegámos à cidade de Anápolis, em Goiás, sofrendo grave pneumonia adquirida no transcurso da viagem. Pedimos ao Chefe da Equipe dela nos desligasse, de vez que a enfermidade que nos molestava não permitiria, certamente, ao Naturalista, os esforços previstos para sua atuação.

O Chefe da Equipe, contudo, não acedeu ao nosso pedido.

À vista dessa recusa não cabe ao signatário desta Contribuição responsabilidade pelas deficiências por desventura nela existentes.

(Convém lembrar-se que: a cidade de Anápolis é ponto terminal de estrada de ferro; possue todos os outros meios de condução, terrestre e aérea; por isso, e em face do retardamento imposto à marcha da Equipe pela demora da chegada do material, fácil teria sido a substituição do naturalista por outro). Há de, forçosamente, existir imperfeições na presente Contribuição. Correm elas, principalmente, por conta da exigência feita ao seu autor para que a apresentasse, "com urgência e de qualquer maneira, para a respectiva publicação."

A Ecologia Botânica da região percorrida é interessantíssima. E, ali, nada ainda foi feito nêsse setor da Biologia.

O aspecto florístico das margens do Araguaia comporta estudos e observações dignos de serem feitos. Ora, são campos cerrados cortados pelo rio; ora, são matas alagadas; ora, são margens desbarrancadas onde as raizes das árvores derrubadas ainda permanecem parcialmente fixadas ao solo erodido pela ação geológica das águas. (Estampas de 1 a 8). O *habitus* dos vegetais dão à flora *facies* característica.

As plantas mencionadas nesta Contribuição foram coligidas nos lugares delimitados pela carta anexa e reproduzida de nosso trabalho *Os Carajás,* constituem, apenas, o remanescente do herbário feito durante a expedição da Equipe, notando-se que muitos dêsses vegetais são aqueles novamente herborizados, por ocasião de nosso regresso, quando o Chefe da mesma Equipe ordenou procurassemos refazer o dito herbário, de vez que muitas exsicatas tinham sido inutilizadas pelas vicissitudes da penosíssima viagem.

Por hábito, e por comodidade, nossa descrição obedece ao Syllabus der Planzenfamilie de A. Engler—E. Gilg, Berlim, 1924. Todo o acervo do material referido, inclusive os tipos das espécies descritas, foram encorporadas ao Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, conforme determinam, para êstes, as Regras Internacionais de Nomenclatura Botânica e por prévia autorização do Exmo. Sr. General Cândido Mariano da Silva Rondon. A grafia dos nomes na lingua Carajá obedece à convenção que estabelecemos na Publicação n.° 104, anexo n.° 7: Os Carajás.

Valho-me da oportunidade para agradecer ao Exmo. Sr. General Cândido Mariano da Silva Rondon, Presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios e aos Exmos. Srs. Coroneis Amilcar Armando Botelho de Magalhães e Francisco Jaguaribe Gomes de Matos, as diligências feitas para a publicação dêste trabalho.

Ainda quero assinalar e agradecer a cooperação valiosa dos Srs. Alvaro Liborio, Antalcidas Godoy, Antonio dos Santos Oliveira Jr., Carlos Gomes Leal, Carlos Toledo Rizzini, Edmundo Pereira, Graziela Maciel Barroso, Herbert Serpa, Joaquim Liberato Barroso (*), João Barbosa, João Geraldo Kulhmann, José Camargo Gomes, Jr., Nearch A. Pena, Oscar Campos Góes e Paulo Occhioni.

Rio de Janeiro, ....de...........de 1947.

OTHON XAVIER DE BRITO MACHADO

Notas — A rubrica e os números postos entre parentesis correspondem ao número de Ervário coligido pelo Autor. Alguns fotos mostram aspectos das regiões percorridas, e, outros, apresentam detalhes dos especimes erborizados pelo Autor.

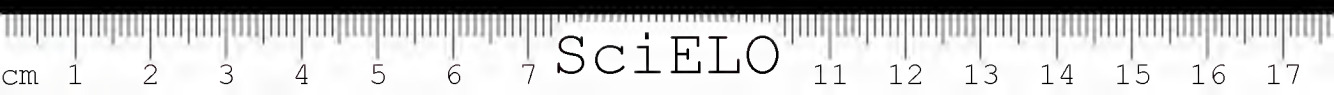
Barreirinha
10°
Ald. Carajá
Furo das Pedras
Ald. Carajá
Sta Terezinha
MACAUBA
Ald. Carajá
Ald Tapirapé
Rio Tapirapés
Ald Carajá
11°
Rio Araguaya
Ilha do Bananal
Braço Menor do Rio Araguaia
Ald Sta Izabel
Ald Carajá
12°
Ald Anrarué
Furo do Bananal ou Braço Menor do Rio Araguaia
COPIA REDUZIDA
DE
UM TRECHO DA CARTA DE MATO GROSSO
DA
COMISSÃO RONDON
1947
Mostrando a região percorrida pela
EXPEDIÇÃO Á MESOPOTAMIA ARAGUAIA-XINGÚ
Em 1945
Escala
Kms
13°
Ald Carajá
Ald Carajá
BANDEIRANTES
14°
COCALINHO
Serviço da Conclusão da Carta de Mato Grosso
Março 1947
Copiado por:
Confere
Jaguaribe
ARUANÃ
15°
51°
50°

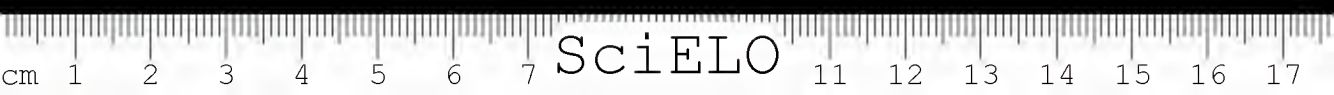
## ENUMERAÇÃO DAS FAMÍLIAS NATURAIS E DOS GÊNEROS QUE FIGURAM NO HERBÁRIO REMANESCENTE DO MATERIAL BOTÂNICO REFERIDO NA PRESENTE CONTRIBUIÇÃO

Acanthaceæ: Beloperone.
Amaranthaceæ: Amarantus; Gomphrena.
Anacardiaceæ: Anacardium.
Apocynaceæ: Allamanda; Himatanthus; Bonafousia; Mesechites.
Asclepiadaceæ?
Bignoniaceæ: Arrabidaeæ; Anemopegma; Bignonia; Tecoma; Cremastus.
Borraginaceæ: Heliotropium; Gerascanthus.
Bixaceæ: Bixa
Burseraceæ: Protium.
Celastraceæ: Plenckia.
Cactaceæ: Cereus.
Cochlospermaceæ: Cochlospermum.
Combretaceæ: Combretum.
Connaraceæ: Connarus.
Convolvulaceæ Ipomœa; Aniseia; Jacquemontia.
Compositæ: Egletes; Eremanthus; Vernonia.
Cucurbitaceæ: Trianosperma; Luffa.
Cyperaceæ: Cyperus; Scleria; Scirpus.
Dioscoreaceæ: Dioscorea.
Dilleniaceæ: Curatella; Doliocarpus; Davilla.
Eleocarpaceæ: Sloanea.
Euphorbiaceæ: Phyllanthus; Mabea.
Flacourtiaceæ: Homalium; Caesearia.
Graminea: Panicum; Imperata.
Gentianaceæ: Coutoubea.
Guttifera: Rheedia.

Leguminosæ: Cassia; Diptychandra; Sweetia; Macherium; Platypodium; Pterocarpus; Andira; Comarouna; Eriosema; Centrosema; Camptosema.
Liliaceæ: Smilax.
Loganiaceæ: Strychnus.
Lythraceæ: Physocalymna; Lafoensia.
Loranthaceæ: Psyttacanthus.
Malvaceæ: Pavonia.
Melastomataceæ: Miconia.
Malpighiaceæ: Byrsonima; Heteropteris.
Menispermaceæ: Cissampelos.
Moraceæ: Brosimum; Sahagunea.
Myrtaceæ: Psidium.
Magnoliaceæ: Xylopia; Dugettia.
Montabeaceæ: Montabea.
Nyctaginaceæ: Boerhavia.
Orchidaceæ: Oncidium.
Ochnaceæ: Ouratea.
Oenotheraceæ: Jussiœa.
Olacaceæ: Liriosma.
Opiliaceæ: Agonandra.
Polygalaceæ: Securidaca.
Polystictum: Polyporum; Fomes; Leuzites.
Passifloraceæ: Passiflora.
Palmæ: Syagrus; Attalea.
Polypodiaceæ: Adiantum.
Polygonaceæ: Polygonum; Coccoloba; Triplaris.
Piperaceæ: Piper.
Rosaceæ: Hirtella.
Rubiaceæ: Diodia; Mitracarpus.
Solanaceæ: Solanum.
Sterculiaceæ: Sterculia; Helicteris.
Tiliaceæ: Apeiba.
Violaceæ: Rinorea; Hybanthus.
Vitaceæ: Cissus.
Vochyseaceæ: Vochysea; Qualea.

ESTAMPA 2

O Araguáia no Pôrto Luiz Alves. A vegetação é de *campo cerrado*, também denominado *gerais*. O barranco erecto mostra o efeito da erosão da caudal — Foto Equipe.

ESTAMPA 3

A vegetação de transição de cerrado para mata. Barranco inclinado. Baixo - Araguaia. Foto da Equipe.

# REINO VEGETAL

XI — Divisão : **EUMYCETOS (FUNGOS)**

4.ª Classe: BASIDIOMYCETOS

2.ª Sub-Classe: EUBASIDII

2.ª Série: *AUTOBASIDIOMYCETOS*

3.ª Sub-Série: *Hymenomycetineae*

Família : **POLYPORACEAE**

§ POLYPOREAE

Gênero: *FOMES*

Fomes sp. — Sôbre o tronco de *Hyminaea Courbaril Linn.* No cemitério Carajá da Barra do Tapirapés. Nome Carajá: Edorrô-ni

Gênero: *POLYSTICTUS FRIES*

P. sanguineus — Em troncos derrubados e em decomposição. Bosque húmido do médio Tapirapés. Nome Carajá: Edorrô. N. V. Orelha de páu.

Gênero: *DAEDALIA PERS.*

1. Daedalia sp.

Sobre tronco de *Platypodium elegans* Vogl., em mata inundável da ilha do Bananal, defronte à barra do Tapirapés.

Gênero: *LENZITES*

Lenzites sp. Sôbre *Physocalymma scaberrimum* Pohl., na mata da barra do Tapirapés.

---

XII — Divisão : **EMBRYOPHYTA ASIPHONOGAMA**

II — Sub-Divisão : **Pteridoph**

1.ª Classe: FILICALES

3.ª Série: *FILICALES LEPTOSPORANGIATÆ*

1.ª Sub-Série: *Eufilicineae*

Família : **POLYPODIACEAE**

§ PTERIDEAE

* ADIANTINAE

Gênero: *ADIANTUM*

Adiantum sp. comum na alfombra dos bosques de ambas às margens do Araguáia. O material coligido pertencia a espécies diferentes e sòmente a *posteriori* poderão ser determinadas. Frondes ferteis em outubro de 1945.

---

XIII — Divisão : **EMBRYOPHYTA SIPHONOGAMA**

2.ª Sub-Divisão : **Angiospermae**

1.ª Classe: MONOCOTYLEDONEAE

4.ª Série: *GLUMIFLORAE*

Família : **GRAMINEAE**

§ MAYDEAE

Gênero: *ZEA L.*

Z. mays L. e Z. spp. Além do milho, a conhecida planta tornada cosmopolita pela cultura, há espécies ou, no mínimo, variedades que os Carajás aproveitam como fazem com a espécie tipo. O nome Carajá, *Maí,* é, apenas, corruptela do vocábulo tupi que designa o útil vegetal.

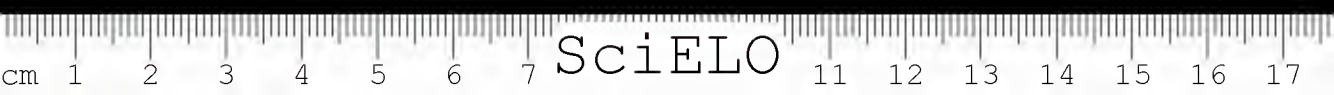
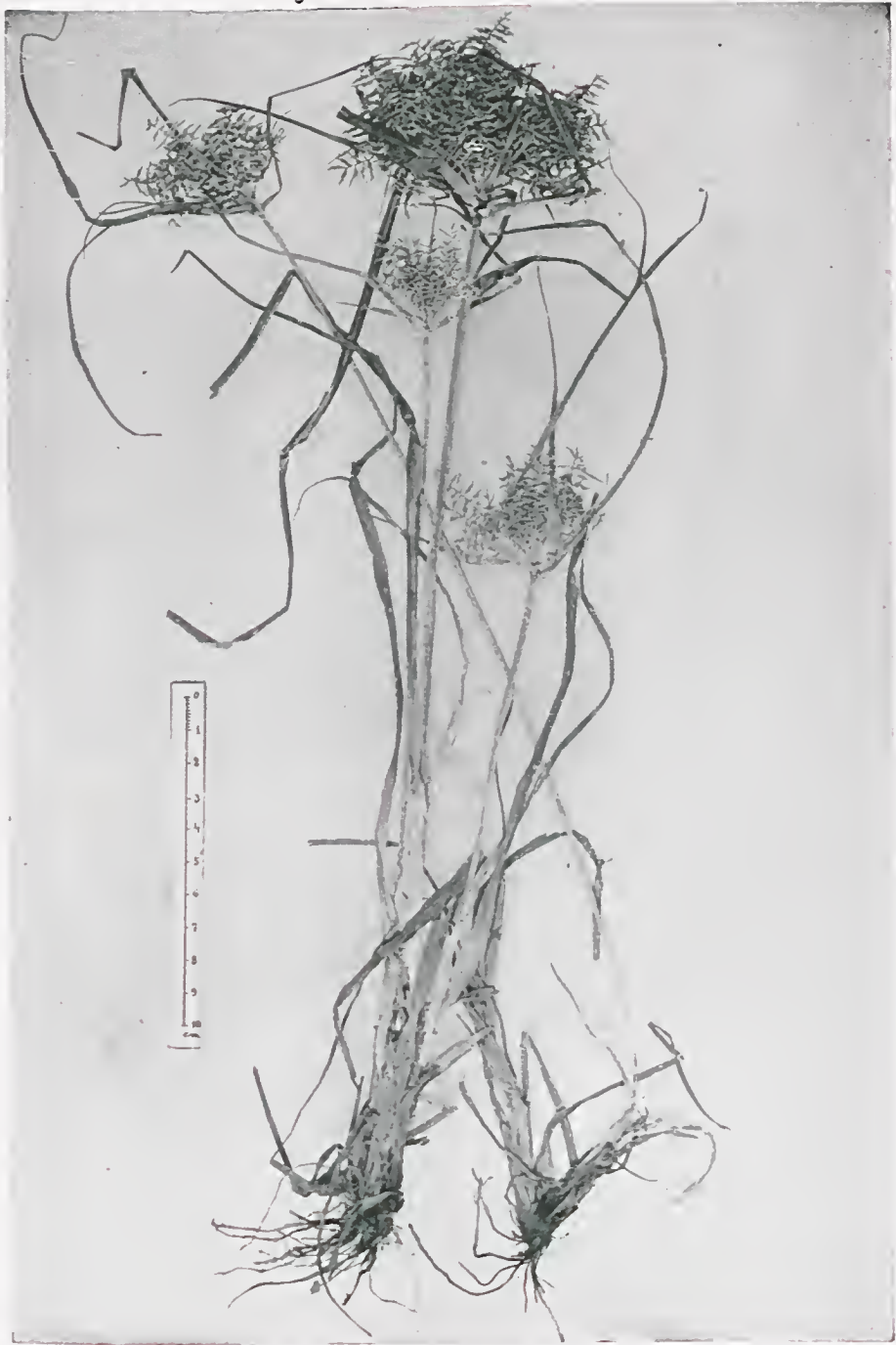
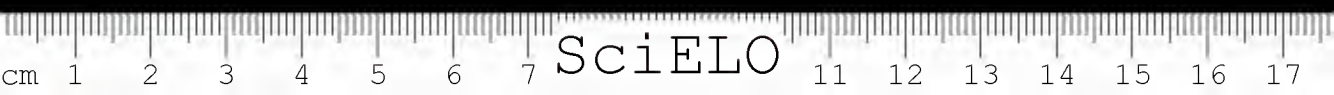
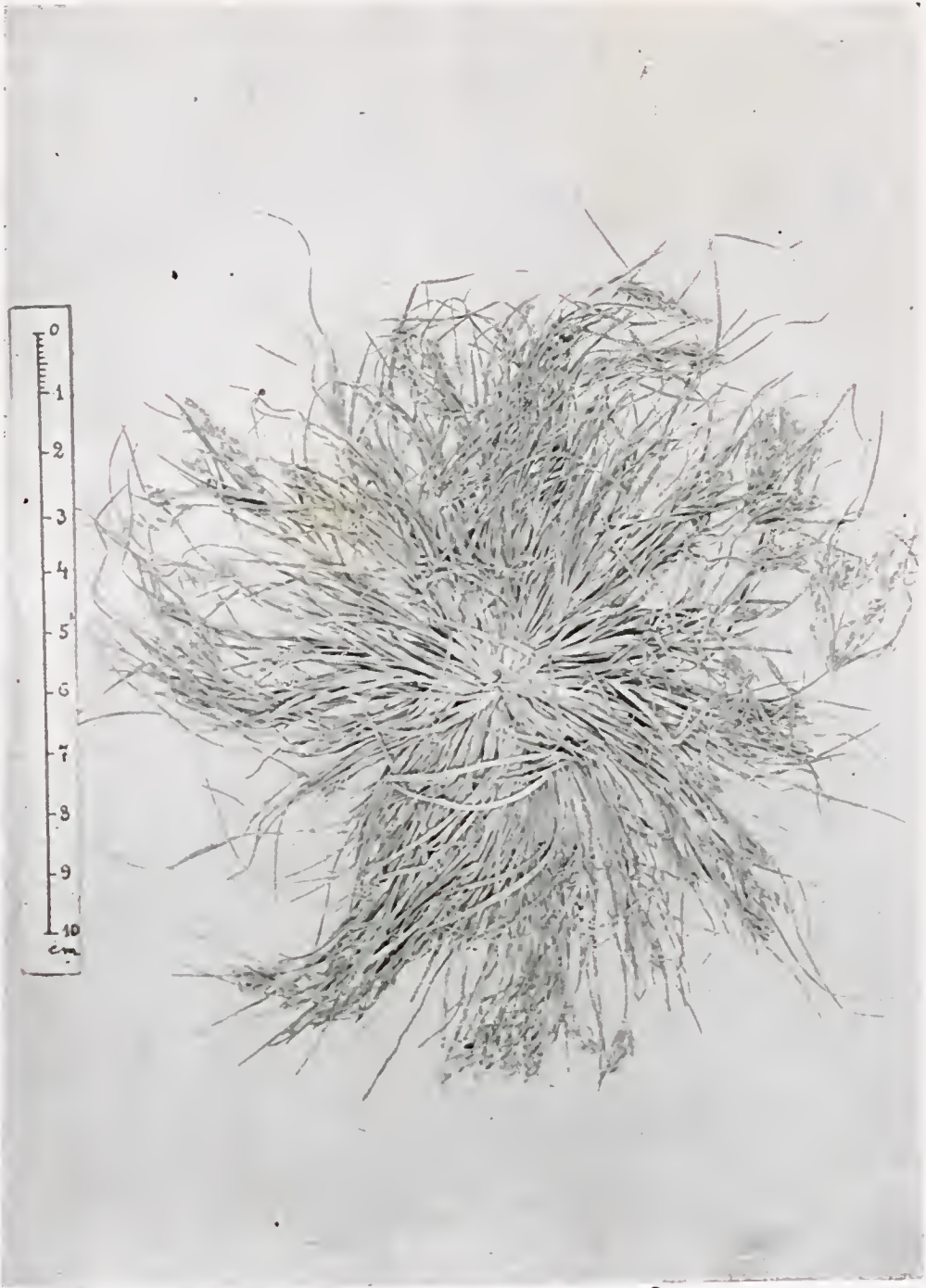
§ ANDROPOGONEAE

Gênero: *IMPERATA CYR.*

J. C. Doell, Mart. Br. II, III, 251.

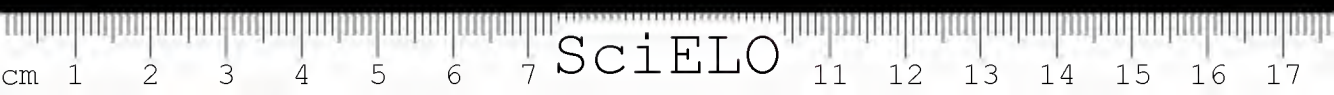
(O. Machado 265). Imperata Brasiliensis Triana. E' o sapê, tão conhecido dos brasileiros, cujas raízes, de sabor adocicado, são empre-

ESTAMPA 4

Posto Sta. Izabel., na Ilha do Bananal. Campo raso. Gramíneas e Cyperaceas. No meio, uma ilha arenosa onde os Carajás moram durante a época da sêca. No fundo, aparece a margem esquerda do Araguaia (Mato - Grosso), com sua vegetação medíocre. — Foto da Equipe.

ESTAMPA 9

*Cyperus* sp.

*Cyperus* sp.

ESTAMPA 11

*Scirpus* sp.

gadas, sob a forma de decocto, como diurético poderoso. Sapê, n. Carajá: Tiú-odé.

Imperata sp. Graminea relativamente frequente nas tiguéras e cerrados marginais ao Araguaia. Não é aproveitada. Nome vulgar: Sapê; n. Carajá: Tiú-odé-ni.

§ PANICEAE

Gênero: *Panicum Linn.*

J. C. Doell, Mart. Fl. Br. II, III, 137

P. leucophæum H. B. K. Graminea frequente em todo o vale do Médio e Baixo Araguáia. (Ilha do Bananal).

Família: **CYPERACEAE**

Sub-Família: **Scirpideae**

* Cyperinae

Gênero: *CYPERUS L.*

A. G. Nees Ab. Esenbeck. Mart. Fl. Br. II.I

1. Cyperus sp. E' uma tiririca frequente às margens do Araguáia e afluentes. As fôlhas, como é comum a muitas outras plantas da família, possuem, nas margens, concreções silicosas que as tornam vulnerantes.

(O. Machado 237) Cyperus sp. N. Carajá: Rrelanredó — Estampa 9.

(O. Machado 283) Cyperus sp. Lanredó ou Rrelanredó (b) Estampa 10.

(O. Machado 243) Cyperus sp. Cja. Relon-onré-ní (a).

(O. Machado 43) Cyperus sp. Relon-oré-ni (c).

* Scirpinae

Gênero: *SCIRPUS LINN.*

Nees ab Esenbeck. Mart. Fl. Br. III.

(O. Machado 421). Scirpus sp. Plantinha frequente às margens do Araguáia, compreendendo a Ilha do Bananal. Os Carajás dão-lhe o nome Rre-lon-onré-dó. Estampa 11.

(O. Machado 249) Cyperus sp. colhida nos barrancos do Tapirapés.

Sub-Família : **Rhynchosporoideae**

§ RHYNCHOSPOREAE

* Sclerieae

Gênero: *SCLERIA BERG.*

A.G. Nees ab. Esenbeck, Mart. Fl. Br. II, I.

Scleria sp. Os Carajás chamam essa *Cyperaceae ri-ú* (trepadeira). Há mais de uma espécie nas margens do Baixo-Araguáia. Uma delas, sobretudo, ascende às mais altas árvores da região. Suas fôlhas apresentam concreções silicosas nas margens, o que torna penoso o manejo do material botânico.

Os civilizados denominam tal planta *Tiririca-navalha.*

5.ª Série: *PRINCEPES*

Família : **PALMAE**

Sub-Família : **Lepidocaryoideae**

§ MAURITIEAE

Gênero: *MAURITIA MART.*

Fl. Br. Mart. II, I.

M. vinifera Mart. Grande e majestosa palmeira, que na desolação dos cerrados indica a presença de água. Frutos comestíveis. Os Carajás fazem, com o peciolo das folhas, os aparelhos de contensão de fraturas e, com os limbos foliares, a roupa para a dança do Aruanan. É a ié-tê-kê-tú-kú.

Nome vulgar: Burití; n. carajá: étê-rron.

Gênero: *ATTALEA H. B. K.*

§ COCACEAE

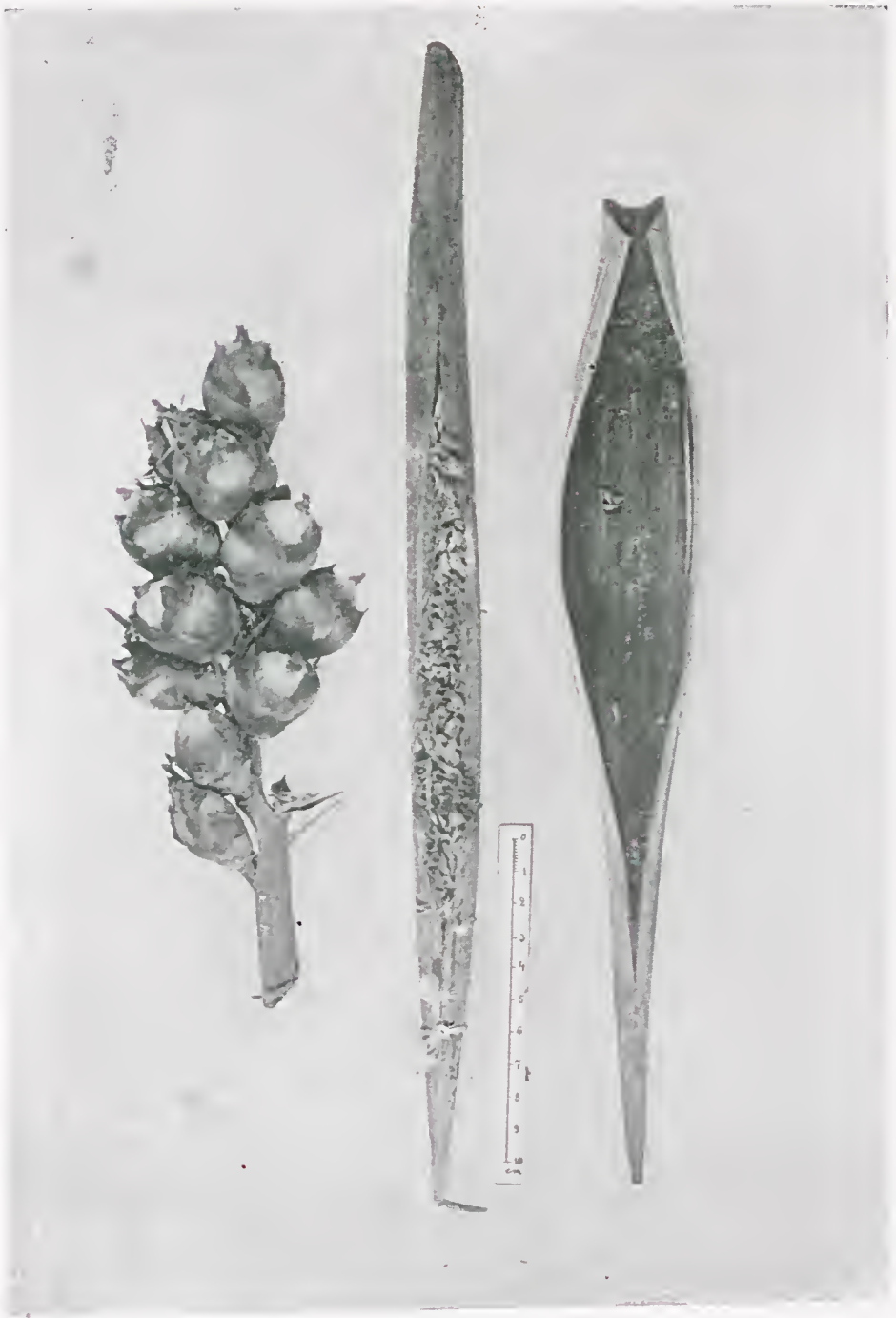
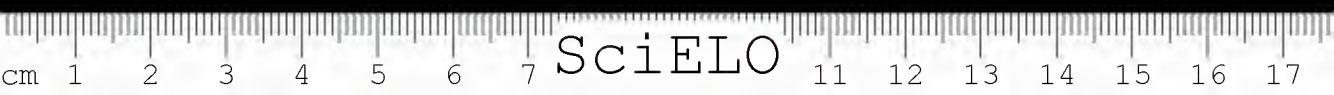
* Atteleinae

O. Drude, Mart. Fl. Br. III, II, 433

(O. Machado 324) Attalea sp. Piassava do cerrado ou Arraté (na língua Carajá) é palmeira muito útil aos moradores das regiões onde vegeta. Suas palmas são empregadas, por Carajás e civilizados, para cobertura das casas. Estampa 12.

ESTAMPA 5

O médio-Tapirapés. A estiagem tornou o rio quase inavegável. A floresta, ainda mediocre, é, todavia, densa. Dali para diante ela exubera-se. São, já, as matas do Xingu. Foto da Equipe.

ESTAMPA 12

*Attalea* sp.

Gênero: *OENOCARPUS MART.*

O. bacaba Mart. Fl. Br. Mart.

Útil palmeira bastante frequente no vale do Araguáia. N. vulgar: Bacába; n. carajá: Urô.

Gênero: *ORBYGNYA MART.*

O. Martiana B. Rodr. J. Barbosa Rodrigues

É o precioso coco babaçú, uma das riquezas de vários Estados do norte, centro e oeste do Brasil. N. Carajá: Rrô-rê-ní.

Gênero: *DESMONCUS MART.*

Desmoncus sp. O material, devido à deterioração, não permitiu fosse determinado além do gênero.

Comum às margens inundáveis do Baixo Araguáia. N. vulgares: chibata e jacitára; n. carajá: Aló-ré.

* BACTRIDINAE

Gênero: *BACTRIS KARST*

Bactris sp. Palmacea comum aos bosques húmidos das margens do Araguáia e afluentes. Com seus frutos e por meio de distilação sêca obtêm óleo fino que os indígenas acreditam possuir a propriedade de enegrecer os cabelos. Com os acúleos êles fazem os pentes (Apud. O. X. *B. Machado,* Os Carajás, p. 27, 1.ª ed.) As pinas foliares produzem excelente fibra A espécie é algo diferente da existente nas restingas litorâneas. Nome vulgar: Coco-tucum; n. carajá: Rré-rú.

Gênero: *SYAGRUS MARTIUS*

O. Drude, Mart. Fl. Br. III, II. 401

(O. Machado 323). Syagrus botryophora Mart. Palmeira inerme, de frutos doces e comestíveis, comum na orla dos bosques junto ao cerrado.

Abundante principalmente na Barra do Tapirapés. Os Carajás muito apreciam seus frutos. Chamam-na Rronrá-dtó ou Uá-xirrá-té, e, os civilizados, Patí. Com seu lenho os carajás fabricam os arcos.

9.ª Série: *LILIFLORAE*

**2.ª Sub-Série : Liliineae**

Família : **LILIACEAE**

Sub-Família : **Smilacoideae**

Gênero: *SMILAX TOURNEF*

A. H. R. Grisebach, Mart. Fl. Br. III, II

(O. Machado 275; 390, 410). Smilax sp. E' uma das plantas vulgarmente denominadas Salsaparrilha e que os Carajás denominam *Rí-ú,* trepadeira. E' muito frequente nos bosques periòdicamente inundáveis da Barra do Tapirapés.

Família : **AMARYLLIDACEAE**

§ AMARYLLIDEAE

8.ª Sub-Série: *Liliineae*

* Amaryllidinae

Gênero: *HIPEASTRUM HERB.*

Hipeastrum spp. Plantas comuns às regiões dos cerrados marginais do Araguáia. N. Carajá: *Adoró-ó-rrekan* lit. mama de raposa) e *Tainá-ó* (lit. planta estrêla).

Família : **DIOSCOREACEAE**

§ DIOSCOREEAE

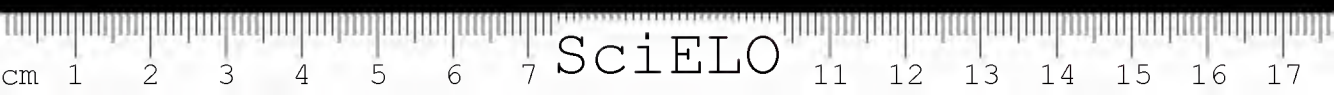
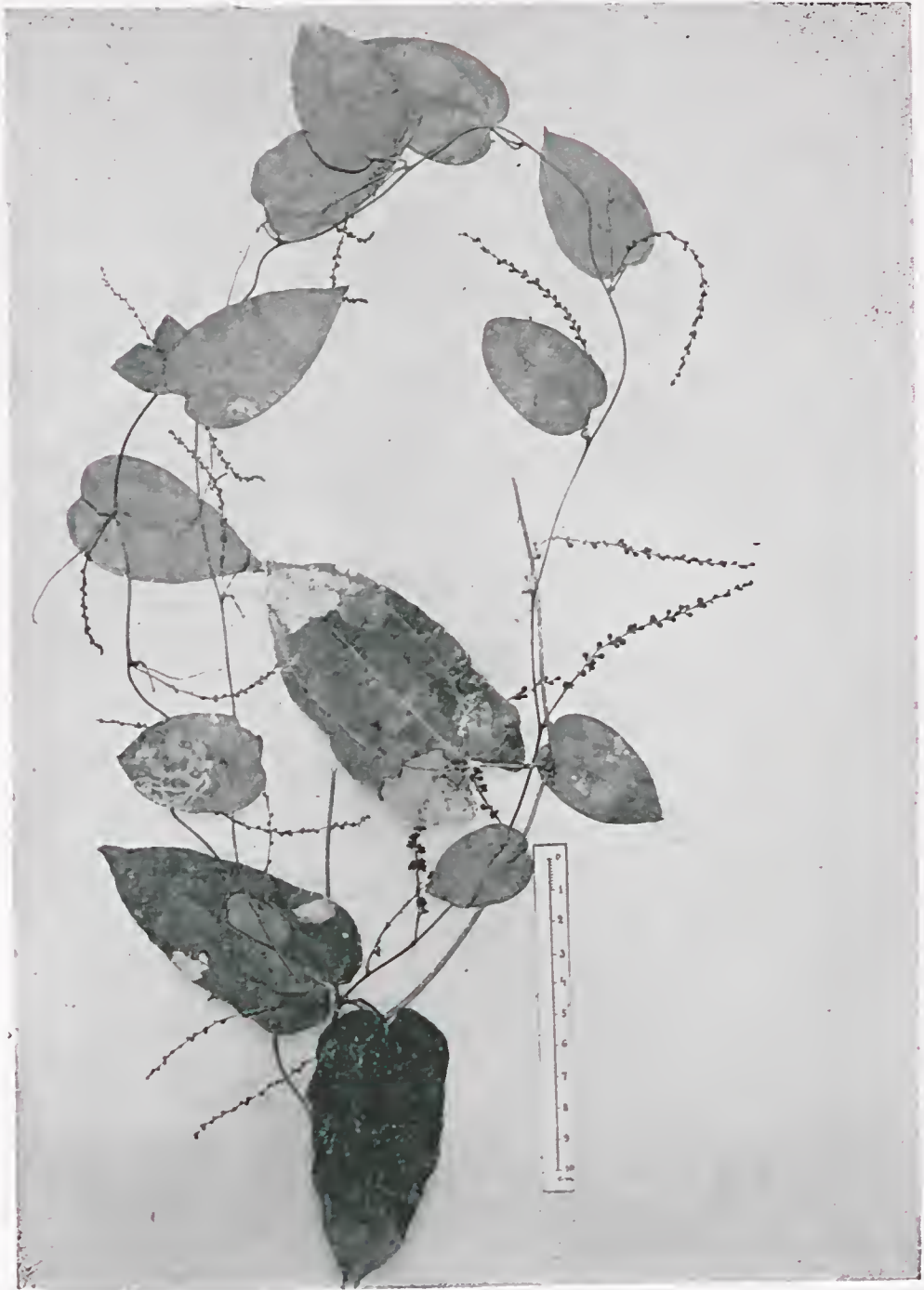
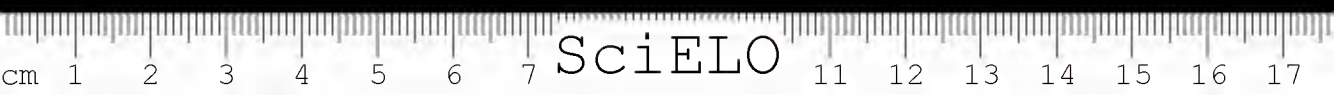
Gênero: *DIOSCOREA PLUM*

Dioscorea sp. Planta escandente, pelos Carajás aproveitada como medicamento e alimento, participando do Calogí ou *ierú* (*Apud* O. X. B. Machado, Os Carajás, 1.ª ed. p. 18). Flores roxas, vinosas. N. vulgar: Cará; n. Carajá: *ri-ú* (trepadeira, cipó). Estampa 13.

ESTAMPA 6

Aruanã. Grande exemplar de tamboril (*Enterolobium timbouva* Mart.) No penúltimo plano, a esquerda do observador, o *rabunoouété-tétire*, dos Carajás, o Cajueiro de fruto-ácido (*Anacardium Rondonianum* O. Mach., n. sp.), ainda no periodo de crescimento
Foto de Equipe

ESTAMPA 13

*Dioscorea* sp.

11.ª Série: *MICROSPERMAE*

2.ª Sub-Série: *Gynandreae*

Família : **ORCHIDACEAE**

§ ONCIDIEAE

7.ª Série: *SPATHIFLORAE*

Família : **ARACEAE**

Sub-Família : **Pistioideae**

Gênero: *PISTIA L.*

P. stratiotes L. Fr. Br. Mart.

Planta aquática, flutuante, comum às águas remansadas. Os carajás denominam-na Coti-ni (lit.: parecido com fumo). N. vulgar: Alface dágua.

Material inutilizado.

8.ª Série: *FARINOSAE*

3.ª Sub-Série: *Bromeliineae*

Família : **BROMELIACEA**

§ BROMELIEAE

Gênero: *KARATAS PLUM.*

K. Plumieri E. Morrem (*Bromelia karatas* L.) É o ananás-de raposa ou *adoró-caná* na língua carajá. Produz frutos pequenos, perfumados, comestíveis, e muito apreciados pelos Carajás.

5.ª Sub-Série: *Pontederiineae*

Família : **PONTEDERIACEAE**

Gênero: *EICHHORNIA KUNTH.*

E. crassipes Mart., M. Seubert Fl. Br. Mart., III, I, 85-96.

Planta aquática, frequentemente flutuante, comum às águas de rios e "lagos" do Araguáia. N. vulgar: Marrequinha; n. carajá: Á-ciué e Uá-çan-tirié.

Gênero: *ONCIDIUM LINN.*

A. Cogniaux. Mart. Fl. Br. III. V.

Oncidium sp. epifitica das árvores dos bosques marginais do Araguáia e Tapirapés. Os Carajás denominam-na Ó-rerá-at-xi (Lit: dorso de filhote de jacaré).

## 2.ª Classe: DICOTYLEDONEAE

### 1.ª Sub-Classe: ARCHICHLAMYDEAE

### 2.ª Série: *PIPERALES*

Família: **PIPERACEAE**

Gênero: *PIPER LINNEU*

Piper sp. arbusto frequente no sub-bosque das matas marginais ao rio Tapirapés. O material chegou em tais condições que se não pode tentar a determinação da espécie.

Piper sp. Outra espécie indeterminável pela deterioração do material. Por possuir propriedades cáusticas, é aproveitada pelos Carajás como condimento, conforme diz o nome indígena dessa planta: á-xiú-era-ní, i. é, parecido com a pimenta malagueta.

### 12.ª Série: *URTICALES*

Família: **MORACEAE**

§ BROSIMEAE

Gênero: *BROSIMUM SCHWARTZ*

F.A.G. Miquel, Mart. Fl. Br. IV, I, 81

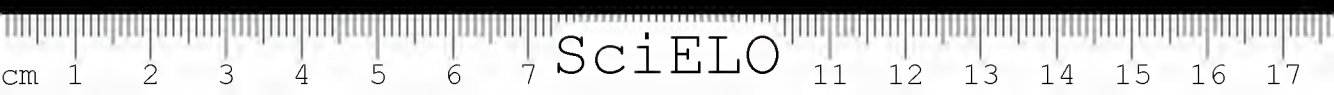
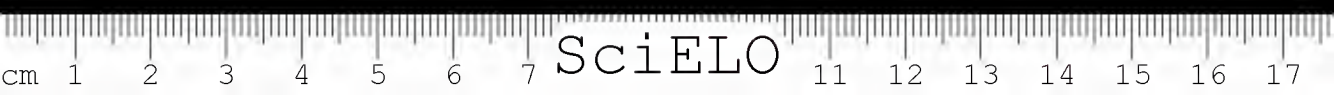
(O. Machado 266) — Brosimum sp. Arvoreta de 4 mts., comum, nas margens do Tapirapés. Os Carajás denominam-na Bdó-lerá-o, Lit. árvore do Pirarucú. Florida em outubro de 1945.

Sub-Família: **Conocephaloideae**

Gênero: *CECROPIA L.*

Cecropia sp. Árvore frequente às margens inundáveis do Araguáia e afluentes. Os Carajás denominam-na An-cô, e aproveitam suas fibras para confecionar as redes com que pescam o pirarucu. N. vulgares: Embaúba ou imbaíba.

ESTAMPA 7

O Buriti (*Mauritia* sp.) sobrepõe-se à mata de pequena altura. Várzea entre a Serra do Alambari e o Araguaia. — Foto da Equipe.

*Sahaguinea* sp.

Gênero: *SAHAGUINIA LIEBM.*

F.A.G. Miquel, Mart. Fl. Br. IV, I, 213

(O. Machado 296) — Sahaguinea sp. (O. Gênero Sahaguinea tem prioridade sôbre o dito *Sorocea* (St. Hil). Arvoreta que os Carajás dizem ser, também, árvore de Pirarucu (Bdó-lo-ké-raúra). Nada soubemos de seu aproveitamento. Floresce em agôsto. Estampa 14.

14.ª Série: *SANTALES*

1.ª Sub-Série: *Santalineae*

Família : **OLACACEAE**

Sub-Família : **Olacoideae**

Gênero: *LIRIOSMA POEPP. & ENDLICHER*

(O. Machado 309; 311; 332) — Liriosma sp. Arbusto. Floresce em setembro e outubro. Bosques marginais da Barra do Tapirapés.

Família : **OPILIACEAE**

Gênero: *AGONANDRA MIERS.*

A. Engler. Mart. Fl. Br. XII, II, 38, Est. 8

(O. Machado 431-427-353-337) — Agonandra Brasiliensis Miers. Arbusto frequente na Barra do Tapirapés e nos bosques inundáveis das margens dêsse rio e do Araguáia. Também encontramo-lo nas matas inundadas periòdicamente da Ilha do Bananal, principalmente do meio para a extremidade norte dessa ilha. Não estava assinalada na Flóra de Martius para o Estado de Goiás. Nas outras regiões do Brasil onde tal planta vive, é denominada *Pau d'alho do campo*. Estampa 15.

2.ª Sub-Série: *Loranthineae*

Família : **LORANTHACEAE**

Sub-Familia : **Loranthoideae**

§ LORANTHEAEA

Gênero: *Psittacanthus Martius*

A. G. Eichler, Mart. Fl. Br. V. II.

(O. Machado 226; 426). Psittacanthus sp. Parasitando árvores do cerrado. Os Carajás denominam-na Aram-bié, e empregam-na com fins medicinais.

16.ª Série: *POLYGONALES*

Família : **POLYGONACEAE**

Sub-Família : **Polygonoideae**

§ POLYGONINAE

Gênero: *Polygonum Linneu.*

C.F. Meissner, Mart. Fl. Br. V, I.II.

Polygonum sp. planta decumbente, às vêzes erecta, atingindo mais de dois metros de altura, apoiada aos barrancos marginais. Todo o Baixo-Araguáia, desde o Rio das Mortes à Barra do Tapirapés. Estampa 16. N. Carajá: á-xiú-era-nim.

Sub-Família: **Coccoloboideae**

§ COCCOLOBEAE

Gênero: *COCCOLOBA JACQ.*

C.F. Meissner, Mart. Fl. Br. V. I. 23

(362) Coccoloba sp. Trata-se de árvore reta, com mais de 8 metros, com alguns galhos na extremidade terminal, vivendo nas matas junto ao cerrado, na Barra do Tapirapés. Seu *habitus* é diferente das demais *Coccolobas* descritas na bibliografia consultada. O material, no entanto, devido aos maus tratos sofridos, não permite sua descrição. Os Carajás dão-lhe o nome Colubunenê-ni (Lit.: parecido com o Triplaris).

§ TRIPLARIDEAE

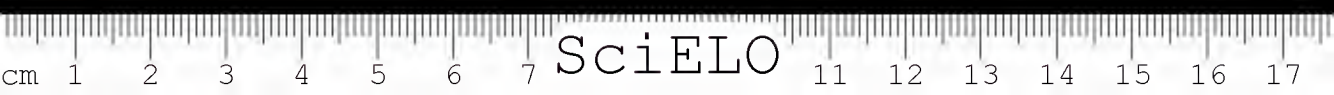
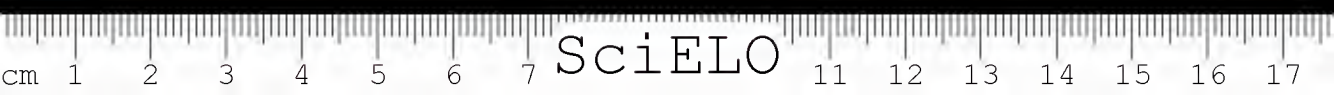
Gênero: *TRIPLARIS LÖFL.*

C.F. Meissner, Mart. Fl. Br. V. I. 47

(O. Machado 211) — Triplaris sp. É o Tachizeiro e *páu* de *novato* de algumas regiões do Brasil. (Sòmente os desconhecedores de que essa planta abriga no seu interior terríveis formigas, dela se aproximam e colhem suas vistosas inflorescências). Os Carajás denominam-na *Colubunenê,* que significa árvore da formiga. Árvore às vêzes com mais de dez metros de altura, vive nas matas periòdicamente inun-

ESTAMPA 15

*Agonandra Brasiliensis* Miers.

ESTAMPA 16

*Polygonum. sp.*

dadas das margens do Araguáia. O material que coligimos, posto que abundante e completo, chegou grandemente deteriorado não permitindo determinação da espécie.

17.ª Série: *CENTROSPERMAE*

1.ª Sub-Série: *Chenopodiineae*

Família: **AMARANTACEAE**

§ AMARANTEAE

* Amarantinae

Gênero: *AMARANTUS (LINN) KTZ.*

Amarantus sp. Plantinha frequente às margens do Araguáia e seus afluentes. N. Carajá: Aniê-otê. Floresce em setembro e outubro.

§ GOMPHRENEAE

Gênero: *GOMPHRENA LINNEU*

M. Seubert. Fl. Mart. Fl. Br. V. I. Est. 61

Gomphrena holosericea Moq. Planta das ribanceiras marginais do Baixo-Araguáia, quase no limite das águas. Floresce em setembro e outubro. Fls. alvas.

2.ª Sub-Série: *Phytolaccineae*

Família: **NYCTAGINACEAE**

§ MIRABILEAE

Gênero: *BOERHAVIA*

B. hirsuta Wild. Fl. Br. Mart.

Planta prostrada, frequente nas terras banhadas pelo Araguáia e comum a muitas outras partes do Brasil. É empregada como medicamento, sendo conhecida por erva tostão e tangaraca. Os carajás denominam-na Dioró-ça-tuú-derê. (Lit.: vulva de cadela).

18.ª Série: *RANALES*

3.ª Sub-Série: *Ranunculineae*

Família : **MENISPERMACEAE**

§ COCCULEAE

Gênero: *CISSAMPELOS LIN.*

Gênero: *XYLOPIA LINN.*

Benth., Lond, Journ. Bot. II, 361; A. G. Eichler, Mart.

Fl. Br. XIII, I. 194, Est. 66.

(O. Machado 370) — Cissampelos fasciculata Benth. planta de caule volúvel, frequente no sub-bosques das matas densas e periòdicamente inundadas, tanto da ilha do Bananal e Baixo-Araguáia, como nas florestas marginais do Tapirapés. Não obtivemos informes sôbre seu aproveitamento.

Gênero ?

(O. Machado 422) — Planta colhida à margem direita do Araguáia, na Fazenda da Piedade. Florescida em setembro de 1945. O material chegou em tal estado que não permitiu determinar-se além da família. Estampa 17.

4.ª Sub-Série: *Magnoliineae*

Família: ANONACEAE

§ XYLOPIEAE

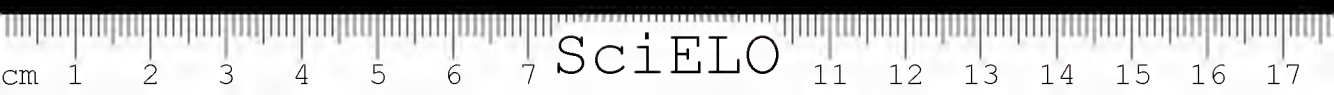
Gênero: *Xylopia Linn.*

C.F.P. von Mart. Fl. Br. XIII. I. (O. Machado 352; 312; 327; 328)

Xylopia grandiflora St. Hil. — Arbusto de 3-5 metros, comum à periferia dos bosques existentes nos cerrados da ilha do Bananal e nas margens do Tapirapés. Frutos digitados, vermelhos, aproveitados pelos Carajás como condimento picante, sob o nome de *Non-non-ouoro rú-nanaté*. Os civilizados denominam Pimenta do Sertão. Estampa 18.

ESTAMPA 17

*Menispermaceae. Genero?*

ESTAMPA 18

*Xylopia grandiflora* St. Hil.

Gênero: *DUGUETIA ST. HIL.*

C.F.P. von Mart. Fl. Br. XIII. I. 21.

(O. Machado 264; 294; 374; 284) — Duguetia sp. Arbusto coletado no Baixo-Araguáia, tanto no território matogrossense, quanto no goiano, inclusive na Ilha do Bananal. A Flora Brasiliensis não assinala seu habitat até Goiás; e o material que coligimos não se enquadra entre as espécies descritas na Flora de Martius. (N. Carajás: Ran-té-até; Ué-lo-tó ou ó-ló-tó.

21.ª Série: *ROSALES*

3.ª Sub-Série: *Rosineae*

Família: **ROSACEAE**

Sub-Família: **Chrysobalanoideae**

* Hirtellineae

Gênero: *HIRTELLA LINN.*

J.D. Hooker, Fl. Br. Mart. XIV. II. 27

(O. Machado 407) — Hirtella sp. Arbusto das matas inundáveis, marginais, ao lago da Merindiba, no Médio-Tapirapés.

Gênero: *MOQUILEA ANBL.*

Moquilea sp. Espécie afim da *Moquilea-tonontosa,* o oití do litoral. Produz frutos comestíveis. Perdido o material. N. Carajá: *Sá-sô-mon.*

Gênero?

Dentre o material que coletámos no cerrado, à margem do Tapirapés, figura outra rosácea. O mau estado do material não permitiu determinássemos além da família.

Família: **CONNARACEAE**

§ CONNAREAE

Gênero: *CONNARUS LINNEU*

J.G. Baker, Fl. Br. Mart. XIV. II. 191 E.T. 45 fig. 2

(O. Machado 479; 227; 290; 345) — Connarus suberosus Planchon. Arbusto ou árvore pequena, próprio ao cerrado marginal do

baixo-Araguáia (Ilha do Bananal) e da Barra do Tapirapés. Com os nomes vulgares Araribá do Campo, Cabelo Negro e Pau Ferro, tem, na Flora de Martius, assinalado seu habitat no setentrião brasileiro. Os Carajás denominam-no Anorenan-ní. Tivemos oportunidade, na Barra do Itapirapés, de observar interessante caso de cardiopatía tratado pelo decocto de cascas dessa planta, tendo o paciente melhorado, sensìvelmente, seu rítmo cardíaco, em menos de uma hora após à ingestão da droga. Colhemos farto material botânico e farmacológico, mas recebemos, infelizmente, apenas reduzida parte de um e outro. Todavia, no momento, tentamos pesquisar o material, a fim de verificar se os resultados que observamos, devem, de fato, ser atribuídos a esta planta. Estampas 19 e 20.

Família : **LEGUMINOSAE**

Sub-Família : **Mimosoideae**

§ ACACIEAE

Gênero: *ACACIA WILLD.*

Acacia sp. Arbustinho frequente às margens do Araguáia e seus afluentes. N. Carajá: Acetirú-bró.

§ AMHERISTIEAE

Gênero: *HYMENAEA LIN.*

H. courbaril L. Bth. Fl. Br. Mart. XV, II.

É o jatobá, árvore frequente no vale do Araguáia e presente, também, em outras regiões do Brasil. Com seu lenho e, sobretudo, com sua casca espessa, todos os indígenas da região fazem canôas em tempo expedito, o que não impedem sejam excelentes embarcações. A resina é medicinal, bequica. Os frutos são comestíveis e muito apreciados pelos indígenas ribeirinhos do Araguáia.

Material coligido perdido. Parecem existir pelo menos variedades da espécie. N. Carajá: *ó-ú-á*.

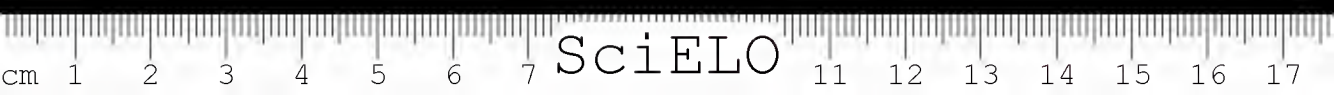
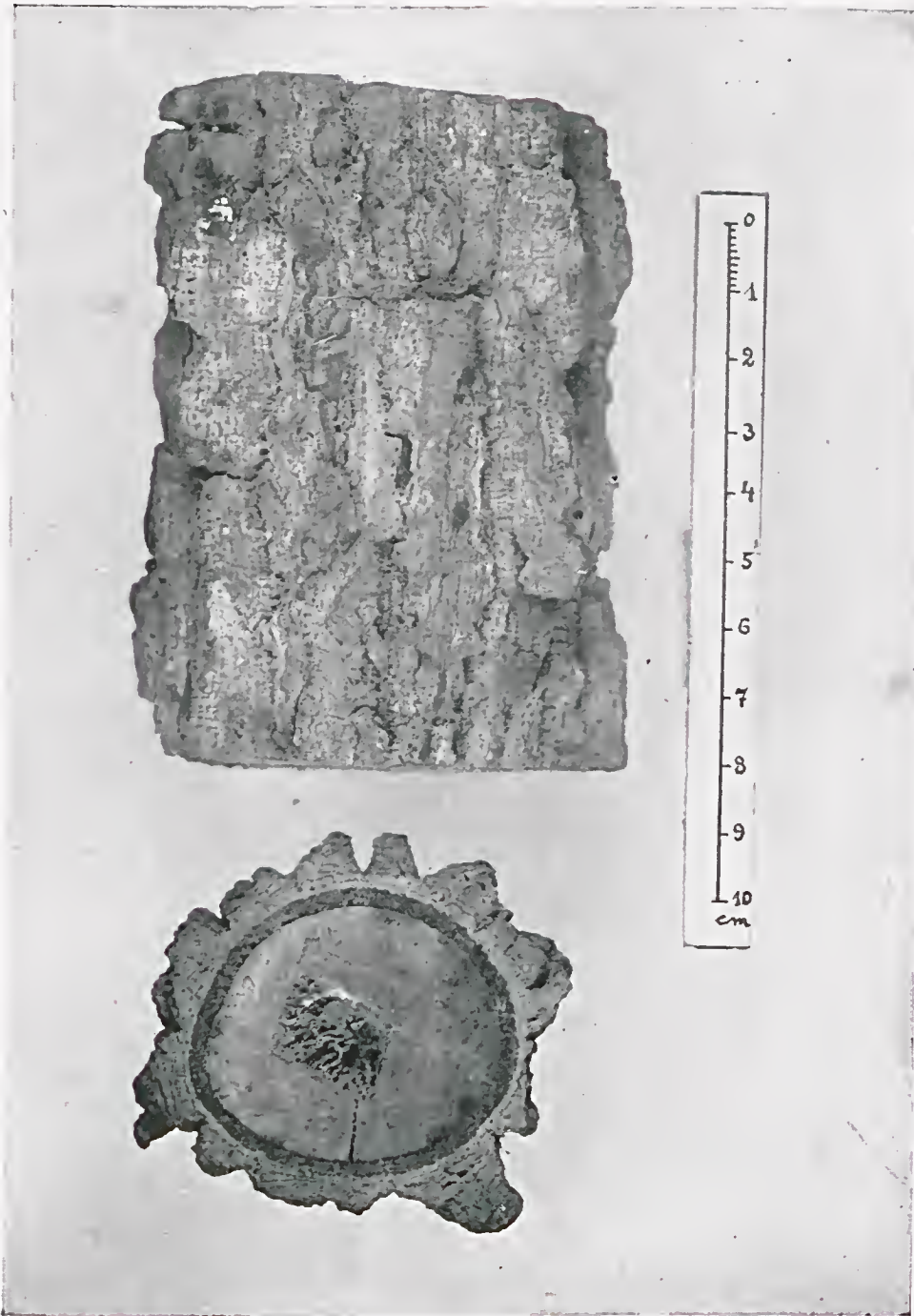
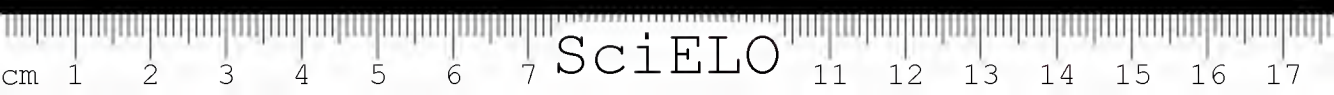
Sub-Família : **Caesalpinoideae**

§ BAUHINIEAE

Gênero: *BAUHINEA LINN.*

G. Bentham Mart. Fl. Br. XV, II, 179.

(O. Machado 449: 433) — Bauhinea spp. Várias são as espécies que encontrámos na viagem ao Araguáia. Tais plantas são comuns aos

*Connarus suberosus* Planchon.

*Connarus suberosus* Planchon. (Caule)
(Segmento do tronco, mostrando o lenho e o córtice tipico de planta xerófila).

cerrados marginais dêsse rio e seus afluentes. Colhemos material pertencente, evidentemente, a várias espécies, porém, sòmente os de números acima, chegaram às nossas mãos. Floresce em setembro-outubro (1945). Ilha do Bananal, Barra do Tapirapés e bosques dos cerrados marginais do Araguáia.

§ CASSIEAE

Gênero: *CASSIA. LINN.*

G. Bentham, Mart. Fl. Br. XV. II. 82

(O. Machado 451) — Cassia sp. afim da C. bicapsularis Linn. Fls. amarelas: frutos. Margens inundáveis do Araguáia e afluentes.

(O. Machado 232-233) — Cassia sp. Arbusto das margens do Araguáia, com numerosas flores amarelas. Os Carajás dão-lhes os nomes de Acé-tirubó e lá-té-úó. (Árvore do local em que se pesca? do pesqueiro?)

Gênero: *DIPTYCHANDRA TUL.*

G. Bentham, Mart. Fl. Bra. XV. II. 52

(O. Machado 371) — Diptychandra glabra Benth. E' o *Carvão vermelho,* denominação dada em alguns lugares do Brasil a tal planta Comum nos bosques húmidos da Barra do Tapirapés. Floresce em meados de outubro.

Sub-Família: **Papilionatae**

§ SOPHOREAE

Gênero: *SWEETIA D.C.*

G. Bentham. Mart. Fl. Br. XVI

(O. Machado 280) — Sweetia dasycarpa Benth. Árvore até 6 metros de altura, frequente nos bosques marginais do Araguáia e Barra do Tapirapés. A casca do tronco e os frutos, sob forma de decocto, são empregados pelos Carajás com finalidade abortiva. Êsses indígenas denominam tal árvore: Moná-rené-ré.

§ DALBERGIEAE

Gênero: *MACHAERIUM PERS.*

G. Bentham, Mart. Fl. Br. XV. I. 236

(O. Machado 261) — Macherium sp. Arvoreta comum às margens do Baixo-Araguáia, do rio das Mortes para baixo. E' o Nauik-dexiô (unha, garra de gavião, na língua Carajá). Seus frutos justificam plenamente o nome que lhe dão esses amáveis indígenas do grande rio do Brasil Central. Frutifica em setembro.

Gênero: *PLATYPODIUM. VOGL.*

G. Bentham, Mart. Fl. Br. XV. I. 262

(O. Machado 233) — Platypodium elegans Vogl. Árvore comum aos bosques marginais (outubro de 1945) do Araguáia e afluentes. Seus frutos e cascas do tronco são aproveitados como abortivo pelos Carajás em suas práticas maltuziânicas. Não tivemos oportunidade de averiguar o poder contracepcionista dessa planta; todavia convém esclarecer que as árvores do Lá-te-úó-ni, que é o nome Carajá dêsse *Platypodium* existente próximo às aldeias desses íncolas, estão frequentemente desprovidas de casca. Jacarandá-branco, é um dos nomes vulgares dessa árvore. Estampa 21.

Gênero: *ENTEROLOBIUM MART.*

E. timbouva Mart. G. Bentham Fl. Br. Mart. XV, I.

É uma das maiores árvores do vale do Araguáia e afluentes. Os Carajás denominam-na Tai-ná-ó (lit.: árvore-estrêla). É o das outras regiões do Brasil.

Gênero: *PTEROCARPUS LINNEU*

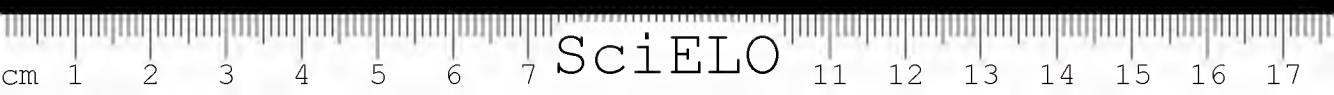
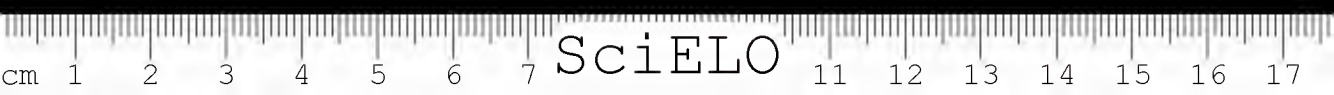
G. Bentham, Mart. Fl. Br. XV. I. 267

(O. Machado 295) Pterocarpus Rohrii Vogl. Estampa 22.

Árvore até 8 metros, vegetando nas regiões marginais e periòdicamente inundáveis do Araguáia e seus afluentes. Fls. amarelas (9-10-45) N. Carajá: Benóra-úóró — árvore do Tucunaré. Estampa 22.

ESTAMPA 21

*Platypodium elegans* Vogl.

ESTAMPA 22

*Pterocarpus Rohrii* Vogl.

Gênero: *ANDIRA LAMARCK*

G. Bentham Mart. Fl. Br. XV. I. 291

(O. Machado 452) — Andira sp. Árvore de 7-10 metros. Cerrados marginais do Araguáia e afluentes. N. Carajá: Natuié-tbó (fruto de gavião). Os Carajás consideram venenosos seus frutos. Não tivemos ensejo de examiná-los toxicologicamente. Frutifica em setembro-outubro.

Gênero: *COMAROUNA SCHREB.*

G. Bentham, Mart. Fl. Br. XV. I. 302

(O. Machado 213) — Comarouna alata Vogl. Árvore frequente nos cerrados, principalmente naqueles do Baixo-Araguáia e Barra do Tapirapés. N. vulgar: Coco-feijão; n. Carajá: Durrê-rrê-ó (Lit.: árvore do morcêgo). Material coletado: na fazenda da Piedade; na Barra do Tapirapés e em Pôrto-Velho.

Gênero: *ERIOSEMA. D. C.*

G. Bentham, Mart. Fl. Br. XV. I. 206

Eriosema sp. plantinha dos cerrados marginais do Araguáia. Floresce em setembro-outubro.

Gênero: *CENTROSEMA. D. C.*

G. Bentham, Mart. Fl. Br. XV. II. 124

Centrosema sp. arbustinho de 1,50 m de cerrado; fls. rubras. N. Carajá: É-budó-tbó. Floresce em outubro.

Gênero: *CAMPTOSEMA HOOK ET ARN.*

G. Bentham. Mart. Fl. Br. XV. I. 153

O. Machado 285) — Camptosema sp. Plantinha de 1,5 m comum nos cerrados da Barra do Tapirapés. E-budó-tbó, na língua Carajá. A extremidade do caule é escandente. Flores rubras, inódoras. Floresce em outubro.

§ PHASEOLEAE

Gênero: *CLITORIA L.*

C. Guiannensis Aubl.

Arbustinho frequente às margens do Araguáia e afluentes, em pleno cerrado. As raizes, aromáticas pela possível presença de coma-

rouna, passa, em Goiás, por enérgico afrodisíaco. N. vulgar: Bocetinha; Verga-tesa. N. Carajá: *Aú-rú-tú-u-etê;* literalmente: vulva de mulher.

23.ª Série: *GERANIALES*

1.ª Sub-Série: *Geraniineae*

Família: **BURSERACEAE**

§ PROTIEAE

Gênero: *PROTIUM BURM*

A. Engler, Mart. Fl. Br. XIII. II. 259; O. Machado. Os Carajás, p. 44.

(O. Machado 377, 406; 342; 418; 303) — Protium sp. A falta de material não permitiu determinássemos a espécie, que parece nova, de vez que é diferente daquelas descritas e das existentes no Herbário com as quais foi comparada. É planta arbustiva, até uns três metros, existente nos bosques do cerrado. Possue substância odorífera que é aproveitada pelos Carajás como cosmético. E' o almesca. Figura nas lendas desses interessantes íncolas. No litoral do Rio de Janeiro, sobretudo nas Restingas, há o *Protium Brasiliensis Engl.,* chamado Incenso, Elemi e Almecéga. A espécie acima referida é bastante frequente na Barra do Tapirapés. Os Carajás chamam-na Ó-di-ó. (Almesca: Corruptela de Almiscar?). Estampa 23.

2.ª Sub-Série: *Malpighiineae*

Família: **MALPIGHIACEAE**

Gênero: *BYRSONIMA RICH & JUSS.*

A. H. Grisebach, Mart. Fl. Br. XIII, I, 5.

Byrsonima verbascifolia Griseb. — Arbusto do cerrado das margens do Araguáia, e chamado Adoró-ó-ní, i. (Lit.: parecido com a árvore da raposa (Adoró-ó que é outra espécie de Murici, *Byrsonima sp.* da mesma família natural). Estampa 24. É o murici-rasteiro ou m. cascudo dos sertanejos do norte.

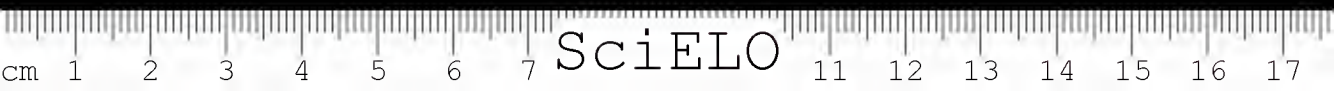
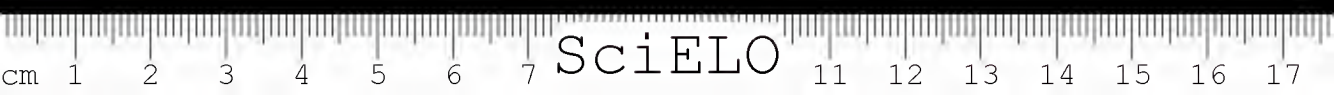
(O. Machado 257) — Byrsonima sp. Adoro-ó (Lit árvore da raposa. Frequente na barra do Tapirapés. Estampa 25.

(O. Machado 257) — Byrsonima sp. Adoro-é (Lit.: árvore da raposa, na língua Carajá). E' um dos murícis das margens do Araguáia e afluentes. Floresce e frutifica em setembro.

ESTAMPA 23

*Protium* sp.

*Byrsonima verbascifolia* Griseb.

ESTAMPA 25

*Byrsonima* sp.

(O. Machado 293) — Byrsonima sp. Arbusto frequente no cerrado. E' um dos muricís do Brasil. Os Carajás dão-lhe o nome Adoró-ó (Lit.: árvore da raposa). Não obtivemos informe sôbre sua utilidade. Mato-Verde, M. Grosso; ilha do Bananal.

(O. Machado 216) — 3 Byrsonima sp. Não aproveitada pelos íncolas.

(O. Machado 359) 4 Byrsonima sp. Bosque junto à foz do Tapirapés.

(O. Machado 367) — Byrsonima sp. E' o adoró-ó (Lit.: árvore da rapoza, na língua Carajá). Material florido e frutificado em setembro-outubro. Ilha do Bananal e Barra do Itapirapés.

Gênero: *HETEROPTERIS KTK.*

A. H. R. Grisebach, Mart Fl. Br. XIII, I, 57.

Heteroptperis sp. É o Ó-ti-xá-tbó na lingua Carajá. Arbusto com cêrca de três metros de altura, frequente no cerrado marginal do Tapirapés. Flores amarelas, em setembro de 1945. Não tem usos especiais.

(O. Machado 262) — E' uma Malpighiacea que, pelo mau estado em que chegou o material, não pôde ser devidamente estudada. Foi coletada no cerrado da Barra do Tapirapés.

(O. Machado 272) — Heteropteris sp. E' o an-xi ó, dos Carajás. Material frutificado em setembro. Barra do Tapirapés e todo o curso do rio Tapirapés.

*H. aphrodisiaca* O. Mach. n. sp. Rodriguesia, XI-XII, Dezembro, 1948-Março, 1949 (Rio de Janeiro).

Frutex — 1 — 1,5 m. altus, sub-scandens ut uidetur.

Radix (xylopodium?) incrassata, rugoso. Ramuli atroferruginei; internodiis 11-14 cm. longis. Folia elliptico-ovata vel fere ovalis, apice acuta, base rotundata leviter contracta, glandulis dualius rarior quattuor ornata, margine integra et plana, novella utrimque tomentosa, aetate supra glabrescentia, subter velutino-tomentosa, ciliata, usque ad 12 cm. longa et 1 cm. lata; petiolis crassis, supra canaliculatis, puberulis, interdum glandulosis, circiter 1 cm. longis. Flores fructusque generis. Corolla flava, inodora.

Species proxima affinitate H. tomentosae Juss. sed glandularum nemero basi in foliorum ac tomento lutescente facile dignoscitur.

Habitat in marginibus sylvarum nostra lingua "cerrado" dictatum (Matto Grosso et Goyaz), ab O. Machado n.° 434 lecta. Ab in-

colis "nó de cachorro" vel "nó de porco" nominatur; "O — nooncina-tarrakan" a gente Caraja appelatur.

Floret mensibus Julio Octobreque.

Typus in Herb. J. Bot. Rio de Janeiro n.° 60.152.

Planta medicinalis idonea imprimis aphrodisiaca et contra debilitatem nervorum. Tabula 26, 27, 28, e 29.

Família : **VOCHYSEACEAE**

Gênero: *VOCHYSEA JUSS.*

V. grandiflora Mart. E. Warming, Mart. Fl. Br. XIII, II

Árvore dos cerrados marginais do Araguáia. Produz resina, que é aplicada nas lesões do tegumento. N. vulgar: Páu-terra. N. Carajá: Rrô-lá.

(O. Machado 435) — Vochysea sp. das florestas inundáveis periòdicamente âs margens do Tapirapés e parecendo diferente das espécies descritas na Flora de Martius. Não nos souberam informar sôbre aproveitamento dêsse arbusto. N. Carajá: Dó-ri-ó.

Vochysea grandiflora Mart. Árvore do cerrado, cuja resina passa por eficaz no tratamento de ulcerações do tegumento. E' conhecida pelos nomes de Paú-Terra, Paú-doce; Rô-lá-lá, na língua Carajá.

Gênero: *QUALEA AUBLET*

(O. Machado 282). Qualea parviflora Mart. Arbusto. Floresce em setembro. Fruto não vi; planta das margens do cerrado sôbre o rio Tapirapés. Nome Carajá: Dori-ó.

(O. Machado 375, 284, 380) — Qualea sp. Planta comum aos cerrados marginais do Araguáia e afluentes, inclusive em Pôrto-Velho, médio Tapirapés. Floresce em setembro-outubro. Estampa 30.

3.ª Sub-Série: *Polygalineae*

Família : **POLYGALACEAE**

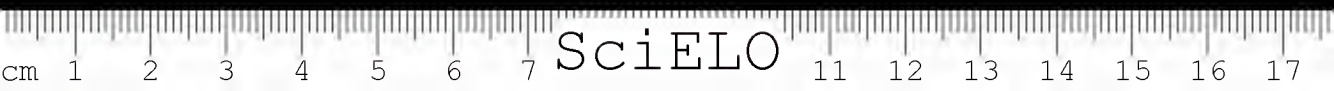
Gênero: *SECURIDACA LINNEU.*

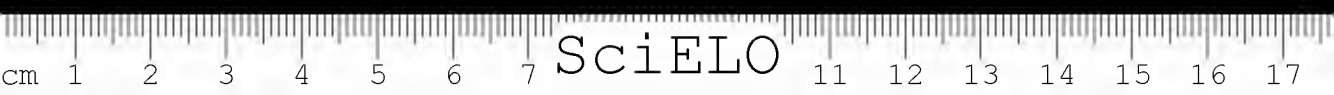
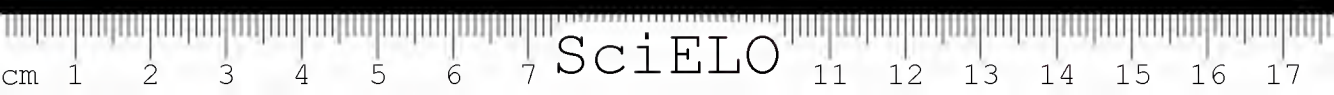
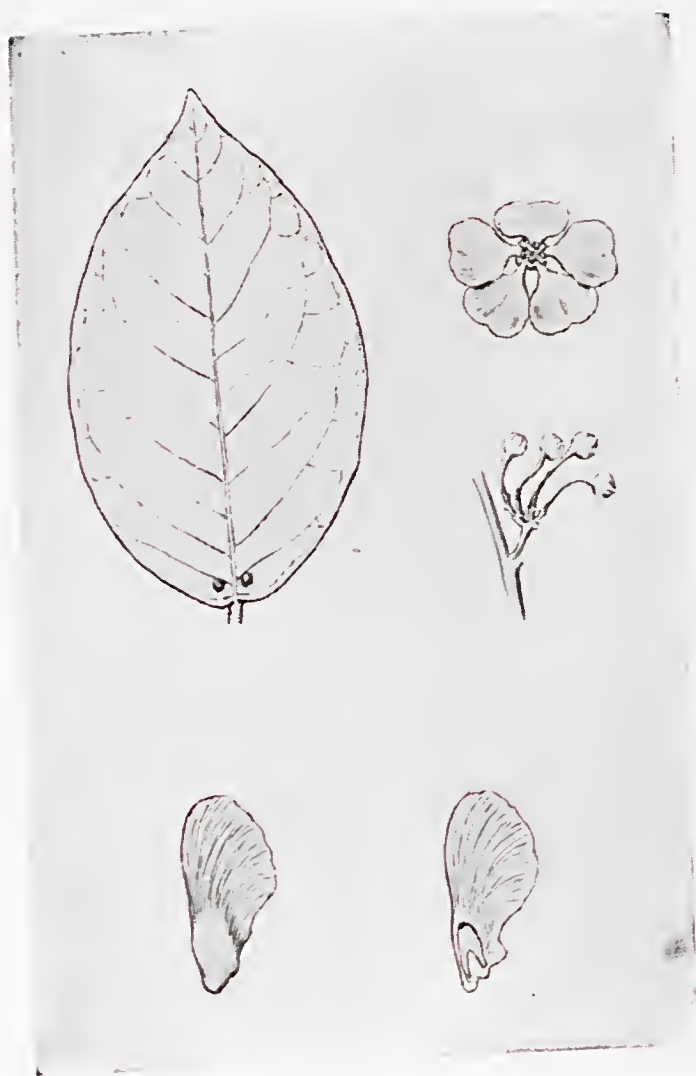
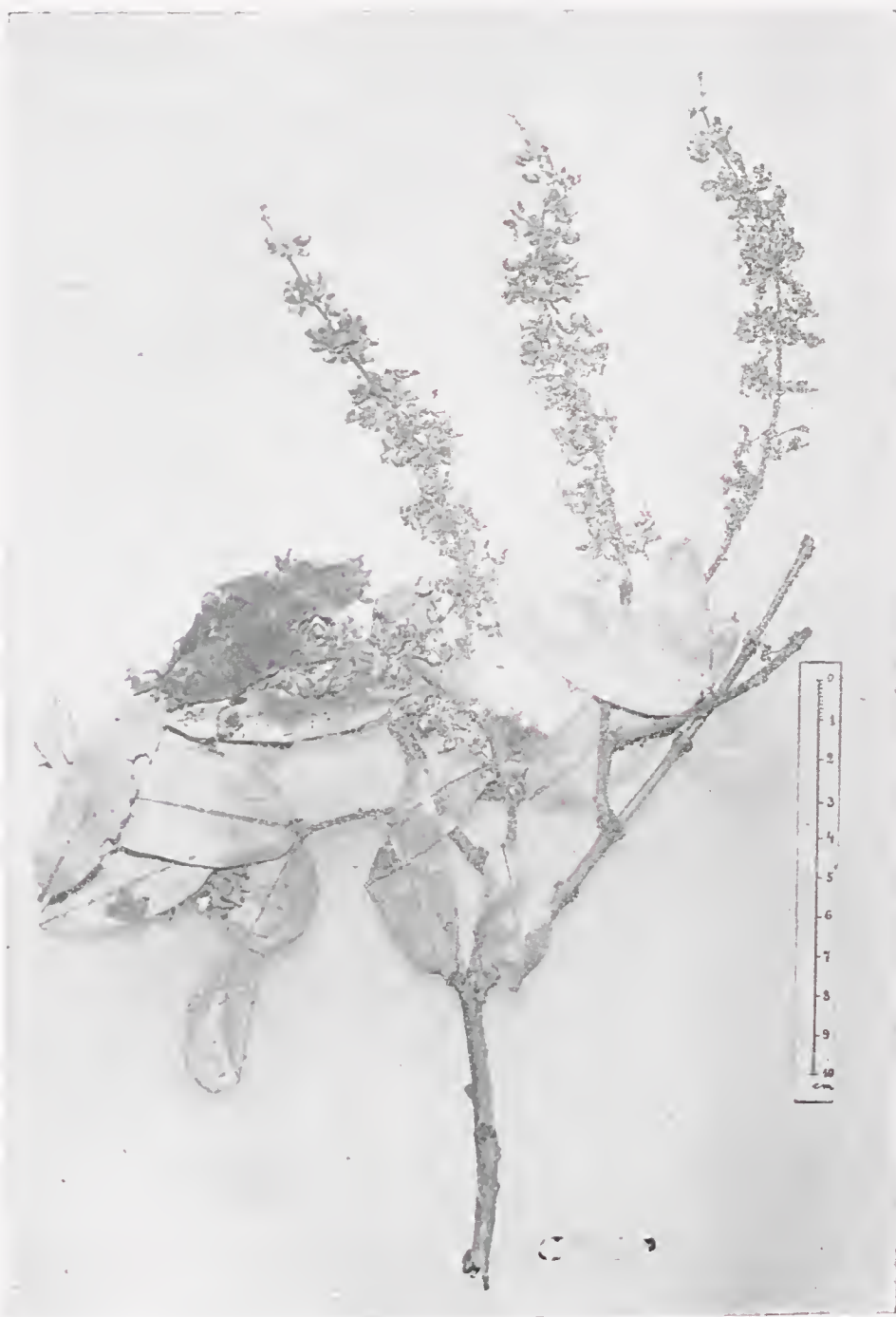
A.G. Bennett. Mart. Fl. Br. XIII. III. 60

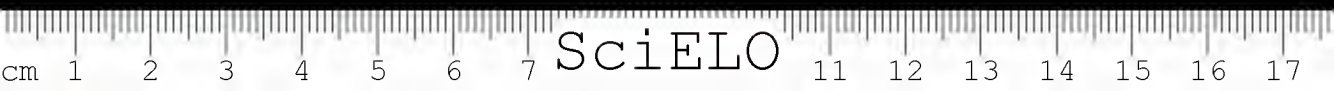
(O. Machado 334) — 1. Securidaca sp. Planta escandente, de caule achatado, flores roxas, lembrando, pela conformação, às das Leguminosas Papilionaceas, o que justifica o nome "parecido com flor de feijão (*comanta-ní*) que lhe dão os Carajás. Colhemos vários es-

ESTAMPA 26

*Anacardium Rondonianum* O. Machado. N. sp.
(Mat. *typus*) Nó-de-cachorro ou nó-de-porco, em Mato Grosso ou, também, *O — nooncina-tarrakan*, na língua Carajá.

ESTAMPA 27

*Heteropteris aphrodisiaca.* O. Mach. n. sp. *Habitus* da planta viva, cultivada no Jardim Botânico do Rio de Janeiro e transplantada do Estado de Mato Grosso.

ESTAMPA 28

*Heteropteris aphrodisiaca.* O. Mach. n. sp. (Raizes Xilopodium?)

*Heteropteris aphrodisiaca.* O. Mach. n. sp. *Analysis*: folha (página inferior), flôr, botões, frutos (um deles, aberto, mostrando o embrião.

ESTAMPA 30

*Qualea parviflora*

pecimes de exemplares vivendo na orla dos bosques sôbre o cerrado, na Barra do Tapirapés. Não obtivemos informes sôbre seu aproveitamento. Estampa 31.

(O. Machado 219) — 2. Securidaca sp. Arbusto dos cerrados marginais às florestas periòdicamente inundáveis, marginais ao Araguáia e afluentes. N. Carajá: Tiú-bê-rrê. Estampa 32.

(O. Machado 346; 336; 368) — 3. Securidaca sp. Arbusto dos bosques junto ao cerrado da Barra do Tapirapés. Florescido em outubro 1945.

Família : **MOUTABEACEAE O. MACH.**

O material original coligido na Barra do Tapirapés, margem esquerda do rio Araguáia (Mato-Grosso), pertencente à espécie *Moutabea guyannensis Aubl.*, permitiu-nos concluir que se trata, sem dúvida de uma nova família, anteriormente considerada provisòriamente *Polygalaceae* e, às vezes, *Ebenaccae*. Os estudos concernentes â mesma se acham em andamento e serão em breve publicados.

Gênero: *MOUTABEA AUBL.*

M. B. Fusée Aublet, Fl. Guy Fr. II, 679, 274

(O. Machado 299) — Moutabea Guyannensis Aubl. Arbusto comum nas matas marginais do Tapirapés. A posição sistemática dessa planta é, segundo a Flora Brasiliensis, ainda incerta. Pertencerá, indubitàvelmente, à família Polygalacea?

Nome Carajá: O-tué e Cotu-é. Ilha do Bananal e Barra do Tapirapés. Frutificado e florescido em setembro e outubro de 1945. Estampa 33.

5.ª Sub-Série: *Tricoccae*

Família : **EUPHORBIACEAE**

Sub-Família : **Phíllanthoideae**

§ PHYLLANTHEAE

Gênero: *PHYLLANTHUS LINN.*

M. Argoviensis, Mart. Fl. Br. XI, II, 230

P. niruri L. M. Argov. Fl. Br. Mart. XI, II, 230

É a *erva-pombinha* de muitas regiões do Brasil e frequente, também, âs margens do Araguáia. N. Carajá: Rrí-ré-má-tê-ni.

(O. Machado 230) — 1. Phyllanthus sp. Plantinha de caule avermelhado, encontradiço na Ilha do Bananal e barrancas do Tapirapés, em Pôrto-Velho. Os Carajás chamam-na Rrirématení.

(436) 2. Phyllanthus sp. Esta plantinha, frequente na Ilha do Bananal, é denominada Maratí, pelos Carajás. O gênero tem, na Flora Brasiliensis, a monografia de J. M. Argoviensis, Mart. Fl. Br. XI. II. 515.

§ MANIHOTEAE

Gênero: *MANIHOT ADANSON*

Manihot spp. São as mandiocas, brava e mansa, dos caboclos lavradores de todo o Brasil. Também os carajás cultivam todas elas. Com elas fazem a farinha de água ou comem-na cozida. Esta, é o aipí, na denominação tupi, ou cunandé-dioncon, aquela, é a cunandé-i-uré, tudo na língua carajá.

§ HIPPOMANEAE

Gênero: *MABEA AUBL.*

(413-278-308-344) — Mabea sp. Coletámos duas espécies diferentes desse gênero nas margens do baixo Araguáia e outra, de flores amareladas, perfumadas, no bosque existente à Barra do Tapirapés, em sólo periòdicamente inundável. Arv. 5 metros; floresce em outubro. Do-tó-é-ruré. Estampa 34.

24.ª Série: *SAPINDALES*

5.ª Sub-Série: *Anacardiineae*

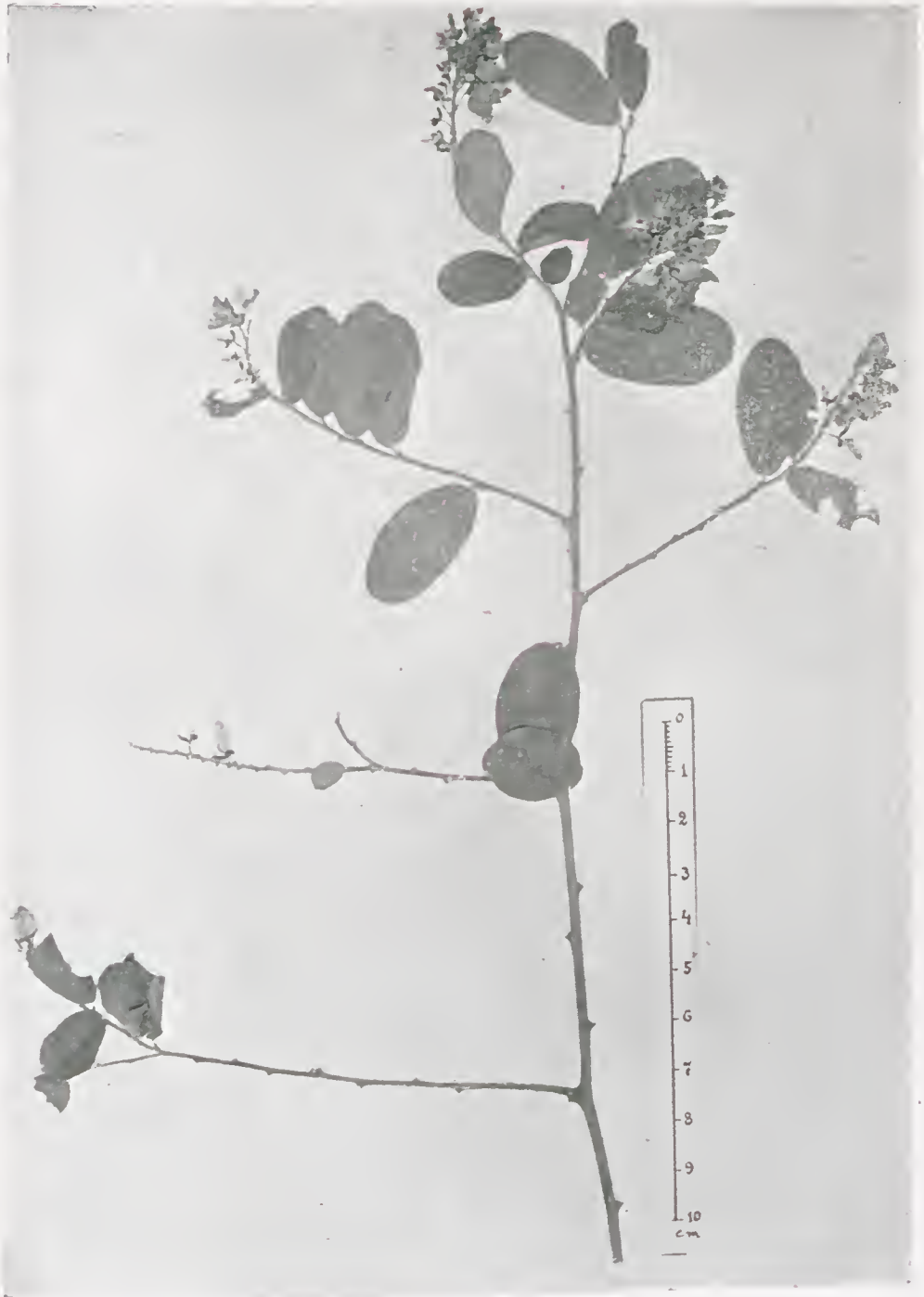
Família: **ANACARDIACEAE**

§ MANGIFEREAE

Gênero: *ANACARDIUM ROTTB.*

O. Mach., Arquivo do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, n.º IX (1949).

Anacardium Rondonianum — O. Mach. N. sp. estampas 35 e 38. Arbor mediana (usque m. 8-10 altiduninis).

Foliae-Latitudo 17-20 cm. latitudo autem 9-5-10, 5 cm. Sub coriacea glabra, elliptica, apicis forma rotunda-leviter truncata saepe

ESTAMPA 31

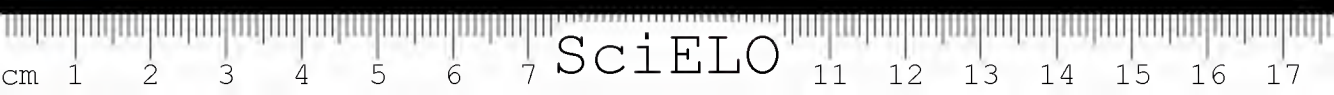
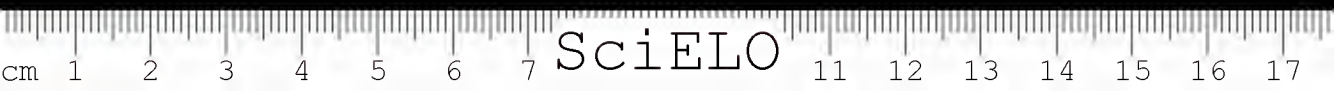
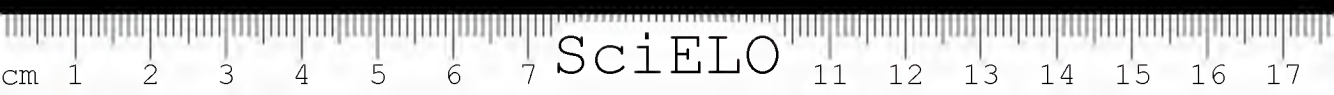
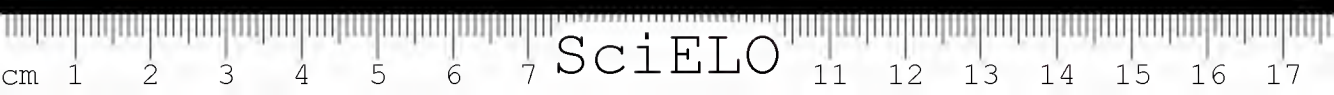
*Comantá-ni. Securidaca* sp

ESTAMPA 32

*Securidaca* sp.

ESTAMPA 33

*Moutabea Guyannensis* Aubl.

ESTAMPA 34

*Mabea* sp.

cum parte media apicis rotunda sed leviter, et lente e truncata: alieuando parte apicis sub acuminata, base rotunda obtusa, nervurae et veniculae, distintas in ambobus paginis.

Petiolus — Planus cum 0,5-0, 1,0 — latitudinis. Pedicelus tumidus, coloris flaventis in maturitate. Succus-Adstringens fortiteer in medicina. Fructus-caedens cum peedicelo.

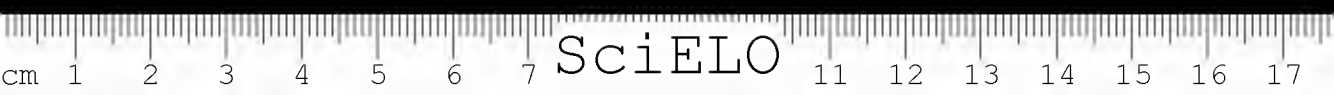
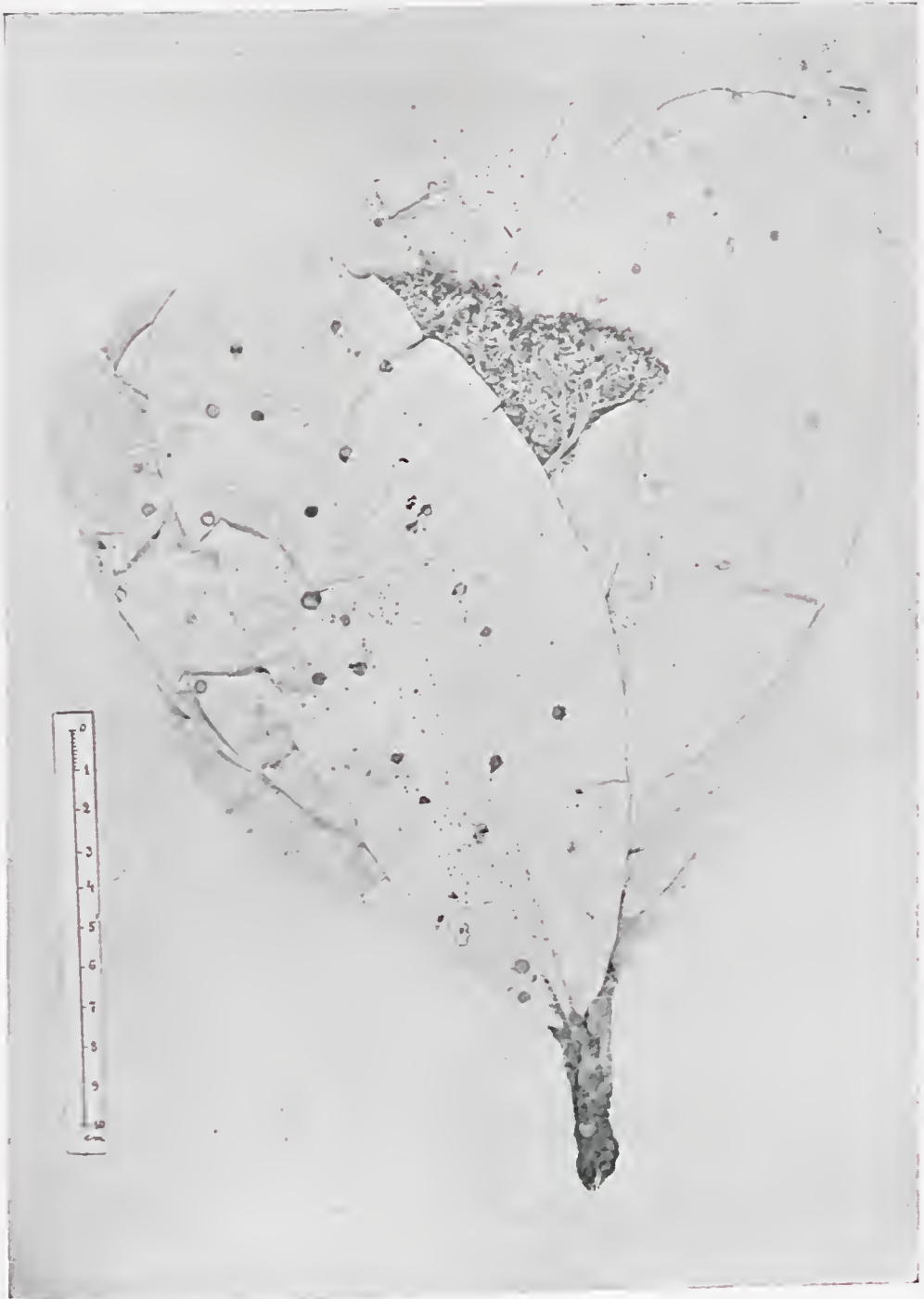
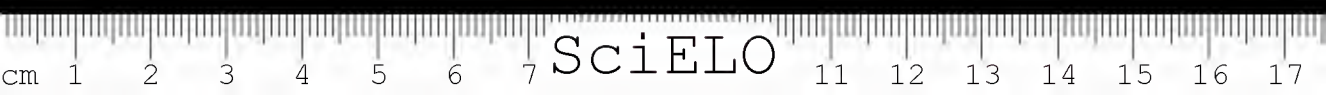
Inflorescentia — paniculata, corymbea, maior quam foliae, cum pelicula alva nigrecentis (in sicco) et cum volumine medio (17 cm. longidunis, et 16 cm. latitudinis). Bractae persistentes, cum variatione inter 0,8-et 0,1 0,2 cm. Alvae tomentosae exterior, bracteolas autem persistentes cum vestimento lanceolatae cum 3-4-cm. latidunis cum vestimento cano tomentoso.

Flores alvaceae, transiens colore carnis obscurae. Pediculus 4-5 cm. latitudinis cum vestimento cano-olivaceo. Lacinii calicis 3-3, 5 mm. latitudinis inequalis, oblongo-acuti, externe autem cano sericeo. Petalae cum 11 mm. longitudinis, 1 mm. latitudinis, intense pilosa a parte media usque apicis, externe autem pilosa in tota extensione, forma petalae. Estames 8, glabri in base, forma conica cum 7 estames, sed esteriles, unum autem longum et fertil. Pistilus glabrus, ovarius compressus. Habitat — Goiás ad ripas fluminis Araguáia, Aruanan et rus petatis, fructus adstrigens usitatus in fabricatione aceti. Vulgo nomem: Cajú-cica. In Idiomate Caraja Rabuno-on-eté tetíre, i.e. Cajú acidus-ingratus-malus. Hac especies offero eximius dux Candidus Marianus Silvae Rondon celeber esplorator deserta brasiliensium et protector indigenarum. Typus in Herb. Jard Bot Rio de Janeiro n.° 57.500. Estampa 35 e 38.

Anacardium. Amilcarianum O. Mach. n. sp. Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, n.° IX (1949). Arbor parva (usque 5 m. altitudinis) instructa cortice crassa, magis voluminosa in ramis. Estampas 36 e 38. Folia coriaceae, obovatae in eliptica obovata, cum 15-30 cm. longitudinis, et 7-10 cm. latitudinis, cum variationibus maioribus in foliis amotis ab inflorescienti is, apex marginatus (vel retrusus) nervaturae et nervicole forma reticulata distincta; nervaturae secundariae ramificatae et, in extremis anastomasadas in arco cum parte terminalle nervural, atuarae cotinens petiolus. Inflorescentia terminalis, densa corymbiformes, rare obscura-paniculata, semper densiter florentis, cum 100-110 mm. longitudinis. Bractae caducae, naviculae leviter pubscentes, intus et extrinsecus; volumen variabilis 3-4 mm. in illis quas observatae fuerent. Pedunculi

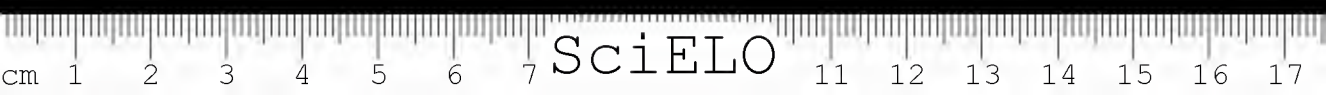
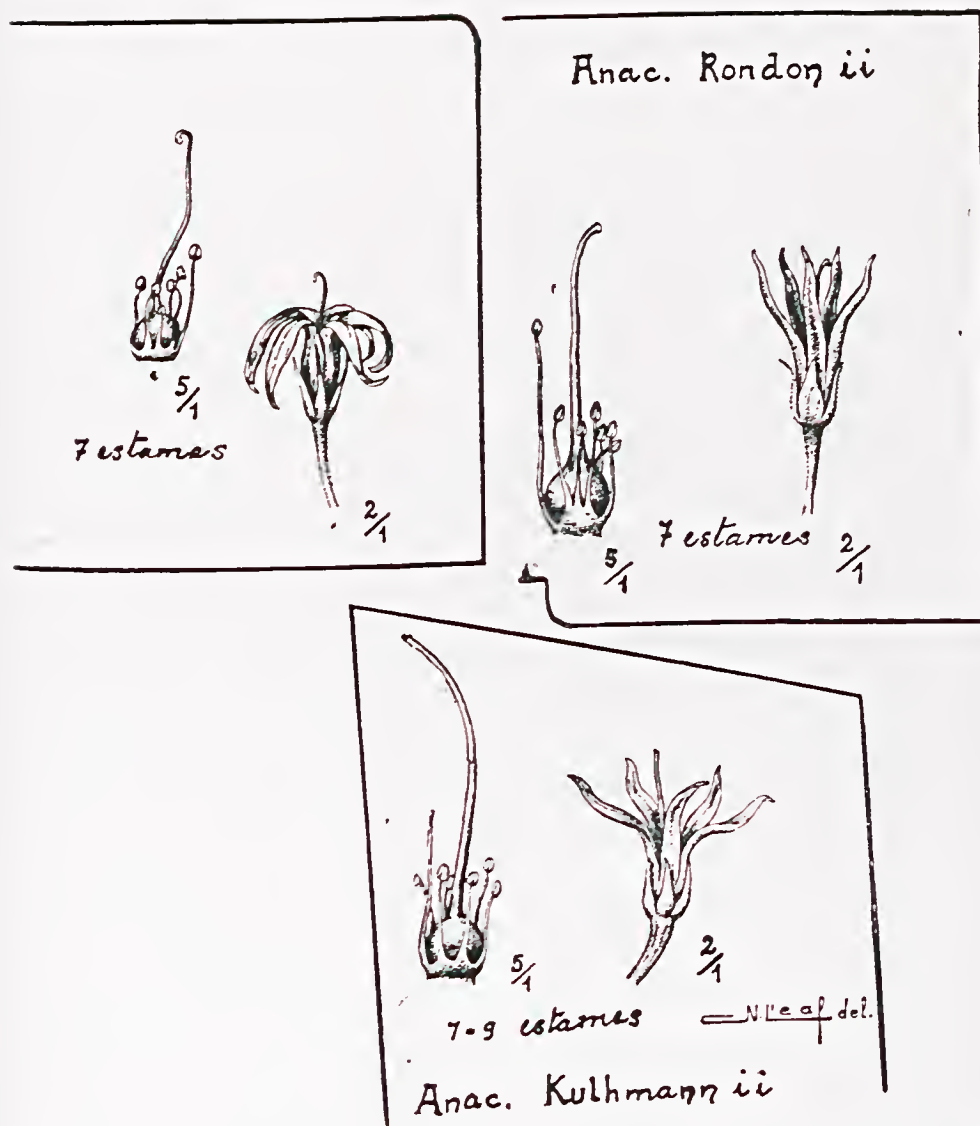
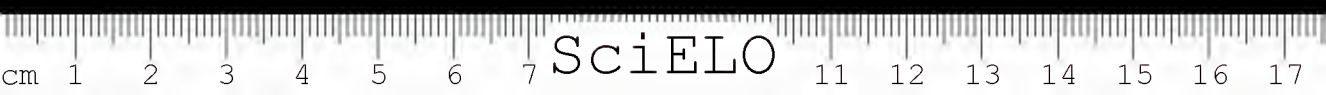
pilosi, cum longitudo variabilis, inter 2-4 mm. Flor in initium alvacenta, post rubra (color sanguinis) paulisper odorata; calix cum 3-5 mm. longitudinis. Petalae cum 5-9 mm. longitudinis. Estames: 1 fecundus, cum filamento maior... illi qui sunt (9) infecundi. Omnes estamenes juncti in forma tabularis brevis in base. Anthera media. Ovarius compressus. Frutus cum 2 cm. longitudinis, delapsus simul pediculo. Pediculus rubris, intumescentis, carnosus, acidulus et leviter adoratus cum 5 cm. longitudinis. Habitat in insula Bananal in loco indigena Santa Isabel. Vulgo Cajuí, Cajueiro do Campo, Cajueiro do Cerrado. In idiomate Carajá Rabuno-no-on-eté. Nomem speciei Cel. Amilcar Armando Botelho de Magalhães dicatus est. Typus in Herb. Jard. Bot. Rio de Janeiro, n.° 57.501. Estampas 36 e 38.

Anacardium Kuhlmannianum O. Mach. n. sp. — Arq. Jard. Bot. Rio de Janeiro, n.° IX (1949) — Arbor media altitudo (4,m 80) folia glabra :Petiolus aplanatus cum 0,cm 7 usque 1 cm 8 latitudinis, lamina cm 16,5 usque cm 20 longitudinis et 9 cm. latidunis. (Rami novi desunt inflorescentia, foliae magis evolutae 26 usque 30 cm. longitudinis et 13-14, 5 cm. latitudinis) obovatae vel elipticae-obovatae, in base acuminatae finiens in auriculis leviter disctintis: apix emarginatus, coriaceus, (in sicco) concolor, cum nervaturas distintis in ambabus lateribus, terminantes in bifurcationibus, quibus ramis (se anastomisam), venulas formans reticulatus distintus in ambabus lateribus. Inflorescentia coimbyformea-In speciebus pervestigatis, habet cum 17-5 longitudinis et 15 cm. 14, cm 5 latitudinis, pedunculi cum vestimento alvo tomentoso; bracteolae lanceolatae; pediceli crassi tomentosi mm. 2-2, 5 longitudinis. Flores in initio alvacentae, post colorem carnis. Lacinii calicis cum 4 mm. longitudinis, pubescentes, cani seicicei externe: oblonge et acuti. Petala cum 11-13 mm. longitudinis et 2 mm. latitudinis, pubscens. Cana seriac externe. Estames glabri cum fimbris juncti in forma tubulare, se instructi cum antheris manifestis, sed esteriles, et unum maior cum anthera fecundus. Pistilus glabrus. Ovarius compressus. Pedicelus frutiger rubrus, tumescens, carnosus succosus, acidulus. Fructus maturus caedit cum pedicelo. Nomem vulgaris — Cajueiro do Campo. In idiomate Carajá — Rubuno-on-eté-si-à-larô i.e. Cajueiro do Campo. Habitat prope ripas fluminis Araguáia. Insula Bananal, locus Santa Elisabet in Goiás. Offero hanc espécie eximius magister herbarii, João Geraldo Kuhlmann, Rector ab Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Typus in Herb. Jardim Bot. Rio de Janeiro n.° 57.499. Estampas 37 e 38.

*Anacardium Rondonianum* O. Machado, *N. sp.*
(V. texto da Família Anacardiaceae e estampa n.° 38).

ESTAMPA 36

*Anacardium Amilcarianum* O. Machado n. sp.

ESTAMPA 37

*Anacardium Kuhlmannianum.* O. Machado n. sp.

Detalhe das flores dos *Anacardium Rondonianum* O. Mach. n. sp.; *Anac. Amilcarianum* O. Machado n. sp. e *Rinorea* sp. (Exemplar frutífero)

§ SPONDIEAE

Gênero: *SPONDIAS L.*

Spondias lutea L. A. Engler, Fl. Br. Mart., XII, I.

Árvore das margens do Araguáia e frequente em outras regiões do Brasil. De seu lenho os carajás fazem os enfeites do lábio inferior. N. vulgar: cajá-mirim; n. carajá: ó-luó.

6.ª Sub-Série: *Celastrineae*

Família: **CELASTRACEAE**

Gênero: *PLENCHIA REISS.*

S. Reissek. Mart. Fl. Br. XII, 30 Est. 10

(O. Machado 393) — Plenckia populnea Reiss. Arbustinho frequente nos campos e várzeas marginais ao Araguáia e seus afluentes, a partir do rio das Mortes. Conhecido vulgarmente por Marmelo do Campo. Não encontrámos informes, quanto ao seu aproveitamento. Frutifica em outubro. Na Amazônia tem o nome vulgar de mangabarana.

24.ª Série: *SAPINDALES*

8.ª Sub-Série: *Sapindineae*

Família: **SAPINDACEAE**

§ PAULLINIEAE

Gênero: *SERJANIA SCHUM.*

Serjania sp. Planta volúvel, ictiotóxica, conhecida, no Araguáia, como timbó e timbó-de-jaburu. N. carajá: Xí-dé.

25.ª Série: *RHAMNALES*

Família: **VITACEAE**

Sub-Família: **Vitoideae**

Gênero: *CISSUS LINNEU.*

J.G. Baker, Mart. Fl. Br. XIV, II, 19

(O. Machado 255-257) — Cissus sp. Planta escandente comum às matas e terrenos alagadiços de ambas as margens do Baixo-Ara-

guáia, apresentando, em outubro-novembro, pequenas flores amarelas sôbre inflorescências rubras, muito ornamentais. Apesar de muito deteriorado o material que recebemos, tentámos determiná-lo, o que não conseguimos visto afastar-se das espécies descritas na Flora de Martius. Os civilizados dão à essa planta o nome de Cipó de Arráia, e consideram possuir virtudes curativas para os acidentes determinados por êsse temível peixe. Os Carajás dão-lhe o nome de Árvore-Arraia (Boró-ó) e Ataná-luó (Lit.: árvore da Cigana, talvez porque essa Vitaceae suba pelas árvores de maneira que comparam â ave *Opisthocomus cristatus* Gml., a Cigana ou Jacu-cigana, de hábitos arborícolas).

26.ª Série: *MALVALES*

1.ª Sub-Série: *Eleocarpineae*

Família: **ELAEOCARPACEAE**

§ ELEOCARPEAE

Gênero: *SLOANEA PLUMIER*

C. Schumann, Mart. Fl. Br. XII, III, 183, Est. 38. Fig. 1

(O. Machado 371; 318) — Sloanea Eichleri Schumann. Árvore frequente às florestas marginais da Barra do Tapirapés, do lago da Merindiba, Pôrto-Velho. E' a primeira vez que se assinala esta espécie para a região. Os Carajás denominam-na Ma-dé-ni, i. e. parecido com o pequi (*Caryocar spp.*). Estampa 39.

3.ª Sub-Série: **Malvineae**

Família: **TILIACEAE**

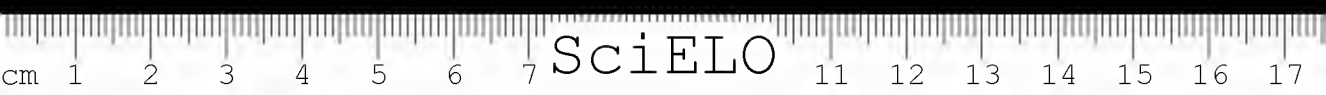
§ APEIBEAE

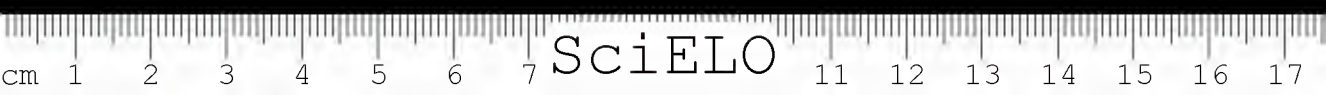
Gênero: *APEIBA AUBLET.*

C. Schumann. Mart. Fl. Br. XIII, III, 142

Apeiba sp. Árvore até 8 metros de altura, comum nas regiões mais densas do cerrado. Barra do Tapirapés. Frutifica em outubro.

ESTAMPA 8

Floresta inundável. Buritis (*Mauritia* sp) e *Xylopia sp.* — Foto da Equipe.

ESTAMPA 39

*Sloanea Eichleri Schumann*

Família : **MALVACEAE**

Gênero: *PAVONIA LINN.*

231. Pavonia sp. Eçon-ura-ní (Lit: parecido com algodoeiro, na língua Carajá). Floresce em setembro-outubro. Estampa 40.

Família : **STERCULIACEAE**

§ HELICTEREAE

Gênero: *HELICTERES LINN.*

C. Schumann, Mart. Fl. Br. XIII, III, 23, Est. 5

(O. Machado 273; 270) — Helicteres sp. arbusto dos cerrados marginais do Araguáia e Tapirapés. Não obtivemos informes sôbre seus préstimos. N. Carajá: bubô-dot-bô; tuê-raí ou tuê-rêrú.

Floresce em outubro.

§ STERCULIEAE

Gênero: *STERCULIA LINN.*

C. Schumann, Mart. Fl. Br. XII, II

1.º — Sterculia sp. arbusto dos cerrados e terrenos alagadiços marginais ao Araguáia e Tapirapés. Flores vistosas, ora avermelhadas, ora amareladas. Produz fibras análogas às da guaxíma. Nome Carajá: *Eçon-ura-nin* (Lit.: parecido com algodoeiro).

(O. Machado 363) Sterculia sp. — Siderió-ni. Arbusto dos bosques marginais ao Araguáia. Floresce em outubro.

27.ª Série: *PARIETALES*

1.ª Sub-Série: *Theineae*

Família : **DILLENIACEAE**

Gênero: *CURATELLA LINNEU.*

A. C. Eichler, Mart. Fl. Br. XIII, 1, 67, Est. n.º 5;

O.X.B. Machado, Publ. Odontológicas, n.º 4 e 5, ano I, Rio de Janeiro.

(O. Machado 211) — Curatella Americana Linn. Planta das regiões sub-xerófitas e cerrados. Suas fôlhas e cascas do tronco constituem fontes de matérias aproveitáveis tanto para artefactos como

para medicina. As fôlhas são empregadas como papel de lixa, no polimento e desgaste de objetos vários. Nomes vulgares: lixeira, cajueiro bravo, cajurana, Sambaiba (do Tupi, Çaimbé, áspero). Os Carajás denominam-no Cô-ri-xô. Em Monografia â parte estudamos suas propriedades medicinais. (O. Machado: *Sambaíba* ou *Lixeira*). Estampas 41 e 42.

Gênero: *DOLIOCARPUS ROLANDER*

A. G. Eichler, Mart. Fl. Br. XIII, I.

(O. Machado 411; 297; 416) — Doliocarpus sp. Planta prostrada, às vêzes escandente, muito encontradiça nos bosques marginais do Tapirapés e nas terras inundáveis da Ilha do Bananal. E' empregada como medicamento, consideradas que são suas propriedades curativas semelhantes âs da *Curatella Americana Linn.* Co-ri-xo-ni e sambaîbinha. Estampa 43.

Gênero: *DAVILLA VELL.*

A. G. Eichler, Mart. Fl. Br. XIII, I.

(O. Machado 325) — Davilla sp. O material que nos chegou às mãos era reduzido, para os estudos botânicos, e insuficiente para as investigações farmacológicas. E' planta escandente, encontradiça nos bosques marginais da ilha do Bananal e nos do rio Tapirapés. Os Carajás empregam-na como medicamento para certos casos, inclusive naqueles de engorgitamento glandular. Localmente, ao examinarmos a planta em seu habitat natural, verificámos parecer espécie diferente da *Davilla rugosa* Poir, oficinal na Farmacopéia Brasileira. Tratar-se-á, acaso, de espécie nova?

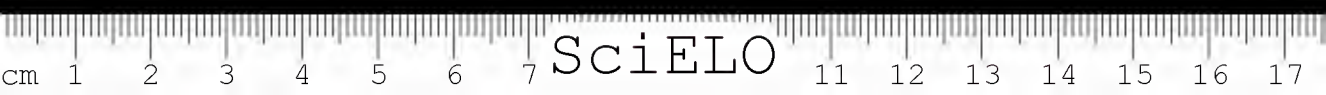
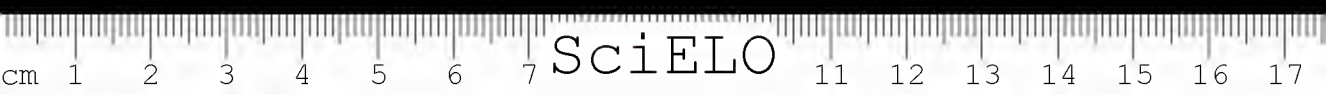
Família: **CARYOCARACEAE**

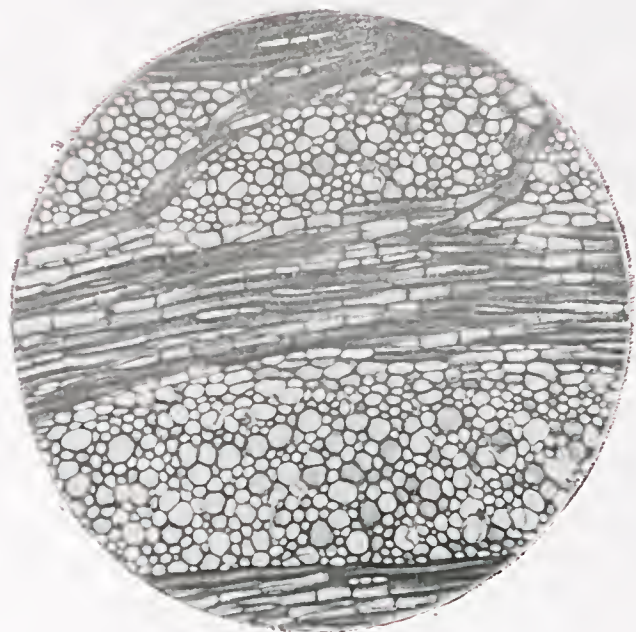
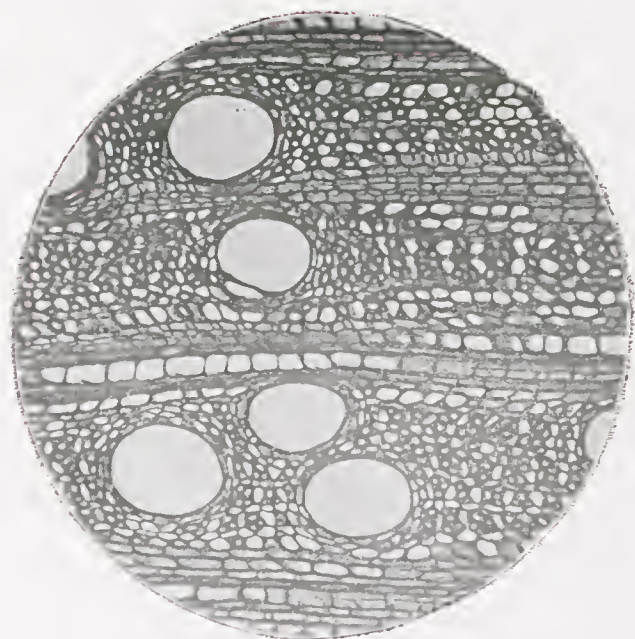
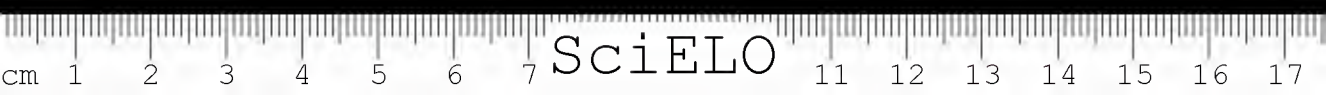
Gênero: *CARYOCAR L.*

Caryocar brasiliensis St. Hil. Fl. Br. Mart. e Caryocar spp.

Há nos cerrados marginais ao Araguáia e seus afluentes mais de uma espécie da valiosa árvore conhecida dos brasileiros sob a denominação *pequí*, e pelos carajás denominada *Madé*. Tôdas produzem frutos comestiveis mas êstes possuem forte sabor butiráceo. A espécie referida foi, no local de seu *habitat*, perfeitamente identificada; as outras, com notórias diferenças morfológicas, não puderam ser determinadas por se terem inutilizado os materiais coligidos.

ESTAMPA 40

*Pavonia sp.*

ESTAMPA 41

*Curatella Americana* Linn.

ESTAMPA 42

Lenho de Curatella Americana Linn.
Cortes transversal e tangencial.
Fotomicros X 50.

Família : **OCHNACEAE**

§ OURATEEAE

Gênero: *OURATEA AUBLET.*

A. Engler. Mart. Fl. Br. XII, II, 301

(O. Machado 318; 360) — Ouratea sp. n.? O material chegou quase inutilizado, não permitindo diagnosis. Pelas notas que fizemos no local, presumimos tratar-se de possível espécie nova do gênero *Ouratea.* Estampa 45.

E' planta das margens dos bosques, junto ao cerrado. Não obtivemos nem o nome vulgar, nem indicações de sua utilidade. Os Carajás chamam-na Ó-tú-ó. Estampa 44.

(O. Machado 319) — Ouratea sp. Arbusto Fl. amarelas. Estampa 45.

(O. Machado 328) — Ouratea sp. Arbusto fl. amarelas.
(O. Machado 212) — Ouratea sp.
(O. Machado 326) — Ouratea sp.
(O. Machado 318) — Ouratea sp.
(O. Machado 238) — Ouratea sp.

Família : **GUTTIFERA**

§ GARCINIEAE

Gênero: *RHEEDIA LINNEN.*

A. Engler. Mart. Fl. Br. XII, I, 393.

(O. Machado 307; 304) — Rheedia sp. Arbusto das margens do Araguáia e Tapirapés. Produz frutos amarelos, comestíveis, muito procurados pelas crianças. Os civilizados dão-lhe o nome de Azedinha; os Carajás Rrú-uaré-anin. O material chegou imprestável para a determinação da espécie.

3.ª Sub-Série: *Cistineae*

Família : **BIXACEAE**

Gênero: *BIXA LINN.*

A. Engler, Mart. Fl. Br. XIII, I.

(O. Machado 431; 438) — Bixa urucurana Willd. Arbusto até 7 metros, frequente nas margens inundáveis do Araguáia e afluentes.

Os Carajás aproveitam a substância tintorial vermelha não só para ornamentar o corpo, como para tingir peças de indumentária e utensílios. Nome Carajá: Anorenan — Estampa 46

4.ª Sub-Série: *Cochlospermineae*

Família : **COCHLOSPERMACEAE**

Gênero: *COCHLOSPERMUM KUNTH*

A. G. Eichler, Mart. Fl. Br. XIII, I, 431 Est. 86, fig. 2.

(O. Machado 420) — Cochlospermum codinae Eichler. Árvore de cerca de 5 metros, vegetando nos cerrados da Ilha do Bananal e na Barra do Tapirapés. Não obtivemos seu nome vulgar, nem indicações de sua utilidade.

6.ª Sub-Série: *Flacourtiineae*

Família : **VIOLACEAE**

§ RINOREEAE

Gênero: *RINOREA AUBLET*

C.F.P. von Mart. Fl. Br. XIII, I (Alsoidea)

(O. Machado 308; 351) — Rinorea Catulloana O. Mach. n. sp. Estampas 47 e 48.
(Homenagem a Catul'o da Paixão Cearense).

§ VIOLEAE

Gênero: *HYBANTHUS.*

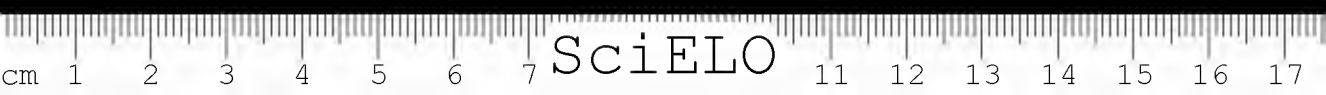
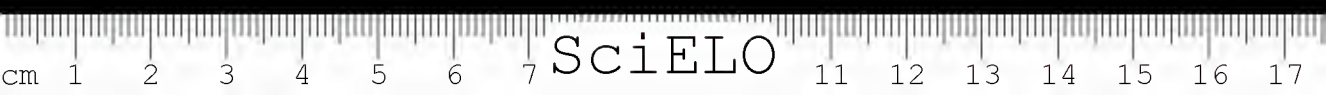
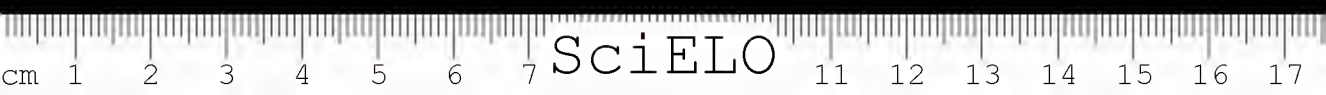
Hybanthus sp. Plantinha comum às margens do Araguáia. Esampa 49. N. Carajá: Lô-arri.

Família : **FLACOURTIACEAE**

§ HOMALIEAE

Gênero: *HOMALIUM JACQ.*

A.G. Eichler, Mart. Fl. Br. XII, I, 308, Est. 101. Fig. 1

Homalium pedicellatum Benth. Arbusto das matas periòdicamente inundadas das margens do Araguáia, principalmente nas da

ESTAMPA 43

*Doliocarpus* sp.

ESTAMPA 44

*Ouratea* sp.

ESTAMPA 45

*Ouratea* sp. n. ?

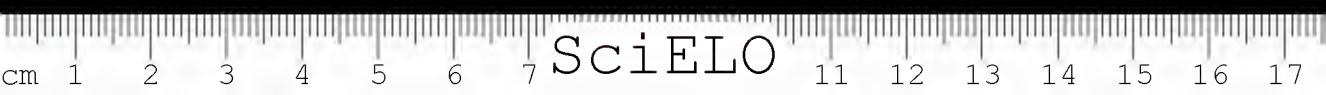
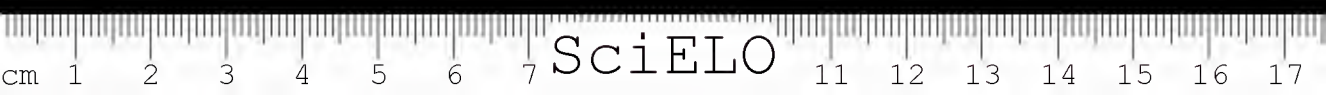
ESTAMPA 46

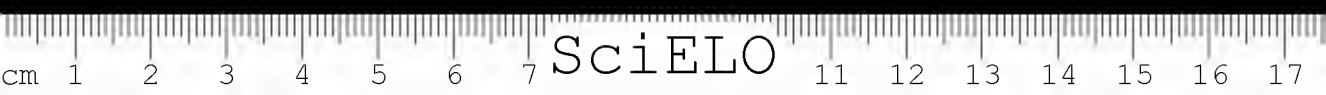
*Bixa urucurana* Willd.

ESTAMPA 47

*Rinorea.* (Exemplar florifero).

Rinorea Catulloana O. Machado n. sp.

ESTAMPA 48

*Rinorea* sp. (Exemplo frutífero)

Rinorea Catulloana O. Machado n. sp.

Barra do Tapirapés. Os indígenas Carajás denominam essa planta Vulva de Mulher; as indígenas dessa tribo, porém, denominam-na pênis do homem. Não encontrámos qualquer utilidade reconhecida nessa *Flacourtiaceae*. Crescendo até cerca de 5 metros, tem seus galhos prostrados, formando bom sombreado. A espécie ainda não estava assinalada para Mato-Grosso e Goiás. Nome Carajá: Otucé-u--orú.

§ CASEARIEAE

Gênero: *Cesearia Jacq.*

A.G. Eichler, Mart. Fl. Br. XIII, I, 457

(O. Machado 437) — Casearia sp. Arvoreta dos bosques húmidos das margens do Tapirapés. Estampa 50.

Gênero: ?

(287) Arbusto de gênero indeterminado; os Carajás denominam-no O-tucé-úourú. Margens inundáveis do Tapirapés.

Família: **PASSIFLORACEAE**

Gênero: *PASSIFLORA LINN.*

M.T. Masters, Mart. Fl. Br. XIII, I, 542, Est. 116, fig. 1

(O. Machado 274) — Passiflora foetida L. Planta volúvel das ribanceiras do Araguáia e afluentes. E' um dos nossos maracujás. Seu nome em Carajá é Suiú-ué-montá. Êsses indígenas dizem que tal espécie de planta possue propriedades hipnóticas e sedativas. Aliás, a medicina reconhece que algumas espécies do mesmo gênero gozam de tais propriedades.

28.ª Série: *OPUNTIALES*

Família: **CACTACEAE**

§ AREOLIFLORAE

Gênero: *CEREUS HAW.*

(O. Machado 409) — Cereus triangularis Haw. *Cactaceae* escandente, encontrada nos cerrados e nas matas marginais aos rios da região, onde atinge grandes dimensões.

No Rio de Janeiro é denominado Cardo limão. Frutos comestíveis. Nas regiões que percorremos não nos informaram nem o nome vulgar, nem o uso.

Cereus sp. Cactacea erecta, vegetando no cerrado marginal do Araguáia. Estampa 51.

29.ª Série: *MYRTIFLORAE*

2.ª Sub-Série: *Myrtineae*

Família : **LYTHRACEAE**

§ LYTHREAE

Gênero: *PHYSOCALYMMA PÖHL*

H. A. Koehene, Mart. Fl. Br. XIII, II, 343, Est. 63, fig. 7

(O. Machado 218) — Physocalymma scaberrimum Pohl. Estampa 52.

N. Carajá: Adirá; n. Javaé: Odé-ó; ns. vulgares: Cega-machado, Grão de Porco, Páu de rosa. Árvore que atinge mais de dez metros, cobrindo-se, de agôsto a setembro, de numerosas flores roxas. Lenho duro, resistente. Madeira de lei.

Gênero: *LAFOENSIA VANDELLI*

B.A. Koehene, Mart. Fl. Br. XIII, II, 354. Est. 66 fig. 2

(O. Machado 25) — Lafoensia densiflora Pohl.

N. Carajá: Debê-xió. Êsses indígenas empregam as cascas do tronco como antidiarreicas. Arbusto até 7 metros, vivendo nos cerrados mais ou menos pedregosos. E' frequente sobretudo nos cerrados marginais do Tapirapés e Ilha do Bananal. Frutos amarelo-escuros (em outubro).

Família : **COMBRETACEAE**

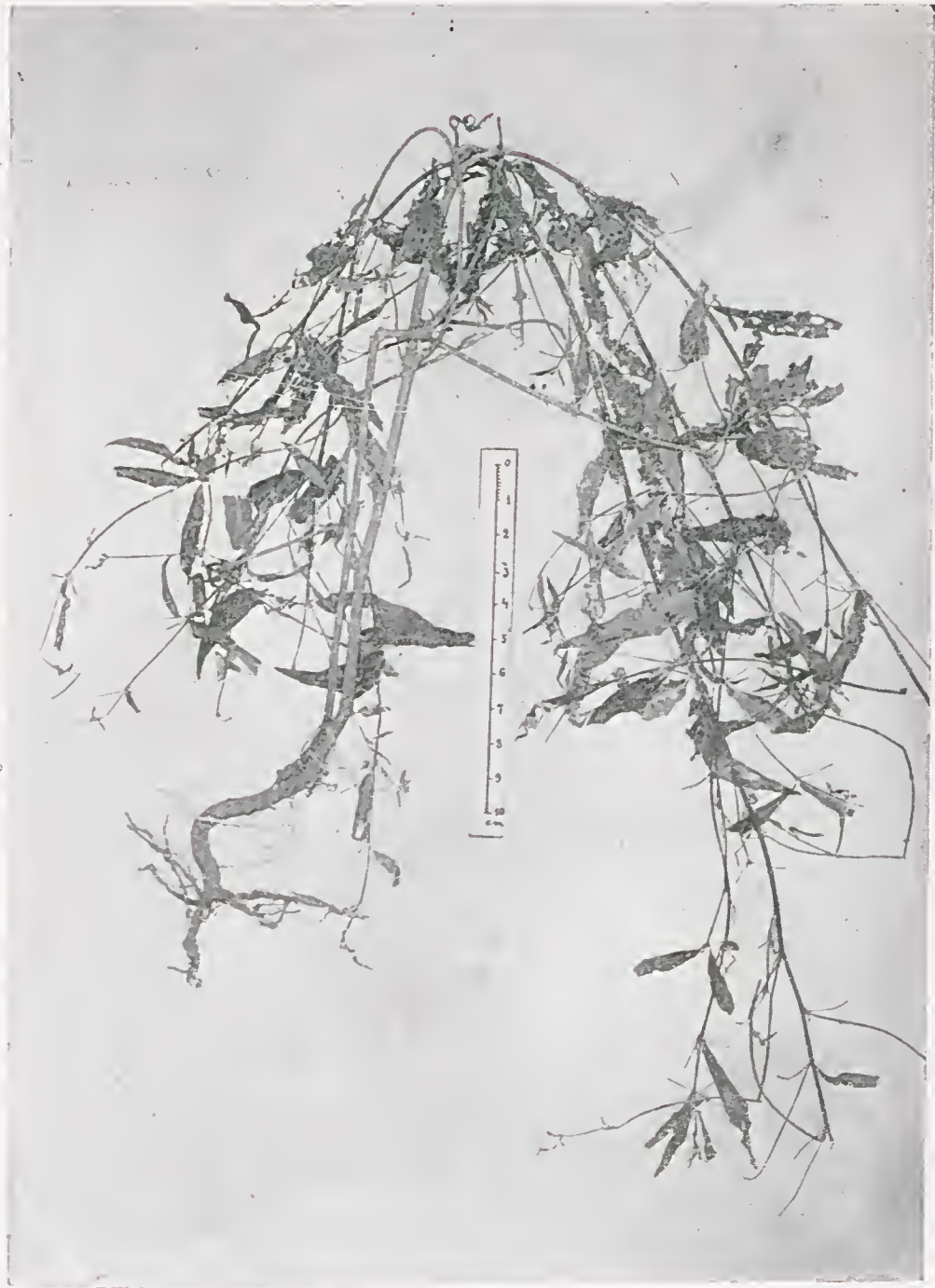
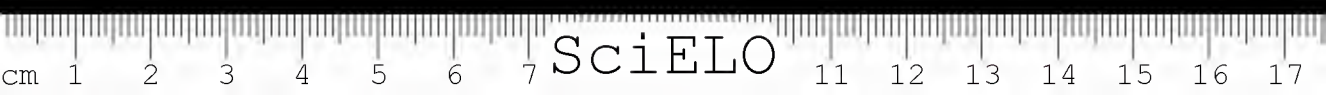
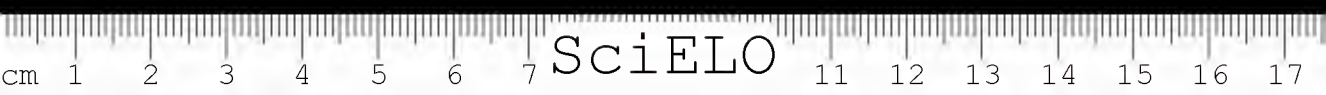
Gênero: *COMBRETUM LINN.*

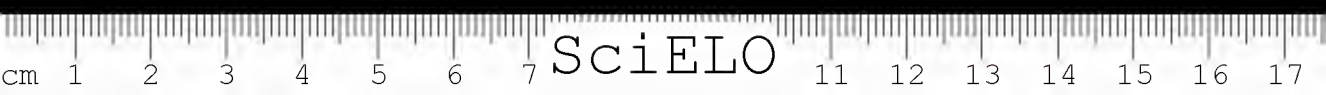
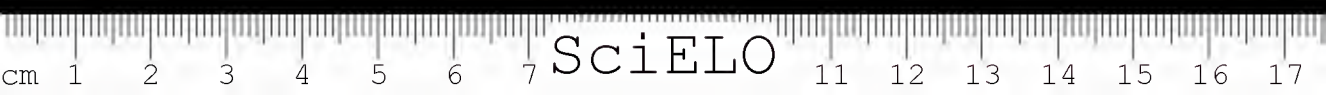
A. G. Eichler, Mart. Fl. Br. XIV, II.

Combretum sp. Essa Combretaceae é frequente nas margens do Baixo-Araguáia e afluentes, a partir do rio Cristalino. Não tem usos conhecidos. Floresce e frutifica de agôsto a outubro.

ESTAMPA 49

*Hybanthus* sp.

ESTAMPA 50

*Casearia* sp.

Este *Cereus* foi um dos raros representantes da família *Cactaceae* que *encontrámos.* Aruanan, na Aldeia Carajá. — Foto S.P.I.

ESTAMPA 52

O Céga-machado (*Physocalymma scaberrimum* Pohl.) comum ao vale do Araguáia.
Foto S.P.I.

Família : **MYRTACEAE**

Sub-Família: **Myrtoideae**

Gênero: *PSIDIUM LINN.*

O. Berg. Mart. Fl. Br. XIV.

P. guajava Raddi O. Bery. Fl. Br. Mart. XIV.

É uma das goiabeiras, planta comuníssima no Brasil tropical. Carajá: O-rarú-atire. Material coligido principalmente no porto da Piedade (Baixo-Araguáia).

(O. Machado 378; 408; 382; 383; 397) — Psidium sp. Goiabarana, Araçá-rana, Goiabeira brava, Sarã. (Curé-ó, lit.: árvore da iguana, na língua Carajá). Arbusto pendente das margens do Araguáia e afluentes, mantendo, quase sempre, os cau'es e partes dos ramos submersos. Sôbre essas partes é que se fixa o sílico-espongiário denominado Má-ô-té, (*Tubella Mello Leitãoi* O. Machado), pelos Carajás, e, por êles aproveitado para melhorar a qualidade da argila com que fabricam sua cerâmica. (O. Machado, Zoologia, Espongiarios (Porifera) Eq. Geog. à Marg. Araguáia Xingú).

Com o lenho dos ramos, os Carajás, atritando-os vivamente, obtêm fogo. Estampa 53.

Familia: **MELASTOMATACEAE**

Gênero: *MICONIA RUIZ & PAVON*

A. A. Cogniaux, Mart. Fl. Br. XIV, IV. 212

(O. Machado 350; 365; 439; 274) — 1. A família Melastomataceae não está vultosamente representada nas regiões que percorremos. No cerrado da Ilha do Bananal encontrámos uma Miconia; 5-7 (330, 305, 306) nas matas marginais do Tapirapés, encontrámos outra espécie do mesmo gênero. O material chegóu-nos demasiadamente deteriorado, não permitindo determinar-se a espécie. Floresce no começo de novembro. F. Alvas. N. Carajá: Bururú-ió-tí.

Família: **OENOTHERACEAE**

Gênero: *JUSSIEUEA LINNEU*

M. Michelli, Mart. Fl. Br. XIII, II, 147

(O. Machado 386; 244; 220) — Jussieua sp. Recolhemos especimes bastante semelhantes à *Jussieua Brasiliensis*. Ao lado dessa espécie há outra que, por deficiência de material e seu máu estado, não pudemos determinar.

2.ª Sub-Classe: METACHLAMYDEAE

6.ª Série: *CONTORTAE*

2.ª Sub-Série: *Gentianineae*

Família: **LOGANIACEAE**

§ STRYCHNEAE

Gênero: *STRYCHNUS LINN.*

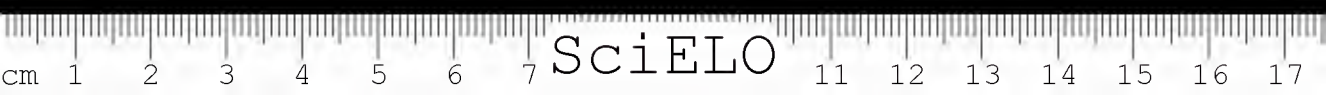
A. Progel, Mart. Fl. Br. VI, 273, Est. 75

(O. Machado 440) — Strychnus Pseudo-Quina St. Hil.

Planta muito frequente às margens do Araguáia e seus afluentes inferiores ao rio Cristalino. Os Carajás consideram-na Monan (medicamento) para tratamento de febres. Não fizemos estudos aprofundados sôbre esta interessante Loganiaceae por não termos recebido o abundante material botânico e farmacológico que coletámos na Ilha do Bananal e matas marginais do Tapirapés. N. vulgar: Quina do cerrado.

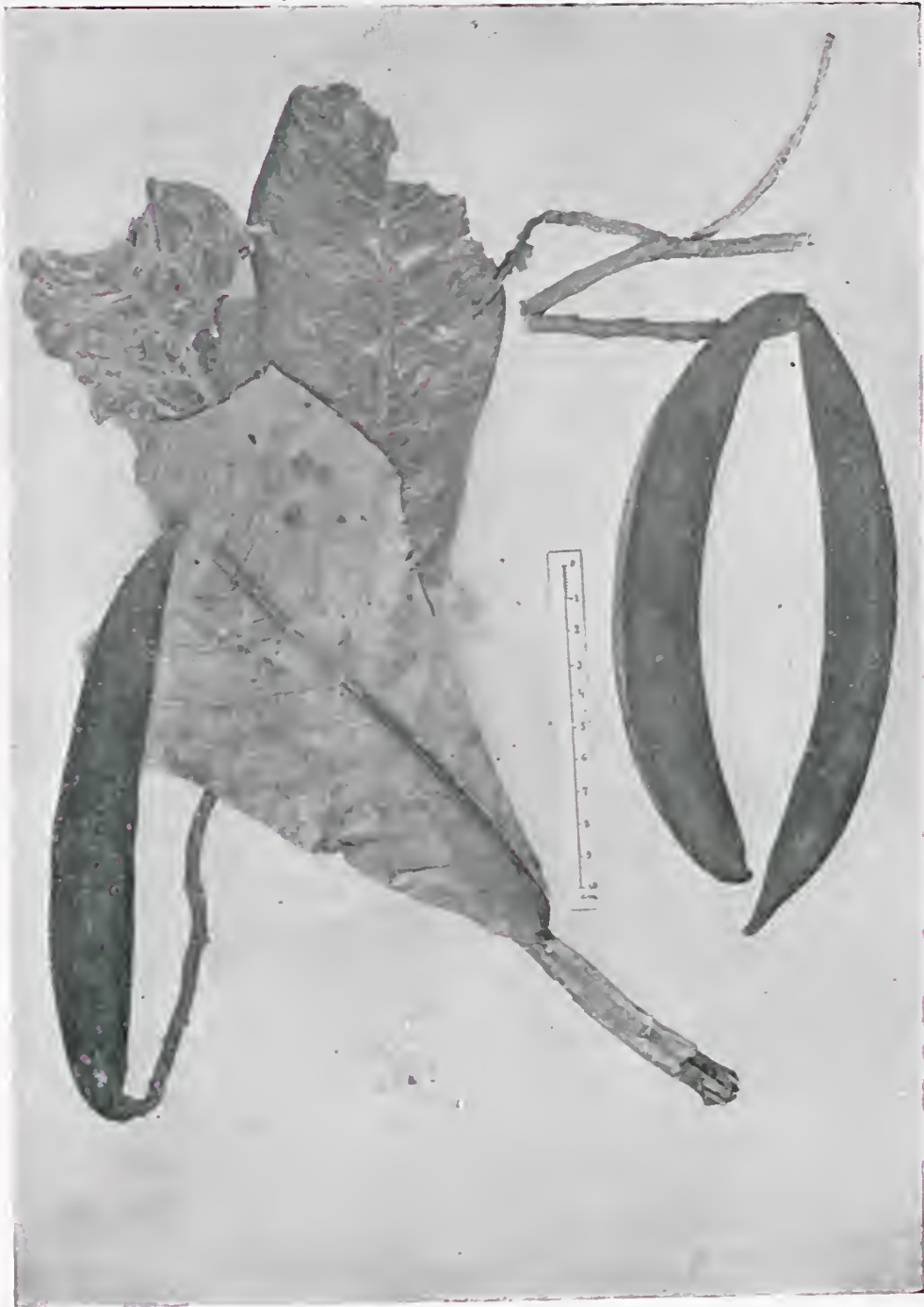
Família: **GENTIANACEAE**

Gênero: *COUTOUBEA AUBL.*

(O. Machado 269; 448) — Coutoubea ramosa Aubl. Plantinha frequentísssima às margens do Araguáia, desde Aruanã ao Tapirapés. Floresce de agôsto a outubro. E' o Rrá-rá-dóni dos Carajás (Rrá-ra-dó, é uma Vochyseaceae).

ESTAMPA 53

*Saran ou Curé-ó.* Psidium sp.

*Allamanda puberula* A.D.C.

ESTAMPA 55

*Himathanthus articulata* (Vahl) Woodson.

## Família: APOCYNACEAE

### Sub-Família: Plumieroideae

### § ARDUINEAE

#### Gênero: *ALLAMANDA LINNEU*

(O. Machado 206) — Allamanda puberula A.DC.

J. Müller, Mart. Fl. Br. VI, I, 14; A.Dc. Prod. VII, 319

Planta comum às ribanceiras do Araguáia e Tapirapés. Produz belas flores amarelas. Os Carajás da Barra do Tapirapés chamam-na Flor de Arara-Vermelha. Não encontrámos quaisquer indicações sôbre suas propriedades. Andedura-non e Bê-i-diá-rei-ó (que o lagarto gosta?). Estampa 54.

#### Gênero: *HANCORNIA GOMES*

H. speciosa Gomes, J. Müller, Fl. Br. Mart. VI, I.

É a mangabeira, árvore útil pelos frutos e pelo latex e que constitue enorme riqueza nacional.

Além da espécie acima, pelo menos outra existe, mas que se não pôde determinar pela deterioração do vultoso material botânico coligido. N. Carajá: U-ré. Na língua tupi é denominada *tembiú-catú*: comida excelente.

#### Gênero: *HIMATANTHES WILLD.*

(O. Machado 331) — 1. H. articulata (Vahl) Woodson. Planta arbustiva muito parecida com a anterior (motivo pelo qual os civilizados lhe atribuem o mesmo nome vulgar) e que vive nas mesmas formações florísticas daquela. Estampa 55.

#### Gênero: *BONAFOUSIA A. DC.*

Bonafousia tetrastachya (H.B.K.) Mgf. Pulle, F. of. Surim. 412, 454, 1937; Mgf. Notizblatt XIV: 168-1938. Estampa 56.

(O. Machado 340) — Bonafousia tetrastahya (H.B.K.) Mgf. arbusto encontradiço em todo o curso do Tapirapés. Nome Carajá: Ó-túe.

(O. Machado 234; 330; 372; 371) — Bonafousia sp. das matas marginais do Araguáia e afluentes: Tapirapés, principalmente. Nome Carajá: Dê-cê-ru-tê.

Gênero: *MESECHITES MÜLL. ARG*

Mesechites trifida (Jacq.) Muell. Arg. O. in. Mart. Fl. Br. VI, I, 151. Woodson, Ann. Bot. Gard., XX, 630, 1933.

(O. Machado 405; 366; 430; 391) — Planta volúvel, muito latescente, com flores alvas ligeiramente perfumadas, encontradas florescendo em setembro tanto no Araguáia como no Tapirapés. Os Carajás chamam-na O-túé e Benorá-di-uté. Estampa 57.

Gênero:?

(O. Machado 289) — Planta escandente, latescente, provàvelmente da família *Apocynaceae*, encontrada às margens do Tapirapés Pelos caracteres do fruto tal planta não se enquadra em qualquer dos gêneros dessa família. Os Carajás chamam-na *Aloé-úóte*, que parece significar maminha de onça. Estampa 58.

Família: **ASCLEPIADACEAE**

§ ASCLEPIADEAE

* Marsdeniinae

Gênero ?

(O. Machado 336) — Planta volúvel, latescente, do interior dos bosques do cerrado à Barra do Tapirapés. Bdeloké-butó (tripas de pirarucu) é seu nome na língua Carajá. Êstes íncolas teem supersticioso pavor dessa planta. O material colhido consistia em caule e muitas flores de coloração vinosa; não permitindo que se determinasse além da família. Ainda assim, pensamos tratar-se de espécie, afim de *Marsdenia mollisima* Schimidt, Fl. Br. Mart., VI, IV, 322, Est. 95).

7.ª Série: *TUBIFLORAE*

1.ª Sub-Série: *Convolvulineae*

Família: **CONVOLVULACEAE**

Mart. Fl. Br. VII, 139

Ipomoea sp. Trepadeira de flores alvas, muito abundante no interior dos bosques sombrios e húmidos das margens do Araguáia.

ESTAMPA 56

*Bonafousia tetrastachya* (H.B.K.) Magf.

ESTAMPA 57

*Mesechites trifida* (Jacq.) Muell. Arg.

*Asclepiadaceae? Apocynaceae? Gênero?*

Gênero: *ANISEIA CHOISY*

(O. Machado 404) — Aniseia sp. Trepadeira de flores alvas comum aos bosques periòdicamente inundáveis. Colhida florofrutificada em outubro, no bosque da Barra do Tapirapés.

(O. Machado 412) — Aniseia cernua (Choisy) Mart. trepadeira colhida no período inicial da frutificação no interior do bosque inundável da Barra do Tapirapés, em outubro de 1945.

Gênero: *JACQUEMONTIA CHOISY*

Fl. Br. Mart. VII.

(O. Machado 452) — Jacquemontia sp. Convulvulacea de flores azues, colhida em setembro, na Fazenda da Piedade, margem direita do Araguáia.

3.ª Sub-Série: *Borragininéae*

Família: **HYDROPHYLACEAE**

§ HYDROLEEAE

Gênero: *HYDROLEA LINNEU*

A.G. Bennett. Mart. Fl. Br. VII, 391, Est. 129.

(O. Machado 286; 260) — Hydrolea spinosa Linn. Planta das praias marginais do Araguáia, sobretudo daquelas regiões que permanecem encharcadas na ilha do Bananal e Mato-Verde (M. Grosso). Comum em Fazenda Lucio, Mato-Verde (Margem esquerda do Baixo-Araguáia). Tem belas flores azues (agôsto-stembro). As fôlhas são providas de substância glutinosa. Os Carajás denominam-na Rrá-ré-tu-oti (Lit.: parecida com a flor de urubu) e Uobórerá-diocí (Lit.: garra de colhereiro). Não nos informaram sua utilidade. Estampa 59.

Família: **BORRAGINACEAE**

Gênero: *HELIOTROPIUM LINN.*

(O. Machado 246) — Heliotropium sp. Plantinha das margens do Araguáia, desde Aruanã até a Barra do Tapirapés. Os Carajás dão-lhe o nome de Utí-caá-debó-nin.

Gênero: *GERASCANTHUS. P. BR.*

F. Fresenius, Mart. Fl. Br. VIII, I, 3

(O. Machado 441) — Gerascanthus sp. Arbusto ou talvez árvores, com flores alvas, ligeiramente odoríferas, coletadas de Aruanã para o baixo-Araguáia. Produz boa madeira que muito se presta para taboado, marcenaria e vigas. Nomes vulgares: Louro e Claraíba. Em carajá: Rá-rá-ó (árvore do urubu). Estampa 60.

4.ª Sub-Série: *Verbenninēae*

Família: **LABIATAE**

§ OCIMEAE

* Hyptidinae

Gênero: *HYPTIS JACQ.*

J.A. Schmitd. Mart. Fl. Br. VIII, I, 80

(O. Machado 450) — Hyptis sp. Plantinha frequente às margens do Araguáia. (Ilha do Bananal). Suas flores e fôlhas desprendem agradável odor. Floresce e frutifica em setembro-outubro.

5.ª Sub-Série: *Solanineae*

Família: **SOLANACEAE**

§ SOLANEAE

* Solaninae

Gênero: *SOLANUM LINN.*

(O. Machado N.° 1.863 — Solanum mammosum L. N. Carajá: Tori-Tócó. Arbusto tido por venenoso pelos Carajás. Fruto mamilonado, amarelo na maturidade. Freqüente em todo o curso do Araguáia e afluentes.

(O. Machado 244) — Solanum sp. Plantinha da alfombra dos bosques marginais do Araguáia, desde Aruanã até a Barra do Tapirapés e, provàvelmente, com mais vasta dispersão. E' a Boró-rretidé, dos Carajás, que aplicam tal planta como tratamento nos ferimentos produzidos pelo ferrão das arraias. Floresce e frutifica simultâneamente, setembro-outubro 1945.

ESTAMPA 59

*Hydrolea spinosa* Linn.

ESTAMPA 60

*Gerascanthus sp.*

Gênero: *CAPSICUM*

C. frutescens Willd. Fl. Br. Mart.

É a pimenta malagueta, por tôda a parte aproveitada como condimento picante. N. Carajá: Á-xi-ú-éra.

§ DATUREAE

* NICOTIANINAE

Gênero: *NICOTIANA L.*

Nicotiana spp. Várias espécies de tabaco são cu'tivadas na região do Araguáia. inclusive pelos Carajás, que, ao fumo, denominam Có-tí.

Família: **BIGNONIACEAE**

§ BIGNONIEAE

Gênero: *ARRABIDAEA PYR. DC.*

Bureau et C. Schumann, Mart. Fl. Br. VIII, II, 19

(O. Machado 422) (1) Arrabidaea sp. Planta escandente dos cerrados marginais do Tapirapés, mas diferente das espécies descritas na flora de Martius. Nome Carajá: Ó-té (Timbó). Estampa 61.

Gênero: *BIGNONIA LINN.*

(O. Machado 279) — Bignonia exoleta Vell. Bureau et C. Schumann. Mart. Fl. Br. VIII, II, 283, Est. 106.

Grande trepadeira que, em outubro, se cobre de numerosíssimas flores amarelas, caducas. E' frequente nos bosques marginais, periòdicamente inundáveis, das margens do Baixo-Araguáia e rio Tapirapés. Os Carajás denominam-na Torióсó. (Árvore que ascende como lagartixa?).

A. sieberi I. DC. Bureau & Schumann, Fl. Br. Mart. VIII, II, 19.

Arbusto escandente, flores roxas; frutos dos barrancos do Araguaia.

Aruanã, 12-8-1945. O. Machado 442: Hb. J. Bot. R. J. 60089.

A. mazagana Hub. J. Huber, Bol. Mus. Paraense de Hist. Nat. e Etnografia, II, 512. (O. Machado 417 e 443) Trepadeira de flores roxas, ligeiramente odoríferas, frequente nos barrancos marginais do Tapirapés e nos cerrados da margem norte do dito rio. N. Carajá: *Má-unin*. Estampa 61.

Gênero: *ANEMOPEGMA MARTIUS*

Bureau et. C. Schuman, Mart. Fl. Br. VIII, II, 140, A.D.C. Prod. IX, 187, Frei J.M.C. Vellozo, Fl. Br. VI, Est. 40.

(O. Machado 415:200) Anemopegma arvensis (Vell.) — O. Mach. n. comb. (Anemopegma Mirandum A. D. C.). Plantinha muito comum nos cerrados marginais do Araguáia, prinpalmente na ilha do Bananal (Posto Sta. Isabel). De há muito conhecida como tônico e afrodisiaco, não foi, todavia, até hoje bem estudada, sob o ponto de vista farmacodinâmico. Os Carajás consideram-na medicamento especial para afecções cardíacas e as enteralgias. Não tivemos oportunidade de observar tais efeitos. Os civilizados daquelas paragens parecem não reconhecer tal planta, tanto assim que, dizem: "no alto rio das Mortes é sòmente onde existe a Catuába verdadeira" (sic). Ora, a verdadeira catuaba é, precisamente, o *Anemopegma arvensis* (Vell.), O. Mach. ou Bignonia arvensis Vell. Os Carajás dizem-na Monan (medicamento) e dão, à planta o nome Adiú-Têne.

§ TECOMEAE

Gênero: *TECOMA JUSSIEU*

(315, 314, 313, 329) — Tecoma Caraíba Mart. Bureau et C. Schumann. Mart. Fl. Br. VIII, II, 331. Árvore mediana que de agôsto a setembro se torna majestosa, pela magnífica floração amare'o-ouro. E' o ipê do sertão que tem sido decantado pelos poetas e presadores nacionais. E' o Caraíba (palavra tupi que tem tido interpretações diversas; Martius pensa ser Guara-iba). Chamam-na, também, Cinco-fôlhas do campo, Páu-darco do campo. Os Carajás denominam-na Olótè.

Gênero: *CREMASTUS MIERS.*

(O. Machado 214) — Cremastus septum.Bur. & Schu. Bureau et C. Schumann. Mart. Fl. Br. VIII, II, 216. E' um arbusto que os Carajás consideram medicinal e que na medicina antiga passava por depurativo e anti-sifilitico. Tem por nomes vulgares: Caróba do Campo, Parreirinha e Erva Cigana.

## BELOPERONE Nees

### 1 — *Beloperone Ceciliae* O. Machado, nov. sp.

Planta optima scandens. Caulis herbaceus, perfecte teretis, puberu'us, nodosus. Folia lanceolata, acuta, basi rotundato-cuneata, integerrima, utrinque hirta ad costa pilosa, sub lente ciliata, 6-8 cms. longa, 1 1/2-2 cms. lata. Petiolus hirsutus, 3-5 mms. longus. Internodia superiora 5-6 cms. longa, inferiora, usque 11 cms.. Spicae axillares terminalesque breves, opposites gemines, paucifloras, circa 4 cms. longae. Bracteae lanceolatae, virides, tomentosae. Bracteolae 3 per florem, aequales, virides, 'anceolatae. hirsutae. 15 mms. longae. 2 mms. latae. Calyx pilosus, virides; làciniïs acqualis, marginis membranaceis, setaceis, 12 mms. longis. Corolla rubra, bilabiata, hirsuta. 25 mms. longa; labio inferiori trifido, lacinia media majora, ovalia, lateralia minus latiori, apicis sub-incurva; labio superiori scasse bifido, 'aciniïs obtusis. Stamina duo. Antherae biloculares, basi calcaratae. loculis apicis sub-mucronatis, altero altiori. Capsula a basi ad medium compressa, asperma, apice tetrasperma, dilatata, utrinque pilosa, mucronata. Ejaculator unciformis, spathulatus. Pollinis granula typica.

Tabula nostra: habitus et analysis.

Habitat in insulam Bananal ad flumen Araguaya. Mato-Grosso, collegit Othon Machado n.° 250. Herb. J. Bot. R. Jan. n.° 56.021 (Typus).

"Yobódó-tbó" a gente Carajá dicitur.

Nomen speciei auctorem iconis dicatus est.

## TABULA EXPLICATA

*Habitus*

1 — Corolla aperta
2 — Calyx
3 — Bracteolae
4 — Staminum
5 — Bractea

6.ª Sub-Série: *Acanthineae*

Familia: ACANTHACEAE

Dentre as Acanthaceae coligidas apenas veio em condições de ser determinada a que a seguir descrevemos. Pertence ao gênero Beloperone e é a primeira espécie descrita de tal gênero que tem caule volúvel. Planta muito ornamental, frequente no Baixo-Araguáia, tanto na margem matogrossense, como na Ilha do Bananal.

Gênero: *BELOPERONE NEES*

N. et E. Endlicher Gen. n.° 4.082: Nees ab Esenveck, Mart. Fl. Br. IV, 135.

(O. Machado 250) Beloperone Ceciliae O. Mach., n. sp. (Othon X. B. Machado, Arquivos Jard. Bot. Rio Janeiro, n.° IX (1949). Planta optime scandens. Caulis herbaceus, perfecteteretis, puberulus, nodosus. Folia lanceolata, acuta, basi rotundato-cuneata, integerrima, utrinque hirta ad costa pilosa, sub lente ciliata, 6-8 cms. longa, 1-1/2-2 cms lata. Petiolus hirsutus, 3-5 mms longus. Internodia superiora. Spicae axillares terminalesquae breves, oppositae geminae, pauciflorae, circa 4 cms longae. Bracteae lanceolatae, viridis; laciniis aequalibus, margine membranaceis, Setaceis, 12 mm. longis. Corolla rubra, bilabiata, hirsuta, 25 mm longa; labio inferiori trifido, lacinia media majora, ovalia, lateralia, minus latiori, sub-incurva; labio superiori scasse, bifido, laciniis obtusis. Stamina duo. Antherae biloculares, basi calcaratae loculis apice sub-mucronatis, altero altiori. Capsula e basi ad medium compressa, asperina, apicee tetrasperma. Ejaculator unciformis, spathulatus. Pollinis granula typica. Tabula 59: Habitus et analysis. Habitat in insula Bananal, civitatis Goiás, ad ripas fluminis Araguáia et marginibus sinistra (civitatis Mato-Grosso) colegit Dr. Othon X. B. Machado n.° 250; Herb. J. Bt. Rio de Janeiro, n.° 56.021 (Typus). Yobodó-tbó a gente Carajá dicitur. Nomem speciei auctorem iconis dicatus est. Tabula explicata: Habitus. 1 corolla aperta; 2 calyx; 3 Bracteolae; 4 staminum; 5 Bractea. Estampa 62.

9.ª Série: *RUBIALES*

Familia: RUBIACEAE

Gênero: *DIODIA GRONOV*

(O. Machado 389) — Diodia Othonii Rizzini, n. sp. Herbacea basi lignescens escasse ramosa, caule fistuloso glabro; ramis teretis

ESTAMPA 61

*Arrabidaea mazagana* Hub., o *Má-unin* dos Carajás.

ESTAMPA 62

*Beloperone Ceciliae* O. Machado n. sp.
Redução: 1/2.

glabris, laevibus, novellis pubescentibus. Folia lanceolata, sessilia, utrinque acuta, brevissime mucronata, margine sub lente aculeato-serrulata, utrinque glabra aut supra sparse pilosa, 5-6 cms. longa, 8-10 mm. lata; nervis obscuris. Vagina stipulari puberula setis pluribus vaginam fere aequantibus; floribus axillaribus numerosis vaginam paullo superantibus. Internodia 2-4 cms. longa. Bracteae valde laciniatae, laciniis glabris, ovarium vix aequantes. Sepala 1 mm. longa, hirsuta, aequalia. Corolla parva, alba, laciniis acutis obscure recurvis, extus pilosulis et apice tomentosis, intus glabris, infundibuliformis. Antherae filamenta aequilonga. Capsula circa 4 mms. longa, hirsuta ad. apicem; cocci ventre plani. Semina obovata, ventre profunde unisulcato, punctulata.

Tabula 63. (Habitus e analysis).

Habitat in locis arenosis humidis ad litore fluminis Tapirapés, ramus Araguáia, Mato-Grosso, collegit Dr. Othon X. B. Machado número 389, Herb. J. Bot. Rio de Janeiro n.° 55.844 (Typus).

Incolarum Carajá Vocatur Teodadá-dídí.

Nomem speciei collectorem dicatus est. 63. Tabulae explicatae Habitus: 1) — Margo folii; 2) — Inflorescencia cum vaginam stipulari apertam; 3) — Bractea; 4) — Flos solus cum bracteam in basin; 5 — Frutus; 6) — Semina.

Gênero: *MITRACARPUS ZUCCAR*

(O. Machado 236) — Mitracarpus Rizzinianum O. Mach. sp. n. Herbaceae basi lignescens, caulibus erectis, teretis, glabris, rugosis, novellis pubes centibus; ramusculis valde parvis plurimis in singulis nodi, com foliis verticillatis similis. Internodia 2 — 3 cms. longa. Folia lineari-lanceolata, sessilia, glaberrima, brevissime mucronata, integerrima, 1-2/,5 cms. longa, 1-2 mms. lata. Vagina stipulari minuscula, setis paucis vaginam aequilongibus. Inflorescentiae auxillares capitatae, minutae, foliis 2 patentibus, rarrisime 3. Sepala dua acuta, apice recurva, glabra, circa 2 mms. longa, Corolla extus hirsuta, intus supra basin pilosa, infundibuliformis, laciniis acutis plus minus recurva, alba, 5-6 mms. longa. Stamina dorsifixa, antheris filamentis aequilongis, glabra. Styllus antheram aequantis, bifidus; stigma claviformis. Capsula dense hirsuta, sepalis persistentibus a 2/plo longioribus cornuta, conica, circiter 1½ mm. longa. Semina oblonga, punctulata, ventre profunde unisulcatis.

Tabula 64. (Habitus et analysis.)

Habitat in locis humidis ad ripas fluvium Tapirapés. (Vel Tapirapés ramus Araguaiae. Mato-Grosso) Colegit. Dr. Othon X.B.

Machado, n.º 236 Herb. J. Bot. Rio de Janeiro n.º 55.855 (Typus) Tabulae explicatae Habitus; 1) — Ramusculi intra vaginam stipulari cum foliis verticillatis similis; 2) — Flos solus; 3) — Capsula aperta; 4) — Semina) Estampa 64. 4

Gênero ?

(O. Machado 256) — Palicourea? Psycotria? Plantinha coligida florida no bosque do Tapirapés, no cemitério dos Carajás, que a denominam Aricatí-ranré. O material, por deterioração consecutiva, não permitiu identificação do gênero e espécie.

## 10.ª Série: *CUCURBITALES*

### Família: CUCURBITACEAE

Gênero: *TRIANOSPERMA MARTIUS.*

A. Cogniaux, Mart. Fl. Br. VI, IV.

(O. Machado 241) — Trianosperma sp. trepadeira muito comum ás margens do Araguáia e afluentes. Os Carajás chamam-na Dorirú-ní (Lit.: parecido com a cabaça (*Cucurbita lagenaria*). E' um dos taiuiás de outros lugares do Brasil.

§ CUCURBITEAE

Gênero: *LUFFA TOURNF*

A. Cogniaux, Mart. Fl. Br. VI, IV, 12, Est. 1

Luffa operculata Cogn. E' a Buchinha dos Paulistas. O mesocarpo depois de macerado em álcool cede a êsse solvente um princípio amargo que as populações ribeirinhas ao Araguáia e afluentes dizem ser poderoso anti-malárico. Estampa 65. N. Carajá: *Má-má-dô-xima.*

## 11.ª Série: *CAMPANULATAE*

### Familia: COMPOSITAE

§ VERNONIEAE

Gênero: *VERNONIA SCHREB.*

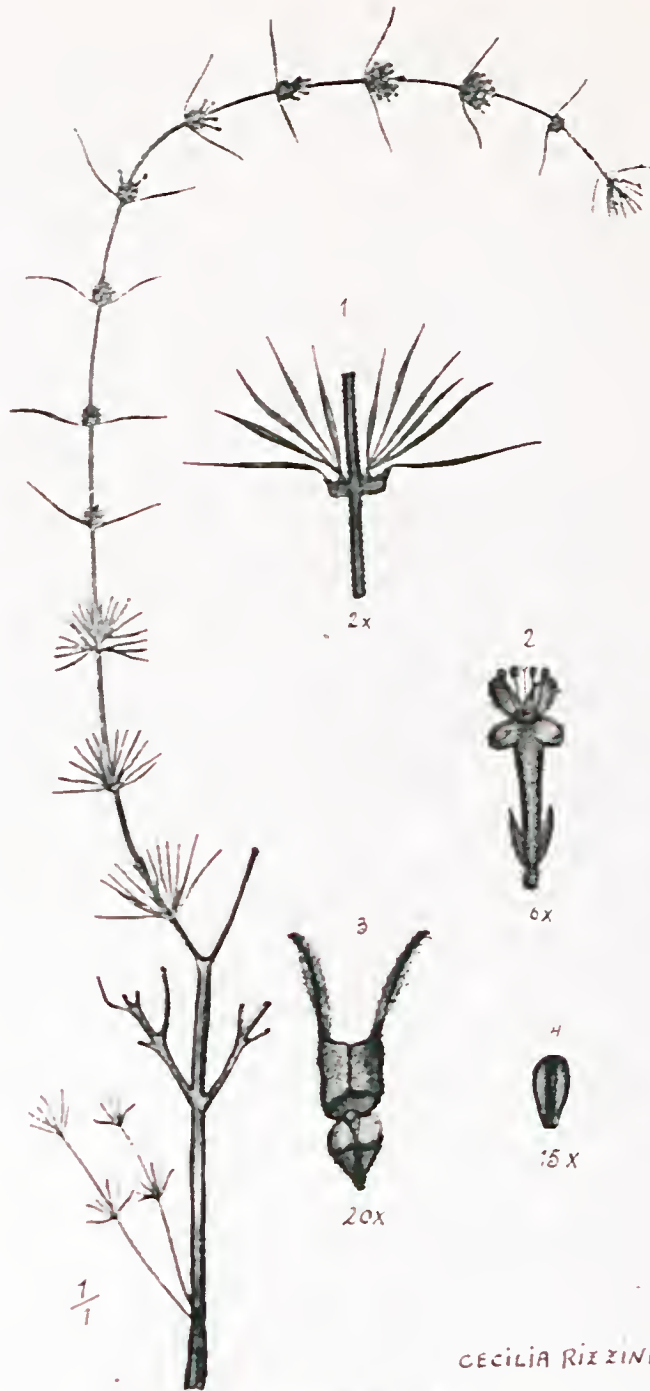
J.C. Baker, Mart. Fl. Br. VI, II, 18

Vernonia sp. Planta comum às margens do Baixo-Araguáia. Tapirapés e Ilha do Bananal (Sta. Isabel). N. dos Carajás: *So-non--on-uératú.*

ESTAMPA 63

Estampa 63

*Diodia Othonii Rizzini* n. sp.
Redução aproximada: 2/3.

ESTAMPA 64

*Mitracarpus Rizzinianum* O. Machado, n. sp.
Redução aproximada: 2/3.

ESTAMPA 65

*Luffa operculata* Cogn.

Vernonia scabiea Pers.

Arbusto frequente nas margens do Baixo-Araguáia e Tapirapés. Ns. Carajás: So-non-on-uéra-ti; diná-odó-urú.

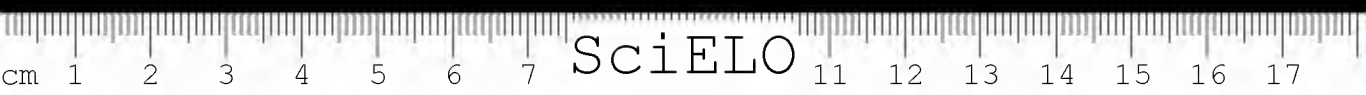
Gênero: *EGLETES CASS.*

(O. Machado) — Egletes viscosa Less. Plantinha erbácea, odorífera, de fôlhas profundamente recortadas: capítulos florais numerosos. Nome vulgar: Marcela, macela. Praias arenosas do Araguáia. Nome Carajá: Bró-ocê. Empregada com finalidade semelhante à das outras macelas (*Achyrocline spp.*) nos disturbios gástricos. O gênero Egletes figura na Flora de Martius apenas com esta espécie que coletámos.

Gênero: *EREMANTHUS LESS*

Lessing, Linnaea 1829, p. 317. 1831, p. 682;
Shultz-Bip. Pollichia 1861 p. 163,
J. A. Backer. Fl. Br. Mart..VI, II, 163.

1. Eremanthus sp. Planta colhida na ilha do Bananal, à margem do Araguáia. O material não permitiu chegar-se até a espécie, de vez que estava todo frutificado.

2. Eremanthus Goyazensis Schultz-Bip. Colhido nas margens do Araguáia e margens do Tapirapés.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
CONSELHO NACIONAL DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

# OS CARAJÁS

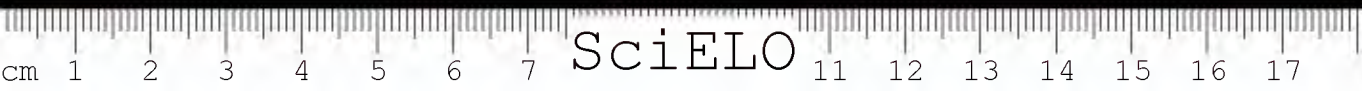
## (INAN-SON-UÉRA)

pelo

DR. OTHON XAVIER DE BRITO MACHADO

JULHO — DEZEMBRO DE 1945

Publicação n.º 104
Anexo n.º 7

1947
IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL

# OS CARAJÁS

## *(INAN-SOU-UÉRA)*

### Contribuição ao estudo dos indígenas brasileiros

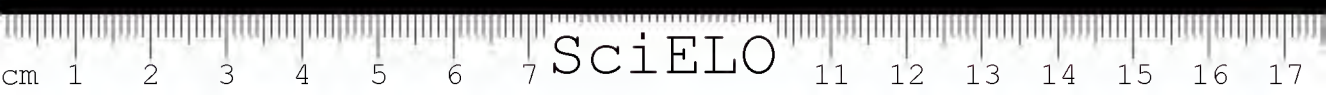


*pelo*

DR. OTHON MACHADO

(DR. OTHON XAVIER DE BRITO MACHADO)

1.º Tenente-Médico do Exército (Reserva 1.ª classe)
Livre-docente de Botânica (U. B.)
Farmacêutico pela Universidade do Brasil
Assistente da Fac. Nac. de Farmácia da Univ. do Brasil
Médico e Naturalista-Chefe da Equipe Geográfica à Mesopotâmia
Araguáia Xingú
Fundador da Société Astronomique de France
Da Sociedade de Medicina e Cirúrgia do Rio de Janeiro
Laureado pela Academia Nacional de Medicina
e Academia Brasileira de Letras
Da Société Linnéenne de Lyon
Da Société Mycologique de France
Da Société Zoologique de France
Da Sociedade Portuguesa de História Natural
Da Société Nationale de Sciences Naturelle et Mathématiques de Cherbourg
Etc. etc.

1947
IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL

# ÍNDICE DO TEXTO

## PARTE I

Dedicatória ........ III/IV

Ofício do Cel. Jaguaribe ao Sr. General Rondon, por êste mandado publicar a título de prefácio ........ VII

Introdução, pelo autor ........ 1

CAPÍTULO I:

Dispersão corográfica (Inan-Lândia) ........ 5
Breves dados morfológicos, compreendendo o índice de Pignet.. 6
Religião ........ 8
Criminalidade ........ 9
O banho ........ 9
Vestuário e ornamentos ........ 10
A casa e a aldeia carajá — A casa do bicho ou Casa do Aruanã 11

CAPÍTULO II:

O casamento ........ 13
Divórcio ........ 15
Limitação da prole ........ 16

CAPÍTULO III:

Alimentação — Pratos regionais — O *calogi* ........ 18

CAPÍTULO IV:

A divisão do trabalho entre os sexos ........ 22
Utensílios de fabricação *inan* — A cerâmica carajá ........ 22
Armas carajás ........ 24
Arco e flechas ........ 25
As canoas indígenas ........ 25
Caça e pesca — Domesticação de animais selvagens ........ 25
Agricultura — Obtenção do fogo — Óleo de tucum ........ 27
O pente carajá ........ 27

CAPÍTULO V:

Os médicos e a medicina — A patologia indígena ........ 32
Alcoolismo e tabagismo ........ 33
Sexologia carajá — O desporto entre os índios Carajá ........ 34
Morte e ritual fúnebre, sepultamento ........ 35

CAPÍTULO VI:

Tradições da raça carajá — A dança do *Aruanã* ........ 37
A dança do machado — Desenho — Astronomia carajá ........ 39
Meteorologia carajá ........ 40

CAPÍTULO VII :

Algumas lendas carajás — Como nasceram os Carajá ............ 42
Como foram feitos alguns animais — Os papagaios ............ 42
Idem, idem : Os veados — Os pirarucus ........................ 43

PARTE II

*Subsídios para um vocabulário Português-Carajá e Carajá-Português*

Dados lingüísticos ................................................ 51
Vocabulário Português-Carajá ................................ 57
Vocabulário Carajá-Português ................................ 95

## ÍNDICE DAS GRAVURAS

*Entre as folhas*

Cópia de um trecho da Carta de Mato-Grosso, mostrando o itinerário da Expedição à Mesopotâmia Araguáia-Xingu .... 5/7

Vestimenta de mulheres carajás e dois dançarinos de Aruanã.. 9/11(I)

A dança do Aruanã na aldeia Sta. Izabel .................... 9/11(II)

*Ataul*, o *xandinodô* (cacique) de Santa Izabel atirando flechas 11/13(I)

O mesmo xandinodô em duas poses ......................... 11/13(II)

Duas *diadomas* (donzelas) carajás corretamente vestidas .... 11/13(III)

Casa carajá — Aldela Sta. Izabel ........................... 11/13(IV)

Cata de parasitos com pente feito de acúleos de tucum ...... 13/15(I)

Grupo de índios mostrando a "vestimenta" masculina ........ 13/15(II)

Preparo do *calogi* — O pllão de lixeira em que é socado o milho 15/17(I)
Mãe carajá amamentando o filho .......................... 15/17(II)

Na velha e heráldica cidade de Goiás alnda se usa o tipo de bilha carajá como vasllha no transporte de água ........ 25/7(I)

Lançamento do arpão na pesca do pirarucu .................. 25/7(II)

O sílico — espongiário (Tubelia Mello Leitãoi O. Machado) cujos espículos são a causa provável de certas dermatoses nas oleiras ............................................ 25/7(III)

O tabagismo entre as crianças carajás ...................... 33/5

Um grupo de Carajás desafia os lutadores de *Idieçó* para uma peleja desportiva ........................................ 35/7(I)

A luta desportlva — *idieçó* — em sua primeira fase ........... 35/7(II)

Concepção mitológica clássica das constelações austrais e a mesma região do céu, segundo a imaginação dos Carajá.. 39/41(I)

"La constelaclon El Suri (avestruz), segundo um desenho extraído da "Revista del Museu de la Piata" — por R. Lehmann — Nitsche ........................................ 39/41(II)

AO

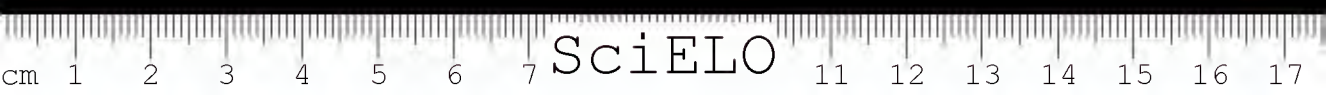
INSIGNE GENERAL DE DIVISÃO

Cândido Mariano da Silva Rondon

A QUEM TANTO DEVEM OS INDÍGENAS BRASILEIROS.

*O.D.C.*

*o*

*Autor*

# ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

## CONCURSOS LITERÁRIOS DE 1946

### B — Prêmios da Academia Brasileira

VII — PRÊMIO JOÃO RIBEIRO (FILOLOGIA, ETNOGRAFIA E FOLCLORE)

*Parecer da Comissão Julgadora, aprovada em sessão de* 12 *de junho de* 1947 :

À Comissão Julgadora do Concurso ao *Prêmio João Ribeiro* (Filologia, Etnografia e Folclore), de 1946, foram enviados os seguintes trabalhos :

I) *Os Carajás.* Contribuição ao estudo dos indígenas que vivem às margens do Araguáia — pelo Dr. Othon Xavier de Brito Machado, inédito, dactilografado ;

II) ..........................................................

III) ..........................................................

Preenchem êsses trabalhos as condições formuladas no edital de concurso.

..........................................................................

A memória do Dr. Othon Xavier colige agora sôbre essa gente interessantes notícias, — seu modo de vida, suas indústrias de caça e pesca, sua agricultura, navegação, arte, esportes, astronomia, meteorologia, medicina, suas lendas e sua linguagem, ressaltando nesse particular dois vocabulários português-carajá e carajá-português (bastava êste...) assaz copiosos, que recolheu em diversas aldeias. São capítulos, quanto se pode julgar, completos em seus detalhes, que atendem a todos ou quase todos os quesitos que se formulem sôbre o povo em questão ; representa, em suma, êsse trabalho uma contribuição valiosa para a Etnografia brasileira.

Assim sendo, e louvando, como merecem, os trabalhos dos outros concorrentes, a Comissão não tem dúvida em propor seja conferido o Prêmio João Ribeiro de 1946 à memória: *Os Carajás,* supramencionada.

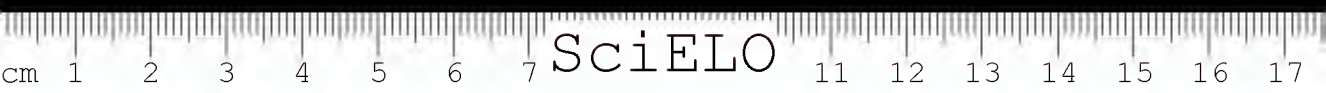
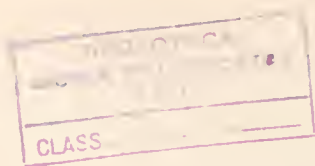
Em 29 de Maio de 1947.

A Comissão :

Rodolpho Garcia, Relator.

Manuel Bandeira.

Getúlio Vargas.

(Rev. da Academia Brasileira de Letras, ano 46, vol. 73. Anais de 1947. Janeiro a junho, Págs. 227-229).

ERRATA

A ser introduzida na publicação n.º 104 do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, da autoria do Dr. Othon X. B. Machado, em substituição às páginas IX a XIII, que saíram erradas e com falhas.

Rio de Janeiro, 2 de abril de 1947.

Of. n.º 35

Do Cel. Chefe do Serviço de Conclusão da Carta de Mato-Grósso.

Ao Exmo. Sr. General Presidente do C. N. P. I. e Diretor Geral da Carta de Mato-Grosso.

Assunto : Estudos relativos à Expedição à Mesopotâmia Araguáia-Xingu — Remessa de...

Anexos : 3 desenhos originais — 3 cópias.

Com as presentes notas encaminho a V. Excia. a súmula das observações sôbre Etnografia, Folclore e Legendas Indígenas, feitas pelo 1.º Ten.-Médico da Reserva de 1.ª classe do Exército Dr. Othon Machado (Othon Xavier de Brito Machado), nos rios Araguáia e Tapirapés, quando os percorreu, encorporado na Expedição à Mesopotâmia Araguáia-Xingu, sob a Chefia de S. Ex. o Sr. Gen. José Vieira da Rosa.

O Dr. Othon Machado seguiu com a dupla incumbência de médico e de botânico da Expedição, tendo-lhe cabido ainda a responsabilidade de Chefe do Serviço de História Natural.

São dignas de divulgação as observações que registou.

Tão interessado fiquei pela descrição que êle faz do aspecto de um trecho do Hemisfério Austral da Abóbada Celeste, compreendendo parte das constelações do Centauro e do Cruzeiro do Sul, e o Saco de Carvão, segundo o relato do índio Deridô (Sabino) do pôsto indígena Heloisa Torres, que me prontifiquei a fornecer um gráfico representativo da concepção indígena.

Para melhor apreciação da legenda carajá, mandei executar o desenho pondo-o "vis à vis" ao da concepção clássica sôbre a mesma

região do céu, servindo-me para isto do "Atlas Celeste de Ch. Dien" e do "Planisphère Cèleste de J. Forest".

A cópia das antigas constelações e o desenho da concepção indígena foram executados pelo cartógrafo, referência XVIII, à disposição dêste Serviço, Emanuel de Sousa Araújo. Salvo alguns conselhos sôbre a posição da cabeça e do pescoço da ema e sôbre a colocação da arraia em perspectiva, por trás das outras figuras, tudo o mais é fruto do pendor natural do meu distinto auxiliar referido, que possue verdadeira vocação para o desenho e para a pintura de gênero.

A idéia de representar a ema deitada partiu dele. Não seria cabível outra posição, dando-se para olhos do animal as estrelas *Alfa* e *Beta* do Centauro e havendo mister de não invadir constelações do outro quadrante.

A figura da onça preta, que aparece na parte escura, por baixo da Via-Látea, parecerá ligeiramente diminuída em relação à da ema, se nos condicionarmos à representação de uma onça adulta. Creio que essa imposição não estará em jôgo, porque uma onça em fase de crescimento também ataca aos animais cujas armas de defesa sejam inferiores às suas. De resto, não devemos exigir dos indígenas um senso perfeito das proporções.

Ja estava terminado o desenho da constelação carajá, quando um outro distinto servidor desta Comissão, o cartógrafo-auxiliar XV Corsíndio Monteiro, estudioso acadêmico de Direito, que estava extraindo na Biblioteca Nacional, por ordem desta Chefia, alguns dados para o fichário dêste Serviço, me comunicou haver encontrado uma referência a certa constelação, também de concepção sul-ameríndia, referente ao hemisfério austral da Abóbada Celeste, tendo também como figura central a ema ou avestruz da América.

Reproduzo aqui, redigida por êle, as notas que lhe pedi, sôbre êste assunto. Reproduzo igualmente a cópia do desenho que ilustra o trabalho de R. Lehmann-Nitsche, cópia feita pelo cartógrafo XVIII Emanuel de Sousa Araújo.

*

"Informação fornecida pelo Sr. Corsindio Monteiro da Silva, extraída da obra de *R. Lehmann-Nitsche*, Chefe do Departamento de Antropologia do Museu de La Plata, inserida no Tomo XXVI (Buenos-Aires — 1921) da *Revista del Museo de La Plata*, sob o título: "*Mitologia Sudamericana*" — Capítulo: "*Las Constelaciones del Orion y de las hiadas*", págs. 260, 261:

La constelación "*El Súri* (avestruz) hembra con los cuatro pichones"
Desenho extraido da 'Revista del Museu de La Plata' - Tomo XXVI 'Mitologia Sudamericana - Las Constelaciones del Orion y de las híadas' - por R. Lehmann-Nitsche

Nuestra "Bolsa de carbón", según el Mataco Félix, representa un "súri macho" (*súri,* voz quichua, significa avestruz y es usada en el lenguaje castellano de aquellas comarcas).

El "súri hembra" es delineado por las siguientes estrellas de *Scorpius* y *Ara* : $\gamma$-$\theta$ *Scorpii,* el cuerpo ; $\theta$ *Scorpii* — $\alpha$ *Arae,* el cuello ; $\alpha$ *Arae,* la cabeza ; $\gamma$-$\iota$ *Scorpii,* una pierna ; $\gamma$ — PXVII 229 *Scorpii,* la otra; $\gamma$-$\lambda$ y $\gamma$-$\nu$ *Scorpii,* las alas del animal. Se conoce perfectamente bien, en lineas ejes, un avestruz fugándose rapidamente con el cuello estirado por delante y aleteando con las alas; las piernas, para nuestro concepto, son cortas, pero debe recordarse que las partes inferiores de ellas están escondidas en el pasto y no se ven; y así debe el hombre primitivo haberse ideado su astral "súri hembra". Los cuatro pichones que acompañan a la madre, son las estrellas $\gamma$, $\delta$, $\varepsilon$, $\eta$ del *Sagittarius.*

El indio M. sólo conocía la constelación del "súri con los pichones", sin especificar el sexo del animal; la "Bolsa de carbón". según él. es un paraje de barro, situado en el rio celestial. nuestra Via-Láctea; véase el respectivo párrafo.

Con la interpretación de la "Bolsa de carbón" como avestruz ("*súri* macho"), se aclara un párrafo de Pelleschi, insertado en la pag. 177 de su vocabulario : "Constelación cerca del Crucero del Sud : *huanjlój ;* ver: avestruz", y efectivamente, en la página 173 hay la misma palabra para esta ave. No cabe duda que el respectivo avestruz celestial es nuestra "Bolsa de carbón" cercana a la Cruz austral, aunque no constelación en el sentído de la palabra.

Rio de Janeiro, março de 1947".

*

Quando se considera a feição de comunicabilidade de que são dotadas as sociedades humanas, em todos os graus de evolução e em todas as circunstâncias de tempo e de espaço, a primeira idéia que acode, ante a coincidência presente, é a de uma infiltração de formas pensamentais.

Não sendo embora indicadas as mesmas estrelas, trata-se de uma mesma calote da esfera celeste e a interpretação se faz em tôrno de um mesmo animal.

E' muito admissivel um deslocamento da figura ou falta de perfeita identidade das estrelas que a compõem, erros êsses que seriam cometídos pelos que teriam transmitido ou pelos que teriam recebido a legenda atraves de séculos, quiçá de milênios.

Sôbre a transmissibilidade de informações pelos aborigenes, convêm recordar a obra "Zeitung aus Presilig Land", aparecida na primeira quinzena do século XVI, conforme nos informam Varnhagen e Selphus Rudge. Aí já vem o conceito de que os portuguêses, logo nos primeiros anos da conquista do Brasil, teriam obtido, dos índios da costa atlântica, informações da existência das riquezas do Império dos Incas, situado na encosta ocidental do Continente Sulamericano. Um comandante de navio português. dessa gloriosa época de avassalamento dos mares. tería recebido, de mãos dêsses aborígenes, um autêntico machado de prata de procedência incáica e tê-lo-ia levado de presente para o rei de Portugal, conforme refere Erland Nordenskiöld no seu belo trabalho: "*Analyse Ethno-géographique de la Culture matérielle de*

*deux tribus Indiennes"* — Paris 1929. O éco dessas notícias teria sido o móvel da arrancada gloriosa de Aleixo Garcia.

Arrastando um séquito imenso, de 1.000 a 2.000 índios, partiu Aleixo Garcia da Costa, da altura de Santa Catarina, atravessou as regiões de Tomina e Mizque e chegou ao Potosí, de onde voltou trazendo incalculáveis riquezas. Êsse valoroso português foi o primeiro grande bandeirante da América.

Dilatou as conquistas portuguêsas pelo interior da América do Sul, pois a êle se deve (1522-26) antes de qualquer outro europeu, a descoberta de regiões do solo das repúblicas do Paraguai e da Bolívia, como das do oeste matogrossense.

Para atingir Potosí êle teria entrado no grande peneplano ao S. das minas dêsse nome, pelo qual correm, para o N. águas do rio Pirapiti e do rio Grande — bacia do Amazonas — e teria cortado igualmente, mais para o oeste, águas do rio Pilcomayo, dirigidas para o S., originárias de nascentes ao N. das Minas de Potosí, águas essas integrantes da bacia do Prata.

Cortou assim o grande istmo de separação das bacias (onde possìvelmente as vertentes opostas se deram "rendez-vous") e foi o primeiro europeu que encontrou, no interior da América do Sul, seguindo por terra, águas amazônicas (sub-bacia do Madeira) e águas da bacia do Paraguai.

Em seu regresso Aleixo Garcia veio conduzido pelos índios "Chanés", habitantes das regiões do NO. argentino como das terras altas do Chaco brasileiro.

Ora, mostra o já citado Erland Nordenskiöld, que êsses índios "Chanés" foram os intermediários das ligações comerciais entre os índios seus vizinhos do noroeste da Argentina (Choroti, Ashluslay, Chiriguano, Mataco, Toba etc., já aliás impregnados de cultura incáica ou quitchua) e os índios do Chaco. (Tiveram também os Chanés contactos diretos com os índios montanheses).

A legenda descrita por Lehmann-Nitsche lhe foi comunicada pelo índio Felix, da tribo dos Mataco; daí a possibilidade que entrevemos de ligação com a legenda que o Dr. Othon Machado colheu do índio Deridô (Sabino) da tribo Carajá.

Reitero a V. Excia., Sr. General, meus protestos de estima e elevada veneração.

a) *Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos*, Cel. Chefe.

SERVIÇO DE CONCLUSÃO DA CARTA DE MATO-GROSSO

Rio de Janeiro, 2 de Abril de 1947.

Of. n.º 35

Do Cel. Chefe do Serviço de Conclusão da Carta de Mato-Grosso.

Ao Exmo. Sr. General Presidente do C. N. P. I. e Diretor Geral da Carta de Mato-Grosso.

Assunto : Estudos relativos à Expedição à Mesopotâmia Araguáia-Xingu — Remessa de...

Anexos : 3 desenhos originais — 3 cópias.

Com as presentes notas encaminho a V. Ex. a súmula das observações sôbre Etnografia, Folclore e Legendas Indígenas, feitas pelo 1.º Ten.-Médico da Reserva de 1.ª classe do Exército Dr. Othon Machado (Othon Xavier de Brito Machado), nos rios Araguáia e Tapirapés, quando os percorreu, incorporado na Expedição à Mesopotâmia Araguáia-Xingu, sob a Chefia de S. Ex. o Sr. Gen. José Vieira da Rosa.

O Dr. Othon Machado seguiu com a dupla incumbência de médico e de botânico da Expedição, tendo-lhe cabido ainda a responsabilidade de Chefe do Serviço de História Natural.

São dignas de divulgação as observações que registrou.

Tão interessado fiquei pela descrição que êle faz do aspecto de um trecho do Hemisfério Austral da Abóbada Celeste, compreendendo parte das constelações do Centauro e do Cruzeiro do Sul, e o Saco de Carvão, segundo o relato do índio Deridó (Sabino) do pôsto indígena Heloisa Torres, que me prontifiquei a fornecer um gráfico representativo da concepção indígena.

Para melhor apreciação da legenda Carajá, mandei executar o desenho pondo-o "vis à vis" do da concepção clássica sôbre a mesma região do Céu, servindo-me para isto do "Atlas Celeste de Ch. Dien e do "Planisphère Céleste de J. Forest".

A cópia das antigas constelações e o desenho da concepção indígena foram executados pelo cartógrafo, referência XVIII, à disposição dêste Serviço, Emanuel de Sousa Araújo. Salvo alguns conselhos sôbre a posição da cabeça e do pescoço da ema e sôbre a colocação da arraia em perspectiva, por traz das outras figuras, tudo mais é fruto do pendor natural do meu distinto auxiliar referido, que possue verdadeira vocação para o desenho e para a pintura do gênero.

A idéia de representar a ema deitada partiu dele. Não seria cabível outra posição, dando-se para olhos do animal as estrelas *Alfa* e *Beta* do Centauro e havendo mister de não invadir constelações do outro quadrante.

A figura da onça preta, que aparece na parte escura, por baixo da Via-Látea. parecerá ligeiramente diminuida em relação à da ema, se nos condicionarmos à representação de uma onça adulta. Creio que essa imposição não estará em jôgo, porque uma onça em fase de crescimento também ataca aos animais cujas armas de defesa sejam inferiores às suas. De resto, não devemos exigir dos indígenas um senso perfeito das proporções.

Nuestra "Bolsa de carbón", según el Mataco Félix, representa un outro distinto servidor desta Comissão, o cartógrafo-auxiliar XV Corsíndio Monteiro, estudioso acadêmico de Direito, que estava extraindo na Biblioteca Nacional, por ordem desta Chefia, alguns dados para o fichário dêste Serviço, me comunicou haver encontrado uma referência a uma constelação também de concepção sul-ameríndia, referente ao hemisfério austral da Abóbada Celeste, tendo também como figura central a ema ou avestruz da América.

Reproduzo aqui, redigida por êle, as notas que lhe pedi, sôbre êste assunto. Reproduzo igualmente a cópia feita pelo cartógrafo XVIII Emanuel de Sousa Araújo.

"Informação fornecida pelo Sr. Corsíndio Monteiro da Silva, extraída da obra de *R. Lehmann-Nitsche,* Chefe do Departamento de Antropologia do Museu de La Plata. inserida no Tomo XXVI (Buenos-Aires — 1921) da *Revista del Museo de La Plata,* sob o título : *"Mitologia Sudamericana"* — Capítulo : *"Las Constelaciones del Orion y de las hiadas"*. pgs. 260, 261.

*La Constelación "el súri (avestruz) macho y el súri (avestruz) hembra con los cuatro pichones".*

Nuestra "Bolsa de carbón", según el Mataco Félix, representa un "súri macho" (súri, voz quichua, significa avestruz y es usada en el lenguaje castellano de aquellas comarcas).

El "súri hembra" es delineado por las siguientes estrellas de *Scorpius* y *Ara* : $\chi$-$\theta$ *Scorpii*, el cuerpo ; $\theta$ *Scorpii* — $\alpha$ *Arae*, el cuello ; $\alpha$ *Arae*, la cabeza ; $\chi$-$\iota$ *Scorpii*, una pierna ; $\chi$ — PXVII 229 *Scorpii*, la otra; $\chi$-$\lambda$ y $\chi$-$\nu$ *Scorpii*, las alas del animal. Se conoce perfectamente bien, en lineas ejes, un avestruz fugándose rapidamente con el cuello estirado por delante y aleteando con las alas ; las piernas, para nuestro concepto, son cortas, pero debe recordarse que las partes inferiores de ellas están escondidas en el pasto y no se ven; y así debe el hombre primitivo haberse ideado su astral "súri hembra". Los cuatro pichones que acompanãn a la madre, son las estrellas $\gamma$; $\delta$, $\varepsilon$, $\eta$ del *Sagittarius*.

El indio M'. Sólo conocia la constelación del "súri con los pichones", sin especificar el sexo del animal ; la "Bolsa de carbón", según él ,es un paraje de barro, situado en el rio celestial, nuestra Via-Láctea ; véase el respectivo párrafo.

Con la interpretación de la "Bolsa de carbón" como avestruz ("súri macho"), se aclara un párrafo de Pelleschi, insertado en la pag. 177 de su vocabulario : "Constelación cerca del Crucero del Sud : *huanjlój ;* ver : avestruz", y efectivamente, en la página 173 hay la misma palabra para esta ave. No cabe duda que el respectivo avestruz celestial es nuestra "Bolsa de carbón" cercana a la Cruz austral, unque no constelación en el sentido de la palabra.

Rio de Janeiro, Março de 1947".

Quando se considera a feição de comunicabilidade de que são dotadas as sociedades humanas, em todos os graus de evolução e em tôdas as circunstâncias de tempo e de espaço, a primeira idéia que acode, ante a coincidência presente, é a de uma infiltração de formas pensamentais.

Não sendo embora indicadas as mesmas estrelas, trata-se de uma mesma calote da esfera celeste e a interpretação se faz em tôrno de um mesmo animal.

E' muito admissível um deslocamento da figura ou falta de perfeita identidade das estrelas que a compõem, erros êsses que seriam cometidos pelos que teriam transmitido ou pelos que teriam recebido a legenda através de séculos, quiçá de milênios.

Sôbre a transmissibilidade de informações pelos aborígenes convêm recordar a obra "Zeitung aus Presilig Land", aparecida na primeira quinzena do século XVI, conforme nos informam Varnhagen e Selphus Rudge. Aí já vem o conceito de que os portuguêses, logo nos primeiros anos da conquista do Brasil, teriam obtido, dos índios da costa atlântica, informações da existência das riquezas do Império dos Incas, situado na encosta ocidental do Continente Sulamericano. Um comandante de navio português, dessa gloriosa época de avassalamento dos mares, teria recebido, de mãos dêsses aborígenes, um autêntico machado de prata de procedência incáica e tê-lo-ia levado de presente para o rei de Portugal, conforme refere Erland Nordenskiöld no seu belo trabalho *"Analyse Ethno-géographique de la Culture matérielle de deux tribus Indiennes"* — Paris 1929. O éco dessas notícias teria sido o móvel da arrancada gloriosa de Aleixo Garcia.

Arrastando um séquito imenso, de 1.000 a 2.000 índios, partiu Aleixo Garcia da Costa, da altura de Santa Catarina, atravessou as regiões de Tomina e Mizque e chegou ao Potosí, de onde voltou trazendo incalculáveis riquezas. Êsse valoroso português foi o primeiro grande bandeirante da América.

Dilatou as conquistas portuguêsas pelo interior da América do Sul, pois a êle se deve (1522-26) antes de qualquer outro europeu, a descoberta de regiões do solo das repúblicas do Paraguai e da Bolívia, como das do oeste matogrossense.

Para atingir Potosí êle teria entrado no grande peneplano ao S. das minas dêsse nome, pelo qual correm, para o N. águas do rio Pirapiti e do rio Grande — bacia do Amazonas — e teria cortado igualmente, mais para o oeste, águas do rio Pilcomayo, dirigidas para o S., originárias de nascentes ao N. das Minas de Potosí, águas essas integrantes da bacia do Prata.

Cortou assim o grande istmo de separação das bacias (onde possivelmente as vertentes opostas se deram "rendez-vous") e foi o primeiro europeu que encontrou, no interior da América do Sul, seguindo por terra, águas amazônicas (sub-bacia do Madeira) e águas da bacia do Paraguai.

Em seu regresso, Aleixo Garcia veio conduzido pelos índios "Chanés", habitantes das regiões do NO. argentino como das terras altas do Chaco brasileiro.

Ora, mostra o já citado Erland Nordenskiöld, que êsses índios "Chanés" foram os intermediários das ligações comerciais entre os índios seus vizinhos do noroeste da Argentina (Choroti, Ashluslay, Chiriguano, Mataco, Toba etc., já aliás impregnados de cultura incáica ou quítchua) e os índios do Chaco. (Tiveram também os Chanés contactos diretos com os índios montanheses).

A legenda descrita por Lehmann-Nitsche lhe foi comunicada pelo índio Felix, da tribo dos Mataco: daí a possibilidade que entrevemos de ligação com a legenda que o Dr. Othon Machado colheu do índio Deridô (Sabino) da tribo Carajá.

Reitero a V. Ex., Sr. General, meus protestos de estima e elevada consideração.

*Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos* — Cel. Chefe.

## *INTRODUÇÃO*

*A realização dêste trabalho (*) foi possível por ter o autor participado, no segundo semestre de 1945, da Expedição mandada à Mesopotâmia Araguáia-Xingu pelos beneméritos Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Serviço de Proteção aos Índios e Serviço de Conclusão da Carta de Mato-Grosso, dependentes, respectivamente dos Ministérios da Agricultura e da Guerra. À êsses departamentos governamentais caberão as honras que, porventura, fôr merecedor êste atestado material do esfôrço por nós dispendido com o fito de corresponder à confiança que nos foi depositada. Julgamos prestar melhor serviço ao País, estudando, entre o meio biológico local, o homem nativo dalí, que é um dos mais interessantes componentes da vida nas longínquas paragens do Centro do Brasil. Sabemos, e desde logo proclamamos, não ser perfeita e acabada esta contribuição sôbre os Carajás.*

*Constituem, êsses indígenas, filão cientìficamente digno de proveitoso estudo. Sua origem étnica, afastada, evidentemente, do tipo Tupi-Guarani, deve servir de tema aos antropologistas nacionais aos quais compete determinar o grupo humano onde tais indígenas devem ser classificados. Não dispondo de recursos para estudo dessa natureza limitamos nossas observações à colheita de dados que talvez possam servir, à guisa de subsídios, aos futuros pesquisadores. E que êstes se não demorem. Os Carajás estão sendo extintos ràpidamente.*

*Antes de concluirmos estas linhas consignamos, prazerosamente, nossos agradecimentos : ao egrégio General Cândido Mariano da Silva Rondon e aos ilustres Coronéis Francisco Jaguaribe Gomes de Matos e Amilcar Botelho de Magalhães. Outrossim, agradecemos, a cooperação valiosa dos Doutores Belmiro Brêtas, José Maria de Paula e Herbert Serpa ; aos Senhores Milton A. Sant'Anna Filho, João Artiaga, Apolô-*

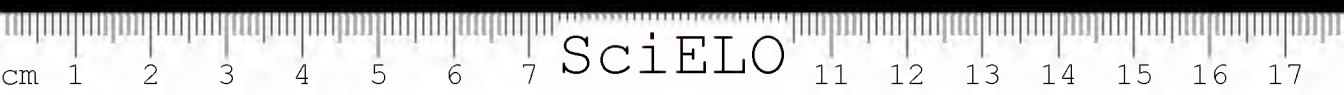
(*) Não foram feitas consultas bibliográficas além das citadas no texto e devidamente indicadas. O que contém êste trabalho é o resultado das *notas* tomadas pelo autor. Tais *notas* estão conservadas. Dr. Othon Xavier de Brito Machado.

*nio de Barros, Ulisses Carvalho, Sílvio Camboim Silveira ; aos companheiros da Equipe Geográfica à Mesopotâmia Araguáia-Xingu ; ao inolvidável amigo Aurélio Aureli que, gentilmente, prestou sua cooperação como desenhista espontâneo, fazendo os croquis de algumas estampas aproveitadas neste trabalho.*

*Rio de Janeiro, 30* DE *Março de 1946.*

DR. OTHON MACHADO.

Rua Rita Ludolf, 35, Leblon, Rio de Janeiro, Brasil.

PARTE I

## Capítulo I

*Os Carajás (Inan-son-uéra). Inan-landia (*) a dispersão corográfica e as aldeias atuais dos Carajás. — Breves dados morfobiotipológicos (compreendendo alguns valores para o índice de Pignet dos Carajás). — Alguns nomes próprios dos índios Carajás. Idade mental. — Religião. — Criminalidade. — Vestuário e ornamentos dos Carajás. — A casa e a Aldeia Carajá. — A casa do bicho ou casa do Aruanã.*

De Aruanã, antiga Santa Leopoldina, até Barreirinha (a aldeia mais setentrional dos Carajás) o Araguáia (1) distende-se por cêrca de mil quilômetros (fig. 1).

E' a região onde vivem os exímios canoeiros e pescadores Inan, que os civilizados denominam Carajás. (Os referidos indígenas não se insurgem contra essa denominação).

Não nos souberam dizer, civilizados e indigenas, a razão de ser de tal nome. Acreditamos, lhe fôsse dado pelos pioneiros bandeirantes daqueles sertões (tal como faziam com a toponímia em que designavam na lingua tupi regiões habitadas por índigenas de outras raças) ou porque os vissem como seres extranhos, ou pelo hábito arraigado de deprimir os indígenas, de vez que *Carayá*, corruptela Carajá, é o nome tupi de um dos maiores símios de nossa florestas (*Allouata caraya*),

---

(*) Os Carajás atualmente vivem às margens do Araguáia, quase sempre à direita dêsse curso de água. No Estado do Pará, segundo Homem de Melo (Atlas do Brasil, 1909), êles se encontravam no sul do Estado. Algumas cartas geográficas ali assinalam uma Serra dos Carajás. Atualmente, todavia, sòmente êles vivem às margens do Araguáia, preferentemente à direita, a fim de evitar os Xavantes, seus temidos e implacáveis inimigos, frequentadores habituais da margem esquerda do referido rio.

Do norte para o sul, os Carajás estão reunidos nas aldeias seguintes : Barreirinha, Barreira de Campo, Barreira de Pedra, Lago Grande, Antônio Rosa, Furo de Pedra, Morro de Areia, Tapirapés (ou Itapirapés), Jatobá, Crisóstomo de Cima, Mato Verde, Fontoura, Sta. Izabel, Luiz Alves, Xixá, S. José, Cocalina e Aruanan.

(1) Araguáia é palavra tupi. Para uns exigêtas é "rio das araras"; outros querem ver alusão às penas de araras que os indigenas guerreiros da região usavam como ornamento.

também conhecido por Guariba ou Guararíba (em nheengatu significando *individuo feio* ?) (1) e muito freqüente naquela região.

Êsses indígenas habitam, invariàvelmente, à margem do Araguáia, (Fig. 1) que, para êles, é o único rio verdadeiro, o rio grande, *berô-kan, berórê-kan, na sua língua.* Os afluentes daquele não passam, para os Carajás, de riozinhos, rios pequenos, ou riachos : por isso dizem-nos berióré ou bereoré.

---

*Alguns nomes de pessoa na língua carajá*

Procurámos averiguar a etimologia dos nomes que os Carajás dão às pessoas de sua raça. Desde Aruanan até o Baixo-Araguáia anotámos alguns nomes dêsses indígenas.

Ataul e Cu-ri-xi-re, ambos do Pôsto indigena de Sta. Izabel, forneceram-nos diversos nomes com as respectivas etimologias. Estas, contudo, parecem, em parte, pertencer à língua secreta da mencionada aldeia, pois Taxiriman, da Barra do Itapirapés, não confirmou vários dos significados, posto que, disse-se-nos, conhecia as pessoas portadoras de tais nomes.

São os seguintes os nomes coligidos : Nomes masculinos : *Kú-tá-ná, Diú-riá, Cú-ri-xi-re, Andedura* (arara vermelha) *Arú-tana* (uma espécie de peixe do Araguáia) *Té-ti-úa, Birrí-rôa, Di-arriúa, Curiála* (uma ave ribeirinha ?), *Ti-té-ó* ; nomes femininos : *Lô-ú-á, Krê-nak, Xi-úátirre, Bobô-cê* (uma ave ribeirinha ?), *Xirô-mára, Cô-xaú-arú, I-má-rriro, Andoró-ó* (Muricí, Malpiguiacea do gênero *Byrsonima*).

## BREVES DADOS MORFOBIOLÓGICOS DOS CARAJÁS

*(Compreendendo o Índice de Pignet)*

São os Carajás indivíduos de aspecto mongoloide, que, ordinàriamente, chegam à senilidade (em tôdas as aldeias encontramos setuagenários) ; de tez bronzeada ; estatura mediana (entre 1,65 m e

---

(1) Para J. M. Almeida (Dic. Geográfico da Prov. S. Paulo) Guariba é: *gu-aribo,* "no alto". alusão a viver tal simio nos galhos mais elevados das altissimas árvores" (sic) ; e Carajá parece ser alusão aos gritos estentóricos, aos roncos cavernosos que articulam com auxilio da caixa óssea que possue no ióide ; para Batista Caetano (An. Bibl. Nac. t. VII, págs. 70 e 136) é do tupi-guarani : "Caraya. S. nome de um mono grande, talvez o mesmo *guariba* (Mycetes caraya) ; *cara-ya*, rei dos tardos, ou dos expertos, e não "papudo" ou "gritador" que se não pode explicar". "*Guarib*. Nome dado a monos ou bugios, mas principalmente ao Mycetes ou Stentor, e si o nome se refere ao fato de ser "o uivador", só dando-se grande aglutinação de *guahur-ib* (chefe dos cantores ou berradores)".

COPIA REDUZIDA
DE
UM TRECHO DA CARTA DE MATO GROSSO
DA
COMISSÃO RONDON
1947
Mostrando a região percorrida pela
EXPEDIÇÃO Á MESOPOTAMIA ARAGUAIA-XINGÚ
Em 1945
Escala
0
50
100
150
200
Km
Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso
Março 1947
Barreirinha
10°
Ald. Carajá
Furo das Pedras
Ald Carajá
Sta Terezinha
MACAUBA
Ald. Carajá
Ald Tapirapé
Rio Tapirapés
Ald Carajá
11°
Rio Araguaia
Ilha do Bananal
Furo do Bananal ou Braço Menor do Rio Araguaia
Ald Sta Izabel
Ald Carajá
12°
Ald Anrarüê
13°
Ald Carajá
Ald Carajá
BANDEIRANTES
14°
COCALINHO
ARUANÃ
15°
51°
50°

1,72) ; robustos ; musculosos ; pouco gordos ; lissotricos ; malares salientes, sôbre os quais a pele é incisada circularmente, resultando cicatriz indelével (Rramarúré) que é considerada a característica da raça ; tórax desenvolvido ; abdomem escorreito ; pernas finas ; mancha mongólica perfeitamente visível na região justa coccigeana das crianças. Pintam o corpo com tintas retiradas do genipapo e do urucú. (*) Combinam essas tintas e fazem desenhos interessantes que denunciam o sentido de uniformidade que êsses indígenas teem (fig. 3). Sòmente aos meninos perfuram o lábio inferior e adatam um ornato feito com madeira leve (Ó-lu-ó), tendo uma parte mais fina que penetra no lábio e uma expansão laminar longa de 25 — 40 cm e larga de 1,5 — 3 cm que fica pendente. (Figs. 2, 4, 8, 9 e 10). Nos Carajás de cima, em tôdas as idades, e nos de baixo quando senís ou então os muito jovens, êsse enfeite é quase suprimido, pois, apenas para impedir que a cavidade se feche costumam manter introduzido um pequeno tornilho de madeira. (Fig. 4).

São nadadores consumados, remadores exímios, e, devido a seu modo de vida, excelentes caçadores e pescadores.

Para o cálculo do índice de Pignet coletamos os seguintes valores tomados em Carajás adultos, do sexo masculino e pertencentes a diversas aldeias :

| *Altura* | *Perímetro Toráxico* | *Pêso (kgr)* |
|---|---|---|
| 1,68 m | 104 cm | 68 |
| 1,75 m | 110 cm | 73 |
| 1,72 m | 109 cm | 75 |
| 1,65 m | 92 cm | 63,5 |
| 1,72 m | 112 cm | 70,5 |
| 1,64 m | 88 cm | 60,25 |
| 1,70 m | 100 cm | 68 |
| 1,71 m | 98 cm | 67,5 |

### *Idade mental*

Recorrendo a testes semelhantes aos seguidos no Exército Nacional avaliamos a idade mental dos Carajás adultos oscilando entre 6 a 12 anos.

---

(*) Tais pinturas, além da finalidade ornamental, também afastam os insetos nocivos (Inf. textual de Taxiriman).

Naturalmente, que os desta última idade são menos numerosos. Suas considerações mentais estão em relação com a idade fisiológica, e também, com o desenvolvimento do meio em que vivem. A maioria dos Carajás que vive na labuta habitual tirando do local de seu *habitat* o sustento, não pode ser elemento que se desligue das preocupações vegetativas. Quase não precisam, dest'arte, de cálculo nem se aprofundam em lucubrações mentais. Por isso, sua matemática é muito reduzida. (*) Na adição vão, normalmente, até cinco, e, algumas vêzes, até dez. Vinte parece o extremo limite de sua série numérica. Além dêsse número... *Son uéra*, coletividade... muitos...

Evidentemente essas apreciações se referem aos indígenas adultos, mantidos e criados às margens do Araguáia, adstritos à mentalidade exígua que é suficiente às necessidades biológicas dos Inan.

Um Carajá cerebralmente mais evoluido, transportado desde pequeno para o contato da civilização e convenientemente educado, acompanhará no seu desenvolvimento somático o dito psíquico, tal e qual ocorre com os meninos civilizados. Integrado à humanidade, sua mentalidade poderá atingir os níveis mais elevados : será capaz de compreender Euclides, Dalambert, Newton, assimilar a Lei dos Três Estados ou demonstrar porque o "Homem se agita e a Humanidade o conduz". Todavia (e a ressalva é apoiada por inúmeros exemplos já registados para indígenas de outras raças) poderá o atavismo interferir e determinar a volta do Carajá aos seus costumes primitivos e ao seu *habitat*, como acontece com Carovina, Carajá que é alfabetizado, reservista do Exército (onde foi cabo), funcionário da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e diplomado em apicultura e... tudo abandonou e voltou à vida livre, simples e arrojada das margens do Araguáia.

### *Religião*

Os Carajás são fetichistas extremamente superticiosos. Temem a alma dos mortos, que denominam *Cú-ní*, que corresponde a assombração. Não demonstram maior interêsse pelo Cristianismo, seja Romano

---

(*) Para contar, os Carajás, como outros indígenas brasileiros, indicam o número pelos dedos. Cinco, p. ex. é ua mão ; dez, duas mãos ; quinze, duas mãos e um pé ; vinte, duas mãos e dois pés, ou, como às vêzes costumam dizer" : "acabaram-se (subentendido os dedos) os pés".

Quando desejam exprimir número imenso, mais, muito mais que o *son-ué-ra*, dizem, revolvendo os cabelos com ambas as mãos : "Aradé-son-uéra-té-tire !" (Literalmente : cabelos todos muitíssimo !" (Informes de Taxiriman).

ou Protestante (apesar de, aqueles que pertencem à aldeia de Fontoura, fazerem algumas restrições a certos alimentos), mas não hostilizam os Sacerdotes, apreciando mais aquele que lhe dá presentes. Têm medo de feitiço. Por isto, preventivamente, costumam matar os feiticeiros. Conhecem a causa e temem os efeitos vulnerantes de alguns agentes meteorológicos, sem que os liguem à vontade de qualquer ser sobrenatural. Não encontrámos Carajá algum que tivesse noticia de um Dilúvio Universal.

### *Criminalidade entre os Carajás*

Homicídio, roubo e furto são os crimes maiores entre os Carajás.

Praticam o homicídio entre os de sua raça, geralmente recorrendo à borduna, flecha ou tiro de arma de fôgo, que alguns possuem.

Motiva êsse crime geralmente o adultério. (Laureano que matou o amante da mulher, com um tiro de Winchester 0,44 no abdome).

O roubo e o furto, entre os Carajás, não é comum. Pode-se, mesmo, considerar raro.

Entre Carajás e civilizados, êstes, de um modo geral, são mortos por aqueles antes da prática do crime de latrocinio. Por isso, nas margens do Araguáia consideram temeridade viajar um civilizado a sós com os indígenas. O episódio lamentável em que morreu o major Basílio, nas margens do rio das Mortes, trucidado por Lá-xi-mâni e outros Carajás de Santa Isabel, é freqüentemente citado como advertência aos viajantes.

Ao ladrão os Carajás denominam Macaco (*cróbi*) ou Iuá-cirô.

Os crimes sexuais não são muito freqüentes. O estupro é deles conhecido. O criminoso é, via de regra, terrìvelmente surrado, sendo a morte ocorrência comum em conseqüência de tal castigo.

As aberrações sexuais (das quais tratamos no Capítulo V) não são consideradas crimes.

Não tivemos notícia da prática de suicídio entre os Carajás.

### *Banho*

Todo Carajá, seja homem, mulher ou criança, toma, no mínimo, um banho por dia. Êsse banho se resume em imersão no rio, passando a mão pelo corpo. Não usam sabão (Aliás não sabem fazê-lo). Nos

dias calmosos, seja durante ou após as refeições, desde que sintam calor vão ao rio e nele imergem.

### *Vestuário e ornamentos dos Carajás*

Os Carajás adultos gostam de vestir roupas de civilizados.

Os meninos andam nús. Um pouco antes da puberdade os pais furam-lhes o lábio inferior na região mediana. Ai, durante tôda a vida usam um ornato de madeira, às vêzes longo, outras, muito curto. Atingida a nubilidade (geralmente entre 10-12 anos) não mais podem andar descompostos ; passam a amarrar com fio de algodão a extremidade do prepúcio, tal e qual fazem os adultos. E' o *vestuário* masculino a que chamam de *No-on-tú-kanã.* Para ocultar a glande o indígena faz com presteza a seguinte manobra : puxa à frente o prepúcio, retraindo, simultâneamente o penis. Depois, deixa o membro viril em liberdade de sorte que sua extremidade não coincida com a extremidade anterior do prepúcio. A ponta livre dessa cobertura é, então, amarrada com um fio : é o dito *No-on-tu-kanã.* (*) E o Carajá considera-se, assim, corretamente vestido. (A nocividade dêsse *vestuário* parece contribuir para atrofia da verga, conforme tratamos no Capítulo V). Quando se trata de certas cerimônias, como ocorre com a dança de Aruanã, o Carajá veste roupa especial (Figs. 6 e 7) conforme diremos adiante, no Capítulo VI. O rosto fica totalmente recoberto, pois a máscara é parte integrante da vestimenta. Outras vêzes usam à cabeça uma acangatára, e, à cintura uma tanga escassa. Esta e aquela feitas com penas de várias côres ; mas não vimos êsses ornatos freqüentemente usados. (Figs. 8 e 9).

Os cabelos dos indígenas são deixados crescer. Homens e mulheres costumam fazer uma franja na testa (Figs. 3, 4, 5 e 13) ; o cabelo, no homem, na parte posterior da cabeça, ou é deixado solto, ou, então, é recolhido e jungido por um fio grosso enrolado em helicoidal. Isso geralmente é feito pela esposa e constitue para o homem motivo de vaidade. Algumas vêzes, no entanto, amarram uma tira de tecido de algodão em tôrno da cabeça. (Fig. 9).

---

(*) A mulher Carajá é ciumenta. Teriam sido elas as inventoras do uso compulsório, pelos homens de sua raça, do *no-on-tú-kanã*, que impede, quando ajustado à verga, o seu funcionamento como órgão copulador ? Seria, neste caso, comparável "à cinta de castidade" que os maridos ciumentos de vários países do Velho-Mundo, em tempos idos, aplicavam às consortes, quando delas se afastavam.

Fig. 6 — Vestimenta de mulheres, vista pela região posterior. Dois dançarinos de Aruanan, com a indumentária típica (Iê-tê-kê) confecionada com palmas de buriti (*Mauritia spp.*).

(Foto da Equipe).

Fig. 7 — A dança do Aruanan (Di-á-çó) na Aldeia Sta. Izabel, na Ilha do Bananal, Baixo-Araguáia. Os Carajás que assistem à festividade, têm, quase todos, o ornamento labial (Oluó). O instantâneo fixou os dançarinos em posições diferentes do saltitante bailado. Reparar que o indígena da extrema direita tem à cabeça o ló-ri-do-rí, o cocar de penas.

(Foto Agência Nacional).

O vestuário das mulheres é um pouco mais completo. Geralmente, desde os dois ou três anos andam *vestidas*. Os Carajás dão à vestimenta das mulheres o nome de *Ué-tana ;* os civilizados denominam rabicho. Consiste numa cinta estreita amarrada em volta da bacia e com uma faixa fina que passa entre as coxas (cobrindo a vulva) e se fixa na parte posterior da cinta. À frente cái uma parte mais larga com cêrca de 0,40 m de extensão (Fig. 5), mas, na parte posterior a indígena fica pràticamente desnuda (Fig. 6). Tôdas as representantes do sexo feminino usam essa indumentária, mesmo as indígenas mais idosas. Nestas, até, tal cobertura à maneira de tanga, costuma ser um pouco mais longa. Êsse vestuário é feito com a entrecasca de uma *Moraceae* do gênero Ficus, muito freqüente nas margens do Araguáia. Às vêzes as indígenas tingem-no de vermelho com o urucu ; outras vêzes fazem-no com desenhos lineares de cor (ou cores) combinadas. Com penas coloridas fazem brincos, acangataras e tangas. Com dentes de capivara, de onça, de anta, e conchas de moluscos, fazem colares, indistintamente usados por ambos os sexos. São, êstes, seus principais ornamentos corporais.

### *A casa e a aldeia Carajá*

A casa tem uma só dependência. (Figs. 11, 12, 13 e 15). No centro, ou próximo de um dos cantos, fica a lareira, onde é feita a comida.

Animais silvestres domesticados e outros tais como cães e galináceos por êles criados, vivem em promiscuidade com os indígenas. O chão restante da casa é forrado com a Biré (Fig. 14), esteira ampla, feita com palha de buriti, e que constitue o leito onde tôda a família dorme.

Sòmente alguns Carajás de Aruanã dormem em rêde, que é leito de indígenas de outra nação, sobretudo tupi. Para dormir o Carajá não usa travesseiro. Sòmente possue cobertor quando o civilizado fornece. Quando o Carajá tem frio, envolve-se na esteira. Em viagem o indígena dorme na praia, abrindo, na areia, uma cavidade adequada ao tamanho do corpo. As areias do Araguáia são duras, exigindo essa prática para poder servir de leito.

A aldeia Carajá é formada pela reunião de casas. Não encontramos indígenas habitando fora do círculo de outras moradias. Um vigamento de madeira ; cobertura de palmas de buriti ou de coqueiro anão

(*Attalea spp*) são os materiais da construção (Figs. 11 a 15). Às vêzes a casa se resume numa parede inclinada, feita de palha e varas em posição oposta ao sentido do vento e da chuva. (Figs. 13 e 16).

*A casa do Bicho ou casa do Aruanã.*

Retirada da aldeia, mas não fora dos seus limites, fazem os Carajás a casa do Bicho ou casa do Aruanã.

Consta ela de pequena palhoça coberta, com três paredes (é construída com vigamento simples sôbre o qual amarram folhas de palmeira buriti que serve de telhado e paredes).

A abertura é orientada, sempre, em situação oposta ao recinto da aldeia, e, não raro, em direção ao nascente.

Alí os Carajás fabricam e guardam as roupas (Iê-tê-kê) usadas na dança do Aruanã. E' o lugar onde o noivo, o recem-casado, fica refugiado dos olhares curiosos das mulheres, depois que se realiza a cerimônia do casamento. Ninguém, do sexo feminino — seja menina de colo! — pode ter acesso à casa do bicho. Aquela que ali fôr estará irremediàvelmente condenada a tornar-se "rapariga".

Quando, numa aldeia, ocorre acontecimento lutuoso entre os mais importantes personagens (tal como sucedeu, em 1945, na Barra do Itapirapés) os Carajás queimam a casa do Aruanã. E, por isso, às vêzes durante anos não realizam a dança referida.

Fig. 2 — Carajá tecendo um cesto. Na mesma biré (esteira) repousam dois indígenas. Notar que o Carajá tem: preso ao lábio inferior o *oluó;* na cabeça uma tira de tecido de algodão.

(Foto Agência Nacional).

Fig. 14 — Na aldeia de Aruanan. Vista interior de uma casa indígena. Cobrindo o chão, vê-se a *Biré*, a grande esteira sôbre a qual dormem os Carajás. E' a cama *"nacional"* dêsses indígenas. Em Aruanan, no entanto, alguns Carajás já dormem em rêde. Notar nos antebraços do menino os ornatos (*Dé-xi*) feitos com fio trançado de algodão e corados em vermelho com urucu.

(Foto original da Equipe).

Fig. 3 — *Ataúl*, o xandinodó de Sta Izabel. Foto gentilmente cedido pelo Dr. Ney Vidal, Paleontologista da Equipe Araguaia-Xingu.

Carajá atirando flecha — Observar que na mão esquerda o indígena segura as flechas que, sucessivamente, serão projetadas. Os desenhos (U-rí) ornamentais feitos no corpo com tinta de genipapo, são característicos.

Fig. 4 — O Xandinodô Ataul, da ilha do Bananal, em duas *poses* expressivas. *a*) de cabelos soltos e exibindo o *oluó*, grande ornato do lábio inferior; *b*) com os cabelos amarrados e com o pequeno tornilho de madeira no mesmo lábio. Notar ainda, tanto no chefe Carajá como nos meninos, os enfeites (De-xi) do antebraço. No menino que está à frente do dito chefe, notar o de-ô-butê, ornato das pernas. Nas crianças observar as hérnias umbilicais.

Fig. 5 Duas diadomas (donzelas) Carajás, corretamente "vestidas" com a Uétana, que os civilizados denominam "rabicho". Feita essa "indumentária" com a entrecasca de uma *Moracea* do gênero *Ficus*, toma ela o aspecto e a consistência de um estofo grosso. Às vêzes é colorido em vermelho pelo urucu do Araguaia (*Bixa urucurana* Willd.) As pernas, ambas, exibem o dê-ô-butê, o ornato por êles usado. No fundo, a "parede" da casa, feita com as pinas das folhas do Arranté, palmeira (*Attalea sp.*). No pescoço de ambas, o colar (Sicura).

(Foto Agência Nacional).

Fig 16 — No último plano o tipo mais simples de casa Carajá. No primeiro plano a fase final do preparo de uma panelada de Calogi. As Carajás que fazem o ocepipe, tão apreciado pelos Inan, cospem dentro da panela a fim de que a ptialina desdobre os polissacarídeos... Depois vai ao fogo. Depois... está em condições de ser servido... (Desenho de Aurélio Aureli, na barra do Itapirapés).

Fig. 12 — Casas carajás (Numa aldeia à margem do Araguaia). No centro da figura notar duas panelas de cerâmica (Uma sobreposta à outra) na fase de dissecamento ao sol. Depois serão queimadas nas brasas do mesmo fogo vivo, a fim de serem usadas.

(Foto da Equipe).

Fig. 13 — Casa carajá. Aldeia de Sta. Izabel, Ilha do Bananal, Baixo-Araguaia. A casa limita-se a simples painel que serve para antepor-se aos ráios solares ou à chuva. E' a "Casa de emergência", usada no tempo de sêca.

(Foto da Equipe).

## Capítulo II

*A família Carajá : casamento, separação e divórcio. Os filhos. Limitação da prole. Prostituição*

Os Carajás vivem organizados em famílias onde os pais teem, geralmente, ascendência no lar. São, de ordinário, monógamos. Isso não quer dizer que não existam indígenas polígamos que, sob o mesmo teto convivam com mais de uma mulher. São afetuosos para com a ou as esposas, mas, às vêzes, sobretudo quando há poligamia, se com elas se desaveem, não trepidam em recorrer ao *argumentum bacculum.* As aldeias teem, sempre, um chefe, que denominam *xandinodô,* cuja autoridade é, em muitos casos, apenas nominal.

São os Carajás, de um modo geral, afáveis, de boa índole, e que trabalham o quanto baste para sua manutenção.

### *O casamento dos Carajás*

O casamento constitue a base da organização da família Carajá.

Êle só se realiza depois dos nubentes terem atingido a puberdade. Costuma efetuar-se entre jovens (embora haja casamento em que os cônjuges atingiram a madureza e até a velhice) mas, de um modo geral, o marido tem mais idade que a esposa.

A jovem só depois do primeiro catamênio pode casar-se, resultando quase sempre, em casamentos demasiadamente precoces. Ao Taxiriman perguntei, certa vez, porque as moças de sua raça casavam tão jovens e dele obtive como resposta :

"Tôda mulher logo depois da primeira menstruação, deve casar. Mulher não é espiga de milho para ficar guardada".

Não é permitido o casamento entre irmãos, nem de filho com mãe, ou pai com filha. Os tios podem casar com as sobrinhas, e as tias com os sobrinhos. Os primos podem igualmente casar-se. Esta última eventualidade é, aliás, muito comum entre os Carajás.

O período de noivado não costuma ser longo. Resolvido que jovens devem casar, os pais marcam a bôda para realizar-se entre um e três meses depois. (Informes de Deridô e Taxiriman).

No dia do casamento, desde muito cedo, o noivo e convidados — geralmente todos os homens válidos da aldeia — vão caçar e pescar.

A noiva e as mulheres ficam na aldeia ocupadas nos preparativos domésticos para a solenidade. À frente da casa onde permanece a noiva, armam enormes esteiras de buriti, distendidas à maneira de toldo.

Quando o sol declina (mais ou menos pelas três horas da tarde) o noivo e todos quantos foram à caça e à pesca, voltam para a aldeia em farândula e ruidosa.

Chegados ao limiar da aldeia, na distância aproximada de cento e cinqüenta metros, um dos circunstantes prèviamente escolhido (que corresponde ao padrinho da nossa sociedade) abaixa-se e toma o noivo, enganchando-o ao pescoço. Em seguida corre até a casa onde está a noiva. Todo o bando, com gritos e outras rumorosas expansões de alegria acompanham o noivo na sua original cavalgata.

O noivo é deposto no chão junto da noiva. Esta deixa transparecer seu contentamento. Algumas vêzes porém, a noiva não aguarda em casa a chegada do noivo, mas, seguida das mulheres que ficaram na aldeia, vai ao encontro do noivo e carrega seu arco ou parte do produto da caça e da pesca obtida para o banquete nupcial.

A mãe da noiva (ou quem suas vêzes fizer; às vêzes é a sogra) fica junto à noiva alisando-lhe os cabelos e fazendo-lhe em voz baixa, recomendações, inclusive aquelas que se relacionam com seus deveres sexuais.

Depois da chegada o noivo fica ao lado da noiva.

Sua situação, porém, ao envés de alegria, é de constrangimento. Êsse sentimento êle deixa sua fisionomia denunciar.

E' mais tímido que a noiva...

Logo que, entre os circunstantes, se generalizam os folguedos, danças e cânticos, o noivo aproveita a portunidade e... foge, deixando a noiva. Vai ocultar-se na casa do Aruanã.

Ali, os outros rapazes, vão levar-lhe alimento. Naquele lugar as mulheres não podem ir, ficando o noivo livre dos olhares curiosos dos representantes do sexo feminino.

Sòmente dois ou três dias depois do casamento, quando já cessou de todo o bulício da festa matrimonial, o noivo sorrateiramente aproxima-se.

Fig. 10 — Mãe Carajá, munida de pente feito com os acúleos longos de palmeira tucum (*Bactris sp.*), cata parasitos intrusos. Ao lado, sôbre a esteira (Biré), o marido com o colar (Sicúra) e o ornato labial (O-lú-ó) está sentado de maneira caracteristica. Vestido com calça que conseguiu de algum civilizado. Pai e filho ostentam os ornatos do antebraço (Dé-xi); o filho está com os ornatos das pernas (dê-ô-butê). Ainda não chegou à puberdade: o prepucio livre, sem o no-ou-tu-kaná. E' creança, não precisa *vestir-se* com tal fio...

Fig. 9 — Grupo de Carajás, mostrando a "vestimenta" masculina, limitada ao fio enrolado no prepúcio (No-on-tú-kaná). Todos estão com os ornatos labiais (Olu-ó), sendo que um dêles tem apenas o tornilho. A' cabeça quase todos têm os cabelos presos por uma tira de pano obtido pela tecelagem de fio de algodão. Um dêles, no entanto, está com a acantára, o Ló-ri-dó-rí. Reparar a musculatura dêsses indígenas.

(Foto Agência Nacional).

E quando a intimidade se tornou maior (às vêzes para haver essa intimidade é ultrapassado o prazo de trinta dias) é que se realiza o primeiro contato sexual.

Embora não constitua regra geral, soubemos que, algumas vêzes, a noiva, tida e havída por virgem (*diadoma*, na língua Carajá) é, apenas donzela, quase na acepção que Luís de Camões (*) atribuiu, à Inês de Castro. O noivo Carajá não reclama o direito de prioridade, pois ainda não se apercebeu do êrro essencial de pessoa, estabelecido no Código Civil...

O que se não pode negar é que a mulher Carajá depois de casada, de modo habitual é fiel ao esposo, não cohabitando com outro homem.

Quando no entanto, o casamento é feito com mulher viúva, ou que tenha publicamente pertencido a outro homem (v. g. é a situação das divorciadas) não há, pròpriamente, solenidade de casamento. Um entendimento entre os pretendentes, com audiência prévia ou não, entre o nubente e os pais (ou responsáveis) da mulher, e o casamento será daí para diante, a vida em comum. Em casos especiais, em se tratando de donzelas, os pais da noiva não concordam com as pretensões do rapaz. Negam assentimento ao conúbio. Se a jovem quizer, o rapaz poderá raptá-la. Reservadamente prepara casa fora da aldeia e rouba a beldade. Alguns dias depois do rapto, os pais seguido pelos irmãos da raptada, "descobrem" o paradeiro dos fugitivos. Se o rapaz estiver tratando bem da moça ; se houver alimento com fartura ; se a moça não se queixar, o sogro e os cunhados fazem as pazes e... tudo acaba bem, pois o Carajá considera-se honrado quando encontra a filha bem tratada pelo homem que a raptou. O casal volta a residir na aldeia. Mas, se ao envés disso, é o contrário que encontra, então o raptor corre perigo de perder a esposa (que é recuperada para a aldeia) e de receber castigo violento que lhe pode ser fatal.

### *Divórcio*

A separação, com efeito de divórcio, é freqüente entre os Carajás. Seus motivos são vários : infidelidade da esposa (esta é mais complacente com as infidelidades do marido); porque o marido precisa afastar-se prolongadamente da aldeia em busca de trabalho ; por... tédio conjugal. Quando isto acontece a mulher, por sua vez, costuma substituir o marido. Se uma mulher é abandonada pelo marido por qualquer motivo (maximé nos casos de infidelidade conjugal) é considerada prostituta, sendo dita *rapariga*.

---

(*) Lusíadas. C. III, 127.

Para o Carajá prostituta não corresponde exatamente o sentido que tal palavra tem na língua nacional, porque a mulher indígena que passou àquela categoria, não se aluga, não usufrue lucro pecuniário, não mercadeja o amor : submete-se a satisfazer o apetite venéreo daqueles que a procuram. Então, com freqüência, ocorrem cenas barbarescas, horripilantes : todos os rapazes de outra aldeia vão em visita à infeliz, levam-na para o mato mais próximo, e, bestialmente, satisfazem-se.

A família da inditosa não tenta obstar tanta infâmia, limitando-se a aguardar oportunidade para idêntica proeza : quando na aldeia dos visitantes existir uma *rapariga,* vão lá e teem igual procedimento.

A mulher é considerada viúva quer pela morte do marido, quer por ter sido abandonada por êste. Pode, por isto, unir-se a outro homem. Dessa prática ocorre uma circunstância que seria estranha no meio civilizado, mas que o Carajá resolve com um direito de família não apreciado pelo Código Civil. Um exemplo : Um Carajá abandona a mulher. Esta fica com os filhos. Casa-se com outro homem que passa a ser considerado pai dos filhos já existentes. Nascem filhos outros. Se o primitivo marido retornar ao lar abandonado e a mulher quizer recebê-lo, o substituto afasta-se, e o marido primitivo assume a paternidade dos seus filhos e daqueles que a mulher houve com o marido de emergência... e a vida continua feliz para êsse casal. (Caso descrito : Ricardo e esposa).

### *Limitação da prole*

Os Carajás são afetivos para com os filhos, mas, de há muito vêm, por meio de práticas maltuziânicas, limitando a prole. Informou-nos o ministro Evangélico Archibald Macintyre, que, em 1910 existiam cêrca de dez mil Carajás às margens do Araguáia e que atualmente (Novembro de 1945) tal povo está reduzido a menos de setecentos indivíduos. (Êsse Ministro tem exercido, por comissão do Govêrno Federal, o cargo de Recenseador na dita região).

São bastante raros os Carajás que teem mais de dois filhos com a mesma mulher. Convem notar que há Carajás polígamos, mas mesmo assim, limitam a prole.

Para impedir os nascimentos os Carajás recorrem a diversos meios e processo. Um deles, talvez o mais usado, consiste em ministrar à mulher que engravidou uma beberagem feita com a casca da Legumi-

Fig. 11 — No pilão (Có-ú-ó) feito de um tronco de Cô-ri-xô (Lixeira, *Curatella Americana* Linn.) a Carajá soca o milho que participará do Calogí ou I-é-rú. Casas Carajás.

(Foto Agência Nacional).

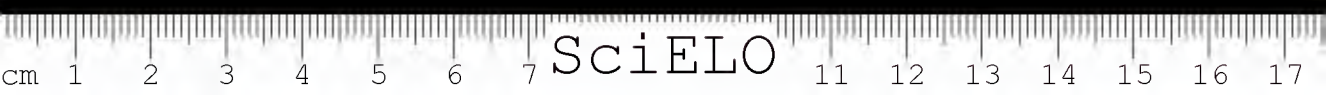
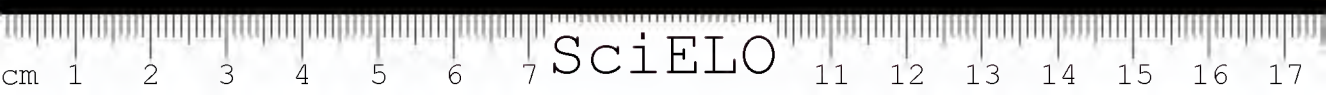



Fig. 15 — Mãe Carajá amamentando o filho. No fundo, um dos tipos de cabana permanente.

nosa (Laté-uó-ni) (*Platypodium elegans Vogl*) (*) que, como tôdas as substâncias medicamentosas dão o nome de *Moná* ou Monan. As mulheres costumam ingerir o cozimento feito com as cascas dessa árvore até expelir o produto da concepção. Parece que são constantes os resultados contracepcionais determinados por essa planta, se atentarmos em que tôdas as árvores de tal espécie, existentes nas proximidades das aldeias, estão quase totalmente desprovidas das cascas. Certa ocasião fui sabedor de que uma indígena havia conseguido abortar. Censurei, veementemente seu procedimento, dizendo-lhe, entre outras coisas, que não havia razão para ela não querer que viessem filhos, porque o rio grande (berorrekan), o Araguáia, fornecia com abundância a alimentação. Sua resposta não se fez esperar : "Carajá não quer filho... Para que ? Para ter frio ?" Era um argumento até certo ponto razoável.

Os filhos pequenos constituem o encanto da família Carajá. Pai e mãe são muito afetivos para com êles. Não os espancam. Brincam com os filhos. Carregam-nos ao colo (sendo que as mulheres o fazem enganchando-os aos flancos). Fazem-lhes brinquedos. Quando doentes cercam-nos de cuidados e atenções. Os pais civilizados de nossos meios citadinos não tratam seus filhos doentes com maiores preocupações e cuidados que os Carajás tratam os seus.

Fui ver, em Sta. Isabel, uma criancinha que se consumia numa afecção incurável (hidrocefalia). A familia, com visiveis sinais de sofrimento moral, permanecia em volta do pequenino enfermo, prodigalizando-lhe tôdas as práticas de sua medicina fetichista e anódina. A pobrezinha, que sofria desde muito tempo (já estava cega e não articulava palavra) era, no entanto, cuidadosamente alimentada.

A mulher Carajá tem preponderância sôbre as atividades do marido. Um Carajá que não estiver em absoluta harmonia com a consorte, é um homem inutilizado para qualquer atividade. Para caçar ou pescar, então, essa harmonia é indispensável. Se um Carajá, por exemplo, dirigir-se para uma pescaria ou caçada e a mulher com êle se arrufe, retorna ao lar porque tentar a pescaria ou a caçada com a mulher zangada, resultará inútil. A tartaruga ou os peixes, como, de resto tôda e qualquer caça, não se deixa surpreender por esposo da mulher amuada...

---

(*) Tendo perdido todo material coligido, não foi possivel fizessemos a verificação farmacológica da propriedade abortiva dessa planta. Para a Medicina não existe substância alguma que possa ser considerada infalivelmente abortiva.

## Capítulo III

*A alimentação dos Carajás. — Pratos regionais. — O Calogí.*

A mãe Carajá alimenta seu filho desde o dia do nascimento e *ad libitum* do lactente.

O aleitamento materno vai, com freqüência, além de três anos.

Depois de alguns meses o petiz vai recebendo o calogí, e, depois, a alimentação normal do adulto. Quando há agalácia ou a genitora morre, o lactente é nutrido sòmente com calogí.

A alimentação habitual dos adultos é constituída principalmente de peixe.

Do opulento Araguáia e seus divertículos ("lagos") retiram o principal alimento, representado pelo excelente pescado. Das matas e campos ribeirinhos, os animais (aves, mamíferos, répteis), as plantas, grãos, frutos, raízes e tubérculos constituem também sua alimentação.

De ordinário fazem uma refeição pela manhã, outra ao meio-dia e outra à tarde. O *calogi* é o seu alimento predileto e é preparado da seguinte maneira : Com milho, inhame, aipim, cozidos em grandes panelas de cerâmica, fervidos em conjunto até adquirir consistência de papa mole, formam uma mistura que é retirada do fôgo, deixada esfriar e, em seguida, cuspida por todos da família (fig. 16). Posteriormente é bem mexida e fica em repouso para fermentar ; novamente aquecida e, finalmente, usada. Para servirem-se fica nadando sôbre o alimento seja uma cuia pequena, seja uma concha de molusco. Êsse alimento é o famoso Calogí ou *Iué-rú*. Constitue a base da alimentação hidrocarbonada dos Carajás. E' sua primeira refeição diária. Algumas vêzes come com ela aipim cozido e peixe assado ou cozido.

O emprêgo da saliva que causa aos civilizados justificada repugnância, tem explicação científica que apoia essa prática e abona o emprêgo que êsses indígenas fazem de tal alimento, mesmo para os recem-nascidos não nutridos ao seio materno : as substâncias amiláceas do Calogí, na presença da ptialina (fermento que os nascituros não têm, porque sòmente aparece na saliva depois de seis meses de vida extra-

uterina) são desdobradas em açúcares mais simples, e, portanto, fàcilmente assimiláveis. Por isso o Calogí é usado para as crianças, sem provocar nenhum distúrbio, conforme verificámos durante o tempo de nossa permanência entre tais indigenas, convindo notar que, entre os civilizados que não empregam tal alimento, são por demais freqüentes os distúrbios gastro-intestinais entre os lactentes. (Isso não quer dizer que aconselhamos seu emprêgo aos nossos petizes, é claro!).

Os Carajás comem qualquer peixe. Preferem, todavia, os de escama e os de maiores dimensões. Alguns dêsses indígenas (principalmente os da aldeia de Fontoura), por influência do chefe do Pôsto, que é Protestante Adventista, não comem nem peixe de pele, nem tracajá. Os demais íncolas estão emancipados dêsse preconceito (no Evangelho está escrito que "não é o que entra pela bôca que contamina o homem". — S. Mateus, 15-11) e comem o Pintado, a Pirarára e outros nematognatas. Apreciam, outrossim, o Pirarucu e o Tucunaré.

Os peixes, quer sejam de escama ou de pele, são comidos sòmente depois de cozidos ou assados. Na primeira forma são, prèviamente, eviscerados ; mas, quando assados, (sobretudo o tucunaré) costumam fazê-los inteiros, inclusive com as escamas ; para ingeri-los raspam estas e aproveitam sòmente o lombo, o qual, no momento de ser servido, passam no sal.

As vísceras e os demais despojos são rejeitados. Experimentámos o peixe assim preparado. E' excelente pelo odor e pelo sabor. Fica, mesmo, melhor que os fritos em frigideira.

Outro acepipe que os Carajás apreciam muito, é o *Curé* (*Iguana spp.*) Costumam cozinhá-lo inteiro, com vísceras inclusive. O animal assim preparado é integralmente aproveitado, excluidos, apenas, os ossos.

O peixe ensopado em água e sal é outro processo de acepipe de que os Carajás gostam. Costumam comê-lo associando farinha de puba. Sabem êles jogar pequenas doses de farinha diretamente à boca, com rapidez e certeza, sem que caia migalha fora da cavidade oral.

Das matas aproveitam os galináceos, os columbídeos e os mamíferos. Assim, comem com prazer : mutuns, jacus, pombas, porcos, veados, anta, capivara e não desprezam a carne dos felinos.

Não usam laticinios, embora tivéssemos visto alguns Carajás, em Sta. Isabel, comendo coalhada.

O café, muito caro nas margens do Araguáia (cêrca de Cr$ 12,00 o quilo em grão, não torrado) é por êles, bebido com prazer.

Muito gostam dele, e o denominam : *bée-lubú* (literalmente : *água preta*). A esta infusão é que Ferreira de Abreu (Barão de Teresópolis),

antigo Professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, chamava de "bebida civilizadora por excelência" e que o Dr. E. Monin, (*) de saudosa memória, proclamou (o café) bebida... *"aux poétes si chére, qui manquait à Virgile et qu'adorait Voltaire"*.

Jamais os vi degustando o mate do sul do nosso país, o chá da Índia ou o saboroso chocolate. Ainda não conhecem essas magníficas bebidas.

A rapadura, a querida *bederá* dos Carajás, tem neles grandes apreciadores. Entre o melhor açúcar refinado e a rapadura (mesmo com finalidade edulcorante) não tergiversam : escolhem a rapadura, certamente por ser mais agradável ao paladar dêsses íncolas.

Teem grande predileção pela carne de tartaruga. Comem os ovos esféricos dêsse quelônio, estejam tais ovos crús ou cozidos e mesmo que contenha embrião em seu interior. Igualmente apreciam a carne e os ovos da tracajá. Alguns Carajás, no entanto, como assinalámos, influenciados pela seita Adventista, não fazem da tracajá, nem de seus ovos, alimento. Os outros Carajás costumam associar as gemas dos ovos dêsses quelônios à farinha e à rapadura e fazem gemadas. Muitos civilizados, igualmente, apreciam tal acepipe, que denominam "batida". Misturando gema de ovo de tracajá ou de tartaruga ao leite e ao açúcar os civilizados fazem *doce* que consideram saborosíssimo. Certa vez — e com extrema repugnância — servi-me dele, para nunca mais prová-lo.

Dos alimentos vegetais os Carajás consomem, principalmente : feijão, fava, milho, inhame, aipim, mandioca, abóbora e cará. Apreciam, também o amendoim.

Jamais vi comerem verduras ou aquilo que a culinária civilizada denomina legumes.

——— xxx ———

Sabem reduzir a pó as substâncias farináceas. Para isso usam pilão manual. (Fig. 9). Fazem o pilão geralmente de um tronco de Lixeira (Curatella Americana Linn) a que denominam Cô-ri-xô.

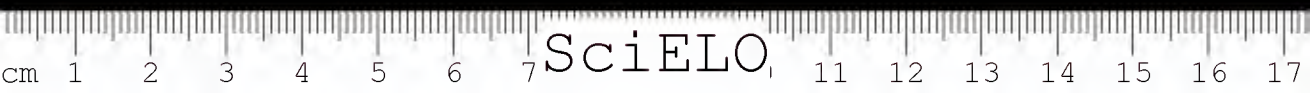
——— xxx ———

Dos frutos, cultivam a bananeira e muito apreciam a banana. Gostam, igualmente, da melancia, mangaba, cajus e uma anonácea silvestre.

---

(*) Dr. E. Monin — L'Hygiène de l'Estomac — Paris — O. Doin — p. 364 — 8.º milheiro.

Teem pelo mel silvestre (principalmente o produzido pela abelha Tiuba, que, na verdade, é superior, em sabor e aroma ao produzido pela abelha européia) justificada predileção. Na época da colheita dêsse mel (agôsto) costumam fazer uma festividade na qual obedecem a determinado ritual.

Então, entre os Carajás, é freqüente a ocorrência de distúrbios digestivos em conseqüência do excesso de ingestão de tal substância açucarada. Vê-se, desde logo, que os Carajás ainda não foram iniciados nos ensinamentos do sábio Rei Salomão. (Provérbios. 25:16 ; 25:27).

## Capítulo IV

*A divisão do trabalho entre os sexos. — A cerâmica Inan e sua influência naquela que os civilizados fabricam em Goiás. — Armas Carajás. Algumas observações sôbre o poder dos arcos dêsses indígenas. — Caça e pesca. — Domesticação de animais selvagens. — Agricultura. — Obtenção de fôgo. — Óleo de tucum, etc.*

### A DIVISÃO DO TRABALHO ENTRE OS SEXOS

Os Carajás trabalham apenas o quanto bastar para sua manutenção.

Entre os Carajás há perfeita divisão das atividades para cada sexo. As mulheres fazem a cerâmica, cozinham, carregam água, mantêm acesa a lareira, fiam e tecem, e fazem as esteiras; os homens caçam, pescam, carregam lenha, fazem flecha e arcos, constroem as casas, as canoas, os remos e fazem os cestos. (Fig. 2).

### UTENSÍLIOS DE FABRICAÇÃO INAN

#### *A Cerâmica Carajá*

As mulheres para o preparo do barro com que fabricam cerâmica cozida costumam amassá-lo com as mãos. Sòmente os Carajás da barra do Tapirapés para o norte adicionam à argila depois de triturados (às vêzes a trituração é precedida de calcinação) os esqueletos silicosos do *Má-ô-tê* um Porifera (*Tubella Mello-Leitãoi* O. Machado) que encontrámos aderidos aos ramos de uma Myrtacea do gênero *Psidium*, (Fig. 21) existente no rio Itapirapés. Uma dermatose das mãos é freqüente entre as operárias que trabalham êsse material.

Confecção de um utensílio de cerâmica.

Depois de convenientemente amassado o barro (operação que exige horas e até dias porque é feita, como dissemos, manualmente), êste é modelado em bolas e guardado ao abrigo do calor, sendo ulteriormente usado às vêzes até alguns dias depois de manipulado.

Uma esteira velha é bem distendida no solo, em lugar batido pelo sol. Sôbre a esteira a operária depõe uma bola de barro adequado às proporções que deverá ter o utensílio.

Em seguida, a oleira ajoelha-se ou agacha-se e dá repetidas palmadas na bola, mantendo as mãos bem abertas, e, ao mesmo tempo, movimenta o corpo, de sorte a circundar a esteira. A bola achata-se. Toma a forma de um disco o qual imprime na parte inferior a conformação do trançado da esteira. A oleira, depois, molhando as mãos, vai alisando a parte já feita do utensílio. Com pequenas porções de barro prèviamente tornados cilindroides, vai depondo na beirada do utensílio em confecção e ajustando-as ao bordo do disco, aumentando, destarte, a profundidade. Mãos molhadas e deslizadas na peça são, consecutivamente, empregadas até a conclusão do trabalho. Pronta a peça, fica, então, exposta vários dias ao sol até secar, depois é posta sôbre um brazeiro ou, mesmo, sôbre fôgo direto de lenha em combustão. Em conseqüência do aquecimento adquire consistência e resistência e toma a nuance que varia do cinza-amarelo-escuro ao vermelho vivo. Os vasos assim como as outras peças de cerâmica são de ordinário simples e não ornamentados. Às vêzes fazem ligeiros ornatos. Certo viajante *blagueur* que encontrámos no Araguáia, todavia, falou-nos da existência de terras-cotas famosas pela perfeição artística e de execução Inan. No entanto, não obstante as diligências sistemàticamente feitas por nós (para desencargo de consciência, de vez que conhecíamos a ausência completa de idoneidade científica do referido "explorador") não conseguimos ver tais obras-primas. Foi mais uma inverdade do informante mitomaníaco.

Dúvida, no entretanto, não resta da influência da modelagem Carajá na cerâmica rústica de Goiás. Na própria cidade que foi Capital do referido Estado, observámos aguadeiras usando vasilhame idêntico aos que as Carajás fabricam. (Fig. 17).

*Armas Carajás*

Como armas e instrumento de caça e guerra, usam flechas, arpão, clavas de uma ou duas mãos (que os civilizados denominam bordunas e êles *beribunak* e *corró-tê* (*), feitas com certa arte e, as últimas, geralmente confeccionadas de raízes de sucupira.

---

(*) *Corro-te-ó*, abreviadamente — *corró-tê*, significa : árvore. o lenho ou a raíz da sucupira, *Leguminosae Bowdichia spp.*, excelente madeira de lei. No sentido figurado é que é borduna.

*Arco e flecha*

São êsses os principais instrumentos de caça e defesa. Cada Carajá carrega consigo até 20 flechas nas mãos. (Fig. 3). Não usam aljava. Atirando as flechas podem lançá-las em ritmo acelerado até mais de 20 num minuto. Não costumam envenenar as flechas.

O arco é feito com estipe de Patí (*Syagrus botryophora* Mart.). As flechas constam de : uma parte posterior, onde adaptam duas penas dispostas de tal sorte que geram um helicóide ; de uma parte mediana, de taquara ; e da ponta que pode ser feita de taquara, da estipe de palmeira ou com uma vara aguçada. À ponta costumam acrescentar um ferrão de arráia ou espinha de peixe. A flecha e o arco teem, respectivamente, 2,40 m e 1,95 m de comprimento. Para vergar um dêsses arcos é mister braços de homem robusto.

Freqüentemente temos visto referência à assombrosa precisão dos atiradores indígenas. Nosso primeiro cronista, Vaz de Caminha, abre a lista dêsses autores, dizendo dos nossos íncolas do litoral serem capazes de "arrancar com a flecha o curvo bico do papagaio"; e. "por maravilha erram". (*) Podemos afirmar que os archeiros Carajás são excelentes atiradores. Mas estão muito longe do exagêro do cronista.

Investigámos peculiaridades sôbre a perícia dos Carajás que manejam o arco. Servimo-nos de indígenas especializados em tal arma, convindo notar que, nem todos os Carajás são archeiros.

Medimos,de início, a fôrça viva necessária à projeção da flecha. Desde logo verificámos varia ela de acôrdo com a distância em que se achar o alvo. O ângulo formado pelo atirador e o plano horizontal varia, aumentando em função da distância do objetivo. A fôrça viva está avaliada em quilogramas.

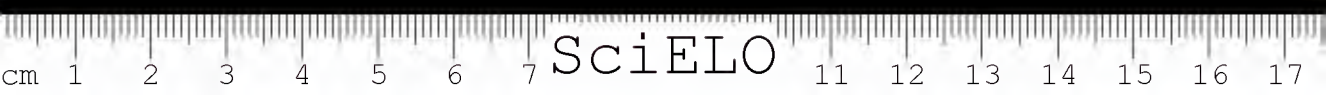
Para flechar a cinco metros de distância, — é a distância média empregada para pescar — o arco é distendido com a fôrça de 5 a 10 kg; idem, até 25 metros, 10-14 kg; idem até 100 metros, de 20 a 25 kg; idem até 180 metros de 28 a 35 quilogramas.

Quanto à precisão do tiro, mesmo quando usam de armas de fôgo de precisão (Winchester) está longe de realizar o aludido exagêro do referido cronista. Vejamos as percentagens de acêrto : Com flecha e na primeira distância, estando o alvo (um peixe) imóvel, acertou 97 %.

---

(*) Citação de memória. Talvez as expressões não sejam, rigorosamente, essas.

Fig. 17 — Na velha e heráldica Cidade de Goiás o mestiço se abastece de água, utilizando-se de vasilhas de cerâmica de conformação idêntica à das bilhas feitas pelas índias Carajás.

(Foto da Equipe).

Se, no entanto, o alvo locomoveu-se com pequena velocidade o coeficiente baixou para 79 %. Espantando o peixe, o índice de acerto não foi além de 12,33 %. (O alvo tinha comprimento médio de 0,45 m por 0,08 m). Os Carajás conhecem os fenômenos da refração da água. Dão desconto ao apontar a flecha. Aumentada a distância, diminue, progressivamente, a precisão do tiro, que se tornou nula, com o alvo em movimento, aos 17 metros. Em alvo imóvel, tronco de árvore (*Physocalymma scaberrima* Pohl) com 0,60 m de diâmetro, pudemos avaliar, simultâneamente, a precisão do tiro e a penetração da flecha.

| *Até* | *Impacto* | *Penetração.* |
|---|---|---|
| 20 m | 93,1 % | 0,38 mm |
| 50 m | 53,25 % | 0,019 mm |
| 80 m | 28,04 % | 0,008 mm |
| 100 m | 18,00 % | 0,004 mm |
| 150 m | 6,30 % | inapreciável |
| 180 m | 0,00 % | " |

A velocidade da flecha, por falta de cronógrafo, não foi avaliada. Todavia, pode-se admitir que, até 25 metros, mesmo sendo muito ágil, um homem não poderá furtar-se ao impacto; porém, da distância de 50 m em diante conseguirá desviar-se do tiro que lhe fôr dirigido, visto que a velocidade restante da flecha permite ver sua trajetória.

A fôrça de penetração, conforme vimos, está na razão inversa da distância.

Um episódio autêntico, apesar de burlesco, ilustra o que dizemos. Um dos membros da Expedição de que participámos, usava couraça feita com sola curtida. Acreditava-se, evidentemente, protegido contra extemporâneo flechaço que lhe fôsse mandado. Em um dos pousos do percurso, colocou a couraça sôbre uma velha árvore, e mandou um Carajá da comitiva atirar-lhe uma flecha. Êste não se fez rogado. Mandou-lhe uma flecha da distância de 15 metros. A seta transfixou-a e implantou-se sòlidamente na árvore. O dono da couraça ficou estupefacto ante a desproteção que tal indumentária lhe conferiria.

## AS CANOAS INDÍGENAS

A canoa é parte integrante da atividade do Carajá. (Fig. 18) E' seu precioso auxiliar na luta pela vida. Constitue seu meio normal de transporte. Remando ou zingando (zinga é vara longa com que empurram a canoa) dois Carajás vencem até mais de dez léguas, por dia, contra a correnteza do rio. Para descê-lo usam a zinga ou, então —

e preferencialmente — o remo de cabo curto, aproveitando a caudal das águas. A confecção da canoa é operação laboriosa e demorada. Muitas vêzes é feita com o auxílio do fôgo. O acabamento dêsses barcos no entanto nada deixa a desejar : são tão bem feitos quanto os dos civilizados do litoral. A madeira empregada varia com a procedência da embarcação. No médio e baixo-Araguáia consideram melhores as canoas feitas de landim ou olandim. Não vimos material botânico da árvore empregada em construi-la. Será o *Callophylum Brasiliensis Camb.* ?

O tamanho e a praça dessas embarcações varia muito. Vimos canoas com capacidade de mil e quinhentos quilos de praça. Tivemos em certa emergência desagradável para nós de viajar numa cuja capacidade não ia além de 180 kg.

## CAÇA E PESCA

Para caçar, os Carajás empregam arco e flecha, recorrendo, também, à borduna, esta principalmente para a captura de porcos selvagens. Para pescar usam arcos e flechas, arpões, cestos e redes. São exímios arpoadores. E' preciso ver com que agilidade e precisão, em instabilíssima canoa (Fig. 18), lançam êles num impulso violento, o arpão ao pirarucu. Para pescar empregam, outrossim, redes manufaturadas com fibras de imbaúba (*Cecropia spp.*). São redes fortes e que suportam o esfôrço de peixes de mais de cem quilos. Quando o homem volta da caça ou da pesca, a mulher e os filhos vão esperá-lo. O chefe da família nada carrega, porque os seus se incumbem do transporte dos animais abatidos e dos utensílios empregados, inclusive o remo da canoa.

## DOMESTICAÇÃO DE ANIMAIS SELVAGENS

Os Carajás domesticam alguns animais selvagens. Para isso costumam recolhê-los quando recem-nascidos e, transportando-os às aldeias, deixam-nos em cativeiro, em gaiolas que fazem prèviamente.

Dão regularmente alimentação a êsses animais. Depois de mansos êles permanecem soltos nas aldeias e, embora algumas vêzes vão a lugares mais afastados, retornam sempre à companhia dos citados íncolas.

Em se tratando de ovos, põem-nos a incubar sob aves domésticas ou domesticadas.

E' comum, por êsse processo, criarem gaviões de várias espécies. colhereiros, jaburus, aráras, periquitos e papagaios.

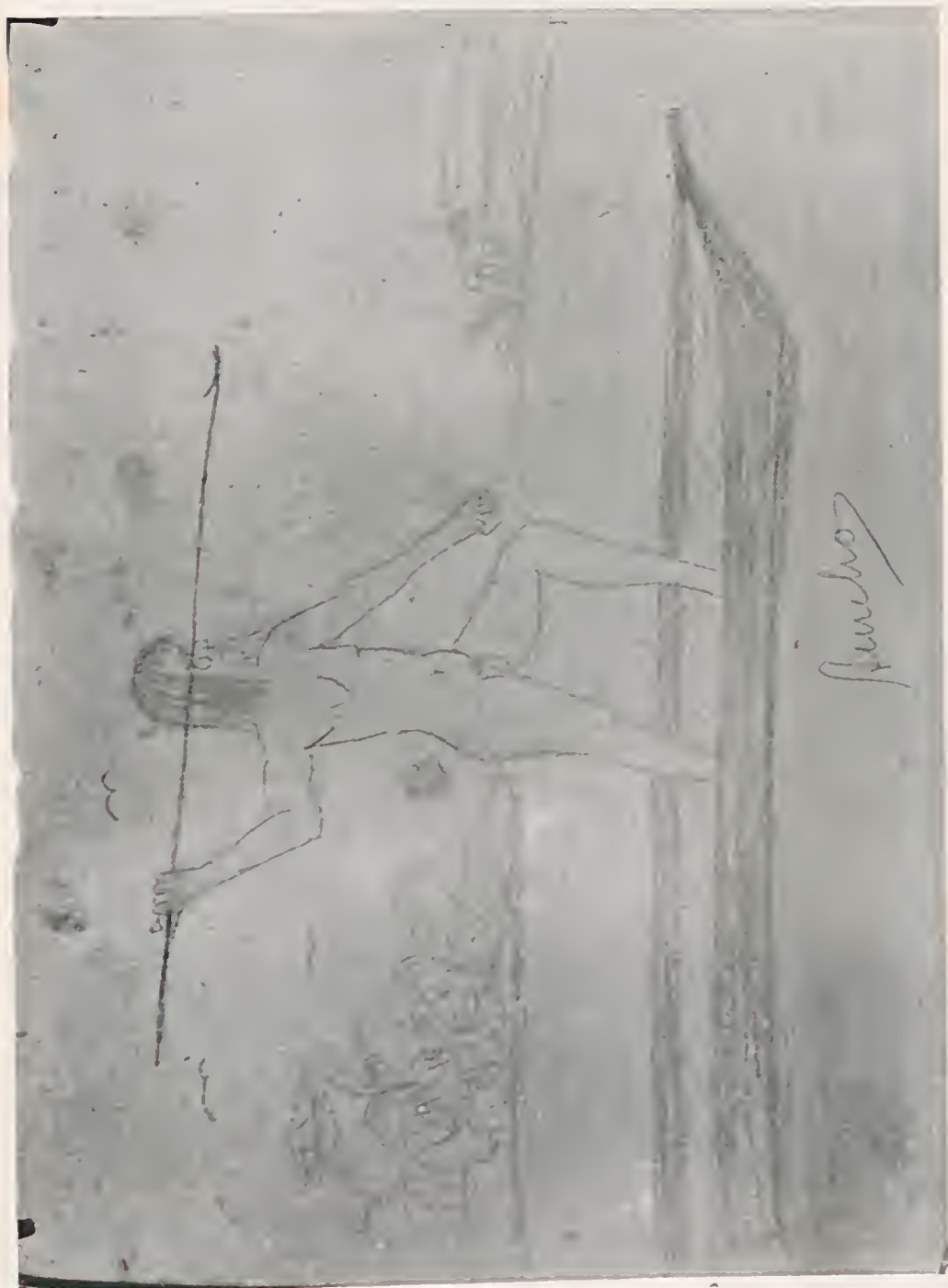



Fig. 18. — Lançamento do arpão ao pirarucu. O popeiro faz a canoa deslizar suavemente. O Carajá, à prôa, lançará o arpão no dorso do grande peixe. (Desenho original de Aurélio Aureli, na barra do Itapirapés).

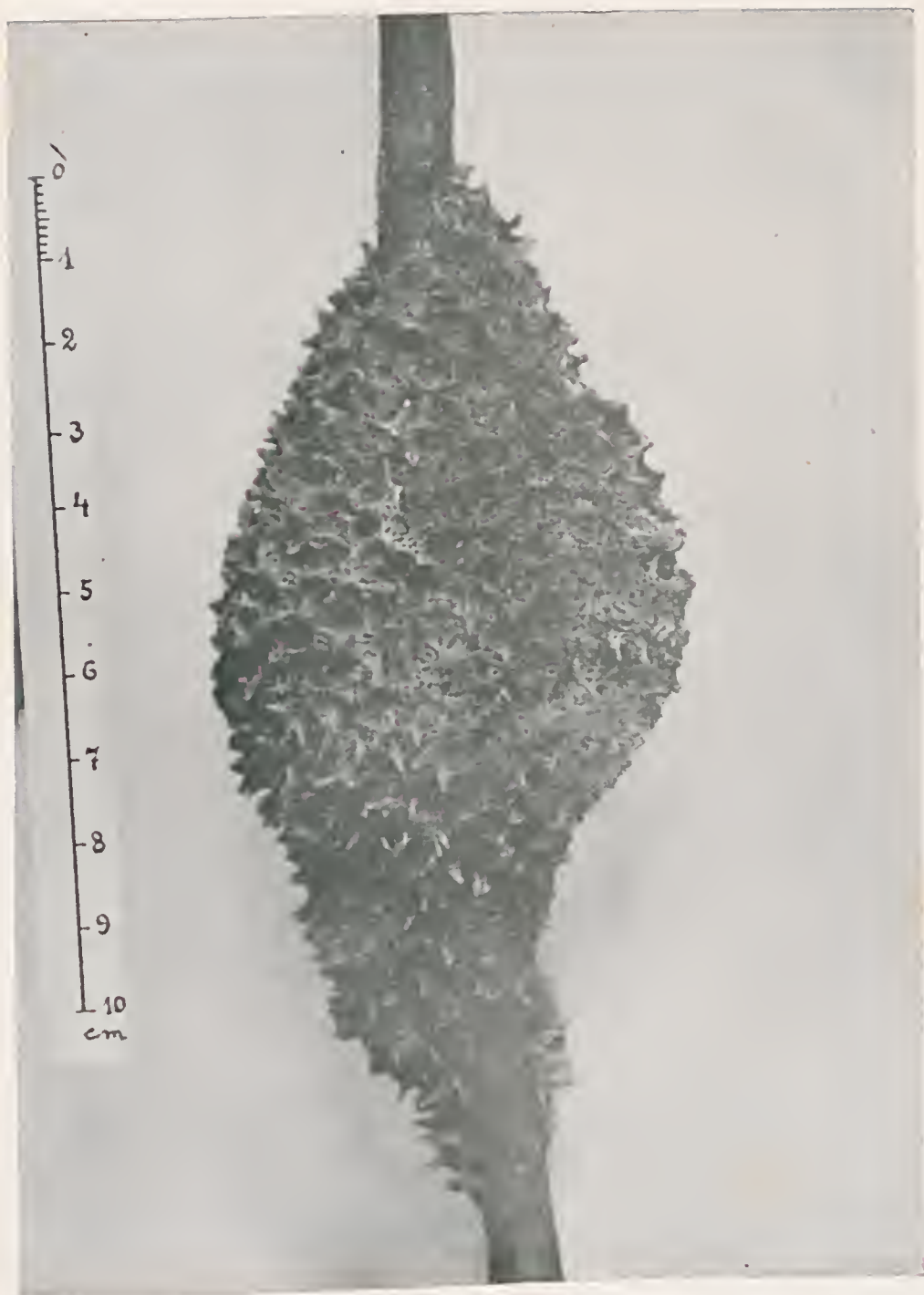



Fig. 21 — O silico-espongiário (*Tubella Mello Leitãoi* O. Machado), o Má-ô-tê dos Carajás. As espículas silicosas são encorporadas à argila plástica. São elas o provável agente causal de dermatose manual nas oleiras Inan.

Quando se trata de aráras, costumam possuir nas aldeias animais de diferentes espécies; todavia, as mais difíceis de obter são as ditas vermelhas (andedura) por êles muito veneradas e, assim, tidas por mais valiosas. (Idianacatu, personagem lendário, misto de herói e deus, possuia uma arára vermelha). (V. Capítulo VII — Os papagaios).

## AGRICULTURA

Fazem lavoura de mandioca, milho, arroz( êste cereal apenas em algumas aldeias), abóbora, melancia e inhame. Conhecem as frutas silvestres aproveitáveis mas não cultivam tais árvores. No amanho da terra fazem a derrubada prévia e, depois, a queima; em seguida a plantação.

## OBTENÇÃO DE FÔGO

Para obter fôgo preparam dois pedaços de madeira Saram (*) (assim os civilizados denominam dois arbustos ribeirinhos do Araguáia, mas pertencentes, respectivamente, às famílias Mirtácea (*Cúré-ó*) e Apocinacea, (*Rrá-udê*) os quais atritados ràpidamente fazem surgir chamas em curto prazo.

## ÓLEO DE TUCUM

O óleo de tucum é tido por muito valioso pelos indígenas do Araguáia. Acreditam que passado na cabeça assegura permanente cor negra aos cabelos. E' obtido por destilação sêca das amêndoas do Tucum (*Bactris spp.*). (As amêndoas são postas em panela de barro que é recoberta por outra e levada ao fôgo até o óleo deixar a amêndoa). O óleo é embebido em algodão, donde é retirado por expressão extemporânea no momento de ser usado.

## PENTE CARAJÁ

Reunindo, linearmente, por meio de fio de algodão fortemente trançado, os longos e aguçadíssimos aculeos da palmeira tucum (*Bactris sp.*), e, depois de aparadas as pontas, os Carajás fabricam os pentes que usam não só para pentear-se, como, principalmente, para *"caçar"* os importunos parasitos (*Pediculus capitis* Linn.) que os acometem. Tôdas as mães indígenas, com freqüência, limpam a cabeça dos filhos. (Fig. 10).

---

Saram é palavra tupi ; significa : *sa* — *ram* — corda desatada ; ou provem de *sarandi* — árvore ou arbusto vergado pela água corrente.

## Capítulo V

*Os médicos, a medicina e a farmácia Carajá. — A patologia indígena. — Alcoolismo e tabagismo. — Sexologia Carajá. — O esporte entre os Carajás. — Morte, ritual fúnebre e sepultamento.*

Entre os Carajás o exercício da medicina é livre e gratuito. Qualquer indígena pode tornar-se médico. Em quase tôdas as aldeias há um ou vários médicos dedicados ao exercício da clínica eventual, além dos afazeres habituais de caça e pesca.

Ordinàriamente, porém, costumam aproveitar a vocação de um íncola e agregá-lo a um *médico* pré-existente, o qual transmitirá ao iniciando o conhecimento de plantas medicinais e indicará os sintomas de determinadas moléstias.

E', igualmente, comum a ida de um *pré-médico* ou mesmo de um médico Carajá de uma aldeia Inan, à outra, dos Javahés. Êstes indígenas teem menor contacto com os civilizados. Moram na ilha do Bananal, na margem oriental, onde corre o braço direito do Araguáia, tendo essa variante os nomes de Javahé-í ou Carajá-í. Ali, entre os Javahés (indígenas da mesma raça que os Carajás), o médico faz como que um "curso de aperfeiçoamento", permanecendo de 3 a 6 meses, quando é considerado médico completo.

Entre os Carajás os médicos feitos com os Javahés gozam de excelente reputação.

De um modo geral a terapêutica (*) dos médicos Carajás baseia-se em beberagens feitas com folhas, cascas e raízes de plantas várias ; no emprêgo sistemático do carvão obtido pela distilação seca do coco tucum, para tratamento de quaisquer soluções de continuidade do tegumento ; nas sangrias feitas com os dentes aguçados do peixe-morcêgo, também denominado peixe-cachorro (*Cynodon hydrocyon Castelnau*) e com o fim de curar as fadigas musculares, resultando, pelo tratamento, longas

---

(*) Farmácia e farmacopéa Carajás. Os "médicos" são também os farmacópolas das aldeias. Ato contínuo à "consulta" o "médico" providencia a confecção do medicamento. Êste, como dizemos, é constituido por frutos, folhas, cascas, raízes e.. exorcismos. Os *simplices* são colhidos na *farmácia* natural : as matas adjacentes às aldeias.

cicatrizes estreitas nas faces das coxas do medicado ; nas "ventosas" feitas pelo próprio médico, e que consistem na sucção de uma parte do corpo do enférmo (geralmente a testa) ; nos defumadores e exorcismos, sempre acompanhados de molopéias monótonas ; nas duchas bucais, feitas pelo médico e pelos parentes do enfermo ; na colocação de aparelhos de contenção, feitos com folhas de palmeira buriti (*Mauritia sp.*) até a consolidação da fratura.

Para nós, civilizados, a patologia dos Carajás não é de difícil interpretação, de vez que os casos clínicos estão quase limitados às afecções: do aparelho digestivo (sendo freqüentes os síndromos disenteriformes) e nas intoxicações alimentares, notadamente os distúrbios conseqüentes da ingestão excessiva do mel de Tiúba ; pneumopatias, (pneumonias) ; verminoses ; paludismo, sendo freqüentes as formas determinadas pelo *Plasmodium falciparum ;* febre amarela silvestre ; febres eruptivas diversas.

Parece que têm avultado, ùltimamente, os casos de blenorragia, única afecção venérea que verificámos entre tais indígenas (e do sexo masculino).

Distúrbios mentais também existem mas não pudemos apurar a etiologia (Lues ?). Vários casos de disfrenia foram observados por nós.

Merece registo especial a confiança ilimitada que os Carajás teem nos seus médicos. Para êsses amáveis indígenas não há moléstia ou acidente mortal, porque seus médicos sempre acertam a causa e sua infalível medicina é capaz de curar, sempre, o enfêrmo.

Quando um Carajá morre é porque o feitiço foi mais forte que o remédio, o paciente mais fraco que o feitiço e o feiticeiro mais poderoso que o médico.

Advertimos que os Carajás são supersticiosos em extremo. Teem pavor de feitiço e abominam os feiticeiros. Quando descobrem um feiticeiro (ou quando, entre êles, a *vox populi* designa um Carajá como sendo *xandirioré* (feiticeiro, maléfico) numa aldeia, agem com feroz severidade, matando-o sem demora.

Curiála é um médico da aldeia de Sta. Isabel. Costuma propalar ser possuidor de poderes extraordinários, e, por isso, diàriamente conversa com um "Dr. Pedro" que mora no ceu.

Na sua aldeia êle já vem sendo olhado como possível feiticeiro, o que é bastante perigoso.

Conversámos várias vêzes com êle e ficámos convencido sofrer êle de um distúrbio psiquico com delírio. Deridô (Sabino), que alia a qua-

lidade de médico à de *Xandinodô* (Chefe) da Aldeia da Barra do Itapirapés, afirma que o seu colega é, apenas, um espertalhão.

As plantas teem lugar proeminente na terapêutica Carajá. Mais de 70% são consideradas excelentes para "dores de barriga". Tão alto número demonstra que as enteralgias ocupam lugar amplo na patologia Carajá.

Os casos obstétricos são atendidos sòmente por outra mulher. O médico Carajá não intervem neles. Os Carajás não fazem quaisquer manobras obstétricas, interna ou externa. Tôdas as distócias que a natureza não resolver espontâneamente, a parturiente morrerá à míngua de qualquer intervenção. Mas, tais casos, não são freqüentes. Nascida a criança, a aparadeira faz massagem em determinado ponto do cordão (às vêzes faz verdadeiro esmagamento dele entre os dedos) e, com uma faquinha de taquara o secciona sem ligadura prévia, nem posterior à secção. Apesar disso, não tive conhecimento que tal prática determine hemorragia umbilical. O côto do umbigo cai entre três a cinco dias em média. O nascíturo não é enfaixado. Talvez, no entanto, essa prática contribúa para o elevado número de hérnias umbilicais entre os Carajás, onde, em média, 85% dos adultos são portadores de tal lesão.

Depois de cortado o umbigo, o nascíturo é submetido a um banho de duchas bucais ; em seguida a uma fricção de óleo de tucum e tinta de urucu. Os casos de tétano umbilical parecem raros, havendo, no entanto, com bastante freqüência secreções purulentas na região umbilical do nascíturo. Essas secreções são tratadas pelo carvão do côco tucum. Se o nascíturo é do sexo feminino, logo após as abluções referidas, amarram nas duas pernas, uns cordões (*de-ô-butê* e *Son-lon-bú*) que ajustam ao têrço inferior da coxa e no dito da perna, abrangendo o joelho de tal sorte que a menina não poderá dobrar o membro locomotor. Tais ligaduras produzem grande edema, mas, apesar disso, são mantidas. Os Carajás empregam-nas sempre a fim de que as pantorrilhas fiquem grossas, o que, para êles, é sinal de beleza.

Em seguida à *delivrance* a mulher vai ao rio e nele imerge. Os resultantes da parturição (lóquios, etc.) não impedem que a mulher depois do parto retorne às suas ocupações. As infecções puerperais são raras. Mas, geralmente, quando aparecem, constituem casos fatais. Os nascíturos às vêzes apresentam oftalmias purulentas, pelos Carajás denominadas *Rrú-té-rú*. Como não observássemos casos de blenorragia entre as mulheres Carajás, não podemos esclarecer a etiologia de tais oftalmopatias ; supomos, todavia, que o *gonococus* não es-

tará alheio, tanto mais quanto, os três casos de amaurosis que encontrámos entre êsses indígenas, eram "de nascença". (Sic).

O aleitamento é feito conforme dissemos no Capítulo III.

Os casos de ofidismo são tratados por meio de plantas, geralmente raízes ; não conseguimos material suficiente à sua determinação botânica. Os Carajás conhecem a eficiência do sôro anti-peçonhento e sabem que os Postos do Serviço de Proteção aos Índios sempre o têm em depósito. Continuam confiando na sua terapêutica empírica e, possìvelmente, anódina, é certo, mas, por via de regra e para evitar surpresas desagradáveis, apelam sempre para as injeções que lhes são fornecidas.

A febre amarela (febre alta, icterícia generalizada, vômitos, e fezes negras) em sua forma silvestre, parece ter-se radicado nas margens do Araguáia, cìclicamente aparecendo e produzindo muitas mortes.

O grande mal, porque de todos os anos, que devasta a população civilizada e indígena, é, indiscutìvelmente, a moléstia de Laveran. Depois das cheias dos rios, miríades de anofelinos disseminam a malária, que grassa de modo tétrico. Nessa época, em dez óbitos, oito ou nove são ocasionados pelo paludismo.

Aliado ao impaludismo estão as disenterias, geralmente sob formas graves ; freqüentemente mortais.

Das febres eruptivas, o sarampo, quando aparece é, de ordinário, grave ; a varicéla, outrossim, tem modalidades clínicas extremamente graves, contrastando com a benignidade que se observa entre os civilizados.

As pneumopatias são freqüentes entre os Carajás, principalmente naqueles mais chegados à civilização. Outrora, quando tais indígenas permaneciam desnudos, eram raros os resfriados e pneumonias ; mas a exigência de vestuários intermitentemente usados, a fim do íncola poder ir entre os civilizados, expõe-no às variações atmosféricas e térmicas ambientes e favorece a eclosão dos aludidos estados mórbidos.

Tivemos ensêjo de observar que o tratamento de uma pneumonia pelo "médico" Carajá compreende : cânticos e exorcismos junto ao enfêrmo ; beberagens feitas com cascas e raízes ; defumadores ; duchas bucais feitas pelo "médico" e circunstantes que borrifam todo o corpo do enfêrmo, seja durante o dia, seja durante a noite, fique êle ao sol ou esteja no sereno ; *ventosas* consistindo em o médico chupar a testa do enfêrmo. Para os civilizados, são práticas hilariantes, essas, em que os *remédios* são acompanhados de trejeitos e esgáres feitos pelo *mé-*

*dico*; para os indígenas, porém, elas são respeitáveis e altamente eficazes. Um jovem da aldeia de Aruanã, em junho de 1945, teve pneumonia. Foi tratado dêsse modo e morreu. O cadáver foi levado a sepultar em Cocalin ; pessoa da família do extinto, informou-nos : "Morreu porque o feitiço foi mais forte do que êle e o feiticeiro mais forte que o médico". O tratamento foi exatamente o que indicámos. Não parece que a morte tivesse sido a resultante lógica de tal medicina ?

Não tivemos oportunidade de observar intervenções cirúrgicas entre os Carajás. A uma mulher portadora de enorme abcesso no seio esquerdo, o médico da aldeia — Dê-ridô — (Sabino) limitou-se a empregar uma cataplasma feita com pó de carvão de côco tucum. Êsse pó, aliás, é largamente empregado pelos "médicos" indígenas como eficaz curativo em tôdas as afecções em que há solução de continuidade do tegumento, esteja, ou não, supurada.

Não nos foi possível avaliar a superioridade de tal carvão sôbre os outros tantos empregados na medicina doméstica dos brasileiros.

Parasitoses várias afligem os Carajás.

Parece que as poliverminoses intestinais tomam vulto entre êles. Dos parasitas externos são freqüentes as pediculoses (da cabeça e dos pelos do corpo).

As indígenas catam os importunos e... comem os parasitos capturados ! (*) Para apreender os piolhos, usam pente feito com os aculeos da palmeira tucum (*Bactris sp.*). (Fig. 10).

## AFECÇÕES ESTOMATO-DENTÁRIAS

Os Carajás jovens teem geralmente bons dentes. Tais órgãos são de matiz amarelado, o que comumente se admite ser sinal de robustez, pois, quando mais não seja, foi com êsse sentido que o epico lusitano disse que Adamastor tinha "os dentes amarelos". (**)

Entre os Carajás, o sexo feminino paga maior tributo às odontopatías. Enquanto que as meninas possuem dentes sadios, as matronas os teem, quase sempre, muito deteriorados, pois é frequente a cárie, fraturas, tártaros. Vimos muitos indígenas cujos dentes estavam reduzidos às raízes. Os Carajás não limam os dentes, nem aguçam os incisivos.

---

(*) Li, algures, em autor que conviveu com indígenas Gês, ser tal entomofagia qualquer coisa de místico : os genitores (assim como os descendentes) ingerem o parasita que sugou o sangue do parente a fim de conservar em si mesmo partículas do parente. Talvez constitua, também, prova de afeto. Os tupis do litoral procediam, muitas vêzes, de maneira semelhante.

(**) Lusiadas, Canto V, 40.

Além das lesões citadas, vimos casos de : pericementite ; gengivites (inclusive a gengivite tartárica — tártaro verde e tártaro escuro) — abcessos dentários ; pulpites (com odontalgias intensas) ; anginas banais ; aftas, etc. Como observássemos casos de expulsão dos dentes, pensamos que a doença de Fauchard (gengivite expulsiva de Magitot ou piorréia alveolar) exista entre os Carajás.

Não encontrámos caso algum de escorbuto. (O. Machado). (*)

*O bicho de pé* (*Tunga penetrans L.*) também é encontradiço.

A escabiose é muito freqüente entre êles.

Na aldeia da Barra do Itapirapés observámos, em mulheres, que, com as mãos, amassam o barro a fim de confeccionar objetos de cerâmica, a presença de dermatose cuja etiologia atribuimos às espículas silicosas do Má-ô-tê, *Porifera* da família *Spongillidae* (*Tubella Mello-Leitãoi* O. Machado fig. 21) — que aqueles indígenas adicionam ao dito barro. E' uma dermatose banal, talvez comparável àquela que, na Amazônia, denominam Caí, cauici ou Cauixí.

Para tratamento das lesões assim adquiridas, os Carajás empregam, ainda, o carvão de côco tucum.

Não encontrámos um só caso do qual se pudesse pensar em câncer.

Igualmente jamais encontrámos processos fímicos entre os Carajás. (Exames praticados pela propedêutica usual, sem aparelhos, nem Raios X).

## ALCOOLISMO E TABAGISMO

Os Carajás apreciam as bebidas fermentadas e aquelas obtidas pela distilação. Excetuadas as originadas de fermentação natural, não sabem fabricar outras. O custo elevado das bebidas alcoólicas, talvez mais que a proibição regulamentar, impede façam uso delas. Durante todo o tempo em que permanecemos entre êles, nunca vimos um Carajá alcoolizado. Aqueles a quem perguntámos se gostavam de bebidas alcoólicas, responderam, quase sempre, sim, principalmente vinho. Êstes eram Carajás de Aruanã. Os demais, Carajás do médio e baixo Araguáia, sempre demonstraram apreciar mais a *Crucugê* (Cachaça).

O tabagismo é de uso generalizado entre os Carajás, desde as crianças (fig. 20) aos velhos. Aquele indígena mais chegado aos civilizados fuma cigarro de palha ou de papel. Quando na aldeia, todos fumam cachimbo. Êste é feito por êles com certa madeira branca,

(*) O. X. B. Machado, Publicações Odontológicas, Rio de Janeiro, Brasil, Agôsto de 1947.

leve; consta de um cilindro-cone reto (que é o fornilho) terminando num pequeno tubo cilíndrico, que é a parte que introduzem à boca.

O tabaco é, às vêzes, preparado pelos próprios indígenas, ou, então, por êles adquirido. E' sempre fumo de rolo que usam. E êsse fumo é forte. Tal avidez teem êles pelo tabaco que, ao chegar um civilizado, o Carajá pede com insistência *Co-tí-caritó!* "Fumo para fumar!"

## SEXOLOGIA CARAJÁ

Talvez em conseqüência de trazer o prepúcio fortemente amarrado desde o período prepubertário, os Carajás têm o penis exíguo, em franca desproporção para o biotipo. Aliás, as mulheres dessa raça preferem a microfalia. Por isso, não apreciam os Toris.

O amor patológico não tem segredos nem novidades entre os Carajás. Praticam a pederastia, a sodomia, o tribadismo, a irrumação, o cunilingismo e a masturbação manual feminina e masculina (Informes textuais de Ataúl, Taxiriman e Dê-ri-dô).

Embora seja generalizado o conceito de serem os indígenas excessivamente lúbricos, estamos áptos, pelo que observámos, a negar tal assertiva com relação aos Carajás. São moderados nos sacrifícios a Venus e, na maioria das observações nossas, nem o *bis in septem* do conselho hipocrático êles praticam.

A poligamia existe entre os Carajás. O Xandinodô Dê-ri-dô. (Sabino) e o dito Ataúl, no entanto classificaram de "Sem vergonha" aqueles que são polígamos. Ambos parecem ter mais de uma mulher sob o mesmo teto.

## O DESPORTO ENTRE OS CARAJAS

Praticam êstes indígenas um esporte que muito apreciam. E' comparável à luta greco-romana (Fig. 19), sendo o objetivo procurado um contendor derrubar o outro, de tal sorte que o vencido toque o chão com as espáduas. Essa luta, a que denominam Idié-çô, é motivo de gáudio especial entre êles. No dia em que ela se realiza, vários indígenas dos grupos que fornecem lutadores, durante o dia todo soltam gritos de desafio recíproco. À hora aprazada, os contendores e seus partidários se dirigem a uma praia e se dispõem de ambos os lados da arena da luta, ou formando círculo, ou então, distribuídos linear-

Fig. 20 — Até as crianças Carajás abusam do tabagismo. A figura mostra duas pequeninas Carajás de Aruanã, que são fumantes inveteradas. Uma delas mantem cachimbo de civilizado à bôca.

(Foto da Equipe).

Fig. 19 — Os dois Carajás agarram-se fortemente e um procura derrubar o outro, de tal modo que toque com as espáduas ao solo. E' a segunda fase da luta, o I-dl-ê-çó. Esbôço feito por Aurélio Aureli, na barra do Itapirapés.

mente. A um sinal combinado sae um grupo de lutadores fazendo evoluções mais ou menos circulares, com os braços entrelaçados, ou, então, abertos e distendidos para os lados; emitem guinchos guturais, chegam perto do grupo adversário, evolucionam e voltam ao ponto de partida. E' o desafio pessoal, o incitamento à luta (Fig. 8). Do grupo contrário, se aceitar a luta, sae, por sua vez, número igual de lutadores e, nas mesmas condições, repete a manobra e os guinchos. Várias vêzes são feitas essas demonstrações. Em seguida os lutadores aproximam-se e, agarrando-se mùtuamente (Fig. 19), lutam até que um dos contendores seja abatido. O vencido, depois, levanta-se. Teem os Carajás espírito esportivo, porque não transformam o esporte em luta real. A natação, o remo, o tiro ao arco, não são considerados esportes, por muito triviais, entre êsses indígenas.

## MORTE E RITUAL FÚNEBRE, SEPULTAMENTO

Não tivemos conhecimento de casos de morte súbita.

Falhando a terapêutica, ou, às vêzes, em conseqüência dela, o Carajá morre. O óbito é levado à conta de feitiço. O velório e as exéquias consistem em choro geral da família e circunstantes. O sepultamento tem lugar algumas horas depois do falecimento, pois, em seguida à morte do indígena, um de seus parentes abrirá a sepultura. Esta tem mais ou menos um metro de profundidade, 0,85 m de largura e cêrca de dois metros de comprimento. O morto é levado à cova na esteira em que morreu. Deposto no fundo da cova é recoberto com as margens da esteira, e a sepultura é, em seguida, coberta com terra.

Sôbre a sepultura os parentes põem vasilhas com água e comida, durante muitos dias, a fim de que o "morto tenha a necessária alimentação".

A família chora o finado durante muito tempo: meses e até ano. Para êsse choro, feito dia e noite, os membros da família se revezam. No chôro há imprecauções contra alguém: o feiticeiro, que determinou a morte.

Em Aruanã, por ocasião da morte de um jovem Carajá, pessoas de sua família, clamavam no chôro:

"Um rapaz tão moço não devia morrer!...

"Porque você matou-o, assim, ainda tão jovem?"

O personagem citado e ausente, era, apenas, o malvado feiticeiro que *matara* o pobre indígena.

O cemitério carajá é, geralmente, uma parte do bosque sem demarcação especial.

E' o que ocorre na Barra do Itapirapés, onde os Carajás fazem o sepultamento de seus mortos, em local próximo de um antigo cemitério dos indígenas que deram nome ao referido curso de água.

Quando o morto é adulto (seja solteiro ou não) o choro da mãe ou mulher é muito mais prolongado que o do filho ou marido, para a mãe ou a esposa.

Como sinal de luto deixam de dançar o Aruanã. Às vêzes, mesmo, incendeiam a casa do *Bicho,* não realizando a dança referida, por largo espaço de tempo.

Fig. 8 — Um grupo de Carajás desafia os lutadores de Idléçó, para uma peleja. E' a primeira fase do esporte. Uns têm o olu-ó (ornato do lábio); outros têm tangas colocadas de maneiras diferentes.

(Fotto Agência Nacional).

## Capítulo VI

*Tradições da raça Carajá. — A arte dos Carajás : Dança do Aruanã e a dança do Machado. — Desenho. — Astronomia e Meteorologia indígenas.*

### TRADIÇÕES DA RAÇA CARAJÁ

Não tendo escrita, perpetuam seus fastos pela tradição oral, transmitida pelos velhos (*matuarí*), em reuniões nas praias, nas noites de luar. Aí contam os feitos e as legendas da raça, como também repetem lendas de seu "folk-iore".

Os jovens, dispostos em círculo, em tôrno do narrador, prestam atenção às suas palavras e, de tempos a tempos, emitem a expressão gutural : *Uúm !* — que tem o sentido de aprovação e o de incitamento para que a narração prossiga.

Recolhemos lendas originais e interessantíssimas que os velhos transmitem aos jovens indígenas. No Capítulo VII dêste trabalho estão elas descritas.

### A ARTE DOS CARAJÁS

#### *A dança do Aruanã*

Gostam de festividades coletivas, onde dão expansão ao canto e às danças. Destas, indiscutivelmente, a principal, é a dança e canto do Aruanã (Figs. 6 e 7), vedada à participação das mulheres e de tôdas as pessoas do sexo feminino, mesmo crianças pequenas, que se dela participarem "ficarão raparigas".

Nas aldeias Carajás, ditas de cima, as mulheres assistem à dança; no entanto, nas aldeias ditas de baixo (médio e, principalmente, baixo--Araguáia), as mulheres quase sempre não assistem à festividade. (Ou, mais rigorosamente : não são convidadas, nem *devem* assistir. Algumas, as mais curiosas (*sex apel* ?), não respeitam a interdição... Futuramente, tal *imprudência* justificará e explicará aos Inan crentes porque tal mulher se tornou *rapariga*...).

A dança do Aruanã (Di-á-çó) possue indumentária própria (*Iête-kê*) (Figs. 6 e 7), feita com fôlhas de buriti e guardada em recanto afastado da aldeia (V. Cap. I), local êsse vedado às mulheres. E' a *casa do bicho* ou casa de Aruanã. E' aí que, no dia da festa, os Carajá vestem a original indumentária que os referidos indígenas consideram reservada aos homens de sua raça e delas não se desfazem, nem vendem. Por isso, certa vez em que alguns aventureiros foram às margens do Araguáia a fim de fazer um filme cinematográfico de mistificação, onde um casal branco "estrelou" a película, foi mister que furtassem as roupas que o chefe da aldeia de Aruanã levara, a fim de que pudessem fazer a fita posteriormente exibida pelo país. (Informação textual de Taribé *xandinodô* de Aruanã).

No dia da festa os Carajás vestem a referida indumentária e não podem ser reconhecidos pelos indígenas de ambos os sexos que permanecem na aldeia. Se na *casa do bicho* não existir a quantidade suficiente de alimento, um dos indígenas vestidos com o Iêtê-kê, vai à aldeia e, na casa em que souber da existência de mais abundância de comida, senta-se à porta até que o morador forneça a alimentação necessária.

A dança (Di-á-çó) consiste, então, num bailado saltitante em que os mascarados agitando maracás (Fig. 6) são acompanhados pelos assistentes com cantos e palmas. Para o canto, há indígenas especialmente afeitos aos segredos da improvisação, pois o canto não obedece a letra única, nem a assunto exclusivo. Êle canta o heroismo dos Carajás na guerra, a sorte na pesca ou na caça, a fartura da colheita, a excelência do Calogí. Às vêzes, um episódio burlesco (um Carajá que caiu ao jogar o arpão, um que errou flechaços fáceis, ou em quem a mulher deu umas pancadas por ciúmes, etc., serve de *motivo* ao canto). Também o amor inspira o canto do Aruanã. O cantor, pela feição lírica, tem ardores comparáveis ao insaciado Inan, qual outro Salomão, que prelibasse as delícias das Sulamitas Carajás. Um cantor de Aruanã que, também, é médico Carajá, na aldeia de Santa Isabel, apesar de sua provecta senectude, cantou, para que ouvíssemos, umas coplas em metro de redondilha menor. Nesse cântico, o cantor convida a beldade para "ir à praia a fim de com êle gozar o amor, sob a luz da lua". (Evidentemente que foram outros os têrmos. A *letra* original é impublicável). Ainda assim, sou obrigado a parar a citação aqui, de vez que o poeta usou tal linguagem para classificar a beldade requestada, que o vocábulo áspero que Dante (*) empregou, em sua obra monumental,

(*) Dante Alighieri — Inferno — C. XVIII, 46.

passa a ser quase de salão. A melodia porém, é quase sempre a mesma. E, musicamente, considero bonita.

Além do Aruanã ouvimos uma *berceuse,* notável pela música, pela tonalidade da voz e pela oportunidade do momento. A mãe Carajá embalava o filho inquieto, certamente sem aquilatar do prazer que proporcionava ao ouvinte de raça diferente da sua, mas que tanta satisfação tinha em ouvir-lhe o canto.

## A DANÇA DO MACHADO

A dança do machado parece ser ritual moderno. Não conseguimos compreender o simbolismo dessa cerimônia. No dia em que ela se realiza, quem dela participar não poderá ter em mãos qualquer objeto metálico.

## DESENHO

O único desenho que conseguimos obter (e assim mesmo muito esquematizado) foi feito sôbre o solo (e dalí o copiámos) pelo *Xandinodô* Deridô, da Barra do Itapirapés. Representava as constelações Carajás : Imuni-rrikan (*), Carajá, Anta, Xian, Boró, Aloé-lubú e Ema. (**)

Com fibras de cores várias (geralmente branca e preta) fazem trançados em xadrês. E' um dos ornatos de clavas, arcos etc. (Fig. 4).

Outros ornatos são também feitos pelos Carajás. Algumas vêzes empregam fibras de diferentes cores. Outras vêzes recorrem às penas coloridas de aves. As tintas obtidas do genipapo e urucum são por êles utilizadas. E os ornatos resultantes apresentam evidente gôsto artístico.

---

(*) Em Vida Doméstica, revista do Rio de Janeiro, maio de 1945, há a fotografla de ofidio de mais de quarenta metros (!), morto em região relativamente próxlma ao Baixo-Araguáia. Será, êsse, o *Inuni-rrekan* ? Archibald Macyntare informou-nos ter encontrado próximo de Macaúbas, onde tem propriedade rural, um rastro de animal ofidio desconhecido, com mais de 0,60 m de largura, indo de uma praia do Araguáia até uma lagôa existente na sua referida propriedade. Na edlção da tarde do Jornal do Commercio (Rio de Janeiro, de 8-3-1911, esta, transcrita a noticia estampada em um jornal do Amazonas, que se refere à luta havida com um ofídio cujo diâmetro era de mais de 1,20 m. Um dos homesn que participou do embate foi morto pelo dito reptil. (*Animal monstro*, 1 pág. 7 coluna).

(**) As constelações mais austrais são as representadas na carta do céu mandada fazer pelo Sr. Coronel F. J. G. de Matos para o presente trabalho. Estampa 22.

## ASTRONOMIA CARAJÁ

Para êsses indígenas a Terra é plana. E' muito grande. Não nos souberam dizer onde começa, nem onde acaba. Sua nação se estende por muitas léguas pelas margens do Araguáia, *Berô-rrekan* ou rio-grande. O Sol (Tí-ú) e a Lua (Rrá-dô) giram sôbre a região onde vivem os Carajás. A Via-Latea é uma grande estrada onde um Carajá malvado (Xandirioré) vive urdindo malefícios para os outros indígenas que estão na terra. As estrelas de ambos os lados da Via-Latea são árvores de uma floresta imensa. O Saco de Carvão é uma arraia da qual o Cruzeiro do Sul (Boró-rruéne) são os olhos. α e β do Centauro são os olhos de uma ema (Biúrá-et-kú) que vive no céu e é perseguida por Aloé (onça ; às vêzes dizem Aloé-lubú, onça preta) região obscura, com poucas estrelas, compreendendo parte da Abelha, e parte das Constelações do Cameleão, do Carvalho de Carlos II e do Navio (Fig. 22). As Plêiades (Doró-botó) são um Carajá (em Aruanã os indígenas dalí dizem ser uns periquitos) que deseja pegar a Anta, que é a constelação do Taurus (A-oni-durarú), cuja estrela Aldebaran é, para alguns, o ôlho, enquanto que para outros indígenas é a ponta do dente da anta. Da constelação de Orion destacam o cinturão do gigante (3 Marias) e com a parte superior da constelação, compreendendo Betelgeuse e Bellatrix, figuram *Xian*, ave Tanagridae (Tanagra cyanoptera e T. palmarum) existente nas matas ribeirinhas do Araguáia (como em muitos outros lugares do Brasil). Essa ave costuma cantar alta madrugada. Quando Orion está no zenite e *Xian* canta é hora do Carajá despertar e marchar com o frescor da manhã. Uma longa mancha escura entre a Via-latea e as constelações vizinhas, à esquerda dessa nebulosa (estando o observador voltado para o Norte) dizem os Carajás estar *Inuni-rrekan*, ofídio gigantesco (*) e terrível (que parece realmente existir e infestar certas regiões do Araguáia) que êles muito temem.

Todos êsses dados astronômicos são relativos ao céu na latitude 10°,28' Sul do Equador e longitude 50°,30' W Greenwich., no período compreendido entre 15 de setembro e 15 de outubro.

## METEOROLOGIA CARAJÁ

Os bólidos (estrelas cadentes) são para os Carajás flechas incendiárias lançadas por *Xandirioré ;* mas *Dê-ri-dô*, Capitão da Aldeia da Barra do Itapirapés informou-nos que o Carajá que vive no céu (Cons-

---

(*) V. nota (*) na pág. antecedente.

telação Plêiades) também costuma atirar tais flechas. Todos êsses indígenas sabem de modo relativamente exato as causas dos fenômenos meteorológicos. Denominam : Brisa, *Orrô-irrocon* ; vento, *orrô-larinari ;* vento forte, *orrô-larinari-tétire,* e tufão, *Obólarinari-tétire.* Aos turbilhões, grandes massas aéreas que, entre os civilizados são denominados Giro-do-diabo, redomoinho, que levantam do solo substâncias diversas e as levam a grande altura e as transportam, às vêzes, a longas distâncias, denominam *Orrokan-tirié.* Êstes metóros são muito freqüentes à margem do Araguáia.

Nuvens : Cûmulos e nimbos, *Biú-oé-tkû ;* Cirrus, *Biú-rodeboré ;* estratos, *Biúrradé ou Biú-radé* (lit. cabelos do céu).

Descargas elétricas : Relâmpago, *Biú-deleçá ;* trovão, *Biú-rramantinari ;* raio, faisca, *Biú-mantá.*

Chuva : Garôa fina, *Biú-larúxamarité ;* chuva forte, *tabú-tétire* (às vêzes *Biú-tabú-tétire*) ; chuva de pedra, *maná-rûté.* Arco-iris, é o *U-á-di,* conhecido meteóro luminoso.

Para afastar ou obter chuvas, certos Carajás recorrem à flecha especial por êles feita. Consta de uma taquara com uns 90 centímetros de comprimento, tendo uns cortes abertos pelo rezador e que representam (segundo dizem êles) as feições de uma pessoa.

O Carajá segura pela extremidade e agita a flecha como se flagelasse o ar ; cospc algumas vêzes para cima e diz, repetidamente, com energia : *"Diozóbêtô-ô-ô !. . .*

Depois disso a chuva afasta-se com rapidez. . .

Laureano que viajava conosco recorreu, certa vez, à prática enunciada. Mas, parece que não a fez com perícia, certo dia em que aplicou o exorcismo. Chegávamos ao Pôsto Indígena de Santa Isabel, sob tempo ameaçador. A tempestade virgiliana, que suportámos em seguida, demonstrou que a "oração" foi inoperante. . .

Para obter chuvas, (há entre civilizados prática superticiosa semelhante. . . as famosas preces *pro-pluviae*) não tivemos oportunidade de ver seu insucesso ; mas os gestos são semelhantes (apenas as cusparadas são para o chão) e, repetidamente, diz o mezinheiro com ênfase : *"Diobodô-á. . ."*

## Capítulo VII

*Algumas lendas Carajás. — Como nasceram os Carajás.*

No comêço do mundo os Carajás eram Aruanã, (*) um peixe do Araguáia.

Um dia, no lugar chamado Furo de Pedra, cinco léguas abaixo da Barra do Itapirapés, uma Aruanã saiu por um buraco existente até hoje naquele lugar, e chegou à praia. Gostou muito. Achou o mundo bonito. Voltou às águas e foi levar a notícia da descoberta aos outros Aruanãs. Todos quizeram, então, ver o mundo. Saíram pelo lugar descoberto pelo primeiro peixe e, chegando à praia, passearam muito. Caçaram. Comeram frutas e mel de Tiúba. Misturaram milho, arroz, cará, aipim e inventaram o Calogí de que muito gostaram. Depois, dormiram à sésta. Quando acordaram, quizeram voltar à água. Não mais acertaram o caminho. Tiveram que ficar fora da água. À vista disso, transformaram-se em gente. Construiram casas. Fizeram canoas. Plantaram roça.

Por isso, até hoje os Carajás são moradores da região do Araguáia e vivem tanto no rio como em suas margens; por isso até hoje comem Calogí; por isso dançam o Aruanã e evitam matar e comer o peixe de que descendem.

### COMO FORAM FEITOS ALGUNS ANIMAIS

*Os papagaios.*

Depois que foram os Aruanãs transformados em Carájás, o único animal que existia era uma arara vermelha, pertencente a Idianacatú, um Carajá que era quase igual a *Inoxiué*, o deus dos Carajás.

(Idianacatú tinha um irmão mais moço, que era igual aos demais Carajás).

Os outros Carajás quizeram furtar a arara vermelha de Idianacatú, a fim de possuir a fôrça e as qualidades dêsse valoroso indígena. Para

---

(*) *Osteoglossum bicirrhosum* Vand.

EXPEDIÇÃO A MESOPOTÂMIA ARAGUAIA-XINGU

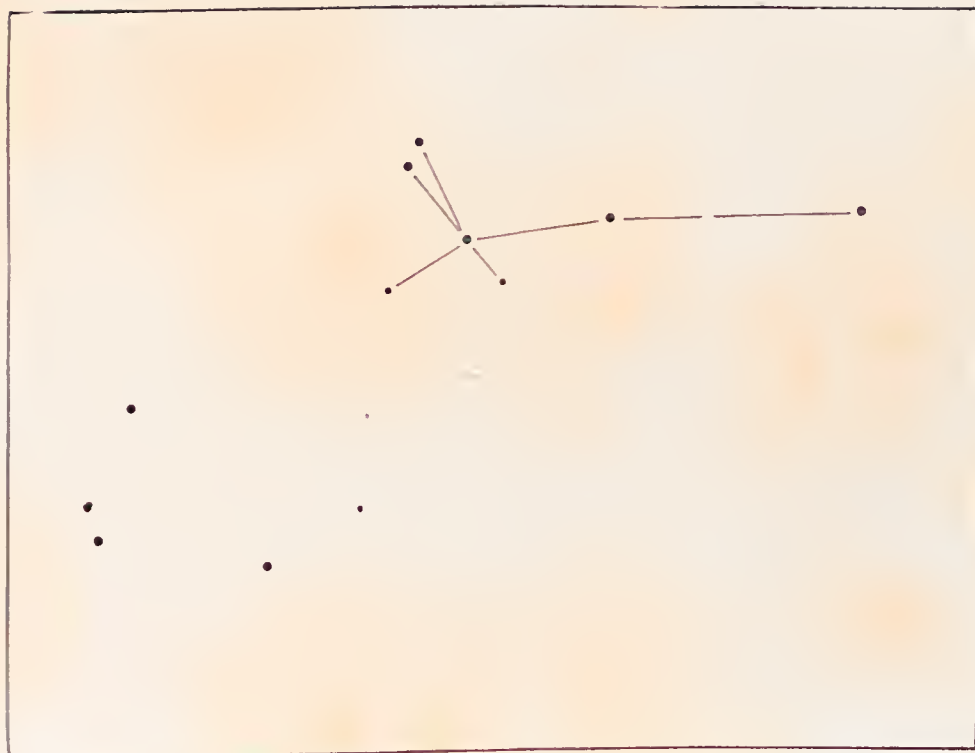
Gen José Vieira da Rosa - Chefe

PARTE DO HEMISFÉRIO AUSTRAL DA ABÓBODA CELESTE

## COMPARAÇÃO ENTRE CONSTELAÇÕES: SEGUNDO A TRADIÇÃO CLÁSSICA E A DOS INDIOS CARAJÁS

Estrelas que compõem as Constelações do Centauro, do Cruzeiro do Sul e outras, de acôrdo com a concepção clássica

α e β do Centauro (olhos de uma ema assustada), α e β do Cruzeiro (olhos de uma arraia na qual o Saco de Carvão constitue uma mancha) ... na parte escura abaixo da Via Latea segundo a tradição Carajá colhida do indio Dendô (Sabino), do posto Heloisa Torres pelo Dr Othon Machado Interpretação gráfica feita no

SERVIÇO DE CONCLUSÃO DA CARTA DE MATO GROSSO

La constelación *"El Súri* (avestruz) hembra con los cuatro pichones."
Desenho extraido da "Revista del Museu de La Plata" _ Tomo XXVI "Mitologia Sudamericana _ Las Constelaciones del Orion y de las híadas" _ por R Lehmann-Nitsche

isso pediram que Idianacatú fôsse pescar num lugar muito distante de sua habitação. Idianacatú e seu irmão, inadivertidamente, foram, deixando a arara em sua casa. Carajás outros aproveitaram a ausência deles e se apossaram da arara vermelha de Idianacatú. Mas êste adivinhou que estava sendo roubado. Voltou, ràpidamente, à casa e conseguiu rehaver a ave.

Os Carajás que praticaram o crime, tentaram agredir Idianacatú, que se achava desarmado. Para defender-se cavou a terra com as mãos, atirando-a para os lados sôbre os agressores. Jogou muita terra em cima deles. O buraco aberto transformou-se num lago, ficando em sua margem oposta o irmão de Idianacatú. Inoxiué, o deus amigo de Idianacatú, para castigar os agressores, transformou-os em papagaios e o ladrão da arara foi transformado em macaco. E' por isso que os papagaios falam a língua dos Carajás embora não mais sejam gente, e o macaco, embora pareça gente, gosta de roubar as coisas dos Carajás.

## OS VEADOS

Depois de alguns Carajás terem sido transformados em bicho, conforme vimos acima, Idianacatú foi unir-se ao irmão que se achava na margem oposta do lago e dali não podia sair. Chegou a hora de preparar comida mas nem Idianacatú, nem seu irmão, tinham fôgo. Idianacatú pediu, então, a uma cobra que atravessasse o lago e lhe trouxesse uma brasa. Mas para que essa se não apagasse, a puzesse no alto da cabeça. A cobra assim o fez. Entrou no lago e nadou em direção a Idianacatú. A brasa ia bem acesa, mas, quando a cobra estava no meio do lago, *Xandirioré* (Ser malfazejo comparável ao Diabo) mandou que o banzeiro (marêta do Araguáia) aparecesse e, inesperadamente, apagou a brasa que a cobra levava. À vista disso, Idianacatú pediu a um urubu-rei que, voando, lhe levasse um tição. Essa ave apressou-se em atendê-lo, pondo na praia onde estava Idianacatú o tição pedido. Mas *Xandirioré*, tomando a forma de um sapo, saiu do lago com a bôca cheia de água e apagou o tição. Como Idianacatú e seu irmão estivessem quase desmaiando de tanta fome, apelaram para *Inoxiué*, o Deus amigo. Êste chegou junto deles e disse-lhes : "Vou transformar vocês em veados, que é o bicho que só come capim e folhas verdes e não precisa cozinhar para comer". E, assim, foram feitos os Veados.

## OS PIRARUCUS

O sol tinha duas filhas. Eram as moças mais bonitas do mundo. Mas o sol não queria que elas casassem. Para isso conseguir costumava

dar incumbências tão difíceis aos candidatos que, êstes, ou desistiam ou morriam antes de realizá-las.

Indianacatú e seu irmão quizeram casar com as filhas do sol. O sol expôs-lhes as condições. Êles aceitaram. Ora, o sol queria que êles apanhassem piranhas vivas. Mas piranha é um peixe terrìvelmente mordedor que não se pode apanhar vivo.

Idianacatú teve então uma idéia : mandou seu irmão colhêr leite de mangabeira e banhou-se nele. Seu irmão fez a mesma cousa. Depois, foram à beira do rio e lançaram-se à água. As piranhas, como é do seu costume, atiraram-se aos dois irmãos, a fim de comê-los. Mas o leite de mangabeira não só grudou-as aos corpos como impediu que elas pudessem abrir a boca e mordê-los.

Sairam da água os dois irmãos cobertos de piranhas vivas, as quais foram levadas ao Sol. Êste ficou desapontado pois contava que as piranhas matassem Idianacatú e seu irmão. Exigiu-lhes, então, que carregassem almesca, (*) na esperança de que a resina dessa planta queimasse a pele dos irmãos e, assim tornados feios, as filhas não quizessem aceitá-los por maridos.

Idianacatú apelou para *Inoxiuê*. Êste Deus mandou que as andorinhas carregassem água para molhar o corpo dos dois irmãos, a fim de evitar as queimaduras produzidas pela resina. (Por isso, até hoje, as andorinhas costumam voar ràpidamente sôbre o rio e beliscar a água). Graças ao auxílio das andorinhas, Idianacatú e seu irmão, sem nada sofrerem, satisfizeram a exigência de seu futuro sôgro.

O Sol, porém, não desistia de matar Idianacatú e seu irmão. Fingindo concordar com o casamento, chamou-os e disse-lhes : "Vocês podem casar com as minhas filhas". E entregou-lhas. (Mas prevendo que êles ardorosamente procurassem satisfazer seus apetites amorosos, mandou encher a vagina das suas filhas com as piranhas vivas que Idianacatú lhes fornecera). O irmão de Idianacatú queria, desde logo, deitar-se com a filha do Sol que lhe era destinada. Mas Idianacatú não deixou, dizendo-lhe : "— Não é possível ! Devemos primeiramente tirar as piranhas que o Sol pôs na vagina das filhas, pois de modo contrário, ficaremos sem membro viril". O Irmão de Idianacatú duvidou que ali houvessem piranhas. Idianacatú chamou o macaco e disse-lhe : "Venha provar a virgindade das filhas do Sol !" O macaco trepou, logo, sôbre a moça, afim de copulá-la. Mas deu um grito terrível. As pira-

---

(*) Árvore da familia *Burseraceae* (*Protium sp.*) que produz resina odorífera, apesar de cáustica. Em alguns lugares do Brasil é chamado Incenso, Elemi ou Icicariba (do Tupi : *Icica*, resina ; *ibá*, árvore). Esta é, aliás, espécie (*Protium icicariba*) diferente da almesca do Araguáia.

nhas morderam-lhe o penis. (Por isso tem a glande defeituosa e o penis até hoje é de cor de sangue vivo). Então Idianacatú mostrou a seu irmão como poderiam copular as filhas do Sol. Chamou o Jaburú-moleque (*) (Ave ribeirinha que se nutre de peixe e que os Carajás acreditam fazer uso de uma planta do gênero *Serjania,* que é ictiótanisante) e pediu-lhe um ramo de timbó. o Jaburú deu a planta pedida. Idianacatú meteu-a na vagina das filhas do Sol e matou tôdas as piranhas, menos uma que se escondeu no fundo da vagina. (Por isso as mulheres, em certa lua em que ocorreu êsse episódio, deitam sangue pela vagina. A piranha continua mordendo...).

Depois de mortas as piranhas, Indianacatú e seu irmão possuiram as esposas. Estas, porém, gostaram mais do amor que o macaco lhes fizera. Idianacatú, perguntou, então, a sua mulher : "Quem voce acha mais bonito : eu, ou as árvores ?" A mulher respondeu-lhe : "As árvores" !

À vista dessa resposta, os irmãos desprezaram as mulheres e foram correr mundo. Chegando à casa da Saracura (que foi a inventora das Ùbás (Canoas) pediu-lhe emprestada uma ubá. Mas os irmãos não sabiam remar, tanto assim que seguraram o remo pela pá e puxavam a água com o cabo. Uma juriti, que os viu atrapalhados, cantando, ensinou-lhes a usar o remo corretamente. E os dois irmãos puderam chegar com a ubá até a margem do rio. O irmão mais moço ficou com raiva das árvores porque estas foram preferidas pelas mulheres. Tomou o arco e atirou-lhes muitas flechas, mas errou tôdas elas. Idianacatú, por sua vez atirou-lhes também e acertou tôdas as flechas, matando as árvores. Desgostoso com o mundo resolveu deixar de ser Carajá. Transformou-se, juntamente com o seu irmão, num peixe do tamanho de um homem. E, assim, nasceram os Pirarucus.

## PORQUE O TRACAJÁ TEM A CARAPAÇA QUADRICULADA

Há muitos anos os tracajás eram maiores e tinham a casca sem emendas.

Certo dia, porém, uns macacos estavam trepados num alto jatobá comendo os frutos dessa grande árvore. Uns tracajás, de baixo da árvore, pediram aos macacos que lhes jogassem frutos. Os macacos deram sòmente um fruto a cada um. Os tracajás comeram e gostaram do fruto. Pediram mais. Os macacos não deram. Os tracajás pediram

(*) Mycteria Americana Linn.

que os macacos os ajudassem a subir à árvore. Os macacos ajudaram os tracajás e desceram, por sua vez, da árvore, indo avisar à onça, que se intitulava dona do Jatobá. A onça correu para baixo do jatobá, e, furiosa, indagou :

— "Quem está aí ? —"

Os tracajás responderam :

— "Somos nós, os tracajás !"

A onça replicou :

— "Desçam daí !"

Os tracajás responderam :

— "Descer, não podemos, por não termos mãos para agarrar os galhos."

A onça, então, gritou com mais fôrça :

— "Então atirem-se abaixo !"

Mas os tracajás responderam :

— "Se nos jogarmos cairemos sôbre ti e te mataremos !!"

Mas a onça, com mais raiva, mandou :

— "Joguem-se !... E já !"

Os tracajás jogaram-se. Cairam sòbre a cabeça da onça, que morreu. Em seguida, os tracajás culpados fugiram para o lago. Na sua margem, porém, havia um bando de onças que soube da morte da outra onça. Quando os tracajás sairam do lago, a onça-chefe perguntou-lhes :

— "Qual de vocês matou a onça ?"

Quase todos os tracajás foram respondendo :

"Eu não fui !"

"Eu não fui !"

"Eu não fui !"

E foram fugindo, para não correr perigo de vida.

Um grande tracajá, que não tinha comido fruto de jatobá, por ter permanecido no lago, vinha, ocasionalmente, saindo da água. Não sabia

do ocorrido, por isso não pôde responder presto à pergunta feita pela onça.

Por nada dizer foi considerado culpado e as onças cairam sôbre êle e o estraçalharam.

*Inoxiué,* que era amigo dos Carajás, querendo assegurar a êsses indígenas a sobrevivência dêsse útil animal que lhes fornece alimento, antes que as onças voltassem, reuniu às pressas os pedaços do tracajá e restituiu-lhe a vida.

O trabalho feito atabalhoadamente não ficou, realmente, muito bom : a carapaça ficou um pouco mais curta que o bicho e as emendas ficaram aparecendo...

PARTE II

# SUBSIDIOS PARA UM VOCABULÁRIO PORTUGUÊS - CARAJÁ E .CARAJÁ - PORTUGUÊS

## DADOS LINGÜÍSTICOS

Aproveitando a oportunidade de íntimo contacto com os Carajás do Araguáia, coligimos dados linguísticos dêsses interessantes íncolas do Brasil-Central.

Sua língua expressiva, original e muito interessante estará, em breve, sem representantes autóctones, de vez que êsses indígenas vão ràpidamente desaparecendo.

Anotámos tudo que foi possível de sua glotologia. Aliás, dadas as circunstâncias, tais indígenas vivendo em plena natureza, providos da alimentação farta que o Araguáia lhes proporciona ou obtém pelo cultivo da terra fértil onde vivem e não fazendo comércio vultoso com os civilizados, não precisam de maiores recursos verbais para dizer as idéias limitadas que seu modo de vida exige. Por isso, seu vocabulário pode ser considerado grande em relação ao estado de sua civilização. Usam expressões adequadas ao gráu de desenvolvimento de sua mentalidade.

Assim, pois, no vocabulário que se segue, apresentamos talvez mais da metade de suas palavras de uso freqüente, além de algumas expressões verbais.

Os Carajás, como todos os aborígenes brasileiros, não têm escrita. Para grafar suas palavras usei as letras abaixo indicadas, emprestando a cada símbolo o valor fônico que, na cidade do Rio de Janeiro, lhe atribuimos. Notar que as letras que participam de cada palavra têm som real.

Essas letras, são : A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U X Z.

As vogais A E I O U têm sons vários, difíceis de serem representados pelos nossos símbolos gráficos.

Das consoantes, lembramos que algumas têm som que convém acentuar : K, tem som diferente de C da nossa língua. Por isso conservâmo-lo. Tem sempre som de Ká, Ké, e Kê.

R tem dois sons : fraco e forte. Para distingui-lo, tôda vez que soar fortemente e mesmo que seja no princípio de palavra (quando, na

língua nacional, é sempre forte), usamô-lo dobrado (Rr), isso porque, na língua Carajá, há palavras cuja inicial R sôa brandamente.

Duas consoantes juntas quer dizer que ambas soam com seu som próprio. Exemplo : A-t-xí. T e X soam, portanto.

Algumas vêzes as sílabas estão separadas por traço de união com o fim de destacar sua fonação. (E na língua Carajá escrevemos várias vêzes letras isoladas como sílabas). Exemplo :

Abó-re; A-i-tó-lá ; B-dó-loké; Á-t-xí.
O *X* sôa Xá — Xe — Xí — Xó e Xú.
Quando estiver isolado sôa sempre : Xí.

O verbo na língua Carajá tem particularidades difíceis de interpretação gramatical. Possue, geralmente, os modos Indicativo, Imperativo e Infinito. Tem três tempos mais usados : Presente, passado e futuro.

De ordinário os Carajás formam o verbo acrescentando a desinência *crê* ao substantivo. Exemplo : Biroxí, comida, alimento ; biroxicre, comer, alimentar.

Como exemplo conjugamos o verbo ter.

Eis os modos principais como os Carajás conjugam o dito verbo :

Indicativo Presente :

Diondire — Tenho.
Cuá-diondire-reré — Tens.
Corra-idionrarê — Tem.
Iobotô-deman-diondire-ran-iré — Temos.

Pretérito :

Idionderé-raremandé-tuéra — Tive.
Idionderé-raremende-uéra — Tivemos.

Futuro :

Itiamonrabê-idiante-tacrê — Terei.
Ititôman-rankê-idioidekê-doncrê — Terão.

E o nosso amigo Taxiriman, *Inan* que catalogámos entre aqueles indígenas de mais elevada idade mental, depois de ter conjugado os tempos do verbo acima enunciados, forneceu-nos os outros elementos gramaticais que acrescentamos à guisa de introdução ao presente vocabulário.

A formação do plural é feita pelo acréscimo de *à-son-uéra* (às vêzes — *son-uéra*, simplesmente), ao substantivo.

Para, explìcitamente, designar o sexo, dizem :

Rrá-ambuam-bôrare, isto é, masculino, ou Á-úakê-kérebêrerúrré-ambura, isto é, feminino.

Convém esclarecer que tais especificações são empregadas sòmente quando o interlocutor indaga do sexo do ser, porque, normalmente, o sentido da frase deixa subentender se se trata de masculino ou feminino.

Para os Carajás, os substantivos têm, também, três graus, formados pelas palavras :

Itó-bórrok-rérêm : gráu positivo ;

Xiólóde-kan (rrekan, tabuikan, kan, como variantes reduzidas : gráu aumentativo.

Iulá-terrê-rereni (também ou simplesmente: rióré, berióré, aritióré, como variantes reduzidas pelas práticas verbais oligológicas, conforme já anotámos) : Gráu diminutivo.

Flexões de número :

Á-úíre : Bom.
Bínáre : Mau.
Iujore : Pequeno.

Advérbios de quantidade :

U-é-son-uera (e variantes acima enumerados) : coletividade, todos, muitos, multidão.
Ixêbê-qué-coambo : Mais.
Irró-cônri : Pouco.
Torá : Menos.
Son-uémê-dé-aranrencre : tanto.

Advérbios de aproximação :

Ixédé-nerá-será-nará : Quase.
I-ó-rrore : Perto.
Irêrrére : Longe.
Uátek-querere-rranri : Próximo.

Advérbio de afirmação :

Corra : Sim.

Advérbio de negação :

Cônrí : Não.

Comparativos :

Darracê-iacon-uê-uê : melhor.
A-oncon-rémirre-iam-bina-bina : Peor.
Ibankan-remirre : maior.
Erióré (aritióre) Menor, reduzido, curto.
Iú-djáre : Mínimo.

Advérbio de modo :

Auí-tetíre : Ótimo, excelentíssimo.
Errê-tetíre : Péssimo ; grau absoluto, de mau, perverso.
U-óri-oré : Bem.
Rré-rré : Mal.
Et-morá-tetíre : Novo.
Et-boukan : Velho.

Pronomes :

Dos Carajás da Barra do Itapirapés, recolhemos os pronomes seguintes :

Eu. Diaran (Di-ká-ran).

Tu. Cai.

Êle. Té-kí. Em algumas aldeias dizem : Rro-on-nandéri.

Nós. Ibôtô-xanruíre. Em algumas aldeias, dizem : inan-bô-iborrô-ibotum (Lit. Todos nós, os Carajás).

Vós. Irronre. Em algumas aldeias dizem : Caí-ibe-rrô-ibotum. (Lit. Tos vós).

Êles. Deê-naracre-nandére. Em algumas aldeias, dizem : Té-ki-ibôrrô-ibotum. (Lit. Todos êles).

A construção da frase é, frequentemente, feita de tal forma que o verbo, o adjetivo ou o substantivo ficam no fim.

Um exemplo dos muitos que poderiam ser citados : corda de imbaúba : *An-cô-ré-rú* (*imbauba-corda*) etc.

Para interrogar, os Carajás constroem a frase advertindo que fazem pergunta, para o que usam da partícula : *amô* (às vêzes pronunciam *amôbe*... ou, mesmo *ambo*. (v. g. *tateriambo*...i.é. como tem passado ?)

Com freqüência os Carajás abreviam as palavras quando dialogam. Assim, costumam dizer : Borréto, — não sei, *in extenso*, apenas a pri-

meira vez que empregam essa expressão. Nas vêzes subseqüente em que ela tiver de ser repetida, o íncola dirá reticensiadamente : Bóo... Tatériambo é a forma de cumprimento, saudação habitual. A palavra é dita inteira apenas a primeira vez (porque os Carajás se cumprimentam tôdas as vêzes que se encontram no mesmo dia). Nos encontros subseqüentes dizem, apenas, Tatériii...

De aldeia para aldeia ocorre variação na língua Carajá. Além disso, tem, cada uma delas, sua língua secreta, espécie de gíria, sòmente compreendida pelos respectivos habitantes. Afora isso, a pronúncia varia de uma para outra aldeia, o que contribui para dificultar a organização do vocabulário.

Convivemos mais tempo com os Carajás do Baixo-Araguáia, que têm menos contacto com os civilizados. A maioria das palavras registadas foram colhidas na aldeia da Barra do Itapirapés.

As mulheres Carajás pronunciam algumas palavras de maneira diferente da dos homens. Êstes conhecem o vocábulo, mas não o empregam jamais. Meus informantes habitualmente disseram-me : "As mulheres dizem assim..." Exemplo : Onça é Aloé. Mas a mulher diz alocoé. Velho é Matuari, para o homem, e matucarí, para a mulher, etc., etc. No vocabulário apresentado, tôdas as vêzes que indicarmos palavras masculinas que tiver correspondente feminina com pronúncia diferente, poremos esta entre parêntesis. Exemplo : Aloé (Alocoé), etc.

A pronúncia, o tom de voz dos Carajás é notàvelmente grave. Um íncola conversa com outro em voz tão baixa que o ouvido civilizado mal percebe o som da palavra, mesmo estando perto do palrador. Com freqüência um interlocutor está a alguns metros do outro e, por vêzes, nem fica voltado para aquele que lhe fala. Todavia, ouve-se daquele que está distante apenas : Cônri (não); Corra (sim); Húm! (prossiga, está certo) ; Borréto (não sei), etc.

Outra particularidade é a maneira de um Carajá dirigir-se a outro, duas ou três centenas de metros distante. Pronuncia as palavras com intonação musical, e repetindo a última sílaba, quase cantando : Corro-krú... krú... úúú... E Corro-kru, o Carajá que estava na margem oposta do Araguáia, respondeu em seguida. Muitas vêzes verificámos a repetição dêsse processo de telelogia.

Resta, finalmente, inscrever, aqui, os nomes dos Carajás, prezados amigos, que contribuiram para a confecção dêste Vocabulário : *Taribé*, Capitão de Aruanã ; *Ataúl* (*Uátaú*), de Santa Isabel : *Andedura* e

*Xí-ué-lóre*, de Fontoura ; *Deridô, Taxiriman, Tiarí, Derí, Corrokrú, Kra-ú-okú-óçó, Irá-rrétó* e *Tiú-aré*, da Barra do Itapirapés.

Os nomes de animais e plantas (quase sempre completados com a classificação científica de cada um, o que torna rigorosamente exato o substantivo referido no verbete), foi dado, na maioria das vêzes, à vista da determinação do material coligido.

Rio de Janeiro, 30 de Março de 1946. — *Dr. Othon Machado.*

Rua Rita Ludolf 35 — Leblon — Rio.

## VOCABULÁRIO

## PORTUGUÊS-CARAJÁ

### A

Amanhã eu vou. V. Curiango.

Acácia. Arbusto da família Leguminosa. (O material botânico inutilizou-se). Acetirú-bró.

Azedinha. Planta gutífera. (*Rheedia* sp.) Ribeirinha do Araguáia e afluentes, de frutos comestíveis. Rru-uáré-anin.

Arrabidea. 1.º) Planta *Bignoniaceae* do gênero *Arrabidea* sp. Ó-té-(timbó, tingui). 2.º) *Arrabidea* sp., Má-ú-nin.

Allamanda puberula DC. *Apocynaceae* das margens do Araguáia. Bê-í-diá-rei-ó ou Andedura-non (Lit. Flor de arara vermelha).

Amarilidacea dos campos marginais do Araguáia. Andoró-rrukan. V. Hippeastrum.

Azul (Côr) Itú-rú-tí.

Anzol. U-á-cí e U-á-xí.

Acorda, Maria ! (Ave) (*Tanagra cyanoptera. T. palmarum*). Xian.

Amigo. V. Companheiro.

Avô. Ulá-rrí; às vêzes dizem : U-lá-bí.

Ascite. U-á-arrió-nire.

Amor. Ué-rret-uçá-tétíre.

Afeto. V. Amor.

Aumentativo. Xió-ló-dekan.

Abundância. V. Todos.

Abertura. V. Bôca.

Amanhã. Biúrá-çomá.

Adversário. V. Inimigo.

Araguáia. Grande rio do Brasil Central. Bêrô-kan ; bêrô-rrêkan; bêrô-rikan. (Lit. rio grande ; rio verdadeiro).

Ata. Pinha. Anonacea do gênero *Duguetia*. Ranté-até, ou Ué-ló-tó.

Asclepiadaceae. (*Marsdenia* sp.?) Planta fetiche dos Carajás, comum nos bosques do cerrado da Barra do Itapirapés, cujo nome Carajá significa *Tripa de Pirarucu*. E' o Budolébotó

Acanguára. V. Cachaça.

Andar. Má-ri-acre.

Andorinha. (De qualquer espécie). Rramá-tié.

Amendoim. Matunin (*Arachis spp.*).

Árvore. Ó.

Arara-amarela. (*Ara ararauna L.*). Biçá.

Arara-escura. (*Sittace coerulea*). Rrá-rára.

Arara-vermelha. (*Sittace hyacinthina*). Andedura).

Arráia (*Trigon spp.*). Bóró.

Arapuca. Rrê-tô. (Lit. Casa, gaiola).

Ânus. Ri-cúra ou U-árré-tidô).

Arco (a parte de madeira, sem a corda). Uáxiúarraté.

Acarí. Peixe (*Plecostomus plecostomus* L.). Rrú-rié.

Acauan. (*Herpethotheres cachinnans* Linn.). Cú-é-ó. (Cué-có).

Anoitecer. V. Crepúsculo.

Apocynacea escandente (*Mesechites trifida* (Jaq) Muell. Arg.). Aloé-ú-óté.

*Aniseia sp.* Convolvulacea; Coteritĺ-ni. (Lit.: parecida com a batata doce).

Aborrecido. V. Zangado.

Almesca. (*Burseracea Protium sp.*). Planta que figura nas lendas Carajás. Ó-dí-ó ou simplesmente: Oô-dió.

Amarelo. Tan-rék.

Aumentativo. V. Grau aumentativo.

Acará. Peixe. Tiú-ru. (Perdido o material zoológico coligido).

Araribá do Campo (Cabelo de Negro e Pau ferro). *Connarus suberosus* Planchon, planta medicinal que os Carajás empregam, sob a forma de decocto, para moderar o ritmo cardíaco. Anoreran-ní (Lit.: Parecido com urucu).

Até amanhã! Macrê.

Algodoeiro. Eçon-ô.

Algodão. Qualquer fio. O fio com que o Carajá amarra o prepúcio. Éçon, às vêzes: Ê-çon-dé.

Alface da água (*Pistia stratioides, Araceae*) Có-tí-ní. (Lit.: Parecido (a fôlha) com o tabaco).

Ano. Berá-rí-aré.

Aranha caranguejeira. Cotú-rúcú e Laré-uára ou Lará-uára. (Perdido o material zoológico).
Afeto. V. Amor.
Aranha armadeira. (*Ctenus nigreventer* Keys.). Cotú-rúcú-serê.
Areia (por extensão : qualquer praia). Ká-ná-rá.
Armadeira. V. Aranha armadeira.
Alma do outro mundo. V. Assombração.
Amor. Uérret-Kire-uçá-tetíre.
Arco-iris. (Meteoro luminoso). Ú-á-dí.
Assombração. Cú-nin.
Abóbora. Di-ó-rá.
Aipim. (*Manihot aipim* Pohl). Cunandé-dioncon. Às vêzes dizem : Irô.
Acúleo. Dé-édé.
Agradecido. Tê-ôtô-tucrê !
Abraçar. Diônacrê.
Anta 1.º) Mamífero : (*Tapirus Americanus* Linn.) Conrí; 2.º) Constelação do Taurus : Á-oni-duraru.
Arúanã. 1.º) Peixe do Araguáia (*Osteoglossum bicirrhosum* Vand); 2.º) Dança típica : Diáçó.
Arrôs. Maí-somon (*Oriza spp.*).
Ariránha. (*Pteronura brasiliensis*). Di-ú-ré (Lit. o que mostra os dentes).
Acangatára. 1.º) V. Anú-branco ; 2.º) Cocar de penas : Lóri-dorí.
Alma de gato. V. Anú-branco.
Anú-branco (*Guira guira Gml*). Doré-ní (Lit. : Parecido com papagaio ; que é barulhento, gritador).
Angelim. (Árvore leguminosa) (*Andira Sp.*). Duerré-ó. (Lit.: arvoredo-morcêgo).
Agitar-se. V. Escrever.
Afastar a chuva (Pára...) Diozó-betô-ô-ô.
Árvore da raposa. Malpighiaceae (*Byrsonima* sp.) Adoró-ó. (Adoró, raposa, ó, árvore).
Árvore do pirarucu. (Moracea, *Sahagunea* sp.). Bdoló-kéraúra-ó; Outra : Bdolóera-ó.
Alevino de qualquer peixe indeterminadamente. Cátúrá-Cê-Man.
Acanthaceae. *Beloperone Ceciliae* O. Machado, das margens do Araguáia. (O material *typus* no Herb. Jard. Bot. R. Janeiro. Iobodó-tbó. (Lit. Flôr de beija flôr).
Abortiva (Leguminosa). Laté-uó-ní (*Platypodium elegans* Vogl).

Argila plástica. Acéte-dére.
Até logo. Anácre.
Árvore do Tucunaré (Leg. Páp. : *Pterocarpus Rohrii* Vogl). Be-norá-uórú.
Abacaxí (*Ananás sativus* Schultz). Á-oná.
Árvore da iguana (*Myrtacea ; Psidium* sp.). Saram. Curé-ó; também dizem Inandú-urárútê. Pelo atrito do lenho os Carajás obtêm fôgo.
Aspirar. (um líquido). V. Chupar.
Avião. Biú-rrê-ô-tê. (Lit. : Fôgo, motor do céu).
Aurora. Arú-dibrí.
Anoitecer. Rrú-rinan.
Anú-preto (*Crotophaga ani* L.). Atô-atoi-ô.
Agradável. V. Bom.
Andar com rapidez. V. Ligeiro.
Andar. Mari-ácre.
Agôsto. Beré-rí-aré.
A semana. Os dias da semana. Amanson-de-kanan.
Alimento. V. Comida.
Amigo. Uái-doí.
Abóbada celeste. V. céu.
Arráia branquinha. Boró-urá. (Não vimos material zoológico).
Arráia-fôgo. Peixe. (*Potomotrygon histrix Schomb*). Bó-ró.
Aldeia. Rrá-unan-dô.
Alegre. Bú-ci-nekre e Uá-delxáre.
Acarí ou carí. Peixe do Araguáia (Não vimos material zoológico). Rrú-rié.
Assentar-se. Búdunanka.
Ananás-de-raposa. *Bromeliaceae* de frutos comestíveis. (Perdido o material botânico). Adoró-oná ou Adoró-oaná.

B

Bólido. Estrêla cadente. Tainá-ré-áre.
Bocêjo, bocejar. Eleri-uraçá-rérí.
Barbado. Peixe nematognata do Araguáia (*Pimelodus piranan-pus* Cuv.). Naná-tirô.
*Bonafousia tetrastachya* (H. B. K.). Mgf. Uma Apocynacea. Ó-tú-é.
Bonafousia spp. Apocynaceae das margens do Araguáia e afluentes. Dê-cê-rú-tê.

Bicudo. Peixes do Araguáia : (*Lúcio chorax insculptus* Steind) e (*Xyphostoma longirostrum*). Kná-dorá:
Bobo. Abó-ré.
Beber. Arioncre.
Bexiga Urinária. Ándeçû-nan.
Burití (*Mauritia vinifera e outras spp.*). Eté-rron.
Baço. Á-ô-biná.
Banana. Fruto de qualquer espécie de bananeira (*Musa spp.*). I-di-atá.
Boa-noite (despedida). Arak-rônô-roncre.
Bacuráu. (*Hydropsalis torquata*). Cábó-tó.
Banhar. Aron-rroncre.
Banhar-se no rio. Idioéçó-berorron (Ixançóberorron).
Batimento (de pulso, do coração, *ictus cordis*) Á-tedeçú-derabí.
Bom. Á-úire.
Boipéba. (Ofídio peçonhento de gênero ainda não determinado ?) V. Jararaca de rabo de osso.
Braço de rio. V. riacho.
Bonito. Auí-tetíre.
Branca (côr). Iúrá-kan.
Bôto (*Sotalia ? spp.*). (Não obtivemos material zoológico). Burrá ou Burran. (Onomatopéia).
Bicho-de-pé. (*Tunga penetrans L.* e outras espécies). Corró-num.
Batata-doce. (*Batata edulis*) Coterútí. (Ateró-ti).
Batatinha (*Solanum tuberosum* Linn. et spp.). Coterúti-ní. (Lit.: parecido com batata doce).
Botina. V. Sapato.
Botão de flor. Irá-tú.
Bôa-noite ! Arakre-rô-roncre !
Borboleta. Cotí-xá.
Barriga d'água. V. Ascite.
Bico de pato. Peixe indeterminado do Araguáia. Dora-dué; outro: Éló (Não vi material zoológico).
Bom dia ! (Saudação). Madá-ení. Às vêzes, também dizem : Mai-tocô ! E' igual a Tateriambo !
Banhar-se. Aron-rroncre.
Buchincha paulista. (*Luffa operculata* Cogn.) Mamá-dô-xima.
Boicenin-assú. V. Mutum-Castanha.
Bico do peito. Mamilo. Úanratú (Rru-kan-iratú).
Banzeiro (Vagaría do Araguáia). Obó.
Braço de rio ; riacho. Berióré.

Brisa. Orrô-irrocon.
Bem-te-ví. Ave conhecida (*Pitangus spp.*). Axitá-an.
Brasa. V. Fôgo.
Barro. V. Argila.
Boiar. Rrocura.
Babaçú. (*Orbygnia Martiana* Barb. Rodr.). Rrô-rê-ní.
Beijo (na bôca) Ururú-ú-luó-luçá.
Bôda. V. Casamento.
Barata doméstica. (*Periplaneta spp.*). Tú-cí-ní.
Barro. Sú-ô.
Bôlo de fainha (de milho ?) É-ué-dó.
Bigode. Tú-cú-serê.
Bôlo de farinha de mandioca. Inó-raú-é.
Barba. Turrútú-serê.
Bocetinha. 1.º) Arbusto da família Leguminosae-Papilionacea. Aúrú-tú-ú-eté. (O material botânico ficou inutilizado) ; 2.º) Rará-dó-ni,gencianacea do gênero Coutubea.
Beloperone. V. *Acanthaceae.* Uóbódó-tbó.
*Bignonia exoleta* Vell. Trepadeira da família Bignoniacea. To-rí-ocó.
Bicho de ouvido. V. Piolho de cobra.
Beija-flor (Qualquer troquilídeo). Ubá-dó ou Ubó-dó.
Bôca. Uá-rú.
Batoque do beiço. Có-luó. Às vêzes dizem : Nauí-tbó ou Oluó.
Bem. V. Bom.
Bochecha. Ú-ró-dé.
Branco. (Brasileiro de raça branca ; por extensão : Cristão). Torí ou Itucúráre.
Branco, não brasileiro ; estrangeiro. Torí-ní (Lit. : Parecido com brasileiro). Por extensão : cristão :
Bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart.). U-rô.
Bandido. V. Feiticeiro.
Botina. V. Sapato.
Borduna. V. Clava.

C

Calçado. V. Sapato.
Cabeça. Rrá-á.
Cinco. Debó-éré-tué.
Cobertor. Ú-bê-tá.

Cachaça. Crucugé.
Cogumelo luminescente. Anaté-dorrô.
Companheiro. U-aí-dô-í.
Cabeça do penis. V. Glande.
Coletividade. V. Todos.
Calogí. U-érô ou I-érú.
Correr (verbo) Ú-í-dirá.
Criança. V. Menino.
Caninana (Ofídio). (*Drymarchon cordis* Boie). Ú-á-riribó. diá-ní.
Corda (Do arco) Ú-é-oré-rú.
Certo. Uá-ri-oré.
Chefe de família. V. Pai.
Café (Em grão). Uerú-lubú ; às vêzes : Uerú-belubú.
Café coado. Bé-lubú (Lit. Água-preta).
Cachimbo. Ú-ó-rionan.
Cega-machado, Sebastião de Arruda ou Pau-rosa. (*Lythraceae Physocalymma scaberrima* Pohl.). Adirá.
Carí. V. Acarí.
Centrosema sp. Leg. Pap. comùm nos cerrados marginais do Araguáia e afluentes. É-budó-tbó.
Cogumelo. Urupê. Orelha de páu ; qualquer cogumelo. Edó-rrô.
Cardo-ananás. (*Cereus triangularis* Vell.). Abóróró-tudí. (Caboróró-tudi).
Coração. Tedê-çú.
Calango (*Anisolepsis* ?) Açará.
Capivara (*Hydrochoerus capibara* Erxl). Cú-é.
Cabaça (*Cucurbita lagenaria L.*). Alobó-dediraire ; às vêzes: Dorirú-ní.
Cabaça (onde conservam água de bebida). Aló-bacú.
Cabelo. Ará-dé ou rá-dé (Cabelo liso).
Composita sub arbustiva das margens do Araguáia. (Mat. bot. inutilizou-se). Diná-odó-urú.
Chupar. Aritocre.
Cabelo-pichaim. Radé-uérú.
Certo. V. Bom.
Conúbio. V. Cópula.
Còco. V. Oréní.
Cópula. Ará-úíne.
Cabana (Casinha). Rré-tô-rióré. (Lit. : Casa pequena).

Curto. V. Menor.
Cumprimento (Saudação). Quem chega diz : tateriambo ou tariannambô ; quem é cumprimentado, diz : Arérine ou Tarérium.
Caranha ou Pacú-guassú (*Myletes edulis Cuv. & Val.*). Arí-irí.
Corda para o arco. Uéórérú.
Corda e arco (pronto para atirar). Uáxidá-deorérú.
Cordão umbilical. Binon-tê.
Cicatriz umbilical. V. Umbigo.
Cigana, Jacu-Cigana. (*Opisthocomus cristatus* Gml). Atá-ná.
Cordão Umbilical. Binon-tê.
Clava (de duas mãos) Birebú-nak ; Clava (de uma só mão) Corró-tê.
Clitoris. Itudirrú.
Comida. Biroxí.
Comer. Biroxicre.
Céu. Biú.
Coumarú do cerrado. Leguminosa. *Drypteryx alata* Vogl. Nauiétbó. (Lit. : fruto do gavião ?).
Chuva de pedra. V. Granizo.
Cúmulus (Nuvem). Biú-oé-tkú.
Centáuro (Constelação). Bi-urá-etkú. (Lit. : Olhos da ema).
Cinturão. Uérête-çanan.
Cirrus (Nuvem) Biú-rodeborê.
Curiango, Amanhã eu vou. Caprimulgideo (*Hydropsalis torquata* Gml.). Curiti-narrê.
Cascavel (Pomba) (*Scardafella squamosa* (Linn.) Temm. & Knips). Botoé-ní.
Cascavel (Ofídio). (*Crotalus terrificus* Laur.) Rrma-lá-lá-turrô e Á-ú-inemam-arrá.
Carne de gado. Bororêne-dé-sanrú.
Casa. Rrê-tô.
Cervo (Veado). (*Cervus paludosus*). Bróré.
Catamênio. Diadomá-bodá.
Calça (Vestuário). Rú-ú.
Carrapato. (*Ixodide*). Corrá-ri.
Coruja (*Bubo Magelanicus*). Cotúrúcú.
Cozinhar. Rrerá-nan.
Curicáca. Ave (*Theristicus caudatus* Bodd.). Crá-ú.
Cinco. Debó-erutué.
Chapéu. Rró-ré-rú.
Carpo. Dé-ari-tá.

Camisa. Déó-rú.
Corvina. Peixe do Araguáia. (Não vimos material zoológico). Ka-nan ou A-non.
Casa incendiada. Ú-ó-órarí-arí.
Colhereiro. Ave (*Platalea ajaja* L.). U-rá-ré. Algumas vêzes dizem : Uáráré.
Costela. U-ití.
Coral (Ofídio). (*Elaps spp.*). Utú-rê-çá.
Cortar. Bicró. Às vêzes dizem : Bicrórré.
Cócega. Uti-utí. V. Rrútá-naréri.
Chefe (Da aldeia). Xandinodô.
Casca (de árvore). Ó-uóruú-tkê.
Capitão (Da aldeia). V. Chefe.
Côco-babaçú. (*Orbygnia Martiana* Barb. Rod.). Rroré-ni.
Comandante (De aldeia). V. Chefe.
Cachoeira. Rró-ré.
Chavante (índio) Xandirioré-cruçá. Abreviadamente : Crúçá.
Caranha. Arí-irí. V. Pacú-guassú.
Cará. Peixe do Araguáia. Tiú-rú. (Não vimos material zoológico).
Chibata. V. Jacitára.
Chicote. Peixe do Araguáia. (*Branchyplatistoma platynema*). Urrudiá-ni.
Cigarra. Inseto. (*Zammara tympanum* e spp.). Otó-téreçú.
Cobertura da cabeça. V. Chapéu.
Careca. I-rádê-irrô-con. (Lit. : Cabelo caiu).
Cuspo. Rrubé-xí.
Cuspir. Rubé-xi-crê.
Casamento. Rrú-íra.
Cair. Nari-oura.
Conversa. Rubedô.
Cesto (que a mulher carrega por faixa presa à testa). Uórí-rí.
Cesto (que o homem carrega às costas). Berrurá.
Comichão. V. Sarna.
Conversar. Rubedô-crê.
Copular. Aráúine.
Crepúsculo. Rrú-rí-nan.
Coceira. V. Sarna.
Cozinha (Lugar do fogão). Erá-ná.
Calça. Rrú-ú.

Convite à cópula (do homem para a mulher) Uí-di-kiri-krê-caruicre (às vêzes dizem sumàriamente : Manacre-araúine.

Colar (Ornato para o pescoço). Sí-cúra.

Cunilinguismo. Tú-ú-idi-ré-á.

Cunhanguéra. V. Velha.

Campo. Si-lá-rô.

Cassia sp. Leguminosa das margens do Araguáia. (O mat. botânico inutilizou-se). Cotó-ó-é.

Campina. V. Campo.

Chão. Sê-ô-ô (Às vêzes dizem — Si-ú-ú ou Çô-ô).

Coletividade. V. Todos.

Chuva fina. V. Garôa.

Chuva forte. V. Temporal.

Cristão. Tori.

Civilizado. V. Cristão.

Cipó-cigana. Ataná-luó. (Vitaceae. Cissus sp.).

Centopeia (*Scolopendra spp.*). Torrú-riení.

Cachaça. Crucugê. Na linguagem oculta da Barra do Itapirapés: Triú-berê.

Chão da casa. Rrê-tô-uó.

Cêra de abelha. Tú-bó-rá.

Canto. Uí-í.

Claridade (do sol). V. Dia.

Coqueiro. Tucum. V. Tucum.

Chover (para fazer chover). Diobódo-á; chover (para não chover ou parar a chuva). Diozó-bêtoô-ô-ô...

Caruru (*Amarantus* sp.). Amarantacea comum às margens do Araguáia. Anié-otê (Lit. : comida de galinha).

Caveira. Rrátí-tabou.

Cabelo-de-negro. V. Araribá do campo.

Catuába (*Anemopegma Mirandum* A. D. C.) (plantinha dos cerrados, tida por afrodisíaca notável em algumas regiões do nordeste, mas que, em Goiás, entre os índios Carajás, é considerada medicamento para enteralgias e poderoso diurético, redutor de edemas). A-diú-têne.

Costas de jacarèzinho. V. Lombo de jacarèzinho.

Cuiú-cuiú. Peixe do Araguáia (*Oxydoras niger* Cuv. & Val.) É-rrú.

Cachorro do mato (*Canis thous*). Dió-ró.

Cão doméstico. Dió-ró-çá. (Às vêzes dizem: dió-lô-çá ou idióró-çá).

Côco-de-catarro (*Acrocomia spp.*). Aran-dêcê.

Caramujo (Molusco gastropode do Araguáia). O material zoológico inutilizou-se). Do-ré-ú. (Lit.: Bico de papagaio).

Cogumelo. Urupê. Orelha de pau (*Eumyceta*) E-dô-rrô; às vêzes dizem: Redô-rrô.

Chupita. V. Piranha-Chupita.

Cérebro. I-rrú-rú (Às vêezs dizem: I-ú-çá).

Cocar de penas. Ló-rí-dó-rí.

Cobra de duas cabeças (*Lacertilios dos gêneros Amphisbaena e Lepido-sternon*). I-rú-bió.

Crispim. V. Tempo-quente.

Cabelo de milho. Mai-dê-ocê.

Chocalho. Guizo. Iúerú.

Cristal ou cristal de rocha. M'aná-tére.

Costas, dôrso. At-xí

Comparável. V. Parecido.

Chato (*Phytirius pubis* L.). Nô-serê.

Coendú (*Coendú villosus* e outras espécies). Odé.

Carangueijo do Araguáia (*Thrichodactylus ?*) (Material zoológico perdido). Odemaí-í.

Casa. Rrê-tô.

Cajazeiro (*Spondias lutea* L.). Ó-luó. (Essa palavra também significa enfeite de madeira que o Carajá introduz no furo feito no lábio inferior).

Curandeiro. Orrótí-b-dedô.

Coxa. Eu-ô-tê.

*Cará-cará* (Falconídeo. Gaviões: *Polyborus brasiliensis e Mylvagus chimachima* Linn.). Rrí-ré.

Cameleão verde (*Iguana spp.*). Curé.

Calvicie. V. Careca.

Caju. Rubuno-on-été.

Cajueiro. Rabuno-on-été-ó. (Lit.: fruto com forma de penis). (*Anacardium sp. A. Kuhlmanni* O. Machado). Typus Herb. Jard. Bot. R. Jan.

Caule volúvel. V. Cipó.

Caju-azedo. (*Anacardium Rondonii* O. M'achado). Rabuno-on-été-té-tíre. (Lit.: Caju azedo, ácido, adstringente, desagradável).

Cogumelo de chapéu. (*Eumyceta Basidiomyceta*). Sú-dô-rrô.
Chama. V. Fôgo.
Cogumelo. Orelha-de-pau. V. Orelha de pau.
Canoinha. Rra-uórí-oré.
Canoa grande. Ubá. Rra-uó-rrikan.
Cabana. Rrê-tôrioré.
Cipó Qualquer planta de caule volúvel ; liana ; cipó : Ótété ; às vêzes dizem : Ri-ú ou A-riú.
Cozinha. Re-renan.
Cutía (*Dasiprocta agutí*). Rrá-urí.
Caule volúvel. V. Cipó.
Casa. Rre-tô.
Chopim. Ave *Icterideae* (*Aeptus chopi* Vieill). Á-átô-iô.
Curto. Rréri-uá-otê. V. também pequeno.
Cupim. (Insetos Isópodes de vários gêneros). Edó.
Caetetu (*Tajassu tayassú* L.). Rrô-lô ; às vêzes dizem : Rrô-dô.
Canhoto. Rrôué.
Curto. Rréri-ú-á-oté.
Caminho de Santiago. V. Via-Látea.
Cachimbo. Aritó (Caritó).
Cachoeira. Rró-rá.
Cuiú-cuiú. Jurupóca (*Hemisorubium platyrhyncus* Cuv. & Val). Peixe do Araguáia. Rubé-cé. V. Jiripoca.
Cruzeiro-do-Sul. Constelação do céu austral. Os Carajás consideram-na como pertencendo ao *Saco-de-carvão* (nebulosa junto ao Cruzeiro, que tais indígenas descrevem como sendo uma enorme arraia (*Boró*), da qual as estrelas do Cruzeiro constituem os olhos). Boró-rrúêne (Lit. olhos da arraia).
Caminho-Estrada. Rron-on. Às vêzes pronuncian Ron-on.
Coutubea sp. Arbusto da família gencianacea e muito comum nas margens do Araguáia. Rará-dó-ni. (Lit.: Rará-dó, árvore do urubú ; ní, parecido. Rará-dó é uma Vochyseacea.). V. Bocetinha.

D

Diminutivo. V. Grau diminutivo.
Duro. Rijo. Irurú-térére. Às vêzes dizem : Imá-rê-rê.
Divorciada. Aburú-bicé.
Deitar-se (para dormir) Rô-dô-i.

Dextra ; à direita. Rrurú-é-rebí.
Depressa ! Celere ; de maneira urgente ! Ú-í-man.
De boa qualidade. V. Bom.
Doença. Ibí-nárére.
Dormir. Aroroncre.
Depois-de-amanhã. Cá-nan.
Defecar. Buçú.
Disenteria. Buçú-tétíre.
Dez. Debó-itoé.
Dedo. Debó.
Dentro (no interior). Bi-rité.
Donzela. Diadoma ou diadomá.
Demônio. Xandirióré.
Dente. Dú-ú.
Despedida. Quem sai, diz : Anacre ! (Até logo !) ; quem fica, diz: Maram-aracre !
Dá-me. Dobionka.
Divindade (dos Carajás) Na-xí-ué-ou Inoxiué.
Deus (dos Cristãos) Biú-mandô (Lit. morador do céu) ; às vêzes dizem : Cú-dô.
Domicílio. V. Casa.
Dia. Túriáré.
*Diodia Othonii* Rizzini. Espécie nova de Rubiaceae do Araguáia, coligida pelo autor. *Typus* no Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro onde foi classificada em homenagem ao coletor. Té-uá-didi ou teoá-didi.
*Doliocarpus* sp. Planta escandente da família *Dilleniaceae,* às vêzes denominada Sambaibinha. Má-rú.
Dilleniaceae. Trepadeira do cerrado (*Doliocarpus sp.*). Arará--uté).
Desenhos feitos no corpo. Urí.
Desenhos feitos em tôrno à bôca. Diorú-tê.
Desejo (de mulher grávida) Iracúrá-ri-é-ré.
Dois. Inatí.
Dezessete. Uaóinatireure.
Dezoito. Uaoinatanreure.
Dezenove. Uaóimandiore.
Dezesseis. U-á-çoi-tireure.
Doze. U-á-oi-natireure.
Demônio. V. Feiticeiro.

E

Ema. (*Rhea Americana* Linn.). Cucê-erre-uê.
Espirro. A-tí-xô. (Onomatopéia).
Excelente. V. Ótimo.
Exíguo. V. Menor.
Estrela. Taí-ná.
Estrela Vesper. Beorá-rrá-tainá ou Béé-orá-tainá-kan.
Estrela d'Alva. Tainá-kan (Lit. : estrela grande), ou U-rrá-tainá, Ureté-aíná-kan.
Esteira grande. Biré.
Estrela cadente. V. Bóiido.
Estrato (Nuvem). Biú-rradé. (Lit. : cabelo do céu).
Evacuar. V. Defecar.
Excremento. V. Fézes.
Espinho. V. Acúleo.
Eu (Pron.). Diaran.
Êles (Pron.). Deê-nanracre-nandére.
Encarnado (Côr). Duriçó.
Escabiose, sarna. Rrutá-narerí.
Escrever. Dú-rútí. (Lit. tremer).
Encéfalo. (V. cérebro).
Estômago. Lí-rá-sonra.
Escuro. V. Preto.
Escurecer. V. Anoitecer.
Estou com fome! Marú-úáçá-tétíre.
Espongiário silicoso do Itapirapé (*Tubella Mello-Leitãoi.* O. Machado). Má-ô-tê.
Erguer. V. Levantar.
Escorpião (*Titiyus spp.*). Odé-marrí.
Ejaculação. Oladô-reara, Oladureára ou Uladôreára.
Escasso. V. Curto.
Êle (Pron.). Rro-on-nandéri ou rô-on-nandéri.
Escarro. V. Cuspo.
Escuridão. V. Noite.
Enfurecido. V. Zangado.
Espera de peixe. V. Pesqueiro.
Extremidade superior. V. cabeça.
Exato. V. Certo.
Enorme. V. Grande.
Estrela cadente. Bólido. Tainá-reáre.

Estrangeiro. Torí-ní. (Lit. : parecido com brasileiro).
Esterculiacea. V. Helictris.
Enfeite que põem nas pernas. Dé-ú-té.
Enfeite que põem no antebraço. Dé-xí.
Escrôto (Bolsas escrotais). Itú-i-dó.
Espera. (No sentido de fazer que uma pessoa fique, aguarde). Tê-ôcrê !
Eu mato ! Cui-bi-rú-bunak !
Espiga de milho (c/os grãos). Itú-bure.
Espiga de milho (s/os grãos ; só o sabugo). Mai-ó-rutê.
Eleocarpacea (*Sloanea Eichleri Schum.*). Madéní. (Lit. : Falso pequi).
Estrada. V. Caminho.

## F

Fuzo de fiar algodão. É-çon-dé-ó.
Fala. Rubedô. (Às vêzes dizem apenas : Rrú-bé) e também, Rrú-beré-ambóre.
Falar. Verbo. Rrubecrê.
Fel. V. Vesícula biliar.
Fruto-do-jatobá (*Hyminoea Courbaril* Linn.). Ná-lê-bô.
Fidalgo ou mandubé. (Peixe do Araguáia). (*Lophysus macropterus* Licht.). Bedó-ní. (Lit. : parecido com piarpitinga).
Felino (Indeterminado). Aloé-ní. (Lit. : Parecido com onça).
Fígado. Aué-lerê. Às vêzes dizem : Orrá.
Feio. Itubúre.
Farinha sêca (*Ochnaceae ; Ouratea sp.*). Arrulá-tí-xí.
Flácido. V. Mole.
Floresta. V. Mato.
Feminino (Para dizer que qualquer ser ou cousa é do sexo feminino). Á-úakê-kérebê-remirre-ambura.
Fezes. Butó.
Falso-pequí. Veja *Eleocarpaceae*.
Fumo (tabaco). Coti-caritó.
Flecha (para pescar). Ú-ê-rrê.
Flecha de caça. Catorrariribúne.
Fantasma. V. Assombração.

Farinha. (Qualquer, indeterminadamente). Cunandé.
Farinha de milho. Cunandé-ma-í.
Farinha de mandioca-púba. Beró-nandé (Lit : farinha do rio).
Faquinha. Marí-oré.
Faca. Ma-rrú ou má-rú.
Foice. Má-rú-rabú.
Febre palustre. Neman-ron-rári.
Flor. Non-irá-çá.
Febre (Qualquer uma, menos palustre). Erí-buná.
Fôlha-larga (*Polygonaceae; Cocoloba sp.*). Colubunenê-ní. (Lit.: Parecido com tachi.).
Falso. V. Parecido.
Fruto de pacu. Apocynacea indeterminada das margens do Araguáia. Também denominada saram. Com sua madeira, pelo atrito, os Carajás fazem fôgo. Rrá-údê.
Feijão. Omantá (Comantá).
Favônio. V. Brisa.
Fio amarrado ao prepúcio. No-on-tú-káná.
Fronte. V. Testa.
Fôgo. Rrê-ô-tê.
Fumo (Pedir tabaco para fumar). Coti-caritó (Cotí-caritocre).
Filhote de fidalgo. (peixe). Rrá-rí-ô. (Não vi material zoológico).
Filhote de qualquer peixe. Cáturá-cê-man.
Flutuar. V. Boiar.
Floresta. Mata. Budé-bûre.
Flecha de guerra. Taburá-biribúne.
Festa do mel. Bi-di-urí.
Falsidade. V. Mentira.
Fevereiro. Má-í-í.
Fôlha (de árvore). Tí-rú.
Fio. Fio de olgodão. Fio com que o Carajá amarra o prepúcio. Qualquer fio. Eçon.
Flacourtiaceae indeterminada. (O mat. botânico ficou inutilizado). Ó-tú-cé-ú-orú.
Flor de arara-vermelha. V. *Allamanda peberula* A. D. C.
Filho. Uá-ri-oré.
Filhote. V. Menino.
Fenda. V. Bôca.
Feiticeiro. Xandirióré.
Focinho-de-porco. V. Cuiú-cuiú.

## G

Grau diminutivo. Iuláterrê-rereni.
Grau aumentativo. Xiólódekan.
Grau positivo. Itobó-rrok-rereni.
Guizo. V. Chocalho.
Guaríba (Símio). (*Allouata caraya*). Açan.
Grão. Ôvo do homem. Glándula masculina. Cê-i-ü.
Galinha. Anié.
Garôa. Bíú-larú-xameriré. V. Neblina.
Glândula masculina. V. Grão.
Granizo. Biú-maná-rúté.
Gado vacum. Borórene.
Genipapo. (*Genipa sp.*). Badená.
Gato do mato. (*Felis spp.*). Doró.
Gravidês. Irioré-diondire.
Granito. V. Pedra.
Genitora. V. Mãe.
Gavião carácará. V. Caràcará.
Gavião (indeterminado). Naú-í-í; (Às vêzes dizem : Ná-ú-ik).
Gestação. V. Gravidês.
Gavião preto (Comum às margens do Araguáia ; Sp. n. ?) Naú-í-i-kan. (Mat. zoológico inutilizado).
Glande. No-on-rá-uê-i-a-naú. Às vêzes dizem : No-on-rrúó.
Gavião-tesoura. (*Elanoides forficatus* L.). Nuntié-ni. (Lit. : Parecido com gaivota).
Gaivota. Nun-tié ou Nutié. (*Sterna máxima*).
Goiabeira (*Psidium gayjava* Raddi e *P. pomiferum L.*). Ó-rar-ú-atire.
Goiabeira brava (*Psidium sp.*). Curé-ó. (Lit. : Árvore da iguana).
Giro do diabo. Orrô-kan-tirié.
Gato doméstico. Orran.
Gaiola. V. Casa.
Galaxia. V. Via.Látea.
Gêmeos, músculos. V. Pantorrilha.
Gripe. Rruri-áçaé.
Guerreiro. Dié-xudú.
Grande. Taburikan ; rrekan, rekan ; ou simplesmente : Kan ou Caú-açé.
Grande lábio (da vulva). Tú-ú-idiêtê.

Gente (por extensão : Os Carajás) Inan ; Inan-son-uéra.

Gordura de Tracajá (alusão à côr branca das flores). Arbusto da família *Polygalaceae* (?) (*Moutabea Guyannensis* Aubl). Cotú-é ; ótué.

Grande cópia. V. Todos.

Guará. Ave. (*Endocimus ruber* L.). Ubó-rórá.

Garça branca (*Ardea egretta* L.). U-ará-urá. Às vêzes dizem : Urá-urá.

Genitor. V. Pai.

Gato do mato. Dó-ró ou Orran (Aloéní significa parecido com onça. Às vêzes os Carajás dão esta denominação ao gato do mato). Orran também é o nome do gato doméstico.

H

*Homalium pedicellatum* Benth. Árvore da família Flacourtiacea: Aum-ê-tériró. Às vêzes dizem : Rrá-nué-tiriró (Rrá-bunóriró).

Homosexualismo (*inter femina*). V. Tribadismo.

Homosexualismo (*inter viri*). V. Pederastia.

Hemorroidas. Arrirá-andobô.

Herva-tostão (*Boerhavia hirsuta* Wild.). Dióroçá-tú-ú-serê. (Lit. : vulva de cadela. Alusão à forma das fôlhas).

Hipeastrum (*Amarilidaceae .Hypeastrum* sp.). Tainá-ó ou Andoórórrkan.

Himen. Tú-ú-dó.

Herva de bicho (*Polygonum Jaguaribei* O. Machado). Orró-maí-í; Axi-uéra-ni. (Lit. : parecido com pimenta). Ó-ti-ní, parecido com a semente do tabaco. Espécie dedicada ao Cel. F. Jaguaribe Gomes de Mattos. *Typus* no Herb. Jard. Bot. do Rio de Janeiro.

Hydrolea (*Hydrophylaceae ; Hydrolea spinosa* Linn.)., das praias do Araguáia. Rráré-tú-ó-ti. (Lit. : parecido com a flôr do fumo. Às vêzes dizem : Uó-borerá-dioci, (Lit. : unha, garra de colhereiro).

Heteropteris (Arbusto de dois metros, fls. amarelas, da família Malpighiacea, comum aos cerrados marginais do Araguáia e afluentes Otí-xá-tbó. À outra espécie arbustiva da mesma região dão o nome de An-xi-ó.

Hoje. Dia de hoje ; neste momento ; nesta ocasião. Ú-idí-lé.

Helictris sp. Arbusto da família Sterculiacea, comum no cerrado da Barra do Itapirapés. Cubô-dót-tbó e Tué-raí ou Tué-rerí ou Anderina.

Hybanthus sp. Plantinha da família *Violaceae*. Lô-árrí.

Homem de briga. V. Guerreiro.

Heliotrópio. Plantinha *Borraginaceae*. (*Heliotropium* sp.). Utícaá dubonin.

Herva de passarinho. Planta fitoparasita, *Loranthaceae ; Psittacanthus* sp., que os Carajás empregam como medicamento. Aram-bié.

## I

Imbauba. (*Cecropia spp.*). Ancô.

Irrumação. É-no-on-ú-arú.

Inhame (*Dioscorea Serpae* O. Machado). Ará ; Ri-ú ; Araní ; Tiúré-uó-ri-urí. Espécie dedicada ao Prof. Dr. Herbert Serpa, do S. P. I. *Typus* no Herb. do Jard. Bot do Rio de Janeiro.

Ipê (*Tecoma caraiba* Mart.). Â-úí-re.

Isopodo (Parasito da piranha). Diúrêtô-birá. (O mat. zoológico está sendo estudado).

Intestino. Tripas. Ué-rú-rí; às vêzes Ué-rú-rú.

Incandescência. V. Fôgo.

Influenza. V. Gripe.

Inseto luminescente. (Não obtivemos material zoológico). Rrú-rú.

Imenso. V. Grande.

Ipê do cerrado. V. Pau d'arco amarelo e Ipê.

Infante. V. Menino.

Itapirapés (ou Tapirapés) (Indígenas da raça Tupi ; antigos Tamoios do litoral). `U-oú.

Itapirapés ou Tapirapés (Rio). U-óu-beró.

Iris (Arco-iris) (Meteoro luminoso). U-á-dí.

Inimigo. U-aí-dô-bináre.

Incêndio. V. Casa incendiada.

Intrépido. V. Valente.

Isqueiro. Instrumento pirogeno feito com pau de saran (Curé-ó) Knandiú ou Rrá-údê (fruto de pacu) ; Rrédê.

Inverno. Bé-órá.

Inaní ou Inuni. Ofídio do Araguáia, talvez maior que o sucuri, acusado de muitos acidentes fatais, e que os Carajás muito

temem. Gênero ? Espécie ? Não vimos material zoológico. Talvez seja o ofídio do qual *A Vida Doméstica* de Maio de 1945 (do Rio de Janeiro) publicou uma fotografia.

Ignoro. V. Não sei !

J

Jararaca-de-rabo-de-osso (Boipéba, algumas vêzes). Ofídio peçonhento das margens do Araguáia. Também chamam Jararacad-de-malha-de-cascavel. (O material está indeterminável). Rré-malalá-non-ré-ti-decé.

Janela. Iterená.

Jararaca-malha de cascavel. V. Jararaca-de-rabo-de osso.

Javaé. Indigenas da mesma raça e língua dos Carajás. Xandiú-marrandô (Lit. : morador da selva). Vivem na parte oriental da Ilha do Bananal).

Jaó (*Tynamus noctivagus* Wied). Tiê-crê. Às vêzes dizem. Diê-kê-kê.

Jararaca (Qualquer *Bothrops*). U-ê-tiribó.

Juriti (*Leptoptila rufaxila* Rich e Bern.). Botuiriré.

Junto. V. Próximo.

Jaburu-moleque. (*Mycteria americana L.*). Uó-ré.

Jaburu-preto (*Tantalus locutor*). Uári-ri.

Jaraqui. Peixe caracida do Araguáia (*Prochilodus taeniurus* Val.). Kná-ná.

Jacitára (*Desmoncus spp.*). Palmeira de caule escandente. Aló-ré.

Jaguatírica (*Felis pardalis*). Arrú-lá.

Jacu-cigana. V. Cigana.

Jacu (*Penelope spp.*). On-rron-ré.

Jaboti (*Testudo tabulata Spix*). Cotú-bôná.

Jatobá (*Hymoenea courbaril* L.). Ó-ú-á. V. Fruto do jatobá.

Jovem. V. Moço.

Joelho. Uá-cô-ô.

Jiripóca ou Jurúpoca. Cuiú-cuiú. Peixe (*Hemisorrubium platyrrhyncus* Cuv. & Val.). Rrú-bê-cê. V. Cuiú-cuiú.

Jacaré. Cábóróró ou Cabiróró, conforme também dizem.

Juripóca. V. Jurupóca.

Jacarèzinho. Orerá.

Janeiro. Rruni-cô.

Jaú. Peixe (*Paulicea lutkeni* Steidn.). Rrá-tí-ní. (Lit. : Parecido com o bagre mandí (*Pimelodus* sp.).

K

Karajá. V. Carajá.

Kêrê-çá (corruptela de *diaroçá, cão?*) denominação que os Carajás dão aos índios Xerentes, seus vizinhos na ilha do Bananal.

L

Língua. Dorí-tó.

Líquem. (De várias famílias e gêneros). Ubódó-letan (Lit.: ninho de beija-flor).

Lábio pequeno da vulva. V. Ninfa.

Lombo de jacarèzinho. Orquidaceae epifítica (*Oncidium sp.*). Orérá-at-xí.

Lago. Aitó-lá.

Lábio da vulva. Tu-ú-idiétê. (Lit.: lábio da vulva).

Leão americano. V. Onça-parda.

Lágrima. Irúbé-re-á.

Lavar (o corpo). V. Banhar.

Lagôa. Á-rrô.

Lacráia (*Scolopendra spp.*). Torrú-rieni.

Ligeiro (Andar, movimentar-se). Bê-rá-bik.

Lixeira (*Curatella americana* L.). Cô-ri-xô.

Lavar (Objetos). Dekê-côrô-dô.

Luminescência (Dos cupinzeiros). Diaré.

Levantar. Na-íú,nuneára.

Locomover-se. V. Andar.

Longe. Cátí-rárá-á (Abreviadamente, sendo repetição numa conversa: Cátí); irê-rrére.

Leite de mulher. Uánançô. (Rrukan-çô).

Lua. Rradô.

Liana. V. Cipó.

Lua-cheia. Radô-túirí-niára.

Leite de vaca. Bororene-ú-rancê.

Lua-crescente. Rradô-irórá-tatiran.

Lua minguante. Rradô-urátirai-rére.

Lua-nova. Rradô-uiditirronan.

Lagartixa (*Hemidactylus mabuia*, e outras). Ton-rí-cô-có.

Lagarto verde (*Iguana spp.*). Cú-ré.

*Lafoensia densiflora* Vogl. *Lythraceae.* Debé-xió.

Língua-de-pirarucu. Arbusto das margens do Araguáia. (*Ochnaceae; Ouratea sp.*). (Nome tirado das folhas da planta). Bdóloké-úéraran.

Lógo-lógo! Em seguida; rapidamente. I-t-xê-monde.
Leguminosa indeterminada do cerrado à Barra do Itapirapés. (O mat. botânico inutilizou-se). A-lôbê-derú.
Linguado. Peixe. (*Pleuronectes aramaçá* Cuv. Val.). Ú-çú.
Ladrão. Ú-á-cirô. Às vêzes dizem: I-uá-cirô; outras vêzes dizem: Cró-bí (macaco).
Luta esportiva. I-dié-çó.
Lutador invencível: I-dié-çô-dô.

M

Melastomatacea (*Miconia spp.*). Bururú-iótí.
Mamar. Uan-ritorére ou Rrúkanritorére (Rrukan-çô).
Marrequinha (Planta aquática *Pontederiaceae; Eichhornia crassipes*). Á-cí-ué e Uáçan-tirié.
Montanha. Amá-ló.
Mole. Flácido. Iécíre.
Morro. V. Montanha.
Macaco. Símio de cauda preênsil e outros. (Por extensão é sinônimo de ladrão). Cró-bí.
Maribondo caboclo. (*Polystes canadensis*). Ambuçô-rródí.
Maribondo das praias do Araguáia. Bedi-ní. (Lit.: parecido com abelhas). *Bombus sp.*
Macaco guariba. V. Guariba.
Muriçóca (*Culex fatigans* Wied.). An-rrê ou Mó-ró-rá.
Minha amada (Minha noiva). Uá-birená-son-aê.
Mulher casada. V. Senhora.
Mandí (Nome de peixe nematognata (*Pimelodus spp.*). Rrá-tí.
Menor. Arióré (Aritióré).
Maribondo. (Não vi material zoológico). Borró-bé ou Corrô-boé. (Lit.: Mosca que espeta).
Mel. Bê-dê ou bí-dí.
Mato. Budé-bure.
Molusco (Lamelibranquio). Buri.
Macacheira. V. Aipim.
Mosca doméstica (*Musca spp.*). Corrô-rati.
Matar (Verbo). Cú-ibirú-bunak.
Mandioca brava (*Manihot utilissima et spp.*). Cunadé-í-úré. Às vêzes dizem: Cô-nandé.
Mandioca-aipim. V. Aipim.
Melhor. Darrecê-iaon-uê-uê.

Morro. (Verbo morrer). Rrô-ró.
Màsculino (Para dizer que é do sexo masculino). Rrá-ambuambô-raré).
Moça. V. Donzela.
Muito obrigado. V. Agradecido.
Menstruação. Diadomá-bódó.
Mento. V. Queixo.
Manhã. Té-boré.
Morder. Dirólé.
Meio-dia. Tiú-tét-doé.
Muquirana (*Pediculus vestimenta L.*). Dônô-serê.
Morcégo (Qualquer quiroptero). Duré-rré. (Lit. : mordedor).
Massa encefálica. V. Cérebro.
Mais (Adv.). Ixebê-qué-coambo.
Milho (*Zea mais L.*). Má-í.
Matrinxan. Peixe. (*Characinus amazônicus* Spix). Mariú-é.
Marchar. V. Andar.
Medicamento. V. Remédio.
Mèzinha. V. Remédio.
Mãe. Nadí.
Marreco. Iróburó-tarí.
Macherium (*Leguminosae. Machaerium sp.*). Nauik-deciô. (Lit. : garras de gavião. Alusão à forma do fruto).
*Mabea sp.* (Arbusto da família *Euphorbiaceae*). Dó-toé-rurê.
Mama ou maminha de onça. Trepadeira das margens do Itapirapés. (*Asclepiadaceae ? Apocynaceae ?*) Os frutos lembram tetas. Rrá-loé-rruançá. (Lit. : maminha de onça).
Muita quantidade. V. Todos.
Multidão. V. Todos.
Mamão. Fruto da *Carica papaya* L. Tori-guanan.
Menino. Uladô.
Menina. Irá-rí.
Maguarí (*Exeunura galeata*). U-arí.
Machado. Ú-ó-má.
Mangabeira. Apocinacea. (*Hancornia spp.*). Uré.
Malfeitor. V. Feiticeiro.
Mamilo. V. Bico do peito.
Malandro. Ú-á-dorí-xerê-tétíre.
Mama-cadela. *Apocynaceae* comum às margens do Araguáia. (*Hymatanthus obovata* (Mull. Arg.). Woodson. Dioro-çá-rrukan.

*Mesechitis trifida* (Jacq.). Mull. Arg. Cipó da família *Apocynaceae* freqüente nas margens do Araguáia e afluentes. Benorádiú-tê, e, também, denominado Aluó-ú-ó-té.
Mutum-castanha (*Crax globicera*). Nauí-rrôrí.
Morder. Verbo. Diró-lá.
Mutum-de-assobio. V. Mutum-castanha.
Mutum-piníma (*Crax alector*). Curití.
Mutum-poranga. Veja Mutum-pinima.
Marca facial do Carajá. Rroma-ruré.
Maleita. V. Febre-palustre.
Março. Tubiró-çó.
Malária. V. Febre-palustre.
Mau. Bináre. Às vêzes, quando conversando, abreviam : Bina...
Membro-viril. V. Penis.
Mande (Verbo). No-onrrué.
Mareta. V. Banzeiro.
Melancia. (*Citrulus spp.*). Obré-é. (Cobrelá ou Cunin).
Mulher-livre. V. Prostituta.
Médico. V. Curandeiro.
Mancha mongólica. Otô-tê.
Macho. V. Homem.
Mão-de-pilão. Rrá-ó.
Masculino (Ser ou coisa). Rra-ambú-ambó-ráre.
Masturbação (feminina). V. Manuelização.
Manuelização. Á-úké-rrétí.
Máquina. V. Fôgo.
Moradia. V. Cabana.
Muito. Adv. quantidade. U-é-son-uêra ; son-uéra.
Maloca. V. Aldeia.
Menos. Adv. quant. Torá.
Mal. Rr̄é-rré.
Mitrospora sp. Cyperaceae das margens do Araguáia. Ré-lan-rêdó.
Mulherzinha (Tratamento afetivo). Rri-oré-sê.
Moço. Rri-ururí-rrikan. (Às vêzes dizem : Rrú-irú-rrikan).
Mulher. Rri-ra-rí.
Madeira de fazer batoque para o lábio. Rrú-anré-anin.
Mama. Rrukan.
Maior. (Comparativo). Ibokan-renirré.
Maminha. V. Mama.
Malíssimo. Superlativo absoluto de máu. Errê-tetíre.

Menos. Torá.
Menor (Comparativo). Arioré (Aritioré).
Março. Tú-bú-óçó.
Meio-dia (Hora). Tiú-tét-doé.
Mandubé ou Fidalgo. Peixe do Araguáia. (*Ageniosus brevifilis Cuv. & Val.*). Bedoní.
Malpighiaceae (gênero não determinado por estar o material deficiente). Arbustiva das margens do Araguáia e afluentes. Lucú-tió-ó.
Mentira. Tá-rué.
Mandubi. V. Amendoim.
Maracujá dos barrancos do Araguáia, usado pelos Carajás como medicamento sedativo e hipnótico (*Passíflora clathracta Master*). Suiú-ué-montá.
Muricí. Arbusto Malpighiacea (Byrsonima sp.). Adoró-ó; adoró-ó-ní. (Lit.: árvore da raposa; parecido com árvore da raposa).
Melastomataceae. *Miconia sp.* dos cerrados marginais do Araguáia. Burúrú-iótí.
Macela (ou Marcela) (*Egletes viscosa* Less.) das praias do Araguáia. Brô-ocê.

## N

Ninfa. Pequeno lábio da vulva. Tú-ú-diú-rrê.
Natação. Aló-budô.
Não. Cónri.
Nadar. V. Natação.
Náusea. V. Vômito.
Nádega. Arrá-todé.
Namorar. Birená.
Nove. Debó-inon-bióreleura.
Negro. V. Preto.
Neblina. Nônô-é.
Noite. Rrú-ú. Às vêzes dizem: B-dé-rurú.
Nó de cachorro. Arbusto da família *Malpighiaceae*, de gênero ainda indeterminado, que os Carajás chamam *O* ou *o-cinantarrakan* e que em Goiás e Mato-Grosso é reputado enérgico afrodisíaco.
Noiva. Ú-á-birená-son.

Nariz. U-adê-açan.
Não sei! equivale a : ignoro!) Borréto.

O

Ocre. V Amarelo.
Onça (*Felis onca* Linn.). Aloé (Alocoé).
*Oncidium sp. Orquidacea* epifítica. Orerá-at-xí. (Lit. : Lombo, dôrso de filhote de jacaré).
Onça-preta (*Felis onca L. var. melas*). Aloé-lubú.
Orelha de páu. V. Urupê.
Ôvo. Cê.
Ôvo de galinha. Anikê-cê.
Onça-parda. (*Felis concolor Linn.*). Ó-bró-lôrá. Às vêzes dizem: Aloé-ni-çó.
Ôvo de tracajá.Cotú-cê.
Oití. Árvore da família *Rosaceae* (*Moquilea sp.*). Sá-sá-mon.
Ótimo. Aúíre-tétíre.
Ôntem. Caionadéré-manondê.
Oito. Debó-ena-taurina.
Ornato para o ante-braço. Dé-xí.
Onde vai? Deobô-macrê?
Outono. Knará-rakan.
Orvalho. V. Neblina.
Orelha.Norrontí ou Norron-t'le.
Ocára. V. Aldeia.
Ôlho. Rrú-é. Alguns dizem : Rú-é.
Oftalmia purulenta. Rrú-té-rú.
Osculum graecum, Cunilinguismo. Tú-ú-idireá ou, simplesmente, Tu-ú-di-ré.
Ochnaceae (*Ouratea sp.*). Arrulá-txí.
Obrigado! V. Agradecido!
Onze. U-á-çoi-direure.
Outono. Knará-rekan. (Lit. : Praia grande, devido à vasante do rio).
Ombro. Guá-ú-otê.
Ôvo do homem. V. Grão.
Orion. Constelação. Apenas se referem às 3 Marias e a Bellatrix e Betelgeuse, que os Carajás dizem formar uma ave, Xian, da família Tanagrida. (*Tanagra cyanoptera* e *T. palmarum*).
Olhos da ema. Constelação do Centauro. Biurá-et-kú.

P

Paca (*Coelogenis paca* Cuv.). Andí-ú.
Páu-terra. V. Páu-doce.
Páu-doce. *Vochyseaceae* dos cerrados (*Vochysea grandiflora* Mart ) Rrô-lá.
Páu-d'arco amarelo. (*Bignoniaceae ; Tecoma caraiba* Mart.). A-tú-ó.
Planta fetiche. V. *Asclepiadaceae ;* gênero Marsdenia ? Budolé-bó-tó. (Lit. : Intestino de pirarucu).
Paletó. Amaritó.
Pintado pequeno. Peixe não determinado. (Extraviado o material coligido). Rrá-ri-ô.
Pintado. Peixe (*Pseudoplatystoma corruscans* Agassis). Arétô. Às vêzes dizem : Rraré-tô.
Poraquê. V. Treme-treme.
Palmeira-anã (*Attalea sp.*). Arranté ou Arrá-té.
Pálpebra. Irú-bró-dé.
Peor. A-oncon-renirre.-ianbinabina.
Pequeno lábio da vulva. V. Ninfa.
Perfeito. V. Bom.
Pestana. Irú-xê.
Pacu (Peixe). (*Prochilodus argenteus*). Arí-urá.
Pequeno. Iú-járe. V. Menor.
Pacu-guassu. V. Caranha.
Periquito. Birrí ou Doró-botó.
Palma da mão. Debó-ibé.
Palmeira do campo (*Attalea ?*). Birri-tê.
Praia. Kanará é areia ; por extensão é que é praia).
Primavera. Biú-ixé.
Papaterra. Peixe do Araguáia (*Prochilodus harttii* Steind). Knárá-rrakan.
Pirarucu (*Arapaima gigas* Cuv.). Bdó-loké. Às vêzes dizem Bó-dó-loké (Bodó-kudiké).
Pai. U-árrá.
Parasito do Pirarucu (*Isopode*) Bdó-loké-birá (Perdido o material zoológico).
Porta (de casa). Idió-tá-boná.
Piratinga. Peixe (*Branchyplatystoma rousseauxii* Castelnau). Bedó.
Pescoço. Botó.

Páu-de-novato. (*Polygonaceae*; (*Triplaris spp.*). Colubunenê. (Lit.: páu que tem formigas).

Pomba-rôla (*Columba-gallina talpacoti*). Botoé.

Páu-rosa. V. Céga-machado.

Pilão. Có-uó. (Geralmente feito do tronco de lixeira). Corixô (*Curatella Americana* Linn.).

Panela. Coá-tí-iú.

Pataquinha. Peixe do Araguáia. Dedécí. (Não obtivemos material zoológico).

Piperaceae (*Piper sp.*). Axiuéra-ní. (Lit.: Parecida, na ardência, com a pimenta malagueta).

Punho. V. Carpo.

Perdiz. (*Rhynchotus rufescens*). Aniene-ní. (Lit.: parecido com galinha):

Perna. Dí-í.

Pimenta malagueta. (*Capsicum frutescens* Willd.). Axiuéra.

Pega-pinto. V. Herva-tostão.

Piassáva. Palmeira rasteira (*Attalea sp.*). Arráté ou Arranté.

Piranha. (*Sarrasalmus piraya* Cuv.). Dú-ú-utá. (Lit.: dente cortante).

Para onde vai? Deobô-ruacrê?

Papagaio. Dó-ré.

Poligalacea empregada para combater a *phlegmasia alba-dolens*: Ó-tú-ó ou Ó-tú-é.

Plêiades (Constelação). Doró-botó. (E' um Carajá caçador para os Carajás do baixo-Araguáia. — Os de Aruanã dizem que são os Periquitos).

Pirarára. Peixe (*Pirarara bicolor Spix*). Douré.

Péssimo. Errê-tetíre. (Grau superlativo absoluto de máu).

Porco-queixada. V. Queixada.

Palavra. Rruberê-amboráre.

Piranha-chupita. (*Sarrasalmus serrulatus*). Durirá-iré. (Às vêzes dizem: Durirá-urá; Caté).

Peido. Sêró.

Peixe-cachorro (*Cynodon hydrocyon* Castelnau) Laté ou Crocé.

Piassava (Attalea spp.). Birrí-tê.

Preguiça (Mamífero) (*Bradypus tridactylus*). Ló-bí-darrê.

Preguiçoso. Malandro. Uadé-orixerê-tetíre.

Peixe-frito. V. Tempo-quente.

Preto. V. Lubú.

Penis de homem. V. Vulva de mulher.
Piquí. Fruto do *Caryocar* spp. Madé.
Páu-ferro. V. Araribá do campo.
Piolho-de-cobra. (Diplópodos dos gêneros *Leptodesmus* e *Rhinocricus*). Curirí-uádó.
Pacu-branco. Peixe do Araguáia. (*Myletes rhomboidalis* Cuv.). Arú-ú-á ; às vêzes : Aré-ú-rá.
Pacu-manteiga. Peixe do Araguáia. (*Myletes sp.*). Arú-rú-ré.
Pacu-alfares. Peixe do Araguáia. (*Myletes sp.*). Arú-iú-biré.
Pacu-do-pôrto. Peixe do Araguáia. (Não vimos material zoológico). Doradué.
Piratinga. Peixe do Araguáia (*Chalces sp.*).
Paixão. V. Amor.
Pimenta do sertão (*Xylopia grandiflora* St. Hil). Também é a Violaceae do gênero *Hybanthus* sp.; V. *Xylopia grandiflora* St. Hil.
Pederastia. (Homosexualismo *inter-viri.*). I-bóre.
Pesqueiro. Laté.
Pereréca (*Hyla spp.*). Crô-utiúra.
Piáu-açú. N-ó-mon. (Não vimos material zoológico).
Palha (Bracteas) de milho. Má-í-tôcô.
Pacu-guaçu (*Myletes edulis* Cuv. & Val.). Arú-iú-biré.
Pedra. M'aná.
Parente. Uáçan.
Penis. No-on. (Às vêzes dizem : Onon-on).
Pacu indeterminado. (Não vi material zoológico) ; e, também, nome de homem. Arú-tana.
Prepúcio. Non-on-tê-kê. (Às vêzes dizem : No-on-dê-kê).
Pantorrilha. Tidé.
Parecido. Ní.
Parto. Irióré-lê-leará.
Pé. Ó-bró-t-lí.
Perto. Próximo. Cá-á. Também dizem : Uátkê-querére-rranrí.
Porco-espinho do Brasil. V. Coendú.
Punho. Dé-orí-tá.
Prostituta. Odená-ibócó.
Positivo. V. Grau positivo.
Para onde vai ? Dê-óbrô-macrê ?
Planta do pé. Ó-uá-obê.
Planta. V. Árvore.
Pato selvagem. (*Cairina moschata*). Dó-rrokan.

Pistilo. V. Mão de pilão.
Preto-Preta. (Cor). Idê-bú. Às vêzes dizem : Lúbú.
Plenilúnio. V. Lua-cheia.
Pequeno. Iódáré ou Iú-járe. V. também. Curto.
Pichaim. V. Cabelo-pichaim.
Pilôto (De canôa). Rri-rá-ó.
Parasito da Piranha. (Isópode que está sendo estudado pelo autor). Diúretá-birá.
Piranha preta (*Pygocentrus piraya* Cuv.).. Rrú-rí.
Pulsação. Até-deçú-derabí.
Prurido. V. Sarna.
Pente. Sei-ó. Os Carajás fazem seus pentes unindo muitos dos longos aculeos da palmeira tucum (*Bactris sp.*) com um trançado de fio de algodão e aparam as pontas.
Patí. Palmeira (*Syagrus botryophora* Mart.). De cujo estipe os Carajás fazem arcos. Uá-xirraté.
Pneumonia. Alabuçô-larinzoire.
Planicie. V. Campo.
Próximo. V. Perto.
Piso. V. Chão.
Phyllanthus sp. Plantinha da família Euforbiacea. Mará-tié ; Rriré-matení. (*Rriré*-gavião caracará ; *mateni*, que êle gosta).
Plural. V. Todos.
Preguiçoso. V. Malandro.
Pica-páu (Qualquer gênero). Tôn-son.
Palavra. Voz. Vocábulo. Rubéréamborare.
Piolho da cabeça. (*Pediculus capitis* L.). Tú-burô.
Pavônia (Malvacea, *Pavonia* sp.). Éçon--ura-ní. (Lit. : parecido com algodoeiro).

## Q

Qualquer fio. V. Algodão.
Quero comer ! Airoxicre.
Querer bem. V. Amor.
Quatro. Debó-mon-bió.
Queixo. Diú-otê.
Queixada. Porco selvagem. (*Dicotylus albirostris* L.). Ixon.
Quase. Ixédénerá-será-nará.
Quarto-crescente. V. Lua crescente.
Que queres tú ? Amobe-biú-í-kre ?

Quarto minguante. V. Lua Minguante.
Queda d'água. V. Cachoeira.
Quatí (*Nasua spp.*). Trú-xú. Às vêzes dizem : Trú-xô.
Querer-bem. V. Amor.
Quatorze. Uá-oi-mom-bió-reure.
Quinze. U-é-raí-ré-toé.
Queimada (De roça). U-ó-ó-ribócéra.
Queima-queima. (Formiga) (*Solenopsis saevissima*). U-rá-rí.

R

Rubiaceae (*Palicourea sp.*). Arbusto das margens do Araguáia. Ariçá-tí-ranré.
Raposa (*Canis vetulus*). Adoró.
Rabicho. V. Vestimenta de mulher.
Rins. Aracotí-biná.
Resumido. V. Menor.
Rápido. V. Ligeiro.
Rio. Berô.
Riacho. Berióré, Beriri-óré ou Beró-rióré.
Riozinho. V. Riacho.
Rio-pequeno. V. Riacho.
Relâmpago. Biú-deleçá ou Biú-mêtá.
Rijo. V. Duro.
Raio. V. Biú-mantá.
Rapadura. Bê-dê-rá.
Repousar. V. Assentar-se.
Rede de dormir. Riô ou Rrí-ô.
Rede (de pesca). Cotorá-manáná.
Rubro. V. Encarnado.
Rocha. V. Pedra.
Remo (De canôa). Marrí-rí.
Remédio. Moná ou Monan.
Rosto. Ó-çá-nan.
Rapariga. V. Prostituta.
Redomoinho. V. Giro-do-Diabo.
Remeiro. V. Remador.
Rapaz. V. Moço.
Raivoso. V. Zangado.
Roupa, casca, vestuário, indumentária. Tê-kê.

Recem nascido. U-lá-dô-rôrô.
Roupa de Carajá na dança aruanã. Ié-tê-túkú. Às vêzes dizem : Ié-tê-kê.
Roubador. V. Ladrão.
Roxo. Urá-ré-ét-dê.

S

*Solanum* sp. Boró-ró-rrétidé. Plantinha da família *Solanaceae* *Solanum* sp.) cujo nome em Carajá, significa remédio para os ferimentos produzidos pelo ferrão de arraia.
Sapato. Ú-á-á.
Suor. U-bá-tó-tú-recí.
Satisfeito. U-á-delxáre.
Sombra. Uá-uní-t-bô.
Socó (*Tigrisoma brasiliensis*). Um-í.
Sambaíba. *Dilleniaceae* (*Curatella Americana* Linn.). Cô-ri-xô.
Scleria, herva cortante, escandente, da família *Cyperaceae*. Ariú (trepadeira).
Securidaca sp. Trepadeira da família *Polygalaceae*. Comantá-ní. (Lit. : parecido com o feijão) ; outra : Tiú-bê-rrê.
Sangue. Alubô.
Sussuarana. V. Onça-parda.
Serjania spp. Sapindaceas ictiotanatosantes. Xidé ; outra : Uo-rerá-xibé (que lit. significa timbó de jaburu). (*Serjania sp.*).
Seu (pron.). An-rrêtô.
*Sweetia dasycarpa* Benth. Árvore leguminosa. Moná-ré-né-ré.
Sangrento. Ará-curare.
Sal de cozinha. Diú-rá.
Sorver. V. Chupar.
Sebastião de Arruda. V. Cega-machado.
Senhora (mulher casada). Arú-íra.
Sopro. Bi-búnek.
Serviçal. V. Bom.
Salsaparrilha. Liliaceae. (*Smilax* spp.). Có-uó-rú-riú ; outra : ári-ú ; ou órúríu (lit. : que se enrola nas árvores), ou simplesmente Rriú (planta volúvel, cipó, trepadeira).
Saram. V. Árvore da iguana. V. fruto de pacu.
Sim. Corra.
Superior (Qualidade). V. Melhor.

Seis. Debó-cô-rrô-didi-uro.

Siagro (Syagrus sp.). Palmeira comum às margens do Araguáia. Os Carajás apreciam seus frutos doces. Rronrá-dtó. V. também patí.

Sapo. (*Bufo spp.*). Cró-uété.

Sucuri (*Eunectes murinus L.*). Lê-í.

Sucupira (*Bowdichia* spp.). Córró-té.

Serafim. V. Tempo-quente.

Saram. Curé-ó. V. Goiabeira-brava.

Senfim. V. Tempo-quente.

Salve ! V. Bom-dia.

Sapé. Gramínea. *Imperata spp.* Tiú-odé.

Sloanea. Árvore *Eleocarpaceae* (*Sloanea Eichleria* Schum.). Madé-ní. (Lit. : parecido com piqui).

Sabugo de milho. Maí-í-orutê.

Superlativo de máu. Binátetíre.

Sardinha. Peixe (*Chalcinus sp.*). Mariú-é-ní.

Sumaré do cerrado. Orquídea epifítica (*Cyrtopodium sp.*). Rró-réni. (Lit. : parecido com côco).

Semelhante. V. Parecido.

Sobrancelha. Irí-boró-tí-tucrú.

Sereno. V. Neblina.

Sambaibinha. Várias *Dilleniaceae* (*Doliocarpus* sp.). Oterá-ci ; Má-ru ; Arará-uté e Corixô-ni (parecido com a lixeira, *Curatella Americana* Linn.).

Seio. V. Mama.

Santo (Dos cristãos. Cú-dô. (Às vêzes dizem : Marrandô-biú. Lit. : morador do céu).

Seriema (*Microdactylus cristatus*). Rrú-lá-lá.

Sombra (Incidência de luz oblìquamente sôbre um sólido). Uá-uní-tbó.

Sarna. Rrutá-nareri. V. Utí-utí.

Sarmento. Caule sarmentoso. V. Cipó.

Sol. Tiú ou Ti-ú.

Scyrpus sp. Tiririca. Rrélon-onré-dí.

Sol poente. Ti-ú-rá-ló.

*Solanum mammosum* Linn. Solanacea de fruto mamilonado. Torí-tócó.

Sol pôsto. Ti-ú-rúra.

Saco-de-carvão (Nebulosa escura próxima ao Cruzeiro do Sul). Boró. (Lit. : arraia).

Sabiá (*Turdus spp.*). Tí-útê.
Sterculiacea (*Sterculia sp.*). *Siderió-ní* (parecido com Siderió, uma Vochysea.).
Sipó. V. Cipó. Ariú ou simplesmente, Rrriú.
Saca-rolha. V. *Helictres sp.* Éçon-ó-ní. (Lit. : Parecido çom algodoeiro).
Sete. Debó-ena-tirerura.
Sapato. U-á-á.
Suor. U-batô-túré-cí.
Sol-nascente. Arú-dibú.
Stratos (nuvem). Biú-radé. (Lit. : Cabelo do céu).
Sete-estrelas. V. Plêiades.
Saudade. Uéraindkê-uaçá-tetíre.
Sarna. V. Escabiose.

T

Tosse (tossir). Uátó-rimerá.
Tarde. Tio-rô.
Triste. Buré-rá.
Taquara. Butorê. (O material botânico inutilizou-se).
Tracajá. Quelônio. (*Podocnemys cayennensis*). Cotú.
Traíra (*Hoplias malabaricus* Bloch.). Á-ú-ê.
Tartaruga. Quelônio. (*Podocnemys expansa*). Cotú-ni. (Lit.: parecido com tracajá).
Ter, Tenho. (Verbo). Diondire.
Tangaráca. V. Herva-tostão.
Tanto (Ad.). Sọn-uémê-dê-aranrencre.
Tremer. Dú-rútí. (Por analogia — para os Carajás — Escrever).
Treme-treme. Peixe do Araguáia. (*Narcine Brasiliensis*). Ú-ó-rú.
Tripa. V. Intestino.
Tamanduá-bandeira. (*Myrmecophaga jubata* Linn.). Ú-á-rri-rí.
Tiririca. (Cyperacea). Lan-ré-dó ou Relanrêdó.
Tamanduá-mirim (*Tamandúa tetradactylus*). Úá-rririne.
Tempo-quente. (*Ave ; Tapera naevia* L.). Lóó-tí. (Onomatopéia).
Telhado. Retorá-tkú.
Tronco (De árvore). Maná-ú-bidê.
Tabarana (Peixe do Araguáia). (*Salminus hilarii* Cuv. & Val). Mári-ná ou Mari-á.
Tombar. V. Cair.

Três. Ná-tão.
Treze. Uaoi-natanreure.
Tremedeira. V. Febre palustre.
Trinta réis. (Ave). (*Sterna Wilsonii*). Nutié-ní. (Lit. : parecido com gaivota).
Temporal. Obó-larinári-tétíre.
Tio (Tia). Olabrirá.
Turbilhão atmosférico. V. Giro-do-Diabo.
Talha. (Vaso para água de beber). Berri-ná.
Testa. Ó-rú.
Tripulante. (De canôa). Ra-rúnané.
Tatuagem circular nas mulheres. V. tatuagem facial do Carajá.
Tucum (*Bactris spp.*). Rré-rú ou Rré-rô.
Trabalho em casa. V. Trabalho doméstico.
Terra (Chão). V. Chão.
Tanto (Comparativo). Son-uémê-dé-aranrencre.
Tamboril (*Enterolobium timbouva* Mart.). Tai-ná-ó. (Lit. : árvore da estrêla (alusão aos frutos ?).
Timboúva. V. Tamboril.
Tucum. (Bactris spp.). Rré-rú.
Tucano. (*Rhamphastus toco L.*). Tô-rí-ná.
Tribadismo, (Homosexualismo *inter-feminas*). Ué-ló-té ou Ó-ló-té. Lit. : que se esfregam).
Tapirapés. V. Itapirapés.
Tapa-vulva. V. Vestimenta feminina.
Teu. (Pron.). U-á-xiúa-rraté.
Taiúiá. (*Cucurbitaceae ; Trianosperma* sp.). Comum às margens do Araguáia e chamado pelos Carajás Darirú-ni. (Lit. : parecido com a cabaça). V. Trianosperma.
Tripa de Pirarucu. V. Asclepiadaceae.
Trepadeira. V. Cipó.
Tachizeiro. V. Páu de novato.
Tiririca. *Cyperaceae* (Cyperus sp.). Relari-rêdó-rú (ou Relou-ouré-ni).
Trianosperma sp. Cucurbitacea comum às margens do Araguáia ; é um dos taiúiás. Dorirú-ní.
Tripas. V. Intestinos.
Tapirapés (Rio). V. Itapirapés (Rio).
Testículo. Itú-i-dó. Às vêzes : I-uériri.

Tuiuiú. (*Tantalus locutor*). Uá-rorí.
Três. U-á-oinatanreure.
Tornozelo. Ú-á-orarú.
Taurus. Constelação. Á-oní-durarú. E' a anta que o Carajá (as Plêiades) quer pegar. (Aldebaran é o dente ou o ôlho da anta).

U

Ubá. V. canoa grande.
Urinar. Bi-lucre.
Urina. Adoçú.
Urupê. Cogumelos do gênero *Trametes e Polyporus*. Édô-rrò.
Umbigo. Binon.
Umbilical (Cordão). Binon-té.
Um. Tô-rrô-alí.
Uretra (de homem). No-onrí-úó.
Urubu preto, comum. (*Cathartes foetens*). Rá-rá.
Uretra (de mulher). Tú-ú-renan.
Urubu-caçador. (*Cathartes aura L.*). Rá-rá-dié.
Urubu-rei (*Sarcoramphus* (*Gyparcus*) *papa L.*). Rá-rá-reçá. (Algumas vêzes dizem : Ará-retá).
Urubu-gereba. V. Urubu-caçador.
Urucu. Árvore (*Bixa urucurana Wild*), frequente às margens do Araguáia e afluentes, e cujas propriedades tintoriais são aproveitadas pelos Carajás. Anorenan e Uóraniní.

V

Vochysea sp. Arbusto da família Vochyseaceae comum às margens do Araguáia e afluentes. Dó-ri-ó; outra: Dorió-ní; Dorió-ní; outra: Aradó (Aradó-có).
Valente. Intrépido. Turrô.
Violaceae. V. *Hybanthus sp.*
Vegetal. V. Árvore.
Via-látea. Rroria-ciú-rôrô, também dizem: Rrô-ri-lurú.
Voz. V. Faia.
Vista. V. Olho.
Vernonia sp. (Arbusto da família *Compositae*). Ubó-caá-dubonin; So-non-on-uéra-ti; Dind-odô-urú.

Vésperas. V. Crepúsculo.
Virabosta. V. Chopim.
Velha. Se-nan-dô.
Verdade. Inatô-rrorai.
Volumoso. V. Grande.
Vestimenta (Tapa-vulva) de mulher...Rabicho. Ué-tana; às vêzes dizem: Inan-tô.
Vasto. V. Grande.
Vulva. Tú-ú.
Vulva de mulher. Árvore Flacourtiacea (*Homalium pedicellatum Benth*),na fala dos homens; as mulheres dizem Rrá-buna-on-riró (penis de homem).
Vinte. Uá-í-etoé.
Verão. U-irá.
Viúva. Utê-cê.
Veado mateiro, pequeno (não obtivemos material zoológico). Ió-kon.
Vesícula biliar. Fel. Irrú-ré.
Verde (côr) Iúré-bôre.
Vômito. Aradié.
Veado-galheiro (não obtivemos material zoológico). Ió-dê.
Veado-mateiro (*Mazama spp.*). Budoé. Uá-ti, é também, nome dado a um veado-mateiro.
Virgem. V. Donzela.
Vagalume (Qualquer inseto luminescente). Rrú-rú ou Lotí-montá.
Venha cá: Mánácre.
Vesgo. Irué-óuére. (Lit.: ôlho torto).
Vai embora? Macrê-arê?
Velho.. Matuárí (Matucárí).
Vagina. Noroté-nan; i-ú-ó.
Veado-cervo. Rró-ré (*Cervus paludosus*).
Vento fraco. V. Brisa.
Vagabundo. V. Malandro.
Vento de média velocidade. Orró-larinári.
Vocábulo. V. Palavra.
Ventania. Orrô-larinári-tétíre.
Voz. V. Palavra.
Vento forte. V. Ventania.

X

Xian. V. Orion.

Xexéu (*Cassicus sp.*). Ambrô-çá.

Xerentes. Índios da ilha do Bananal, vizinhos dos Carajás. Kêrê-çá.

Ximango (Gavião). (*Herpethotheres cachinans L.*). Cú-é-ó. (Cú-é-có).

Xylopia Grandiflora St. Hil. Anonacea; também conhecida por pimenta do sertão. Non-non-ouororú-nanaré. V. Pimenta do sertão.

Z

Zangado. Taburé.

## VOCABULÁRIO

## CARAJÁ-PORTUGUÊS

A-atô — Chopim. Ave Icterideae (*Aepatus chopi* Veill.).

Aniene-ní — (Lit. : Parecido com galinha). Perdiz. (*Rhynchotus rufescens*).

Aram-bié — *Herva de passarinho. Loranthaceae* (*Psittacanthus* sp.) de que os Carajás aproveitam as propriedades medicinais.

Adiú-têne — *E' a Catuába,* plantinha dos cerrados, da família *Bignoniaceae* (*Anemopegma Mirandum* A. D. C.). V. Catuaba.

Ariú — *Qualquer planta trepadeira ;* cipó ; caule volúvel ; *Scleria, Dioscorea, Smilax,* de famílias diferentes.

Á-uê — *Traíra* — Peixe do Araguáia. (*Hoplias malabaricus Bloch*).

Abó-rê — Bôbo. Tolo. Pacóvio.

Abororó-tudi — (Caborórό-tudí) Literalmente : *semelhante à couraça do jacaré* — Cactacea escandente. (*Cereus triangularis Vell.*).

Aburú-bixé — *Mulher que foi abandonada pelo marido ou o abandonou* : divorciada. V. Uté-cê.

Açam — *O macaco guariba* (*Allouata caraya*), o maior símio das matas marginais do Araguáia. (Carajá, nome que os civilizados dão aos Inan, terá ligação com esta classificação zoológica do símio ?)

Açará — Calango — Pequeno lagarto do gênero *Anisolepsis.*

Acéte-deré — *Argila plástica* empregada pelos Carajás na confecção de cerâmica.

Acetirú-bró — Planta leguminosa do *gênero Acácia.* (Perdido o material botânico).

A-ci-ué (ou Uaçan-tirié) — *Planta aquática* do Araguáia, pertencente à família Pontederiaceae (*Eichhornia crassipes*). E' conhecida por *Marrequinha* em muitos lugares do Brasil.

Adoçú — Urina.

Adióró-oaua ou Adoró-oaná — (*Lit.* : *Abacaxi de raposa*). Certa

(O material ficou inutilizado não permitindo diagnosis do gênero).

Alobô-bediraire — Cabaça — Fruto da *Curcubitaceae Cucurbita lagenaria* Linn.

Aló-búdô — Natação.

Aloé (Alocoé) — *A onça verdadeira.* (Felis onca Linn.). Onça pintada, Jaguar ou Jaguaretê; região escura do céu, próxima ao Cruzeiro do Sul e ao Centauro, e que os Carajás dizem ser a onça (às vêzes dizem ser onça-preta, aloé-lubú) que procura alcançar a ema. ( (α e β do Centauro).

Anon — V. Ka-nan.

Airoxicre — Quero comer.

Andí-ú — Paca, conhecido roedor. (*Coelogenis paca* Cuv.).

Aitó-lá — Lago. Divertículo do Araguáia, resultante do leito antigo dêsse rio.

Aló-rė — *Palmeira escandente. Jacitára.* (*Desmoncus sp.*). Também chamada chibata.

Ancô — Imbaúba. (*Cecropia sp.*) das margens do Araguáia. E' de espécie diferente daquelas do Sul do Brasil.

An-xi-ó — *Arbusto* da família *Malpighiaceae* (*Heteropteris sp.*) dos cerrados marginais do Araguáia.

Aloé-lubú — *Onça preta* (*Felis onca* L., *var. melas*); região obscura do céu, entre o Cruzeiro do Sul e as Constelações. Abelha, Camaleão, Carvalho de Carlos II e Navio. V. Aloé.

Aloé-ní — (Lit.: parecido com onça). Qualquer felino indeterminado. Gato Mosqueado. A jaguatirica (*Felis pardalis*), o gato do mato (*F. macrura Wied*), das matas ribeirinhas do Araguaia; o gato doméstico. (Êste é, também, denominado Orran).

Aloé-ní-çó — *A onça parda*, puma ou leão americano. (*Felis concolor* Linn.).

Amá-ló — Morro, monte, montanha, terra alta, a prumo.

Ambuçô-rródi — Maribondo caboclo. (*Polystes canadensis*).

Arrulá-txí — Arbusto da família *Ochnaceae* (*Ouratea sp.*).

Alú-ó — V. Á-tú-ó.

Andoró-rrukan — (Lit.: mama de raposa). Amarilidaceae dos campos marginais do Araguáia. (O material botânico ficou inutilizado).

Arú-ú-á — Pacu branco, peixe do Araguáia — (*Myletes rhomboidalis*).

Amô. (Às vêzes dizem amôbe ou, então, ambo). Pergunta; partícula que avisa ser a frase interrogativa.

Amobe-biú-í-kre ? Que queres tú ?

Arú-rú-ré — Pacu-manteiga — Peixe do Araguáia — (*Myletes sp.*).

Arú-iú-biré — Certo pacu, peixe do Araguáia. Pacu-alferes. (*Myletes sp.*).

Andeçú-nan — Bexiga urinária.

Anié — (Às vêzes dizem aniene). Galinha doméstica. (Os galináceos em geral).

Anié-otê — *Amarantus sp.* planta caruru, freqüente às margens do Araguáia.

Amaritô — Paletó. Peça de indumentária do civilizado.

Ambrô-çá — Xexéu, ave da ordem dos pássaros. (*Cassicus sp.*).

Anikê-cê — Ôvo de galinha.

Anrrê — Muriçóca (*Culex fatigans* Wied).

Anacre : (até logo) cumprimento de quem sái. Quem fica, responde Maram-aracre !

Ará — Inhame (*Discorea sp.*). Planta nutritiva. Participa do Calogí.

Aradó (Aradó-có) — Árvore *Vochyseacea* (*Vochysea sp.*) das margens do Araguáia.

Arétô — Peixe do Araguáia, também conhecido por pintado. (*Pseudoplatystoma corruscans* Agassis). V. Rrá-rê-tô.

Arará-uté — (*Doliocarpus sp.*). *Dilleniaceae* das matas do Araguáia. Sambaibinha.

Aritióré — Maneira de dizer das mulheres, significando pequeno, menor, curto.

Arraté ou Arranté — Palmeira anã (*Attalea sp.*) freqüente nos campos e cerrados marginais do Araguáia. Com suas palmas os indígenas e os civilizados fazem cobertura das casas.

Ariçá-tí-ranré — *Rubiaceae* (provàvelmente Palicourea sp.) das margens do Araguáia. (O material botânico não permitiu diagnosis exata).

Anrretô — Pronome. Seu.

A-ô-biná — Baço. Órgão linfoide.

Á-oná — Abacaxí, *Bromeliaceae* conhecida (*Ananas sativus* Schultz).

Aoní-durarú — Parte da Constelação do Taurus. Os Carajás consideram como enorme anta.

A-oncon-rénírre-ianbinábina — Peor. Inferior. (No sentido de qualidade).

Aracotí-biná — Os rins.
Ará-dé — Cabelo ; cabeleira.
Arak-rôro — Bôa Noite. (Despedida).
Arát-curáre — Sangue, sanguinolento — Sangrento.
Arérine — Resposta à saudação Tateriambo.
Arirá-an-dobô — Hemorroidas ; fezes sanguinolentas (não disenteriformes).
Aritocre — Chupar, aspirar, sorver (um líquido qualquer).
Aron-rroncre — Banho, lavar o corpo.
Arú-dibrí — Aurora, nascer do dia.
Arú-íra — Mulher casada. Senhora.
Arrulá — Jaguatirica (*Felis pardalis*).
Á-tedeçú-derabi — Pulsação — Revolução cardiaca — Batimento do coração. *Ictus cordis.*
A-oncon-renirre-ian-bina-bina — Peor. De qualidade inferior.
Á-úké-rrétí — Masturbação feminina. Manuelização.
Axitá-an — Bem-te-vi ! Ave conhecida (*Pitangus* spp.).
Ari-ú — V. Ri-ú.
Atíxó — (Onomatopéia). Espirro.
Atô-atoí-ô — Anu preto (*Crotophaga ani Lin.*).
Á-ú-íre — O ipê do cerrado (*Tecoma caraiba* Mart.).
Aúíre — Bom. Útil. Agradável. De bôa qualidade. Perfeito. Serviçal. Certo.
Aúíre-tetíre (ou, também, Auí-tetíre). Ótimo. Excelente.
Aué-lerê — Fígado. V. Orra.
Á-úakêrebêrenirre-ambúra — Palavra empregada para dizer que o ser ou a coisa, é do sexo feminino.
Aradié — Vômito. Náusea.
Ará-úine — Cópula. Conúbio.
Arí-ùrá — Pacu, peixe sarrassalmonídeo (*Prochilodeus argenteus*).
Arioré — (Aritioré). V. êste verbete). Pequeno. Menor. Curto, exiguo, resumido.
Aroroncre — Dormir.
Arrátídé — Nádega. Região glútea. Pousadeiro.
Arí-irí — Peixe do Araguáia, também conhecido por pacu-guaçu e caranha (*Myletes edulis* Cuv. & Val.).
Arrulá-ti-xí — Planta *Ochnaceae* (*Ouratea sp.*) também conhecida por Farinha-Sêca em algumas regiões do sul do Brasil.
Arrá-té (às vêzes : arran-té) — Palmeira (*Attalea sp.*) cujas palmas não aproveitadas para a cobertura de casas.

Ariú — *Liliaceae* ascendente do gênero *Smilex.*

Á-rró — Lagôa.

Ará-ní — Uma *Dioscorea,* (Planta trepadeira dos bosques ribeirinhos, também denominada Oté. Não obtivemos material determinável.

At-xí — Costas. Dorso. Lombo.

Atáná — (Onomatopéia) Jacu-cigana ou, simplesmente, cigana. (*Opisthocomus cristatus* Gml).

Andedura — Arara vermelha (*Sittace coccinea*).

Andedura-non-í — (Lit. : flor de arara-vermelha) *Apocynaceae. Allamanda puberula* DC.

Axíuéra — Pimenta malagueta (*Capsicum frutescens* Willd.). V. Ó-tí-ni e Orró-mai.

Axiuéra-ní — Piperacea (*Piper sp.*) parecida, na ardência, à pimenta malagueta.

Alubô — Sangue.

Arú-tana — Peixe pacu (não vi material zoológico) ; é, também, nome de homem da raça Carajá.

Aúrú-tú-ú-été — (Lit. : semelhante à vulva da mulher). Plantinha Leguminosae-Papillionatae do gênero *Clitoria* freqüente às margens do Araguáia. Flores alvas e arroxeadas, perfumadas.

Adoró — Raposa. Canídeo (*Canis vetulus*) também conhecido pela denominação de raposa do campo.

Adoró-ní — (Lit. : parecido com o murici). Certa planta *Malpighiaceae* (*Byrsonima sp.*) ; e outro murici.

Adoró-ó — (Lit. : árvore da raposa) Murici. *Malpighiaceae Byronima sp.;* comum nos cerrados marginais do Araguáia.

Anorenan — Urucu — *Bixa urucurana* Willd. que é a espécie existente às margens do Araguáia e seus afluentes. Os Carajás aproveitam sua substância tintorial vermelha para diversos fins.

Anoreran-ní — (Lit. : parecido com urucu). Connaracea (*Connarus suberosus* Planchon) dos cerrados marginais do Araguáia e seus afluentes. Os Carajás empregam-na como medicamento moderador do ritmo cardíaco. E' também chamado Araribá do campo, cabelo de negro e pau-ferro.

Arará-uté — Sambaibinha. (*Dilleniaceae.* (*Deliocarpus* sp.).

Adirá — (Lythraceae (*Physocalymma scaberrima* Pohl). Cega-machado.

Á-tu-ó — Pau d'arco amarelo; ipé do cerrado. *Tecoma Caraiba* Mart. (Às vêzes pronunciam Á-lú-ó).
Ataná-luó — (Lit.: planta-cigana). *Vitaceae* das margens do Araguáia. (*Cissus sp.*).
Alô-ré-derú — *Leguminoseae* da Barra do Itapirapés. (Material indeterminável).
Anderiná ou tuérérí — Arbusto. *Esterculiaceae* (*Helictris sp.*) das margens do Araguáia e afluentes.
Á-xí-uéra-nin — (Lit.: Parecido com pimenta). Certa espécie de *Herva-de-bicho* (*Polygonum sp.*) comum às margens lodosas do Araguáia e afluentes.
A-um-ê-tiriró — Nome dado pelas mulheres Carajás à planta da família *Flacourtiaceae Homalium pedicellatum* Benth).
Aluó-ú-óté — Trepadeira da família *Apocynaceae* (*Mesechites trifida* (Jacq.) Mull. Arg.
Anaté-dorrô — Certo Cogumelo luminescente e comum às margens do Araguáia.

B

Bôrréto — Não sei! Ignoro.
Berrurá — Cesto que o homem carrega às costas.
Bodó-ní — Peixe: Fidalgo (*Lophysus macropterus* Licht.).
Bénorá-ú-órú — (Lit.: Árvore de tucunaré). Leguminosa arborea (*Pterocarpus Rohrii.* Vahl) dos bosques marginais do Araguáia.
Boronéne-ú-rancê — Leite de vaca.
Budolé-bóté — (Lit.: Tripa de pirarucu). Planta volúvel dos bosques do cerrado da barra do Itapirapés. E' planta fetiche temida pelos Carajás. Provàvelmente da família *Asclepiadaceae* e do gênero *Marsdenia.*
Bê-i-diá-reí-ó — V. Andedura-non-i.
Benorá — Tucunaré (*Cichla ocelaris* Scheineder). Peixe comum no rio Araguáia.
Beorá-rrá-tainá — Estrêla vesper.
Beororá — Inverno. Estação do ano.
Bê-ra-bik — Movimentar-se ràpidamente. Andar com rapidês. Ligeiro, rápido.
Berá-ri-aré — Entrada do ano para os Crajás. Agôsto, época em que começam a aparecer as flores.

Beririoré ou Berioré — Riozinho. Riacho. Rio pequeno. Braço do rio. Nome dado a todos os afluentes do Araguáia.
Berô — Rio.
Binon — Umbigo. Cicatriz umbilical.
Binon-tê — Cordão umbilical.
Biré — Esteira grande, feita de palmas de buriti, e sôbre a qual o Carajá dorme.
Biná-tetíre — Superlativo de máu.
Birená — Namorar.
Bi-ri-tê — Dentro. No interior.
Birebunak — Clava, tacape, borduna que é manejada com as duas mãos.
Biroxí — Comida. Alimento.
Biroxicre — Comer. Alimentar.
Berô-kan ou berô-rikan e berôrrekan — (Lit.: rio grande; rio verdadeiro). Araguáia, o grande rio do Brasil Central.
Birrí (às vêzes dizem: Birecí) — Periquito. Qualquer espécie do gênero *Pyrrhura*. V. Doróbotó.
Birrí-tê — Palmeira dos campos marginais do Araguáia (*Attalea sp.*).
Biú (às vêzes dizem: Biù-tí) — Céu. Abóbada celeste. O lugar mais alto. Chuva.
Biú-deleçá — Relâmpago.
Biú-larú-xamariré — Garôa. Chuva fina.
Biú-iché — Primavera (estação do ano).
Biú-maná-rúté (às vêzes dizem apenas maná-ruté) — Chuva de pedra. Granizo.
Biú-mantá — Relâmpago, seguido por faisca. Raio.
Biú-mêtá — Relâmpago. Fulguração não rumorosa.
Biú-oé-tkú — Cúmulus (Nuvem).
Biú-rradé — (Lit.: cabelos do céu) — Estratos (nuvem).
Biúrá-étkú — (Lit.: olhos da ema). As estrelas $\alpha$ e $\beta$ da constelação do Centauro.
Bi-lucre — Urinar.
Biúrá-çomá — Amanhã.
Biú-ramantinaári — Trovão.
Biú-rodeborê — Cirrus (nuvem).
Brô-ocê — (Composta *Egletes viscosa* Less). Macéla ou marcela, planta medicinal das praias do Araguáia.
Bdóloké-dé-raúra-ó — Árvore do pirarucu. *Moraceae* do gênero *Sahagunea sp.*

Bdóloke-uéraran — (Lit.: Língua de pirarucu ?) *Ochnaceae Ouratea sp.*) dos cerrados marginais do Araguáia e afluentes.

Badaná — Genipapo (*Genipa sp.*). Rubiaceae comum às margens do Araguáia e da qual os Carajás preparam tinta preta.

Bdaré-úrúre — Triste.

Bdó-loké — Pirarucu (*Arapaima gigas* Cuv.) peixe comum no rio Araguáia.

Bdlo-ké-birá — Isópodo parasito do peixe pirarucu. (Perdido o material zoológico coligido).

Bé-dê (ou Bi-dí) — Mel de abelha.

Bederá — Rapadura, torrão de açúcar escuro. Edulcorante. Doce.

Bedí — V. Bê-dê.

Be-dí-ní — (Lit.: parecido com abelha). Maribondo (Bombus sp.).

Bé-lubú — (Lit. água-preta) — Café pronto para ser bebido.

Bedóni — (Lit.: parecido com Piratinga) — Peixe do Araguáia, conhecido também pelos nomes vulgares Fidalgo e Mandubé (*Ageniosus brevifilis* Cuv. & Val. e *Lophyus macropterus* Licht.).

Bedó — Piratinga — Peixe vulgar do Araguáia — (*Branchyplotystoma rousseauxii* Castelnau.).

Boró-rruêne — (Lit.: olhos da arraia). A constelação do Cruzeiro do Sul.

Boró-urá — Arraia-branquinha, do Araguáia. Não vimos material zoológico.

Botoé-ní — Pomba cascável (*Scardafella squamosa* Temm. & Knips).

Bró-ré — Veado do pantanal (*Cervus paludosus*).

Boró — Arraia-fôgo. (*Potamotrygon histrix*) comum no rio Araguáia e afluentes.

Bó-ró-rêne — Gado vacum.

Botó — Pescoço.

Botoé — Pomba-rôla (*Columbi-gallina talpacoti*).

Bú-cí-nékre — Alegre.

Bú-çú-tétíre — Disenteria.

Beró-nandé — (Lit.: farinha do rio ou dágua). Farinha de mandioca-puba. A mandioca é posta no rio até apodrecer.

Bó-ró-rêne-dé-sanrú — Carne de gado.

Berri-ná — Pote. A talha para água. Vaso de água potável.

Bé-orá — Inverno. (Mais pròpriamente: época das águas; tempo das chuvas).

Bu-çú — Emitir fezes. Defecar. Evacuar o intestino.

Budé-bure — Mato. Floresta.

Burérá — Triste. Macambúzio.

Burí — Qualquer concha de molusco lamelibrânquio.

Burrá (ou Burran) — Onamatopéia — O boto do Araguáia (*Sotalia ? sp.* Não obtivemos material zoológico).

Budunanka — Assentar-se. Repousar sôbre os glúteos.

Butó — Taquara com que os Carajás fazem vários objetos inclusive parte de suas flechas. (Material botânico não determinado).

Bururú-iótí — *Melastomataceae* das margens do Araguáia. (*Miconia sp.*).

Bororó-brétidé — (Lit.: Curativo para o ferimento produzido pelo ferrão de arraia). *Solanum sp.* Plantinha das margens do Araguáia.

Bó-dô-é — Deitar-se para dormir.

C

Coatí-iú — Panela.

Colubunenê-ní — (Lit. : parecido com a árvore das formigas Triplaris (*Coccoloba sp.*) dos bosques da Barra do Itapirapés. Um arbusto.

Colubunênê — (Lit.: Árvore das formigas). Árvore da família *Polygonaceae* (*Triplaris sp.*). Árvore das formigas, pau de novato ou tachi.

Cáturá-cê-man — Qualquer filhote (alevino) de peixe indeterminadamente.

Corra — Sim (Afirmação).

Corrári — Carrapato. Aracnídeo ixodide.

Corixô — Lixeira, sambaíba, árvore *Dilleniaceae* (*Curatella Americana* L.) muito freqüente nos cerrados marginais do Araguáia.

Corixô-ní — (Lit.: parecido com a lixeira). Arbusto da família *Dilleniaceae* (*Davilla sp.*) (Sambaibinha).

Corró-bré — (Lit.: mosca que aferrôa). Qualquer inseto provido de aguilhão.

Corocé — V. Laté.

Coroté ou Corró-tê — (Lit.: sucupira; o páu ou o lenho da sucupira). Por extensão : Clava usada com uma só mão.

Crucujê. Cachaça.

Coroté-á ou Corrô-tê-ó — A Sucupira. Árvore leguminosa, Bowdichia spp.

Corró-num — Bicho de pé (*Tunga sp.*).

Corré-rratí — Mosca doméstica (*Musca sp.*). Há, no Araguáia, duas moscas domésticas : uma igual às do litoral ; outra de cor cinzenta.

Coterití — A batata doce (*Batata edulis*).

Có-luó — Angelim do cerrado (*Andira sp.*). Árvore com mais de dez metros, cujos frutos são devorados pelos morcêgos. V. Rrú-úaré-anin.

Cró-bí — Macaco. Qualquer símio indeterminadamente. Por extensão : ladrão, roubador. V. Uá-ci-rô.

Cê-i-ú — Escrôto. Bolsas escrotais. As glândulas masculinas.

Cê — Ôvo. Adicionado a qualquer nome de animal, quer dizer ovos. Ex. Caboróró-cê : ôvo de jacaré ; anié-cê : ôvo de galinha.

Coteriti-ní — (Lit. : parecido com a batata doce). 1.º batatainha (*Solanum tuberosum e variedades*). 2.º) *Aniseia sp.* Convulvalacea dos bosques marginais do Araguáia e parecida com a rama da batata doce.

Cótí-caritó (Cotiâcaritocre) — Fumo para fumar.

Coti-ní — (Lit. : parecido com tabaco). *Araceae* aquática (*Pistia stratioides*) vulgarmente denominada : alface dágua e golfo.

Cotí-xá — Qualquer borboleta.

Cotorá-mananá — Rêde de pescar. E', geralmente, feita com embira de embaúba (*Cecropia sp.*).

Cotóráribibune — Flecha própria para caçar.

Cotú-cê — Ôvo de tracajá.

Cotú — Tracajá (*Podocnemys Cayennensis*). Quelônio freqüente no Araguáia.

Cotú-boná — Jaboti (*Testudo tabulata* Spíx). Quelônio terrestre.

Coturucú — 1.º) Coruja (*Bubo magellanicus*) ; 2.º) Aranha grande. (Não vimos material zoológico do segundo animal).

Coturucú-sêrê — Aranha peçonhenta (*Ctenus nigriventer* Keys).

Cotú-ní — (Lit. : parecido com tracajá). Tartaruga (*Podocnemys expansa*) muito apreciada como alimento pelos Carajás e civilizados das margens do Araguáia.

Có-uó-rú-riú — Salsaparrilha — Liliaceae escandente do gênero *Smilex.*

Cá-ú-acé — Grande. V. Tabourikan.

Có-uó — Pilão.

Crá-ú — Curicáca, ave (*Theristicus caudatus* Bodd) freqüente no vale do Araguáia.

Curití-narrê. Curiango — Amanhã-eu-vou. (Caprimulgideo. (*Hydropsalis torquata* Gml.).

Curití (Crax alector) — Mutum-pinima — M. Poranga.

Cú-ré (*Iguana sp.*) — E' o chamado lagarto verde. Os Carajás muito o apreciam como alimento.

Curé-ó (Árvore da Iguana) — *Myrtaceae* (*Psidium sp.*). Saran ou goiabeira brava. Pelo atrito de seu lenho os Carajás obtém fôgo. V. Inandú-urarú-tê.

Có-rró-té — Sucupira (*Bowdichia spp.*). Grande árvore que produz excelente madeira de lei.

Caté — V. Durirá-iré.

Cú-é-ó (Cú-é-có) — Rapineiro diurno (*Herpethotheres cachinans* L.) cujo grito é considerado pelos civilizados como advertência de mudança de tempo, e, pelos Carajás, como sinal de morte de algum indígena.

Cu-í-tiribó — Qualquer ofídio peçonhento do grupo das jararacas (*Bothrops sp.*).

Cabíroró ou caborôró — Qualquer jacaré.

Cú-ibirú-bunak — Matar.

Cú-nín — Assombração. Alma de outro mundo. Fantasma. V. O-bré-é.

Cú-dô — Santidade, imagem ou o santo dos cristãos. Às vêzes dizem : marrandô-biú. (Lit. : morador do céu).

Cá-í-onandéré-manondê — Ontem.

Cá-á — Perto. Próximo.

Catirrará-á — (Quando a palavra durante uma conversação deverá ser repetida : Cátí...) Longe.

Cuí-bí-rú-bunák — Eu mato !

Cunandé — Farinha ou qualquer substância farinacea.

Cunandè-i-úré — Mandioca venenosa (*Manihot utilissima Pohl et* spp.).

Cunandé-dioncon — O aipim, mandioca comestível (*Manihot aipim* Pohl).

Cubô-dót-tbô — Arbusto da família Sterculiacea (*Helictris* sp.) comum ao cerrado da Barra do Itapirapés. V. Tué-raí.

Comantá-ni — Trepadeira de flores roxas, da família *Polygalaceae* (*Securidaca sp.*). (Lit.: parecido com feijoeiro).

Cotú-é — (Literalmente : gordura de tracajá. Alusão à cor branca das flores). Planta cuja família é ainda duvidosa, embora figure na das *Polygalaceae* (*Moutabea Guyaunensis* Aubl). Os Carajás empregam tal planta como tratamento da *phegmasia alba-dolens*.

Cô-rí-xô — Sambaíba. Lixeira (*Curatella Americana* Linn.).

Cánára — V. Kamará.

Cró-été — Sapo (*Bufo spp.*).

Canán — Peixe do Araguáia que os Carajás traduzem seu nome para *Corvina*. (Não vimos material zoológico).

Curirí-uádó — Piolho de cobra, também chamado Bicho-de-ouvido. Diplópodos dos gêneros *Leptodesmus* e *Rhinocricus*.

Cotó-ó-é — Leguminosa (*Cassia sp.*) das margens do Araguáia e afluentes.

Côn-ri — Não. (Adv. negação).

Calogí (ou uerô e ié-rú) — Alimento diário dos Carajás. E' feito com substâncias farináceas até a consistência de papa. Depois de frio, tôda a família cospe na panela, para novamente ir tudo ao fôgo e ser depois comido.

D

Dó-toé-rurê — Arbusto da família *Euphorbiaceae* (*Mabea* sp.).

Darracê-laon-uê-uê — Melhor. Superior a.

Debó — Dedo.

Dé-ú-tê — Ornato feito com tecido de algodão e que os Carajás amarram às pernas.

Debó-éré-tué. Cinco.

Debó-diúra — Seis.

Dedécí — Peixe do Araguáia, também chamado Pataquinha. Não vimos material zoológico.

Debó-ena-tirérura — Sete.

Debó-ena-taúrira — Oito.

Debó-ibé — Palma da mão.

Debó-inon-bióreleura — Nove.

Débó-erétué — Cinco.

De-xí — Ornato feito com tecido de algodão e que os Carajás amarram ao antebraço.

Debó-itoé — Dez.

Dê-ô-rútê — Arbusto da família *Apocynaceae* (*Bonafousia* sp.) das margens do Araguáia e afluentes.

Do-rá-dué — Pacu do pôrto. Peixe do Araguáia. (Não vímos material zoológico).

Dé-édé — Acúleo. Qualquer espinho.

Di-ná-odó-urú — *Compositae arbustiva* (*Vernonia* sp.).

Debó-mon-bió — Quatro.

Debó-rátí — Os dedos.

Dekeçórô — Lavar.

Dekeçórô-dô — Lavar objetos, roupas, utensílios.

Dê-ci-ô ou Dexiô — Unha.

Dionacrê — Abraçar.

Deobô-macre ? — Onde vai ?

Diúrá — Sal de cozinha.

Dé-ari-tá — Punho, carpo.

Diondíre — Verbo ter ; tenho.

Déó-rú — A camisa (da indumentária do civilizado).

Diá-çó — 1.º) — Peixe aruanã (*Osteoglossum bicirrhosum* Vand.) comum no Araguáia ; 2.º) Dança, cântico e festa dos Carajás. Ambos os verbetes são, também, chamados Aruanã.

Diadoma ou Diadomá — Moça. Donzela. Virgem.

Diadomá-bódô — Menstruação. Catamênio.

Diaran — Pronome eu. (Di-ká-ran).

Diaré — Luminescência visível à noite sôbre os cupinzeiros.

Diê-kê-kê — V. Tiê-Crê.

Dó-ri-ó — Arbusto da família *Vochyseaceae* (*Vochysia* sp.) cujas flores roxas são ornamentais.

Do-ri-ní — Arbusto comum aos cerrados marginais do Araguáia e afluentes e pertencente ao gênero (*Vochysia* sp.).

Dorírú-ní (*Trianosperma* sp.) — Cucurbitacea das margens do Araguáia. (Lit. : Parecido com cabaça, outra planta daquela família, *Cucubita lagenarea*).

Deê-nanrácre-Nandére — Pronome êles.

Di-í — Perna.

Díó-rá — Abóbora. Fruto da *Cucurbita* spp.

Dió-ró — Canídeo selvagem (*Canis thous*) e, possìvelmente, todos os demais canídeos silvestres do vale do Araguáia.

Dio-ró-ó — (Lit.: árvore de cachorro do mato) *Malpighiaceae* dos cerrados marginais do Araguáia. Material indeterminável para o gênero.

Dioró-çá ou Idioroçá — Cão doméstico.

Dioróçá-rrukan — Planta apocinacea (Hymatanthus obovata (Mull. Arg) Woodson. Mama-cadéla.

Dióró-çá-tuú-serê — (Lit. : vulva de cadela) Planta *Nyctaginaceae* (*Boerhavia hirsuta Willd.*), conhecida em outros lugares do Brasil por herva-tostão, tangaraca, etc.

Deré-urúre — Triste. Cara-triste.

Di-orú-tê — Desenhos que os Carajás fazem em tôrno à boca e no rosto, com tinta de genipapo e urucu.

Dó-rrokan — Pato selvagem. (*Cairina moschata*).

Diólóça — V. Dioró-çá.

Dorádué — Peixe do Araguáia também conhecido vulgarmente por Bico de Pato. (Não vimos material zoológico).

Diú-oté — Queixo. Mento.

Dirolá — Morder.

Diú-ré — Ariranha (*Pteronura brasiliensis*) Mustelideo que vive no Araguáia e seus afluentes.

Dié-xú-dú — O guerreiro, o homem de briga, o combatente.

Dú-ú — Dente.

Duú-utá ou Diú-utá — (Lit.: dente cortador). Piranha (*Sarrasalmus piraya* Cuv. e outras spp.).

Dobionka — Dá-me (Pedido).

Dônô-serê — Muquirana (*Pediculus vestimenta* L.).

Doré — Papagaio de qualquer espécie.

Doré-ní — (Lit.: parecido com papagaio) — Anu branco (*Guira pirirígua*).

Doré-ú — (Lit.: bico de papagaio). Caramujo. Molusco gastrópode do Araguáia.

Doró — Gato do mato (*Felis wiedi*).

Doró-botó — As Plêiades ou Setestrelo. (Os Carajás de cima (Arunã) consideram essa constelação como sendo periquitos). V. Birri.

Douré — Pirarára (*Pirarara bicolor* Spix.). Peixe nematognata do Araguáia.

Durerré — (Lit.: mordedor) Morcego. Qualquer quirópodo.

Durerré-ó — (Lit.: árvore do morcego). Leguminosa (*Andira* sp.).

Duriçó — Vermelho. Rubro. Encarnado.

Durirá-iré — Piranha-chupita (*Sarrasalmus serrulatus*).

Dú-rutí — Tremer. Agitar-se. Por extensão : escrever.

Diozó-betô-ô-ô... — Palavra pronunciada reticenciadamente pelo Carajá que faz exorcismo a fim de afastar a chuva.

Dedecí — Pataquinha. Peixe do Araguáia. (Não vimos material zoológico).

Diabódô-á — Palavra cabalística que o Carajá pronuncia a fim de cair chuva.

Debé-xió — *Lythraceae* (*Lafoensia densiflora* Pohl) dos cerrados marginais do Araguáia. E' medicinal.

Díúrétá-birá — Isopodo que parasita a piranha. (O material está sendo determinado).

E

Errê-tetíre — Malíssimo. Superlativo absoluto de máu. Às vêzes por si só equivale a Xandirioré, i.é. feiticeiro, demônio.

É-ué-dó — Bolo de farinha (de milho ?).

É-çon-de-ó — Algodoeiro. Qualquer espécie de *Gossypium*.

Eu-ô-tê — Coxa.

É-no-on-ú-árú — Irrumação.

Edó-rrô — Orelha de páu. Cogumelo (*Polyporus* spp.); Todo e qualquer cogumelo parecido com êsses.

Eçon — Às vêzes dizem : Eçon-dé. Fio de algodão. Algodoeiro.

Eçon-urá-ní — (Lit. : parecido com algodoeiro). Malvacea do gênero *Pavonia*.

Errú — Cuiú-cuiú ou Focinho de porco. Peixe (*Oxydoras niger* Cuvel, Val.) do Araguáia.

É-budó-tbó — Plantinha arbustiva Leg. Pap. (*Centrosema* sp.).

Elerí-uraçá-rérí — Bocejo. Bocejar.

É-ló — Bico de pato. Peixe do Araguáia. Não vi material zoológico.

Erá-ná — Cozinha. Parte da casa onde fica o fogão, lareira.

É-dô — 1.º) Lenha. Combustível de madeira ; 2.º) Cupim. Insetos isópodos de vários gêneros.

G

Guá-ú-otê — Ombro.

I

Irrú-ré — Fel. Vesícula biliar.

I-rrúrú (às vêzes dizem : Iu-çá). Cérebro. Massa encefálica.

Iú-çá — V. Irrú-ré.

Ixan — Porco Queixada (*Dicotylis albirostris* L.).

Ixerê-qué-coambo — Mais. Maior quantidade. Adv. quantidade.

Ixédénerá-será-nará — Quase.

Inan-tô — V. Ué-tana.

Inan — Gente. A humanidade. Os homens verdadeiros, os legítimos Carajás. (Êsses indígenas consideram-se sòmente êles como gente. Os outros homens não são tidos pelos Carajás como gente : São cristãos, são Itapirapés, são Xerentes, são Xavantes... Gente, Inan, são êles sòmente...).

Inan-son-uéra — Todos os Carajás. Coletividade das aldeias dessa raça de Carajás. Multidão. Por extensão : Os Carajás.

I-úérú — Chocalho. Guizo.

Iêtê-túkú (Às vêzes dizem iê-têkê) — A roupa, a indumentária usada na dança do Aruanã.

Ióbódó-tbó — (Lit.: comida de beija-flor). (*Acanthaceae. Beloperone Ceciliae* O. Machado). Trepadeira de flores vermelhas, muito ornamental, comum nas ribanceiras do Araguáia e que os Carajás consideram medicinais para curar enteralgias.

Inú-ní — Ofidio gigantesco, do baixo Araguáia, ainda não determinado cientìficamente, mas que tem produzido acidentes mortais. Os Carajás temem-no.

Inuni-kan — Mancha alongada, escura, que se vê (o observador voltado para o Norte e na Barra do Itapirapés) à esquerda da Via-Látea, na declinação aproximada de 45º a 50º (às 20 horas) nos meados de setembro-outubro.

Irí-óré-bára — Parto. Ato de parturição.

Iri-oré-diondire — Gravidez. Gestação.

Irité-rená — Janela.

Irué-ó-uére — (Lit.: ôlho torto) Vesgo.

Iúrá-kan — Cor branca.

Itú-rú-tí — Cor azul.

Iúré-bôre — Cor verde.

Ió-kon — Pequeno veado mateiro. Não obtivemos material zoológico.

Ió-dê — Veado galheiro. Não obtivemos material zoológico.

Irí-boró-ti-tucrú — Sobrancelha.

Irú-xê — Pestana.

Irú-boó-dé — Palpebra.

Idioéçó-berorron (Ixançó-berorron). Banhar-se no rio.

Iécíre — Mole. Flácido.

Irurú-térére — Duro. Rijo.

I-t-xê-monde — Logo, logo; em seguida; ràpidamente.
Iú-járe — Pequeno. Exiguo. Resumido. Anão.
Irá-rí — Menina, filhote (de animal) de sexo feminino.
Irá-dé-irrocon (Lit. : cabelo caiu !). Caréca, calvo. Calvicie.
Idi-á-tá — Banana. Fruto da *Musa spp.* que os Carajás cultivam.
Ió-dá-re. V.. Iú-járe.
Itubure — Feio, desagradavel.
I-rú-bió — Cobra de duas cabeças. Lacertidios dos gêneros *Amphisbaena e Lipidosternon.*
Itú-ú-dirrú ou simplesmente Itú-dirrú. Clitoris.
Idê-bú — V. Lubú.
Inó-raú-é — Bolo de farinha de mandioca.
Iracurá-rí-é-ré — Desejo (de mulher grávida).
I-rô — Ás vezes dizem Cunandé-dixon. Aipim. (Manihot aipim Pohl).
Itú-cú-ráre — Homem civilizado do Brasil. Brasileiro. Às vêzes dizem, apenas, tórí.
Inan-tô V. Ué-tana.
Inatô-rrorai — Verdade. V. Tá-rué.
I-dié-çó — Luta esportiva que os Carajás praticam. É comparável à luta greco-romana.
I-nandú-urárú-tê. Saran. Planta apocinacea cujo lenho atritado produz fôgo. V. Curé-ó; v. K-nan-diú ou Rra-údê.

K

Knandiú ou rra-údê — Fruto de pacu, Apocynacea das margens do Araguáia e afluentes, às vêzes denominada saram pelos civilizados, e que, tal e qual ocorre com o saram (Curé-ó, Myrtacea, *Psidium sp.*), os Carajás atritam afim de obter fogo. V. Rredé.
Kná-dorá — Bicudo e bicuda. Peixe do Araguáia (*Luciochorax insculptus Steind e Xyphostoma longirostrum*).
Kánárá — Areia. Por extensão subentende-se: praia.
Knárá-rakan (Lit.: Praia grande) Inverno (junho a agôsto). Estação do ano em que as praias do Araguáia, em consequencia da vasante do rio, aumentam de extensão.
Karajá — Carajá. V. Inan.
Kan — Abreviatura de rrekan. Grande, extenso, vasto, largo.
Kná-ná — Jaraquí. Peixe caracída do Araguáia. (*Prochilodus taeniurus* Val.).

Knará-rrakan — Papaterra. Peixe do Araguáia (*Prochilodus harttii Stend.*).
Kanité-ré — Tucunaré-pitanga. Peixe do Araguáia. (Não vimos material zoológico).
Ka-nan ou Ka-non — Corvina. Peixe do Araguáia. (Não vimos material zoológico).

L

Lárá-uárá — Aranha caranguejeira indeterminada. (Não vimos o material zoológico).
Lê-í- ou Li-í — A cobra sucurí (*Eunectes murinus L.*).
Lanré-dó — Tiririca. Planta ciperacea das margens do Araguáia. (*Cyperus* sp.).
Lá-té ou Corocé — Peixe-cachorro, também chamado peixe-morcego, comum no Araguáia (*Cynodon hydrocyon* Castelnau) Com os dentes dêsse peixe os Carajás fazem incisões cutâneas equivalentes às sarjas de ventosa.
Lí-ra-sonra — Estômago.
Ló-bí-dárre — A preguiça, mamífero de hábitos arborícolas (*Bradypus tridactylus*).
Ló-ri-dórí — O cocar de penas usado pelos Carajás. Acangatára.
Lóó-tí — (Onomatopéia). Ave (*Tapera naevia* Linn.) muito comum no Araguáia (como em todo o Brasil) onde tem vários nomes vulgares : Sem-fim ; peixe-frito ; serafim ; tempo-quente, etc.
Lóti-mantá — Vagalume. Qualquer inseto luminescente.
Laté-uó-ní ou Monan — (Leg. pap. (*Platypodium elegans* Vogl.) empregada como abortiva com fins maltusiânicos pelas indígenas Carajás.
Lan-rê-dó — V. Relanrê-dó.
Lú-bú — Preto. Preta. Negro. Escuro. (Côr). Há pronúncias diversas. Ex. : *Idê-bú.*
Lò-arrí — 1.º) *Anonaceae* (*Xylopia grandiflora* St. Hil) Pimenta do Sertão. 2.º) *Violaceae* do gênero *Hybanthus.*
Latê — Pesqueiro ; lugar melhor para esperar o peixe.
Laté-ouó — Leg. do gênero *Cassia* sp. (Lit. Laté-ouó ; espera de peixe).
Lárá-rrinan — Tiú. *Euphorbiaceae* (*Adenoropium opiferum*) dos campos cerrados marginais do Araguáia.
Lucú-tú-ó — Arbusto da família *Malpighiaceae* e do gênero não determinado, próprio dos cerrados marginais ao Araguáia.

M

Manácre — Venha cá. Vem cá!
Mácrê — Até amanhã! Até logo! Despedida.
Macrê-are? — Vái embora?
Madá-ení — Bom dia! Salve!
Madé — Piqui. Fruto comestível do *Caryocar* spp. (*C. Brasiliensis* St. Hil) muito comum às margens do Araguáia.
Madé-ni — (Lit.: Parecido com o piqui). Árvore da família Eleocarpacea (*Sloanea Eichleri* Schum), freqüente às margens do Araguáia.
Má-í — Milho. (*ZÉA mais* L.). O "grão" dessa gramínea
Má-i-cunandé — A farinha de milho.
Má-i-dê-ocê — Cabelo de milho; estigmas de milho.
Má-í-i — Fevereiro.
Ma-í-órutê — O sabugo do milho. Eixo da espiga desprovido dos grãos.
Mai-somon — Arroz.
Ma-i-tôcò — Palha de milho.
Mamá-dô-xima — *Cucurbitaceae* das margens do Araguáia, também chamada Buchinha dos Paulistas (*Luffa operculata* Cogn). O parenquima dos frutos é excessivamente amargo e tido por anti-malárico.
Marià — Peixe do Araguáia, também conhecido por Tabarana (*Salmimus hilarii* Cuv.).
Mariú-è — Peixe do Araguáia, também conhecido por Matrinxã (*Characinus amazonicus* Spix).
Mariú-é-ní — (Lit.: parecido com matrinxã), também conhecido por sardinha (*Chalcinus* sp.).
Marú-úaçá-tetíre — Estou com fome.
Maná — Pedra. Granito. Rocha.
Maná-rruté — V. Biú-maná-rruté.
Marrandô-biú´— (Lit.: morador do céu). V. Cú-dô.
Maná-tére — Cristal de rocha.
Maná-ú-bidê — O tronco da árvore.
Má-ô-tê — Spongiário silicoso (*Spongilideo; Tubella Mello-Leitãoi* O. Machado), que, depois de triturado, é incorporado à argila com que as indígenas da Barra do Itapirapés fazem sua ótima cerâmica. Produzem as espículas dêsse material uma dermatose pruriginosa estudada pelo autor e comparável à do Cauici do

Amazonas. O material *typus* está no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Marri-rí — O remo da canôa.

Marran-aracre — V. Anacre.

Má-ri-acre — Andar. Marchar. Locomover-se.

Marí-óré — Faquinha.

Má-rrú, ou Má-rú — Faca — Instrumento cortante.

Má-rú-rabú — Foice.

Matuari (matucarí) — Homem Velho. Velho.

Matunin — Amendoim. Fruto da *Leguminoseae Arachis* sp.

Moná ou Monan — Medicamento. Remédio. Mézinha. A planta medicinal. A planta Laté-uó-ní (*Platypodium elegans* Vogl) que os Carajás usam como abortivo.

Mó-ró-rá — Muriçóca. Díptero (*Culex fatigans* Wied).

Mará-tí — *Euphorbiaceae* do gênero *Phyllanthus* comum às margens do Araguáia e afluentes.

Má-rí-ná — Tabarana. Peixe do Araguáia. (*Salminuns hilarii* Cuv. & Val.).

Moná-ré-né-ré — Árvore da família Leguminoseae (*Sweetia dasycarpa Benth*) cujas cascas são utilizadas como abortivas pelos índios Carajás.

Marú — Sambaibinha. *Dilleniaceae* escandente (*Doliocarpus* sp.) dos bosques marginais do Araguáia e afluentes.

Má-lá-lá — (Às vêzes : Rrê-má-lá-lá). Qualquer ofídio peçonhento.

Manacre-arauíne ! — Convite à cópula.

N

Naná-tirô — Barbado. Peixe nematognata (*Pimelodus piranampús* Cuv.) do Araguáia.

Nadí — Mãe. Genitora.

Naálê-bô — O fruto do jatobá (*Hyminea courbaril* Linn.) muito usado como alimento e medicamento pelos Carajás.

Na-íú-nuneára — Levantar. Reerguer.

Nan-xiúé — A principal divindade ; o deus dos Carajás.

Narí-oura — Cair. Tombar.

Ná-tão — Três.

Naúi-iíkê-deciô — (Lit.: Unha, garra de gavião) Leguminoseae das margens do Araguáia (*Machaerium* sp.).

Naú-í-í ou Ná-ú-ik — Qualquer falconídeo. Os gaviões em geral.

Nauí-íkan — O Grande falconídeo (gavião) das matas ribeirinhas do Araguáia (Sp. nova ?) é de cor preta em todo o corpo, exceto o dorso onde tem um triângulo branco desde o uropígio até o meio das costas. (Foi perdido o material coligido). V. Rri-ré.

Ná-uíé-tbó ou Nauik-tbó — (Lit.: árvore do gavião). Coamarú do cerrado. (*Dypteryx alata* Vogl). V. Có-luó. Das madeiras de ambas as plantas, fazem os Carajás os batoques labiais.

Nauí-rrôri — Mutum-castanha, mutum de assobio ou boicenim-assú (*Crax globicera*). V. Curití.

Neman-ron-rérí — Febre palustre, malária, maleita ou tremedeira.

Ní — Parecido. Falso. Semelhante. Comparável. Equivale a *rana* da língua geral.

Nônôé — Garôa. Neblina. Vapor de água que sái do rio Araguáia. Orvalho. Sereno.

Non-irá-çá — Flor.

No-on ou Onon-on — Penis. Membro viril.

No-ondekê (Às vêzes dizem No-on-tê-kê ; lit.: roupa do penis) — Prepúcio.

No-on-ri-úó — Uretra do homem.

No-on-rá-uê-i-á-nlú (Às vêzes dizem: no-on-rruó) — Glande, extremidade distal do penis.

No-on-tú-kaná — A "vestimenta" do Carajá. Fio com que amarram o prepúcio. V. É-çon.

Norrontí ou Norron-tle — Orelha. Ouvido.

Noroté-nan — Vagina. Órgão copulador da fêmea. Às vêzes dizem: I-ú-ó.

Nô-serê — Chato. (*Phytiris pubis* L.).

Nun-tié-ní — (Lit.: parecido com gaivota) 1.º) Gavião-tesoura (*Elanoides forficatus* L.) Falconídeo freqüente às margens do Araguáia. 2.º) Trinta-réis (*Sterna Wilsonii*).

Nutié ou Nun-tié — Gaivota branca que freqüenta o Araguáia (*Sterna maxima*).

Non-non-oúorórú-nanaré — Arbusto da família *Anonaceae* (*Xylopia glandiflora* St. Hil) dos bosques do vale do Itapirapés.

## O

Orra — V. Aué-lerê.

Oré-rá — Filhote de jacaré. Jacarèzinho.

Ó-tú-cé-ú-orú — Arbusto da família *Flacourtiaceae.*

Ó-abro-tlí — Pé.
Obô — Marêta, vagaría, banzeiro do Araguáia.
Obó-larinari-tetíre — Temporal. Tempestade.
Obró-lôrá — A onça parda. Suçuarana. Leão americano (*Felis concolor* L.).
Obré-é (Cobrelá) — Melancia. Planta exótica (*Citrullus* spp.) que os Carajás cultivam às margens do Araguáia. As mulheres denominam-nas, também, Cú-nin.
Ó-ça-nam — Rosto. Face.
Odé — O chamado porco-espinho do Brasil. Roedores dos gêneros Coendú (*C. villosus. C. prehensilis, C. melanurus, etc.*).
Ó-ú-á — O jatobá (*Hymnea courbaril* Linn.). V. Ná-lê-bô.
Odemai-í — O Caranguejo. Crustáceo do Araguáia (*Trichodactylus ?*).
Odená-ibocó — Rapariga. Mulher livre. Prostituta. Mulher que coabita com qualquer homem.
Odé-marrí — Escorpião. Aracnídeo do gênero *Tityus*.
Olabrirá — Tio. Tia.
Oladureára ou Uladôreára — Ejaculação. Projetado à maneira de ejacular.
Oló-tê — V. Ué ló-té.
Omantá (Comantá) — Feijão.
Ó-uá-obê — Planta do pé.
Ó-luó — Cajazeiro (*Spondias lutea* L.) ; enfeite confeccionado geralmente com madeira dessa árvore e que o Carajá põe no lábio inferior.
O-no-on — V. No-on.
Ó-terá-cí — *Dilleniaceae* indeterminada. Sambaibinha.
On-rro-ré — Jacu, galináceo selvagem (*Penelope* spp.).
Ó-rar-u-atire — Goiabeira (*Psidium gayava* Raddi e *P. pomiferum* L.).
Ó-rerá-at-xí — (Lit.: com as costas de filhote de jacaré) *Orchidaceae* do gênero *Oncidium* sp. Epifítica.
Ó-rótí-bdebô — Médico. Curandeiro dos Carajás.
Orró-mái — Herva de bicho, *Polygnoaceae* (*Polygonum Jaguaribei* O. Machado) muito comum às margens alagadas do Araguáia, principalmente na barra do rio das Mortes.
Ó-lú-ó ou Á-tú-ó — Ipê amarelo do cerrado (*Tecoma Caraiba* Mart.) Caraíba.
Orran — Gato doméstico.

Orrô-irrocon — Brisa. Favônio. Vento fraco.
Ó — Árvore. Planta. Vegetal.
Ó-uórú-rí-ú — Salsaparilha (*Liliaceae* : *Smilax* sp.).
Orrô-larinári — Vento de média velocidade.
Orrô-larinari-tetíre — Vento forte. Ventania.
Orrô-kan-tirié — Turbilhão de vento. Remoinho. Giro do diabo.
Orú — Testa. Fronte.
Otô-tê — Mancha mongólica.
Otó-tereçú — Qualquer cigarra, (*Zammara Tympamum e outras*): inseto homóptero provido de aparelho de rumor.
Ó-uorú-tkê — A casca do tronco da árvore.
Ó-tí-ní — (Lit.: parecido com a semente do tabaco). Herva de Bicho do Araguáia, *Polygonum* sp.
Óti-xá-tbó — *Malpighiaceae* (*Heteropteis* sp.) dos cerrados marginais do Araguáia e afluentes.
Ó-onócinomtarrakan — *Malpighiaceae* do gênero até hoje não determinado e vulgarmente conhecida, em Goiás e Mato-Grosso. sob a denominação de *Nó de cachorro.* (Material indeterminável, pela falta de fruto).
Ó-ló-tó — A ata, pinha, *Anonaceae* do gênero — *Daguetia,* de frutos comestíveis. V. Ué-ló-tó.
Ó-tüé — V. Cotú-é, também uma *Apocynaceae* (*Bonafousia tetrastachya* (H. B. K.) Mgf., de flores alvas com aroma intenso a jasmim.
Ó-té — (Às vêzes dizem : Oté-té) Liana. Planta escandente. 1.º (*Bignoniaceae* do gênero *Arrabidea*) que os Carajás consideram ictiotanizante equivalente aos timbós (Serjania spp. ; *Lonchocarpus* spp.); 2.º Ó-té uma Dioscorea também chamada Á-rá-ní.
Ouratea sp. — Arbusto da família *Ochnaceae* (Bdolóké-ueraran; Lit. : parecido com a língua do pirarucu, com referência à forma da fôlha).
Ó-tú-ó — V. Cotú-é.
Óô-dí-ó ou Ó-ódí-ó (ou simplesmente Ó-dí). Almesca. Planta da família *Burseraceae* (*Protium* sp.) que figura nas lendas Carajás.
Ó-ú-orú — Arbusto indeterminado dos bosques sombrios da Barra do Itapirapés.
Ó-ré-rú — Côco. O fruto de qualquer palmacea.

## R

Rrá-udê — V. Kanandi-ú.
Radé — Cabelo liso.
Radé-uérù — Cabelo pichaim.
Rramá-tié —Andorinha. Qualquer ave fissirostris conhecida no Brasil.
Rron-rá-dtó — Palmeira (Syagrus sp.) cujos frutos doces e comestíveis são apreciados pelos Carajás.
Rrí-irú-rí-rríkan — Moço. Jovem.
Rarádó — (Lit.: árvore do urubu). Árvore da família *Vochyseaceae.* (Material indeterminável quanto ao gênero).
Rrarádó-ní — (Lit.: parecido com a árvore do urubu). 1.º Bocetinha. Leguminosa Papilionacea das margens do Araguáia; 2.º Vochyseacea do gênero Contubea.
Rrelon-ouré-ní — (*Cyperus* sp.). Tiririca das margens do Araguáia.
Rrelon-onré-dó — Tiririca (*Cyperaceae* do gênero Scyrpus spp.
Rrá-á — Cabeça. Ponta. Extremidade superior.
Rabú-no-on-eté — O caju de qualquer espécie. (Lit. : fruto-pênis).
Rabú-no-on-eté-ó — Cajueiro.
Rabú-no-on-eté-tetíre — (Lit.: cajueiro de frutos ácidos, adstringentes,azedos). Cajueiro (*Anacardium Rondonii* O. Machado) das margens do Araguáia. Produz frutos adstringentes, aproveitados apenas para a fabricação de vinagre.
Riú (às vêzes Rrí-ú) — Cipó. Trepadeira. Planta de caule volúvel. Salsaparrilha (*Smilax* spp.).
Ram-bú (Rá-on-ocú) — Homem. Macho.
Rrá-ó — Pistilo ; mão de pilão.
Rá-rá-dié — Urubu-geréba. U. caçador (*Cathartes aura* L.).
Rárá — Ururbu comum (*Cathartes foetens* L.).
Rrérára — Arara escura (*Sittace coerula*).
Rárá-rêçá — Urubu-rei (*Sarcoramphus* (*Gyparcus*) *papa* L.).
Rra-dô — Lua. Satélite da Terra.
Rrá-loé-rrú-ançá — (Lit.: parecido com maminha-de-onça) Trepadeira (Asclepiadaceae ou Apocinaceae (gênero novo ?) (Material indeterminável) das margens do Itapirapés.
Rrá-dô-tiurí-niára — Lua (em plenilúnio ; lua cheia).
Rra-dô-uratirairére — Lua em quarto-crescente.
Rrá-dô-uratirairêre — Lua em quarto-minguante.
Raú-nandô — Aldeia Carajá.
Rrô-ró (verbo morrer) — Morro.

Rrúrú-é-rébí. À direita ; à dextra.

Rá-ambuambórare — Palavra empregada para dizer que o ser ou a coisa é do sexo masculino.

Rratí-ní — (Lit.: parecido com mandí). Jaú. (*Paulicea lutkeni* Steind.). Peixe do Araguáia.

Ranué-tiriró (Rabunóriró) — Planta da família Flacourtiaceae (*Homalium pedicellatum* Benth) comum às margens do Araguáia.

Rromá-ruré — Tatuagem circular que os Carajás fazem na face, na região dos zigomas. E' sinal típico da raça. Os javaés, indígenas da mesma raça, fazem, outrossim, idêntica tatuagem.

Rrá-uó-rikan — Canoa grande. Ubá.

Rrarú-nané — Remador. Tripulante de canoa.

Rrá-rê-to — V. Aré-tô.

Rrá-ré-túrá — Pintado (*Pseudoplastystoma corruscans* Agassiz) peixe nematognata do Araguáia.

Rrú-uáré-anin (às vêzes Rú-uáré-anin) — V. Çó-lú-ó. Azedinha. Arbusto das margens do Araguáia (Guttifera : *Rheedia* sp.) e de lenho branco e leve com o qual os Carajás fazem o batoque labial (Có-lú-ó).

Rrétí — Masturbação masculina.

Rr-uórikan — Canoa grande.

Rré-rú — Coqueiro tucum (*Bactris* spp.).

Rré-ôté — Fôgo. Brasa. Chama. Incandescência. Por extensão : Motor, máquina.

Rrá-uóri-oré — Canoa pequena.

Rre-tô-rioré — Casinha. Cabana.

Rre-tô-rat-Kú — O trabalho doméstico. Trabalho de casa.

Rre-ranan — Cozinhar.

Rrárí-ô — Filhote do peixe pintado. (Parece ser peixe de outro gênero e espécie. Não vimos material zoológico). Vive nas águas marginais do Araguáia.

Rubé-cé — Jurupóca — Peixe do Araguáia — (*Hemisorubim platyrhynchus* Cuv. Val).

Rrá-urí — Cutia. Roedor (*Dasiprocta aguti*).

Rré-rré — Mal.

Rré-tô-uó — O chão. O piso da casa.

Rré-tô — Casa. Moradia. Cabana. Arapuca. Gaiola.

Rri-dóuí — Hidrocele.

Rri-óré-sê — (Lit.: minha mulherzinha ; minha velhinha ; minha esposa). Denominação afetiva que o homem dá à mulher.

Rreri-úá-oté — Pequeno. Escasso. Curto.

Rré-má-lá-lá-nonré-ti-dê-cê — Ofídio peçonhento das margens do Araguáia, onde, também, chamam-no de boipéva. (O material não permitiu determinação).

Rru-irúri-rrikan — Moço. Jovem. Rapaz.

Rré-rú — V. Rre-rô.

Rri-rá-ó — Pilôto da canôa. Quem governa e dirige a canôa. Popeiro.

Rrirá-rí — Mulher.

Rrí-ô — A rede própria para dormir.

Rriré (ou Ri-Ré) — Gavião caracará (*Milvagus chimachima* e *Polyborus brasiliensis*) V. Nauik e Nauik-rrikan.

Rrocura — Boiar. Flutuar.

Rro-lô — Caetetu (*Tajassú tayassú* L.).

Rro-ué — Canhoto.

Ri-ré-maté-ní — (Lit.: Parecido com a planta de que o gavião carácará gosta). Euforbiacea. Herva-pombinha. *Phyllanthus* sp.

Rri-cúra — Ânus.

Rí-ú (às vêzes Arí-ú) — Trepadeira ; cipó. Planta de caule sarmentoso ou volúvel.

Rrma-lálá-turrô (ou A-ú-inémam-arrá e Má-lá-lá-turrô). Cobra cascável (*Crotalus terrificus* Laur.).

Rrô-on-nanderi ou Rô-on-nanderi — Êle.

Rroria-ciú-rôrô, Rro-ri-lu-ró — ou Rrô-rí-lu-rú — Via-Látea. Galaxia. Caminho de Santiago.

Rró-ré-ní — 1.º Coqueiro babaçú (*Orbygnia Martiana* Bar. Rod.). 2.º Orquídea epifítica (*Oncidium* sp.).

Rro-ré — Cachoeira — Queda de água.

Rro-rerú — Chapeu. Cobertura da cabeça.

Rrú-anré-anin — A madeira leve com que os Carajás fazem o Có-lú-ó.

Rru-rí — A piranha preta (*Pygocentrus piraya* Cuv.).

Rrurí-é — Acari ou Carí — Peixe do Araguáia. Não vimos material zoológico.

Rrú-bé — Fala. Voz.

Rru-be-cê — Peixe do Araguáia, também conhecido por Juripóca ou Jurupóca (*Hemisorubim platyrhynchus* Cuv. & Val.).

Rra-ti — Mandi — Peixe do Araguáia (*Pimelodus* spp.).

Rru-be-crê — Falar.

Rru-béré-amboráre — A palavra. A fala. A voz humana.

Rrubé-xí — Cuspo. Escarro.
Rrukan — Mama. Seio.
Rrú-é — Ôlho. Órgão visual. Vista.
Rrú-íra — Casamento. Bôda.
Rrú-lálá — Seriema (*Microdactylus cristatus*).
Rrú-rié — O peixe Carí ou acarí (*Plecostomus plecostomus* L).
Rré-dé — Aparelho feito com madeira de saram e com o qual os Carajás fazem fôgo.
Rrubedô — Conversar. Falar com outrem.
Rru-rí-açaé — Gripe. Influenza.
Rrú-ri-nan — Crepúsculo. Anoitecer. Vésperas.
Rrú-rú — Vagalume. Qualquer inseto luminescente.
Rrútá-naréri — Sarna. Escabiose. Comichão. Prurido — V. Uti-Uti.
Rrú-té-rú — Oftalmia purulenta.
Rrukan-ritó-rére — (Rru-kan-çô). Mamar.
Rrú-niçô — Janeiro.
Rrá-an — Árvore de mais de 8 metros, cujos frutos, comestíveis, os Carajás aproveitam como alimento. (Material indeterminável).
Rrú-ú — 1.º A calça. Indumentária de civilizado; 2.º Noite. Escuridão.
Rrêlan-rêdó — (Lit. : o que marreca gosta de comer ?). *Cyperus* sp. Uma das cyperaceas comum às margens do Araguáia. Uma *Cyperaceae* do gênero *Mitrospora*.
Relan-rêdó-ní ou Relan-ouré-ní. *Cyperaceae* (*Cyperus* sp.). das margens do Araguáia.
Rraté-tú-ó-ní — (Lit. : Parecido com a flor do tabaco) — *Hidrophyloceae* (*Hydrolea spinosa* Linn.) das praias do Araguáia.
Rrá-má-ruré — Cicatriz circular, tatuada sôbre a pele das faces, na região zigomática, que os Carajás fazem queimando com o cachimbo e avivando com uma lasca cortante de pedra. E' o sinal característico da tribo Carajá. Os índios Javaé, que são da mesma raça, fazem iguais cicatrizes.
Rrolá-lá — Páu-terra. Páu-doce — *Vochysiaceae* do cerrado (*Vochysia grandiflora* Mart.).
Ranté-atê — *Anonaceae* do gênero *Duguetia*, de frutos comestíveis. V. Óló-tó e Ué-ló-tó.
Rubéréamborare —Palavra. Voz. Vocábulo.

S

Sei-ô — Pente confeccionado com os acúleos do coqueiro tucum (*Bactris spp.*).
Sênan-dô — Mulher velha. Cunhanguéra.
Sicúra — Colar que os Carajás põem ao pescoço.
Si-ú-ú — V. Sê-ô-ô .
Silarô — Campo. Planície. Campina.
Sê-ró — Libertação rumorosa de gazes intestinais.
Sê-ô-ô (ou Si-ú-ú) — Chão sêco. Terra.
Son-uémê-dê-aranrencre — Tanto (grau comparativo).
Son-uéra — (Lit.: muitos são). Plural. Todos. Muitos. Coletividade.
Su-ô — Barro. Argila com que os Carajás fazem sua cerâmica.
Siderió — Árvore (*Vochysia* sp.) dos cerrados marginais do Araguáia.
Siderió-ní — (Lit.: parecido com Siderió) árvore das margens do Araguáia (*Sterculia* sp.).
Suiú-ué-montá — Maracujá das barrancas do Araguáia (*Passiflora clathrata Master*) que é medicamento hipnótico e sedativo usado pelos Carajás.
Sá-sá-mon — Árvore Rosaceae das matas ribeirinhas do Araguáia e afluentes. Oití (*Moquilea* sp.) cujos frutos odoríferos são comestíveis.
So-non-uératí — (também dizem Ubó-caá-dubonin). Arbusto da família *Compositae* (*Vernonia* sp.).
Sú-dô-rrô — Cogumelo de chapéu. (Basidio myceta).

T

Turrô — Valente. Intrépido.
Taburá-biribune — Flecha própria para a guerra.
Tá-bú-ré — Zangado. Aborrecido. Enfurecido. Raivoso.
Ta-bu-ri-kan, ou Rekan, ou Rrekan, ou simplesmente, Kan — Grande. Enorme. Volumoso. Maior. Vasto. Imenso.
Ta-bú-tetíre — Chuva forte. Temporal.
Tái-ná — Estrela. Astro.
Tai-ná-ó — (Lit. : árvore-estrela. Tôdas as plantas cujas flores são asterimorfas. O tamboril (*Enterolobium timbouva* Mart.). Amaralidacea do gênero *Hippeastrum*.
Tê-kê (Lit. roupa), vestimenta, vestuário, casca, envoltório.

Taí-ná-reáre — Estrela cadente. Meteórito. Bólido. Os Carajás comparam-no a uma flecha que percorre o céu.

Tanrek — Amarelo. Ocre. (Côr).

Ta-ruê — Mentira. Falsidade. Suposto. Calúnia. V. Inatô-rroraí.

Tateriambo ou Tarian-nambô (às vêzes Tateriambo) cumprimento dito por quem chega. Quem está, responde: Taré-rium ou Arerine.

Tarérium ou Tatérí — V. Tateriambo.

Tuciní — Barata doméstica (*Periplaneta* spp.).

Torá — Menos. Menor.

Torí ou Itucure — Civilizado. Cristão. Homem branco brasileiro.

Tué-raí — Esterculiacea (*Helictris* sp.) das margens do Araguáia.

Torí-lubú — Homem negro.

Torí-ní — (Lit.: parecido com brasileiro, com cristão). Estrangeiro.

Tori-buçú — (Lit.: cristão e fezes). (Comparação depreciativa que os Carajás fazem aos cristãos de um modo geral).

Torí-guanan — Mamão. Fruto da *Caryca papaya* L.

Toriná — Tucano (*Rhamphastus major* L.).

Ton-rí-có-có — Lagartixa de parede (*Hemidactylus mabuia*, e outros).

Ton-son — Picapáu. Ave Picida de vários gêneros (*Colaptes, Sitta, Celus*, etc.).

Torrú-riení — Centopeia (*Scolopendra spp.*).

Triú-béré — Palavra da língua oculta de uma das aldeias Carajás que significa cachaça.

Trú-xú — Quati. Ursida conhecido. (*Nasua rufa, N. narica*).

Tú-bú-ócó — Março.

Tú-borá — Cêra de abelha.

Tó-rí-ócó — Trepadeira da família *Bignoniaceae* (*Bignonia exoleta* Vell).

Tiú-bê-rrê — Polygalacea das margens do Araguáia (*Securidaca sp.*).

Tú-cú-sêrê — Bigode.

Tú-riáré — Dia. Claridade do sol.

Túrútú-serê — Barba.

Tú-ú — Vulva. Aparelho genital externo da mulher.

Tú-ú-dó — Himem.

Tú-ú-idiêtê — Grande lábio da vulva.

Tu-ú-di-ré ou Tú-ú-idireá — (*Osculum graecum*) Cunilinguismo. Obscenidade praticada também pelos Carajás.

Tú-ú-renan — Uretra feminina.
Tí-rú — A fôlha da árvore.
Tí-ú-odé — Sapê. Gramínea (*Imperata Brasiliensis* Trin, e outras spp.).
Tí-dé — Pantorrilhas. Músculos gêmeos.
Tí-ú — Sol.
Ti-úrá-ló — Sol-poente.
Tí-úrurá — Noite. Sol-posto.
Tí-ú-tê — Sabiá. Turdideo (*Turdus rufiventris* e outros).
Tiú-tet-doé — Meio-dia.
Tiú-rú — Qualquer acará. Peixe do Araguáia (Div. gêneros).
Torrú-riení — Lacráia (*Scolopenda* spp.).
Torirí-tocó — Planta da família Solanacea (*Solanum mamosum* Linn.) freqüente às margens do Araguáia e afluentes.
Tué-raí — Arbusto da família *Sterculiaceae* (*Helictris* sp.) freqüente nos bosques dos cerrados marginais do Araguáia e afluentes. Talvez seja espécie afim da Sacarrolha. (*Helictris sacarrolha* St. Hil.).
Té-uá-didí — *Rubiaceae* das margens do Araguáia. (*Diodia Othonii* Rizzini, n. sp.) colhida pelo autor e depositada no Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.
Tuérerí — V. Anderiná.
Tiúré-uóri-urí — Inhame. Trepadeira. (*Dioscorea* spp.) que produz substância alimentar.
Tíuré-uó-ríúri — Certo inhame de flores atro-rubras (*Dioscorea Serpae* O. Machado) do bosque úmido da Barra do Itapirapés.

U

U-á-cô-ô — Joelho.
Urrudiá-ní — Chicote. Peixe do Araguáia. (*Branchyplatistoma platynema* Boul.).
Ú-á-cí ou Uá-xí — Anzol.
U-aé-arrió-nire — Ascite. Bariga dágua. V. Uá-arrió-nire.
Ué-rret-uçá-tetíre — Amor. Afeto. Querer bem.
U-á-á — Calçado. Sapato. Botina.
Uá-anxiátê — Arbusto da família *Apocynaceae* de flores alvas e perfumadas, comum às margens do Araguáia. (Material indeterminável).
U-á-dori-xerê-tetíre — Malandro. Vagabundo. Preguiçoso.
U-bá-tó-tu-recí — Suor.

Uá-birená-son-ê — Noiva. Minha noiva.
U-bê-tá — Cobertor.
Ubó-dó ou Ubá-dó — Beija-flor. Qualquer troquilídeo.
U-áci — Anzol. V. Ú-á-cí.
U-á-çoi-direure — Onze.
U-á-çoi-tireure — Dezesseis.
U-ai-dô-í — Amigo, companheiro.
U-adê-açan — Nariz.
Uraré-et-dê — Roxo (Côr).
Uí-dô-kiri-krê-caruikre — (Às vêzes dizem, apenas: Manácre-araúne!) Convite à cópula.
Uéraí-dkê-uaçátetíre — Saudade.
Ué-rret-kire-uçá-tetíre — Paixão. Amor. Afeto. Querer bem.
Ué-tana — Tapa-vulva; rabicho. A "vestimenta" feminina, espécie de cinta com um tapume das partes pudendas. E' feita com a entrecasca de um *Ficus*. V. Inan-tô.
Uá-i-toé — Vinte.
Uá-oi-mom-bióreure — Quatorze.
Ué-ló-té ou Ó-ló-té — (Lit.: esfregar). Tribadismo. Homosexualismo *inter-feminas*.
U-ê-rrê — Flecha própria para pescar.
U-ê-tiribó — Qualquer jararaca (ofídio peçonhento).
Ú-érô — (Às vêzes dizem: Ié-rú). V. Calogí.
Ubó-rórá — (Às vêzes: Uôbórerá) Guará. Ave ardeiforme (*Endocimus ruber* L.).
Uôbórerá-dió-xi — (Lit.: garra, unha de guará). Plantinha das margens arenosas do Araguáia. pertencente à família *Hydrophillaceae* (*Hydrolea spinosa* Linn.).
Ú-í-dirá — Correr.
U-lábí — (Às vêzes dizem: Ulá-rri). Avô. Avó.
U-lá-dô — Menino. Infante. Criança sem determinação de sexo. Filho ou filhote de animal.
U-ó-órarí-arí — Incêndio. Casa incendiada.
U-lá-dô-rrôrô — Recem-nascido.
Ú-ó-ú — Denominação dada pelos Carajás aos índios Itapirapés, de raça Tupi, e remanescentes dos antigos Tamoios do Rio de Janeiro.
U-ó-ú-beró — O rio Itapirapés (ou Tapirapés), afluente à margem esquerda do Araguáia.
U-á-xiúa-rraté — Teu.

U-açan-tirié (ou A-ci-ué) — Marrequinha, planta *Pontederiaceae* (*Eichhornia crassipes*) do rio Araguáia e afluentes.

Uró-dê — Bochecha.

U-çú — O linguado (*Pleuronectes aramaçá* Cuv. & Val.).

U-rrudiá-ní — Chicote, peixe do Araguáia (*Branchyplatystoma platynema* Boul.).

U-ó-mon — Piáu-assú (*Leporinus* sp.) peixe comum no Araguáia.

Uánançô (Rrukan-çô) — Leite de mulher.

U-oú-beró — Rio Itapirapés (ou Tapirapés) afluente da margem esquerda do Araguáia.

U-á-rrine — Tamanduá-mirim (*Myrmecophaga* (*Tamanduá*) *tetradactylus*).

Uranritorére ou ukan-ritorére (Rrukanritorére) — Mamar.

U-á-dí — Arco-iris. Meteoro luminoso.

U-á-delxáre — Alegre. Satisfeito.

Uá-rôrí. Tui-ú (Tuyuyú dos tupís) — Ave ciconídea *Tantalus loculator*).

Uá-rú — Bôca. Fenda. Abertura.

Uá-cí-rô — Ladrão. Roubador. V. Cro-bí.

Uá-tí — Veado mateiro (*Mazzama Americana* Illiger).

U-á-tó — Catarro. Muco nasal ou bucal.

U-a-tk-kerere-rranrí — Próximo.

Uá-tórimará — Tosse. Tossir.

Uanratú — (Rrukan-iratú) — Bico do peito. Mamilo.

U-axi-dadeorarú — O arco (compreendendo a madeira e a corda).

Ú-axí-uarráté — O arco, a parte de madeira, sem a corda. O arco é feito com madeira da estipe da palmeira Patí (*Syagrus botryophora* Mart.).

Uá-uní-t-bô — Sombra. O que resulta da incidência oblíqua de um feixe luminoso sôbre um sólido.

U-á-oi-natireure — Doze.

U-á-oinatanreure — Três.

U-a-orarú — Tornozelo.

U-é-oré-rú — Corda do arco.

U-é-rairetoé — Quinze.

U-árá-urá — Garça branca (*Ardea egretta* L.).

U-áriri — V. Uá-rôri.

U-arí — Maguarí (*Euxenura galeata*).

U-áí-dôbináre — Inimigo. Adversário.

U-á-rribó — Cobra canina (*Drymarchon corais* Boie.).

Úárí-oré — Bem. Certo. Exato.

Uá-rrá — Pai. Genitor. Chefe da família.
Ú-rí — Desenhos feitos no corpo com frutas de urucu e genipapo. E' uma faceirice dos Carajás e, ao mesmo tempo, protege a pele de ataques de insetos e, quiçá, dos raios solares.
Uá-arríó-nire — Ascite. Barriga dágua.
U-ró-dé — Bochecha.
Uóbódó-letan — (Lit.: Ninho de beija-flor). Qualquer lichen indeterminadamente.
U-árrê-tido — Ânus. Abertura inferior do tubo digestivo.
U-á-rioré — Filho.
U-á-rrire — Tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga jubata* L.).
Ué-rô — V. Calogí.
U-í-í — Cantar.
U-irá — Verão. Estação do ano.
Uá-çan — Parente.
Uérú-lubú — Grão de café.
Uobódó-tbó — (Lit.: flor que o beija-flor suga). Acanthacea de caule volúvel (*Beloperone Ceciliae* O. Machado) das praias arenosas do Araguáia.
Um-hí — Socó (*Tigrisomà brasiliensis*) Ave comum do Brasil.
U-ó-má — Machado.
Uó-ré-á — Jaburu-moleque (*Mycteria americana* L.).
Uó-ré-á-xí-dé — Trepadeira ictiotóxica (*Serjania sp.; Sapindaceae*) que os Carajás denominam *Timbó de jaburu*, porque presumem que essas aves empregam a dita planta para matar peixe.
U-ó-ráni-ní — Urucu (*Bixa urucurana* Wild.) das margens do Araguáia.
U-ó-ó-ribócéra — Queimada de roça que antecede à semeadura.
Ú-ó-rirí — Cesto próprio para a mulher carregar às costas e preso por uma faixa que se firma à testa.
Ubó-caá-dubonin — V. So-non-uérátí.
U-rá-ré — Colhereiro róseo (*Platelea ajaja*). Ave comum nas margens do Araguáia.
U-rarí — Formiga "queima-queima" (*Solenops saevissima*).
U-rá-u-rá — V. U-árá-urá.
U-rrá-tainá — Estrela dalva.
Uérú-rí — Tripa. Intestino.
Uté-cê — Viúva. Mulher que não tem mais marido. V. A-burú-ti-aé.
U-tú-rê-çá — Cobra coral (*Elaps* spp.).
Ú-í-man — Depressa. Célere. De maneira urgente.

Ú-idí-lé — Hoje (Tanto no sentido de dia de hoje, como no de neste momento, nesta ocasião.

Ú-óú — (Lit. : guerra, pugna, briga). Nome que os Carajás dão aos Tapirapés, os antigos Tamoios do Rio de Janeiro e atualmente vivendo em região próxima ao Araguáia.

U-órú — Treme-treme — Peixe-elétrico. Uma raia do Araguáia (*Narcine brasiliensis*) ; o poraquê (*Electrophorus electricus*).

U-rô — Bacaba. Palmeira (*Oenocarpus bacaba* Mart.).

Utí-Utí — Coceira. Prurido. Cócega. V. Rrutá-narérí.

Uré — Mangabeira — *Apocynaceae Hancornia speciosa* Gomes e outras espécies.

Ué-ló-tó — V. Ran-té-até e Ó-ló-tó.

Útí-caá-dubó-nin — *Borraginaceae* (*Heliotropium* sp.) das margens do Araguáia e Ilha do Bananal.

Ú-é-rí-rí — Menino. Macho. O homem.

## X

Xandinodô — Chefe. Capitão. Comandante. Principal da Aldeia.

Xandirioré — Demônio. Bandido. Feiticeiro. Perverso. Malfeitor. Nome que os Carajás dão aos índios Chavantes, seus implacáveis inimigos.

Xandirioré-cruçá — ou simplesmente Cruçá. Os índios Chavantes, na denominação depreciativa que lhes dão os Carajás.

Xió-ló-dekan — Aumentativo.

Xian — Ave tanagridea (*Tanagra cyanoptera. T. palmarum* e outras do mesmo gênero) conhecida em vários pontos do Brasil por *Acorda, Maria !* devido ao canto pristino que lança antes dos primeiros albores do dia. Na astronomia Carajá é representada pelas estrelas 3 Marias (Cinturão de Orion), Betelgeuse, Bellatrix e outras, da Constelação de Orion. E' o despertador dos referidos indígenas. Quando está no zenith é hora do Carajá viajar a fim de usufruir o frescor da manhã.

Xidê — Timbó. Planta ictiotóxica. Sapindaceae (*Serjania* spp.).

Xandinodô-marrandô — (Lit.: Senhores da selva). Os Javaés, indígenas da raça Carajá, com os mesmos hábitos, costumes e língua, mas fixados à margem oriental da ilha do Bananal, junto ao braço direito do Araguáia, denominado Javaé-í ou Carajá-í.

Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — Brasil — 1947